

autora bestseller *USA TODAY*

# TIA LOUISE

A <sup>♥</sup>  
babá  
do

# Milionário



cherish  
BOOKS



Título original: Make me yours

Copyright © 2019 Tia Louise

Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.

Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Bianca Carvalho

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação: AJ Ventura

Capa: Gisele Souza

Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Louise, Tia

A Babá do Milionário/ Tia Louise; tradução de Bianca Carvalho. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2020.

Tradução de: Make me yours

ASIN

1. Ficção americana I. Carvalho, Bianca. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Cherish Books

Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz

00000-000 – Rio de Janeiro - RJ

E-mail: [cherishbooksbr@gmail.com](mailto:cherishbooksbr@gmail.com)

<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

autora bestseller *USA TODAY*

TIA LOUISE

A  
babá  
do  
Milionário

cherish  
BOOKS

# SUMÁRIO

|                                    |
|------------------------------------|
| <a href="#"><u>Capa</u></a>        |
| <a href="#"><u>Prólogo</u></a>     |
| <a href="#"><u>Capítulo 1</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 2</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 3</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 4</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 5</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 6</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 7</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 8</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 9</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 10</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 11</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 12</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 13</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 14</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 15</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 16</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 17</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 18</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 19</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 20</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 21</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 22</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 23</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 24</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 25</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 26</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 27</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 28</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 29</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 30</u></a> |

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

*"Você não é rico até ter algo que o dinheiro não pode comprar."*  
— *Garth Brooks*

*Para Becca, Sara e amantes de príncipes de contos de fadas de todos os tipos.*





Ruby  
*Quinto ano*

**É** uma verdade universalmente conhecida que as meninas descobrem até a quinta série se são vadias ou não.

Tudo bem, eu inventei isso com base na introdução de *Orgulho e Preconceito*, da Jane Austen. Realmente, não sei se é uma verdade universal ou não, mas em Oakville, nossa pequena comunidade de dormitórios em Charleston, isso ficou bem claro no dia em que Serena Whitehead surgiu como rainha da nossa classe da quinta série.

Muitas famílias haviam migrado para Oakville, vindo de Charleston, por causa das escolas das cidades pequenas, pela sensação de segurança, então estávamos conhecendo muitas meninas novas. Ainda assim, conhecíamos Serena desde o jardim de infância...

— Minha mãe diz que seu pai foi eleito como o mais bonito do ensino médio. — Sua voz vem de trás do meu ombro esquerdo. — Pena que você não se parece em nada com ele.

Ela está certa.

Meu pai, proeminente neurocirurgião de Charleston, Kenneth Banks, é alto, com cabelos castanho-claros e rígidos olhos azuis.

Recuando, eu estico meu dedo ao longo da sobrancelha que emoldura seus olhos redondos, pensando em como eles parecem decepcionados.

— Minha mãe foi eleita a mais bonita da turma.

— Onde foi isso? Academia de Manicures Suzy Wong? — Serena ri, e eu me viro para encará-la.

Vadias não me assustam.

— Clemson Magnet. Ela adquiriu diploma de contabilidade.

Ignoro a parte de que ela conheceu meu pai e desistiu de tudo para ficar em casa e criar sua família, ou melhor, para criar a mim.

— Você é tão boa desenhando — a voz da minha melhor amiga, Drew, é uma doce interrupção, e o aperto no meu peito se afrouxa.

— Eu sou muito fiel. — Inclinando meu ombro contra o dela, falo baixinho: — Sua técnica é boa.

— Eles nunca se parecem com a pessoa que eu estou desenhando.

Serena não terminou.

— Que dupla — ela brinca. — A princesa caída e a filha de uma gueixa.

Minha mandíbula se aperta, e eu me viro rapidamente, encarando seu rosto.

— É melhor tomar cuidado com a boca, Serena Whitehead.

— Por que, Cérebro de Banana? — Os olhos dela brilham, mas eu não recuo.

— Minha família é mestra em Kung Fu Bak Mei. Desde os sete anos de idade, venho aperfeiçoando a técnica para explodir um coração com cinco dedos.

Os olhos verdes de Serena se estreitam levemente.

— Que diabos é isso?

— Me irrite, e eu te mostro.

— Vou contar à senhora Hughes que você me ameaçou.

— E eu vou contar a ela que você é uma valentona de boca suja.

Nós olhamos uma para a outra quando os ponteiros dos segundos marcam: um... dois... três...

Até que a voz de nossa professora interrompe o impasse.

— Meninas, o que está acontecendo aqui? — A senhora Hughes coloca a mão no meu ombro e Serena volta para o seu lado da sala

de aula.

Drew guarda seus tubos de tinta.

— Estou apenas empacotando, senhorita.

Nossa professora engasga, segurando seu peito.

— Ruby Banks, este retrato de seu pai é excelente. É uma semelhança incrível. Você tem que levar para casa e mostrar a ele esta noite.

— Oh, não... — A confiança no meu peito se esvai. — Meu pai não gosta muito de arte.

*Ou de qualquer coisa que eu faça...*

— Absurdo! — Ela gira em direção à sua mesa. — Vou enviar um bilhete para eles. Vou recomendá-la ao programa para artistas talentosos em Oakville High. Você realmente tem potencial!

Não adianta discutir. Já tentei explicar aos professores, e eles nunca acreditam em mim. Todo mundo pensa que meu pai é um filantropo cultural, porque cresceu na cidade, e o Hospital Charleston tem uma ala de cirurgia de crianças nomeada em homenagem a ele... talvez até porque ele se casou com a minha mãe.

A verdade é que ele é apenas um idiota ausente.

— Certo. — Eu sorrio e aceno.

Quando encontro os olhos de Drew, o sorriso dela é triste.

— Você deveria ir para o programa para artistas talentosos. Você realmente merece.

— Nós duas sabemos que isso não vai acontecer.

A campainha toca quando terminamos de recolher nossos livros. Serena olha para mim do outro lado da sala, mas tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

— Mestre de Kung Fu? A técnica para explodir um coração com cinco dedos? — Drew sussurra, e nós duas começamos a rir.

— Acho que alguém nunca assistiu a *Kill Bill*.

— Ou *O Incrível Mundo de Gumball*.

Tocamos as mãos, e eu a sigo até a porta.

— Ruby, espere! — A Sra. Hughes se apressa em me dar um envelope enorme. — Quero que você entregue isso aos seus pais esta noite. Peça para eles assinarem.

— Sim, senhora. — Um nó aperta minha garganta.

Eu gostaria que as pessoas não tirassem conclusões precipitadas.

A menos que precisassem se exercitar.

Drew e eu seguimos nossa rota de sempre da escola para casa. Vivemos no mesmo bairro, mas ele foi se desenvolvendo tão rápido que mais parecem três bairros conectados por longas e sinuosas ruas.

A mansão histórica de sua família fica na parte mais antiga de Oakville Estates. Foi uma das primeiras casas construídas aqui. A casa da minha família fica do outro lado, mais nova. Não é uma mansão, mas, ainda assim, é muito grande.

Chegamos à bifurcação na calçada, e ela hesita, olhando na direção de sua casa. Desde que sua mãe morreu, tudo que seu pai faz é beber, e seu irmão, Danny, está sempre arrumando problemas.

— Se seu pai odeia tanto a arte, por que você escolheu fazer um retrato dele?

— Problemas paternos — eu brinco, chutando a grama com a ponta do meu sapato. Nenhuma de nós realmente quer ir para casa.

— Sêrio?

— Eu não sei. O rosto dele estava em minha cabeça. — Olho para ela. — Por que você escolheu Danny?

Ela encolhe os ombros.

— Mesma razão.

Ela abre seu amplo portfólio, e nós duas estudamos o retrato dela. Não parece o Danny. Parece mais com seu melhor amigo, Gray. Nossos olhos se encontram, e eu rio novamente.

— Esse era o rosto em sua cabeça? — Suas bochechas ficam vermelhas, e ela não precisa me responder. Drew e eu nos conhecemos melhor do que ninguém nesta cidade. — Até amanhã, Drew-cocô.

— Não me chame assim, Cérebro de Banana.

Eu dou um empurrão nela, e ela me cutuca nas costelas. Nossa briga de mentirinha se transforma em um breve abraço.

— Boa sorte.

— Para você também. — Ela acena e marcha devagar em direção à sua casa.

Eu me pergunto se um pai bêbado é melhor ou pior do que um idiota ausente. De qualquer maneira, não posso mais adiar o inevitável.

Papai ficou preso no hospital e não chegou a tempo de jantar novamente. Mamãe e eu nos sentamos juntas comendo kimchi e bolinhos apimentados com pauzinhos enquanto ela recita os eventos do seu dia.

Seu elegante vestido bege bate nos joelhos, e um cinto fino está em volta da cintura. Seu cabelo escuro está preso em um coque baixo na nuca, e os sapatos são pretos. Um belo colar de pérolas está em seu pescoço, e seus lábios são de um tom pálido de rosa. A pele da minha mãe é perfeita.

Ela é o modelo de secretária de igreja de uma cidade pequena.

Eu estou vestindo jeans rasgados e uma camiseta, e meu cabelo está penteado com um corte curtinho que termina bem nos meus ouvidos. Embora me pareça mais com ela, graças ao meu pai americano meu cabelo é levemente ondulado e meus olhos escuros são um pouco mais redondos. É claro que sou meio coreana, mas aprecio esses pequenos detalhes do homem com quem não tenho nada em comum.

Terminamos de comer, e mamãe vai até o bar que separa a cozinha da sala de jantar.

— O que é isso? — Ela pega o envelope que deixei para trás.

— A Sra. Hughes quer que você assine e devolva.

Mamãe abre o envelope, e seus olhos escuros rapidamente examinam a página.

— Aqui diz que você deveria sair da escola mais cedo para desenhar. — Ela franze a sobancelha. — E a sua aula de Ciências? Matemática? Você deveria deixar a escola cedo para fazer o curso de contabilidade.

— É apenas uma recomendação, mãe. Não preciso fazer isso.

— Seu pai não vai gostar.

*Não, merda!* Eu não digo isso em voz alta. Não quero que ela passe sabão na minha língua novamente.

— Do que eu não vou gostar? — A voz severa do meu pai faz meu coração pular.

Minha mãe também se sobressalta.

— Kenneth! Bem-vindo. — Ela se aproxima para dar um beijinho na bochecha dele. — Guardei seu jantar. Sente-se.

Ele vai ao bar próximo à janela, e o gelo brilha em um copo de cristal enquanto ele derrama seu uísque diário.

— Ruby?

Meu estômago revira.

— Sim, senhor?

— O que sua mãe estava dizendo que eu não vou gostar?

Olhos azuis se fixam em mim, e eu me pergunto como ele pode me fazer sentir tão apavorada com apenas um olhar.

— Tivemos um trabalho de arte na escola. Minha professora enviou um bilhete para casa.

Ele abaixa a cabeça, e meu coração congelado se parte em estilhaços dolorosos.

— Uma repreensão?

— Uma recomendação — eu falo rápido. — Ela quer que eu participe de um programa de arte. Eu disse a ela que não estava interessada.

Ele vai até o papel que minha mãe deixou sobre a mesa, examinando-o ainda mais rápido do que ela.

— Arte. — Seu nariz perfeitamente reto se curva. — O que acontece com esses professores? Que tipo de trabalho você conseguiria com uma licenciatura em artes?

Engolindo a dor na garganta, concordo.

— Eu sei, ok? — Minha voz soa muito baixa.

— O que é isso? — Ele lê em voz alta: — Veja o retrato. Que retrato?

— Não é nada. — Eu me levanto, pegando meu prato. A última coisa que quero é continuar essa conversa.

— Ruby Banks, que retrato?

Depositando meu prato na cozinha, vou para onde deixei as coisas da escola, na sala. Minha pasta de arte está na parte de trás do longo esconderijo atrás da minha capa de chuva. Pegó-a e a levo devagar até a sala de jantar, onde ele agora está sentado à cabeceira da mesa, segurando seu uísque.

Minha mãe está atrás de seu ombro direito, e um prato fumegante está à frente dele.

— Não é nada, de verdade. — Eu seguro a pasta marrom.

Ele a pega, e minha respiração para.

Meu estômago fica enjoado.

O que meu pai pensará quando olhar minha representação de seu rosto? Ele verá a raiva e a desaprovação que sempre demonstra quando olha para mim? Isso fará algo com seu coração, quebrará o muro de pedra ao seu redor? Ou talvez ele apenas veja o que vê todos os dias no espelho? Decepção e frustração de como enxerga o mundo?

A pesada capa marrom se abre, e sua expressão não muda enquanto ele estuda as linhas e o sombreamento, o espaço positivo e o negativo.

Minhas mãos entrelaçadas se comprimem mais. Não quero que ele vá mais fundo, vire a página e veja minhas tentativas de copiar Klimt ou Degas.

A verdade é que concordo com a senhora Hughes. Estou muito orgulhosa da minha arte. O retrato de meu pai é de uma semelhança incrível, mesmo que distante e fria. Quando estou desenhando, sinto que estou viva, e quanto mais trabalho, mais acontece exatamente como eu espero.

É emocionante e gratificante...

Eu não quero que ele pegue o que eu amo e destrua.

Ele fecha a capa e joga a pasta de lado.

— Um nível medíocre.

— Eu disse a ela que não estava interessada — falo em voz baixa, submissa.

Ele odiou.

Os olhos dele não saem do prato. Observo enquanto corta um bolinho pegajoso com uma faca e um garfo e coloca o pedaço na boca. Meu pai se recusa a usar os pauzinhos.

— Isso é tudo.

Sou dispensada, e meus sonhos artísticos desaparecem, como o retrato dentro dessa pasta.

Como a carta, que nunca é respondida.



Ruby  
*Doze anos depois...*

— **C**heguei ao fundo do poço. — Caio no sofá do escritório de Drew, na clínica Friends Care, onde nós duas trabalhamos.

Sim, sou uma terapeuta licenciada... com dois clientes, ambos compartilhados com Drew, que tem uns vinte.

Portanto, não sou o sucesso retumbante que eu esperava, mas Drew continua me dizendo que leva tempo para eu compor minha clientela, especialmente em uma cidade do tamanho de Oakville...

— Confie em mim, eu sei muito bem o tamanho da cidade e o quão difícil é arrumar um namorado.

— O que há de errado agora? — Ela se levanta e caminha até o armário nos fundos da sala.

— O HookUp4Luv deu *match* entre mim e Ralph Stern.

— O rei da amêndoa! — Minha melhor amiga ri pela primeira vez em uma semana. — Você sabia que ele tem um plano para revolucionar a economia de Oakville?

Apertando minha testa, eu gemo.

— Ah, sim! Ele me contou seu plano quinhentas vezes.

— Amêndoas são o fruto do futuro. — Ela faz uma pausa. — São frutas ou nozes?



— Quem sabe? Elas crescem em árvores...  
— Vou te dizer quem sabe.  
— Não diga o nome dele.  
— O futuro rei da sua pequena amêndoa.  
— Se você está se referindo à minha vagina, isso é nojento. —  
Ela ri mais, e sinto uma pontada de culpa. — Estou agindo como uma vadia?

— Humm, não.  
— Bom. Porque Ralph não dá.

Não é que ele seja um cara mau. Ele é tão... tão... Sheldon Cooper. Ainda assim, minha mãe surge na minha cabeça, lançando-me um olhar de desaprovação. *Seja gentil com todos, Ruby Banks.*

— Já namorei com todos os bons partidos na área dos três condados, e é isso. Ralph Stern é o último homem na Terra.

Drew ri ainda mais, e eu me entusiasmo:

— Danem-se os aplicativos de namoro. Vamos sair hoje à noite, só você e eu.

Sua risada morre, e ela balança a cabeça antes mesmo de começar a falar.

— Não. Não estou interessada. Não.

— Sim. — Salto do sofá e a pego pelos braços. — Você ficou confinada sozinha naquela casa grande e velha desde que seu pai foi para o asilo. Vai sair comigo. — Eu coloco seu casaco em seus ombros. — De qualquer forma, sou sua guia, portanto, você não pode discutir.

— Você está me sequestrando?

— Se for preciso. — Eu a conduzo para fora da porta de vidro, esperando enquanto ela tranca as portas, então ela me segue até meu Subaru verde-limão.

— Você acha que é prudente gastar seu salário em uma noite?

— Sim, meu salariozinho triste cobre apenas uma noite. Obrigada por me lembrar. — Estamos no carro, seguindo até a casa da minha mãe. — Por isso Kenneth Banks era tão inflexível à ideia de eu me formar em algo inútil. Sou uma terapeuta licenciada e não consigo pagar minhas contas.

— Pare com isso. Você está construindo sua clínica. — Drew olha pela janela, acrescentando baixinho: — Kenneth Banks era

realmente um idiota.

— Está bem. Você pode dizer em voz alta. — Cinco voltas e estamos na casa da minha mãe. — Tenho confrontado meus problemas paternos. — As sobrancelhas dela se erguem, mas eu levanto a mão. — O primeiro passo é admitir que você tem um problema.

— Drew! — Mamãe nos encontra do lado de fora da porta, dando um longo abraço na minha amiga. Ela praticamente adotou Drew depois que sua mãe morreu quando tínhamos oito anos. — Oramos por seu pai hoje de manhã na igreja, e eu queimei um incenso para Buda quando cheguei em casa.

— Todas as bases cobertas! — Inclino-me para deixar mamãe beijar minha bochecha, antes de passar pela cozinha, pegando um prato de bolinhos.

— Coma na cozinha, Ruby Banks! — mamãe grita, mas eu continuo andando para o meu quarto.

— Nós vamos sair, mãe. Temos que nos arrumar.

— Igreja amanhã!

— Aquela mulher, eu juro... — Revirando os olhos, fecho a porta do quarto. Deixo o prato sobre a minha cama de solteiro, pegando um bolinho enquanto inspeciono meu guarda-roupa.

— Aqui, você pode usar isso. — Pego uma minissaia super curta, de cintura alta, com um bonito top de mangas compridas. — Você vai ficar perfeita.

Ela pega e faz uma careta.

— Não sei por que estou me arrumando. Não estou procurando um encontro.

— Você está se vestindo porque é sábado à noite, acabou de receber o pagamento e está saindo com sua melhor amiga!

— Você está alegre esta noite. O que não me contou ainda? Começou a tomar as ervas da sua mãe?

— Rá-rá-rá, muito engraçado. — Eu rio, mas a pergunta dela me faz parar. — Você está certa, eu estou bem... como se algo estivesse para acontecer. Talvez os planetas tenham mudado de posição.

— Aceito essa previsão. — Ela vai ao banheiro para se trocar. — Deus sabe que eu poderia aproveitar essa mudança.

Mordiscando o bolinho, estudo meu guarda-roupa, finalmente me decidindo por uma calça de veludo com uma blusa preta e um corpete embutido.

— O veludo está supostamente fora de moda... o tecido da vez é lamé. E moletom.

— Eu não vou usar moletom. — As costas de Drew estão sexy, e nós refazemos sua maquiagem, empurrando uma à outra, de um lado para o outro, com os quadris na frente do espelho e rindo.

Em seguida, sento-me enquanto ela usa o baby liss para retocar as ondas nos meus longos cabelos castanhos.

— Talvez eu devesse fazer algo diferente. Usar uma peruca, quem sabe?

— Não. — Nossos olhos se encontraram brevemente antes que ela voltasse a verificar minha cabeça em busca de tufo encaracolados.

Com um suspiro, pego outro bolinho.

— Tenho que conseguir um emprego melhor, D. Não posso mais morar nesta casa. É embaraçoso.

— Seja paciente. Os clientes virão. — Ela joga uma mecha ondulada suave no meu olho, e eu a empurro atrás da orelha. — De qualquer forma, sua mãe gosta de tê-la aqui, especialmente desde que seu pai morreu.

— Farei 23 anos no próximo ano e ainda estarei morando com a minha mãe.

— Pelo menos você é linda. Vamos lá!

Ela bagunça o cabelo loiro comprido e naturalmente ondulado — do qual eu juro que não sinto inveja — e nos dirigimos para a porta.

— Apenas não perca a chance completamente, saia com Ralph Stern.

— Se você é realmente minha melhor amiga, nunca vai deixar isso acontecer.

— Eu sou.

— Graças a Deus.

Os clientes saem pela porta do The Red Cat enquanto caminhamos. É o único bar em nossa pequena cidade, e o interior do

estabelecimento não foi atualizado desde que Frank Sinatra estava vivo. Lâmpadas de lava pontilham por dentro, e um tapete felpudo vermelho-sangue cobre o chão, subindo até o bar. O cheiro dos cigarros permeia a sala — mesmo que fumar em bares tenha sido proibido por anos — e uma jukebox antiga está tocando discos reais.

— Isto é Amoré.

— Você está brincando comigo? — Drew recua. — The Red Cat é o lugar onde os velhos se escondem quando não querem ir para casa.

— É o novo melhor lugar da cidade! — Pego a mão dela e a arrasto pela porta. — Bebidas baratas e fortes sendo servidas.

Nós caminhamos lentamente pela multidão quando uma voz alta masculina me faz estremecer.

— Ruby Roo!

Eu giro rápido, irritada com Dagwood Magee. Ele continua me chamando pelo apelido tipo Scooby Doo, desde que estávamos no ensino médio.

— Pare de gritar! Você está me deixando agitada. — Ele apenas ri e me dá um abraço, deixando suor no meu rosto. Eu rosno, limpando-o. — Nojento.

Drew está estranhamente satisfeita em vê-lo.

— Pelo menos conhecemos um grandalhão aqui... por precaução.

Eu peço duas tequilas enquanto esperamos no bar e, embora esteja bem lotado, não vejo ninguém que eu conheça além de Dag.

— Como é possível não conhecer ninguém aqui?

— Isso é uma coisa boa, certo?

Nossas bebidas estão na nossa frente, e eu levanto a minha, tomando um longo gole.

— Então, você não está nem está interessada em encontrar alguém?

— Você sabe como eu me sinto.

Drew suspira por Grayson Cole desde que estávamos no ensino médio. Ela esperou por ele durante toda a faculdade, enquanto ele se encontrava no exterior, com as forças armadas, e, quando voltou, ele não permaneceu na cidade.

Não posso deixar de proteger minha melhor amiga.

— Ele te abandonou, Drew.

— Ele não fez isso. — Seus olhos estão fixos na bebida que ela não está bebendo. — Ele está fazendo o que tem que fazer. Procurando ajuda.

— Você sabe que eu te amo e acho que você é uma ótima terapeuta. — Ela assente, apunhalando a bebida com o canudo fino. — Às vezes me preocupo que todo o seu entendimento e empatia acabem fazendo de você um capacho.

— Eu não sou um capacho. Amo Gray. Vou amá-lo para sempre.

Ficamos quietas por alguns minutos. Meu peito dói com sua confissão, e eu coloco um braço em volta de seus ombros, apertando-a.

— Ele é um cara de sorte. Gostaria de me sentir assim por alguém.

Enquanto digo isso, percebo que é verdade.

Ela encosta a cabeça no meu ombro.

— O que você faria se não fosse terapeuta?

— Nenhuma ideia. — Afasto o repentino humor melancólico e tomo outro gole mais longo da minha bebida doce. — Procuraria um marido asiático insanamente rico?

— Não em Oakville. — Ela se empertiga, olhando ao redor da sala.

Ela pode dizer isso de novo. Este lugar parece um festival da salsicha de futebol americano. Os caras são todos grandes e barulhentos, e quando a vitrola começa a tocar *Fly Me to the Moon*, todos começam a cantar alto.

— Você só pode estar brincando — murmuro, quando meus olhos pousam em um cara sentado sozinho do outro lado do bar.

As lâmpadas de lava não fornecem muita luz, mas posso ver que ele está vestindo um blazer cinza feito sob medida sobre uma camisa branca, e está olhando para o que parece ser um uísque. Seu cabelo castanho é longo o suficiente para ser bagunçado e tem uma pequena onda sexy na testa, que ele empurra para o lado com a mão elegante.

Ele olha para cima e, quando nossos olhos se encontram, ele me dá um breve sorriso. O calor dispara até minha alma. *Putá merda*,

ele tem uma covinha na bochecha esquerda!

Dou-lhe um sorriso tímido e me viro lentamente para encarar minha amiga.

— Puta merda, estou com tesão. — Assobio, agarrando seu braço rapidamente. — Quem é aquele?

— Quem? — Drew fala alto demais e agora ela está olhando drasticamente para o bar.

Minha mandíbula tensiona.

— Pare com isso. Ele saberá que estamos falando sobre ele.

— Como vou saber de quem você está falando se não me deixa olhar?

— O clone do Jamie Dornan no canto. — A música está tocando e temos que gritar.

— Você acha que todo cara gostoso se parece com Jamie Dornan.

— Eu não acho. — Seus olhos se estreitam, e eu defendo minha posição. — É que Jamie Dornan tem uma aparência sexy muito padrão.

— Você está dizendo que todos os caras brancos são parecidos?

— Não estou dizendo isso. Seria racista. Você, sim, está dizendo isso.

— Ainda bem que sou branca.

Revirando os olhos, eu sacudo o braço dela.

— Tanto faz. Ele é gostoso pra caralho. Quem é?

Ela finalmente olha, depois começa a pular para cima e para baixo.

— Oh! Aquele é Remington Key! Tentei apresentá-la a ele na igreja e você não se interessou.

Meus dedos apertam seu braço com mais força, e eu a puxo para mim.

— Por favor, pare de pular e gritar o nome dele. Ele não faz parte do BTS.

— Você com o K-pop. — Sua expressão fica excitada. — Apenas pense, o homem perfeito estava esperando por você em um bar o tempo todo, como nos velhos tempos!

— Minha mãe diz que o homem perfeito está esperando na Igreja. — Ainda não tenho certeza se ela quer dizer Jesus...

Os olhos de Drew ficam ainda mais arregalados, se possível.

— Você conheceu Remi na igreja e agora em um bar. Isso deve ser um sinal!

Olho de relance por cima do ombro novamente, e ele enfia a mão no bolso de trás, dando-me um vislumbre de sua bunda bonita.

— Vou lhe dizer o que é um sinal: aquela bunda. Você não me apresentou a ele. Eu me lembraria disso. — Drew começa a discutir, mas eu a interrompo. — Eu vou investigar. Fique longe de problemas.

Ela grita atrás de mim.

— Não faça nada que eu não faria.

— Eu nunca sigo essa regra.

Ela ri, e eu balanço minha cabeça.

*Venha para a mamãe, cara da bunda bonita*



## Remington

**E**stou sozinho em um bar na sexta à noite.

Ok, tecnicamente, fui convidado por Dagwood Magee para ingressar na sua liga de futebol. O único problema é que estou tão compenetrado em investir em meus negócios, pesquisando novas aplicações, estudando tendências da indústria, mercado, estrelas em ascensão, que não me lembro a última vez que assisti a um jogo de futebol.

Não tenho uma equipe, conheço apenas uma pessoa aqui e estou em um antigo bar lotado com cheiro de fumaça e um monte de atletas suados. Não é brincadeira, é um maldito festival de salsichas.

Ao mesmo tempo, prefiro estar aqui do que ir para casa.

Depois de outra briga ridícula com Eleanor, minha sogra, cada vez mais autoritária, sobre passar um tempo com minha filha Lillie, decidi que deveria fazer algo.

Inferno, tudo que eu queria fazer era assistir *Guardiões da Galáxia* com Lillie, mas não, Eleanor insistiu que é muito violento para uma criança de quatro anos.

Lillie acabou chorando, e eu fiquei furioso.



Sentado aqui, agora, admito que Eleanor provavelmente estava certa.

Ainda assim, eu só queria um momento divertido entre pai e filha, algo que nós dois pudéssemos desfrutar. Agora me sinto péssimo e estou sozinho em um bar. *Droga*.

Quatro anos atrás, depois que Sandy morreu, não me importei quando sua mãe decidiu se mudar e assumir a guarda da criança. Lillie era sua neta, e eu não tinha ideia de como ser pai solteiro de uma bebê recém-nascida. Eu nem sabia se iria sobreviver após perder minha esposa...

Eu deixei a Marinha, inventei uma série de aplicativos para organizar dados de inteligência e localizar combatentes inimigos e, com base nesses dados, vendi-os, fiquei bilionário, casei com Sandy, engravidamos e, quando a gravidez se tornou de alto risco, ela quis se mudar para cá para ficar mais perto da mãe.

Eu achava que minha vida era tão perfeita, tão planejada... então tudo desmoronou. Estava sozinho e não sabia como seguir em frente. Não queria seguir em frente.

Afastei-me de todo mundo, enterrando-me no trabalho, até um ano atrás. Minha filha estava andando, conversando, precisando de um pai, e eu percebi que tinha que fazer uma mudança.

Analisando meu uísque, penso no ano passado. A névoa de tristeza foi desaparecendo lentamente, e eu percebi que minha vida em casa está uma bagunça.

Minha sogra me deixa louco e preciso recuperar o controle da situação.

Pensei em voltar para Seattle, mas, por mais que eu queira estrangulá-la às vezes, sei que estar longe de Lillie mataria Eleanor.

A velha jukebox começa a tocar *Fly Me to the Moon*, e o bar explode com homens bêbados cantando alto. Eu sinalizo para o barman me trazer outra bebida.

Ficar bêbado não é uma solução responsável para nenhum problema.

É por isso que só vou me preocupar com isso amanhã.

Afasto meu cabelo da testa e olho ao redor do cômodo. Como se eu não soubesse que só veria um bando de caras...

Minha garganta fica seca quando a vejo.

Ela está parada no bar olhando para mim, e é como se tudo parasse.

Cabelos escuros fluem ao redor de seus ombros em ondas sedosas, seus olhos brilham e seu corpo... Jesus. Ombros delicados, seios perfeitos, cintura estreita, pernas bem torneadas ... Nossos olhos se reencontram, e o calor penetra a minha pélvis.

Eu sorrio. Ela pisca e me dá um sorriso tímido em troca. Quando se afasta, pego minha carteira para pagar minha conta. Eu quero ir até lá e dizer oi. Talvez lhe oferecer uma bebida.

Estou colocando minha carteira no bolso quando uma voz atrevida chama minha atenção.

— Ei, marinheiro, novo na cidade?

Ela está bem na minha frente, e eu me inclino lentamente para me sentar no banquinho. É ainda mais bonita de perto. Seus olhos são profundos, e quando ela sorri, faz uma pequena covinha logo abaixo do canto da boca, que eu quero beijar, para em seguida descer e morder seu queixo, passando minha língua pelo pescoço até aqueles peitinhos perfeitos.

*Jesus.* Não sei se é o uísque ou a testosterona no ar, mas estou com sede pela primeira vez em anos.

Há um ano, quando minha terapeuta me liberou do aconselhamento sobre luto, ela disse que eu deveria tentar namorar novamente, disse que eu deveria estar aberto a seguir em frente com a minha vida. Ela disse que eu estava pronto. Discordei dela... não achei que pudesse me sentir envolvido por outra pessoa novamente. Agora, tudo o que sinto é que *faz muito tempo*.

Limpando a garganta, pego as rédeas da situação.

— Desculpa. Eu moro aqui há cerca de quatro anos.

Suas sobrancelhas finas franzem e sua voz muda.

— Quatro anos? Você está brincando comigo. Qual o seu nome?

— Remi... Remington Key. Eu moro em Eagleside Manor. — Quando as palavras saem, eu estremeço um pouco. Não quero que ela pense que estou me gabando por morar no único condomínio fechado de Oakville.

— Sério? — As sobrancelhas dela se erguem e ela se vira, prestes a se afastar.

Não consigo evitar uma risada.

— O que é isso? Discriminação reversa? — Cuidadosamente, estendo a mão para tocar seu braço. Apesar do meu conflito interno, não quero que ela vá embora.

Ela para e me encara de novo, estreitando os olhos.

— O que você está fazendo no The Red Cat, Remington Key? Visitando a favela?

— O que você está fazendo no The Red Cat... eu não sei o seu nome. — Embora eu jure que ela parece familiar.

— Ruby Banks. — Ela estende a mão esbelta e marfim, com unhas perfeitamente cuidadas.

Gentilmente, eu a pego, cobrindo-a com a minha. Ela estuda nossa conexão, e suas bochechas coram em um lindo tom de rosa.

Como posso não conhecer todos que moram em Oakville? É uma prova de quão pouco saio hoje em dia, eu acho. Se não fosse pela insistência de Eleanor, nem me incomodaria em ir à igreja.

— Prazer em conhecê-la, Ruby Banks. — Exatamente quando digo as palavras, percebo. — *Já* nos conhecemos antes.

Seu ombro se levanta, e ela tira a mão da minha.

— Acho que não.

— Sim, já. Eu me lembro agora. Foi depois da igreja uma manhã. — Olho para o bar e reconheço sua amiga loira, também conhecida como minha ex-terapeuta. — Você estava com Drew... não é? Andrea Harris?

Ela dá uma risadinha engraçada e rápida.

— Não era eu.

— Mas era. — Estudo o rosto dela. Ela não encontra meus olhos, então tento aliviar meu tom. Talvez esteja sendo muito enfático? — Eu era o cara enrolado com uma criança de quatro anos.

Outro estremecimento. Sei que admitir que sou pai solteiro provavelmente mataria qualquer chance de conseguir um encontro com ela.

Espere... é isso que eu quero?

Não importa.

Um tumulto começa do outro lado do bar, interrompendo nossa conversa.

É difícil ver o que está acontecendo quando os corpos se esmagam. Os caras formam um círculo fechado, e as vozes estão elevadas. Parece que uma luta está começando. Ouço o estrondo do que soa como um corpo sendo empurrado contra a parede oposta.

Uma onda inesperada de proteção me envolve. De pé, coloco meu braço entre Ruby e o caos.

— Acho melhor sairmos antes que fique perigoso aqui. Você precisa de uma carona?

Sua cabeça balança para frente e para trás.

— Não, eu tenho meu carro... preciso encontrar a Drew. — Ela empurra meu braço.

— Espere... Ruby! — Esforço-me para não entrar em pânico enquanto a vejo desaparecer em meio a uma massa de caras enormes que se empurram para frente e para trás.

Eu tento segui-la sem iniciar uma briga própria. Interessante como os homens são rápidos em deixar mulheres passarem no meio da multidão. Não tanto com outros caras.

Quando finalmente chego a ela, ela está abraçada a Drew, que está de mãos dadas com outro cara que eu conheço. Grayson Cole é dono da garagem da cidade. Eu pensei que ele tinha ido embora.

Não sei dizer o que está acontecendo, mas tudo parece estar resolvido. Gray passa o braço em torno de Drew, e eles se dirigem à porta. Ruby os observa ir embora com as mãos cruzadas no peito, e eu reconheço algo em seu rosto.

É um sentimento... um desejo tão familiar, uma emoção que me lembro de ter sentido uma vez. Uma que quero sentir de novo. Drew poderia estar certa? Será que estou pronto?

Mais uma vez nossos olhos se encontram, e, novamente, é elétrico. Ela caminha diretamente para mim, um pequeno ato, mas parece significativo.

— O que aconteceu?

A multidão se dispersa lentamente enquanto Mose, o barman, segura o que parece ser um rebatedor de Louisville.

Sua mão desliza na dobra do meu braço, e ela exala um pequeno suspiro.

— Você acredita em amor verdadeiro, Remington?

— Você pode me chamar de Remi. E acho que sim...

Não digo que parei de acreditar em *um* amor verdadeiro. Pelo menos, espero que seja possível mais de um. Caso contrário, estou fodido.

Nós vamos para o meu antigo local no bar, e ela me libera, sentando-se no banquinho ao lado do meu. Piscando e olhando ao longe, com a expressão sonhadora, ela inclina a cabeça para o lado.

— O que você faz da vida para pagar um condomínio em Eagleton Manor?

Eu sinalizo as bebidas.

— Não é um condomínio, e eu fiz muitas coisas. O que você está bebendo?

— Tequila Sunshine, e não se esquive da pergunta.

Eu sorrio e faço nosso pedido.

— Eu não estava me esquivando. Deixei a Marinha e comecei a trabalhar com tecnologia.

— Ahh... — Ela assente. — Um militar. Temos muitos por aqui.

— Certo, por causa de Charleston.

— O que você fez em tecnologia?

— Vendi um software para um grupo de investidores, que por sua vez o vendeu ao governo. Isso gerou muito dinheiro e agora sou um investidor procurando caras como eu com ótimas ideias.

Penso no quanto trabalhei naqueles dias, no quanto trabalho agora. Eu deveria estar mais envolvido com Lillie. Agi como meu pai. Merda, nos últimos quatro anos, praticamente me transformei em um clone do homem.

O barman coloca um uísque na minha frente e uma bebida mista de cor salmão na frente de Ruby. Ela toma um longo gole, e eu faço o mesmo.

— Então você é como um filantropo?

— Eu sou um investidor. Dou dinheiro aos desenvolvedores para concluírem seu trabalho e, quando se torna bem-sucedido, se for o caso, recebo um bom pagamento. Qualquer dinheiro que eu invisto, obtenho mais lucro.

— Este é o tipo de negócio do primeiro mundo. Alguma merda iluminati. Você está tentando controlar o mundo, Remington?

Eu rio, balançando a cabeça.

— Eu gostaria. Sinto que não consigo nem controlar a minha casa.

Ela assente, tomando um longo gole de sua bebida.

— Eu ouvi isso.

— E o que você faz, Ruby Banks, que não se lembra de mim na igreja?

Seu nariz pequeno se enrugou, e ela balançou a cabeça.

— Não era eu. Era outra pessoa irresponsável. Sou uma terapeuta licenciada e muito responsável. Ou pelo menos eu era.

Isso explica como ela conhece Drew. Inclinando o cotovelo contra o bar, estou intrigado.

— Como assim, você era?

— Não posso sobreviver com minha lista de pacientes. — Ela copia meu movimento, apoiando o cotovelo no balcão. — Ou a inexistência de uma. Pena que eu não sou de tecnologia ou você poderia me proporcionar algum dinheiro.

— Ligue para mim assim que você desenvolver um aplicativo.

— Eu vou fazer isso. — Ela sorri, e eu a noto estudando minha mão esquerda. — Você não é casado, mas tem uma filha de quatro anos. Como?

— Minha esposa morreu.

— Oh! — Ela se afasta rapidamente. — Eu sinto muito. Não fazia ideia.

— Está tudo bem. Foi há muito tempo. — Minhas mãos vão para o meu colo.

— Você ainda sente falta dela? — Suas sobrancelhas estão juntas, e quando olho para cima, vejo uma preocupação genuína em seus olhos.

— Sim. — Então eu coço minha cabeça. — Sempre sentirei sua falta... — Mas talvez seja hora de parar de ficar sozinho. Eu não sei. — Estou começando a achar que preciso de ajuda.

Ela se inclina para frente.

— Acontece que tenho muitas vagas na minha agenda. E eu quero dizer muitas.

— Acho que minha preocupação mais urgente é minha filha, Lillie.

— Ela tem necessidades especiais?

Meu pequeno raio de sol de olhos brilhantes surge na minha mente.

— Não, ela tem apenas quatro anos. Frequenta a pré-escola por meio período e depois está em casa enquanto eu trabalho. Ela é ativa e divertida, e minha sogra não confia em mim...

— Porque ela é a avó. — Ruby assente como se entendesse completamente. — Os avós devem estragá-los, alimentá-los com bolo no café da manhã. Não os faça pensar.

— Eleanor não a alimenta com bolo, mas a agenda de Lillie é irregular. Ela nunca tira uma soneca, então fica irritadiça à noite. E os vídeos do Barney...

— Oh, pare! Barney é o pior. — Ela levanta a mão, fazendo uma cara de horror.

— Nem me fale.

— Ele é um grande monstro roxo com olhos estranhos e uma voz assustadora.

Eu bufo no meu copo.

— Você claramente tem fortes sentimentos por ele.

— Por que ele move os braços assim? Boom, bom! — Ela aperta os cotovelos na cintura e faz uma divertida imitação de T. Rex. — Se eu fosse criança, faria xixi nas calças de tanto rir.

É tudo perfeito demais. Eu sei, naquele momento, o que devo fazer.

— Venha trabalhar para mim. — As palavras saem tão rápido que não consigo detê-las. Eu não quero detê-las.

Ruby congela no meio da imitação de T. Rex.

— Você está bêbado.

— Estou falando sério. — Sentado ereto, eu entro no modo chefe. — Você é uma terapeuta licenciada. É claramente qualificada, e eu preciso de ajuda.

— Você sabe o que os terapeutas fazem?

— Eu sei o que faço. Sou solucionador de problemas e temos problemas paralelos.

Os braços dela se abaixam lentamente, e posso dizer que ela está curiosa.

— O que eu faria por você?

— Seja a babá de Lillie. — Seus lábios carnudos se curvam, e eu continuo. — Você moraria em minha casa, levaria Lillie para a escola, faria coisas educativas com ela à tarde... ajudaria com suas refeições e tarefas domésticas leves, tomar banho, colocá-la na cama...

— Você quer que eu seja uma babá? — Ela não está convencida, mas eu estou gostando mais dessa ideia a cada minuto.

— Eu tenho muito espaço. Você dividirá o último andar com Lillie e, se ela precisar de alguma coisa durante a noite, estará lá para ajudá-la.

— Por que você não pode ajudá-la?

— Tenho que trabalhar.

A preocupação alinha seu rosto bonito, e eu decido adocicar o acordo.

— Pagarei quinhentos dólares por dia.

Ela se endireita tão rápido que quase cai do banquinho. Engulo uma risada e me inclino para frente para pegá-la. O movimento nos coloca ombro a ombro, peito a peito, e o calor sobe pela minha cintura. Ela cheira bem, como flores na primavera... e cabe perfeitamente nos meus braços.

Nesse momento, eu tenho uma noção clara de quanto tempo faz desde a última vez que fiz sexo.

Suas mãos seguram meu bíceps, subindo mais alto enquanto ela recupera o equilíbrio. Ela pisca e nossos narizes quase se tocam. É incrível... até que ela recua, saindo do meu abraço.

— Você disse quinhentos dólares por dia.

— Sim, isso mesmo.

— E está falando sério?

— Eu estou.

— Eu não ligo se você está bêbado. — Ela estende a mão. — Quando começo?

Eu a cumprimento com um aperto de mão agradável e firme.

— Que tal segunda-feira? Você pode levar suas coisas amanhã à noite, conhecer Lillie, sentir o lugar... É muito cedo?

— Deveríamos ter um contrato ou algo assim... estabelecer algumas regras básicas. Eu nunca fui babá antes.



Estudo essa linda garota com olhos brilhantes e inteligentes. Seus lábios são vermelhos e cheios, e ela cheira a rosas frescas. Não rosas de velhinha, mas lindas, limpas e nítidas. Eu quero segurá-la em meus braços novamente. Quero enterrar meu rosto no cabelo dela e deslizar as mãos pela cintura estreita, pelos quadris esguios, segurar sua bunda e erguê-la contra a parede...

No meu estado atual, não vejo conflito em ter esses sentimentos e oferecer-lhe um emprego. Em retrospectiva, provavelmente estou bêbado. Ainda assim, sei que meus instintos são sempre bons.

— Farei um contrato e você pode analisá-lo amanhã. Se estiver na igreja, poderá conhecer Lillie e me dizer se aceita.

— Um mês. — Ela ergue um dedo, e eu inclino minha cabeça para o lado.

— O que significa isso?

— Teremos um período de avaliação de um mês. — Então, ela assente, em pé, na frente do bar, pegando sua pequena bolsa. — Vamos nos encontrar amanhã e, se o contrato for bom, farei um período de avaliação de um mês. Depois disso, podemos decidir se eu fico.

— Tem certeza de que nunca fez isso antes?

— Eu sou profissional. Cubro todas as minhas bases. — Ela pega o telefone, acendendo a tela.

— Me dê seu número.

Ela começa a se opor, depois recua.

— Eu ia fazer uma piada, mas você está certo. Você precisa ser capaz de me encontrar.

Mesmo que ela decida não trabalhar para mim, quero poder achá-la. Tudo nesta noite é diferente, especial. Tenho certeza de que não acontecerá novamente... como se fosse uma segunda chance que não posso deixar escapar.

Digito seu número no meu telefone e envio uma mensagem rápida para ela.

— Agora você tem o meu.

— Minha carona chegou. Te vejo amanhã.

Eu a sigo até a porta, segurando-a enquanto ela sai noite adentro.

— Me mande uma mensagem quando chegar.

Ela faz uma pausa na porta e olha para mim.

— Oakville é bem pequena. Tenho certeza de que chegarei em casa muito bem.

— Ainda assim, eu gostaria de saber que você chegou.

— Eu cuido de mim mesma há um tempo.

— Por favor?

Ela revira os olhos antes de entrar no carro. Dou uma última olhada em suas belas pernas antes que a porta se feche, e ela se vai.

Dentro do bar, cinco minutos depois, acabo de pagar minha conta quando meu telefone vibra no meu bolso. Pegando-o, a mensagem que brilha na tela faz meu estômago revirar.

*Cheguei em casa, chefe. Feliz?*

Eu rapidamente respondo.

*Até agora, você é uma funcionária exemplar. Ansioso por amanhã.*

Alguns segundos se passam, e eu vou até a porta enquanto pontinhos aparecem, indicando que ela está digitando uma resposta. Por alguns instantes, pego-me um pouco surpreso com apenas duas palavras.

*Eu também.*



## Ruby

— **A**corde! Acorde! Hora da igreja! — Meus ouvidos lampejam de dor enquanto minha mãe entra no meu quarto, abrindo as cortinas e falando alto demais. — Se você quer brincar com as corujas a noite toda, tem que voar com as águias pela manhã.

— Esse ditado não é assim — eu rosno, puxando um travesseiro sobre minha cabeça. — Pare de gritar. E afaste esse sol!

Mal posso esperar para conseguir meu próprio lugar.

— Levante-se, Ruby Banks! — Ela tira o travesseiro da minha cabeça e o joga de lado. — Você mora na minha casa, você vai à igreja. Agora levante-se e tome um banho. Partimos em quinze minutos.

Rolando para o lado, olho para o relógio. Ainda não são nem oito.

— A missa só começa às dez!

— Nós nos inscrevemos para ajudar com o café da manhã sênior esta manhã. Começa antes da missa. Oito e meia.

— Nós nos inscrevemos para ajudar? Nós? — *Ah, isso é ótimo...* Resmungo enquanto vou para o chuveiro: — Eu não me inscrevi para nada.

A água morna me desperta, e a primeira coisa de que me lembro é Remington Key. Inferno, o que eu concordei em fazer na noite passada? Eu enlouqueci. Ou não?

Remington Key tem um sorriso cheio de dentes bancos e franco, além de uma covinha adorável na bochecha esquerda. Ele tem olhos castanhos e cabelos castanhos ondulados. Suas mãos são longas e elegantes, e quando escorreguei do meu banco na noite passada, ele me pegou em um abraço vigoroso.

Seus músculos pareciam rígidos através de sua camisa, e eu não queria soltá-lo. Deslizei minhas mãos lentamente pelo tórax, imaginando o que poderia estar sob aquele tecido macio. A água escorre pelo meu rosto, e eu ergo meu queixo, imaginando seus lábios sensuais tocando os meus, a sensação de enfiar meus dedos naquelas ondas suaves, envolver minhas pernas em torno de sua cintura estreita... *Porra, isso seria sexy...*

Minha mão desliza entre as minhas coxas, e eu manuseio o pequeno broto escondido lá. Movo-o para frente e para trás, circulando, massageando, subindo na ponta dos pés enquanto imagino seu pau duro provocando minha entrada, cutucando, empurrando, revirando minhas entranhas, entrando e saindo, até o punho, levando-me mais alto, alto...

*Meu queixo cai, meus olhos se fecham... Oh, Deus, eu vou gozar...*

— Aviso de dez minutos! — A voz alta da minha mãe me tira do meu orgasmo.

— Jesus! — grito, meu coração disparado, e meu corpo inteiro no limite.

— Não use o nome do Senhor em vão!

— Ou o quê? — grito de volta, fechando a torneira e me sentindo muito frustrada.

Secando-me rapidamente, penso no que fiz. Será que perdi minha cabeça? Passei os últimos minutos me esfregando enquanto sonhava em foder meu novo chefe...

Chega! Não posso trabalhar para Remington Key. Ele é muito gostoso.

Então me lembro do pagamento: quinhentos dólares por dia.

Puta merda, são quinze mil dólares por mês! Quão cheio da nota é esse cara? E por que diabos não me lembro de tê-lo conhecido na igreja?

Balançando a cabeça, aplico maquiagem leve — pó no nariz, olhos delineados, lábio rosa pálido. Ele estava bêbado. Vai me ligar hoje e pedir desculpas, e eu voltarei ao mercado de trabalho.

Ainda assim... Ele parecia bem sério. E se não voltar atrás?

Meu estômago se revira e engulo um grito. Eu poderia fazer muitas coisas com quinze mil dólares por mês. Em pé na frente do espelho, respiro fundo algumas vezes e avalio minha aparência. Pareço responsável, competente, profissional. Eu confiaria em mim para cuidar de minha filha.

Se isso é real, e aquele cara ridiculamente sexy, Remington Key, realmente quer me pagar uma quantia insana de dinheiro para ser babá, eu o farei.

Ele disse que precisa de ajuda, e é a coisa certa e cristã a se fazer.

Eu posso fazer isso.

Inclinando-me para a frente, ordeno suavemente a mim mesma:  
— Não estrague tudo.

Quando terminamos de lavar a louça do café da manhã para todas aquelas pessoas, a missa já começou. Não me importo de me atrasar, porque os sermões do pastor Hibbert sempre me fazem dormir. Também porque significa que mamãe e eu sentaremos em um dos bancos perto dos fundos, ao invés do lugar favorito dela na frente.

A congregação está cantando "Vire os olhos para Jesus" e aproveito a oportunidade para voltar os olhos para Remington Key, sentado ao lado de uma mulher de cabelos prateados que suponho que seja Eleanor, sua sogra. Ela está vestida com um terninho azul-claro e parece muito formal e rigorosa. Ela me é vagamente familiar. Tenho certeza de que a vi em um dos muitos estudos bíblicos de mamãe.

Remi está vestindo um terno marrom feito sob medida, e agora que ele está de pé, não sentado em uma banquetta, percebo que é

alto. Também é esbelto, mas não magro. Aposto que está escondendo um corpo sexy e atlético sob todo esse tecido de aparência cara. Um corpo tipo o de Jamie Dornan em *Cinquenta Tons*.

Eu faço uma análise rápida no banco atrás do dele. Dagwood está aqui, sentado com sua esposa, Dotty. A Sra. Stern e seu filho Ralph estão atrás deles. Tremo e continuo procurando, mas não vejo Drew em lugar algum. Não que eu esteja surpresa.

Somos instruídos a nos sentarmos e observo Remi garantir que Eleanor tenha tudo o que precisa. *Que cavalheiro*. Pouco antes de se sentar, aqueles olhos castanhos varrem a sala e, quando encontram os meus, uma dose de adrenalina chia no meu estômago.

Um pequeno sorriso curva meus lábios, e um canto de sua boca se move para cima. A covinha aparece brevemente e eu tenho que me remexer. Caramba, ele é sexy pra c...

Não, eu não posso falar a palavra com C na igreja.

Sim, é a minha mãe falando em minha cabeça.

De volta ao meu chefe sexy... não acredito que ele já mora aqui há quatro anos. É verdade que não vou à igreja todo domingo, mas, diabos, eu devia estar dormindo durante muitos sermões. Talvez ele também não venha todos os domingos, então nos desencontramos. Sim, deve ser isso.

Sua cabeça está virada para o lado, e eu admiro sua mandíbula quadrada enquanto ele ouve educadamente o pastor Hibbert falando sobre ajudar os outros. Algumas mechas naturais se destacam nas pontas de seus cabelos castanhos. Eu não as notei no bar ontem à noite e aposto que, assim que ele cortar o cabelo, elas desaparecerão. Pensar nisso me deixa triste.

Eu me sintonizo por um segundo, e o versículo é sobre uma diaconisa que ajudou os apóstolos. Finalmente, o pastor nos diz para fechar os olhos e pedir a Deus que nos ajude a ver pessoas na comunidade que precisam de um pouco de tempo, um pouco de amizade, um pouco de fé.

Claramente, este é um sinal direto de que Deus quer que eu aceite o trabalho de Remi. Eu deveria perceber que ele precisa de ajuda e me oferecer para isso. *Missão aceita, Deus*.

Os *Améns* são ditos, então nos colocamos de pé, indo em direção à porta enquanto o órgão toca a Doxologia. Quando estamos do lado de fora, fico no gramado da frente, perguntando-me se Remi pode querer conversar enquanto estamos aqui todos juntos.

— O que você está esperando? — Mamãe interrompe seu progresso em direção ao estacionamento e volta para onde eu estou.

— Estou esperando alguém... Você conhece Remington Key?

— Remington? — A cabeça dela se inclina para o lado como a de um pássaro.

— Hum, sim. Vou explicar mais tarde. — Eu realmente não quero entrar em detalhes com ela. Não há como prever o que ela pensará quando ouvir que vou me mudar para a casa dele e quanto está me pagando.

Enfim, lá vem ele, e meu coração bate mais rápido. *Por que diabos estou nervosa?* Eu não sei.

— Obrigado por esperar. — Ele caminha rapidamente para onde estou, e felizmente minha mãe fica em silêncio.

— Oi. — Sinto que estou sorrindo muito, então pigarreio e olho para os meus sapatos pretos de salto. Estou tão feliz por usá-los, já que ele é alto. — Pensei que poderia ficar por aqui e conhecer Lillie.

— Eleanor foi buscá-la na escola dominical. — Ele estende a mão para esfregar a parte de trás do pescoço enquanto olha para o prédio paralelo à igreja, e quase posso ver o bíceps se flexionando em seu braço. — Acho que é algo que você poderia fazer. Se você ainda quiser o emprego, quero dizer.

Olho através do gramado para as dezenas de crianças, desde pequenas até em idade escolar, correndo pelas portas do outro prédio para encontrar seus pais.

Mais nervos se reviram dentro de mim. *Eu vou mesmo fazer isso?*

*Quinze mil dólares, Ruby.*

Sim, eu quero.

— Eu posso fazer isso. — Não quero que pareça que não tenho valor. — Será uma das minhas muitas tarefas.

Aqueles olhos castanho-dourados encontram os meus, e as vibrações se transformam em borboletas. Seus olhos param sobre minha blusa de renda branca, e eu juro que posso senti-los tocando a minha pele. É como se ele estivesse me despindo, mas com cuidado, delicadamente...

É sexy pra caralho.

*O quê? Estamos no gramado da igreja.*

Afastando os olhos, ele tira um envelope longo e branco do bolso.

— Demorei um pouco esta manhã para redigir o contrato. Você pode examiná-lo e devolvê-lo esta noite. Depois de se decidir.

— Certo. — Pego-o e o coloco na minha bolsa. — Estou cem por cento decidida.

Ou quinze mil por cento.

Por fim, Eleanor surge segurando a mão de uma menininha. Assim que ela nos vê, larga a mão da avó e sai correndo em direção ao pai.

Tranças marrom-claras saltam sobre seus ombros e ela está usando um lindo vestido verde com um laço azul-marinho e uma gola branca. Ela tem um cardigã branco por cima e, quando chega em Remi, pula.

Ele a levanta até seu peito, quase como se estivesse dançando, e ela joga os braços em volta de seu pescoço.

— Eu fiz um desenho para você, papai, mas Gigi disse que ela tem que segurá-lo porque está todo molhado.

— Mal posso esperar para ver. — Ele beija a bochecha da garotinha, e eu juro por Deus, meu útero está todo murcho com a sobrecarga de fofura... e possivelmente um pouquinho de inveja.

Não consigo imaginar fazer o que ela acabou de fazer com meu pai.

Não que eu me importe mais, é claro.

— Eu quero que você conheça alguém. — Remi se vira para mim e vejo o quanto eles se parecem. O cabelo dela é mais claro, mas eles têm os mesmos olhos, a mesma covinha fofa nas bochechas. — Lillie, gostaria que você conhecesse a senhorita Ruby Banks.



Ela se inclina para a frente, e eu me lembro perfeitamente de tê-los visto há seis meses. Puta merda. Ela estava se contorcendo no colo dele quando os olhei, mas logo desviei para o outro lado. Eu precisava de um bom empurrão, mas não importa, porque estamos aqui agora.

— Como vai, Srta. Ruby Banks? — Lillie estende a mãozinha, e eu me aproximo para aceitá-la.

— Muito bem, obrigada. — Aperto a mão dela, e nós duas sorrimos. — Você é muito educada.

— Minha Gigi diz que boas maneiras mostram às pessoas que você se importa.

Minhas sobrelhas se erguem, e olho para o pai dela. Remi encolhe os ombros.

— Você também é muito inteligente. Aposto que tira boas notas na escola.

A garotinha assente.

— Eu tiro. Você é bonita. — Lillie olha para o pai. — Ruby vai brincar comigo?

— Ruby vai ficar conosco. Se estiver tudo bem para você. — Ele ergue a menininha no quadril novamente quando Eleanor chega até nós.

— Tipo uma festa do pijama? — a voz de Lillie soa alta, e o rosto de Eleanor demonstra puro choque.

— Eu sinto muito. O que eu perdi? — Um sorriso falso se estende por suas bochechas, e a voz de Eleanor soa exatamente como eu esperava: velha, refinada e com um toque mal-intencionado.

Ela coloca a mão elegante no topo do peito enquanto mamãe fala também.

— Ruby? — Seu tom me faz estremecer. — O que ele está dizendo?

— Desculpa. — Remi dá um passo à frente. — Eu sou Remington Key.

Mamãe pega sua mão brevemente.

— June Banks, mãe de Ruby. — Ela olha para Eleanor. — Nós nos conhecemos no almoço beneficente.

— Sim — Eleanor assente. — Você é a secretária da igreja.

Mamãe odiara aquele almoço. Falou sobre isso por dois dias, sobre como as mulheres não eram muito cristãs. Eu nunca soube exatamente o que ela quis dizer, mas agora acho que tenho uma ideia pela maneira como Eleanor diz *secretária*. Como se fosse uma palavra suja.

O que ela não sabe é que, por minha mãe ser super mão de vaca e trabalhar como secretária da igreja, ela tem um monte de dinheiro guardado. Mesmo que meu pai nos tenha tornado ricos, minha mãe nunca nos permitiu agir de forma materialista ou que nos sentíssemos melhor que ninguém. Para ela, valorizar as pessoas simplesmente por causa de quanto dinheiro há em sua conta bancária é tão ruim quanto mentir.

— Remington. — Eleanor toca o braço do genro. — O que está acontecendo aqui?

Os olhos de Remi encontram os meus, e eu juro que nesse momento a decisão está tomada.

— Por que não discutimos isso durante o almoço?

Sigo a sugestão dele, pegando minha mãe pelo braço.

— Vamos, mãe. Vou contar tudo enquanto comemos os bolinhos de batata.

— Eu fiz Sundubu-jjigae. — Ela não está se divertindo, e eu sei que não vai deixar nada passar.

— Parece bom. — Eu amo sua sopa de tofu picante. — Vou te contar em casa.

À nossa frente há tigelas elegantes de sopa marrom fumegante, e o interrogatório asiático continua.

— Um trabalho de babá? — Nojo permeia seu tom.

— Uma posição de babá em tempo integral. — Tenho o contrato em cima da mesa ao lado da minha tigela e estou examinando a lista de tarefas. É exatamente o que ele disse que seria. — Eu cuidarei da filha dele, basicamente como a mãe dela faria.

— Você não é a mãe dela. — Ela leva a colher à sopa, mantendo os olhos nos meus. — E o seu trabalho na clínica?

— Estou lá há quase um ano. — Meus lábios se apertam e digo o que ainda não contei a Drew. — Não tenho certeza se gosto do

trabalho.

Ela aceita isso, erguendo o queixo depois de dar outra mordida.

— Ainda assim, cuidar de crianças é um passo atrás.

Assentindo, como um pouco do meu próprio almoço.

— Normalmente, eu concordaria com você, mas é diferente, é mais do que apenas babá, e ele vai me pagar muito dinheiro. — Sinto um anseio crescer no meu peito novamente. Faz com que eu tenha a impressão de que não consigo respirar. — Na verdade, poderei pagar minhas próprias contas. E posso conseguir meu próprio lugar. Afinal, não posso viver com você para sempre.

Acrescento a última parte com uma risada, mas ela enfatiza.

— Absurdo! Morei com meus pais até me casar com o seu pai.

— Você tinha 21 anos quando se casou com o meu pai.

— E tivemos uma vida longa e feliz juntos.

— Tiveram? — Não consigo esconder o ceticismo na minha voz. É difícil acreditar que meu pai foi legal com alguém.

— Ruby Banks, seu pai era um bom homem. Ele tinha padrões muito altos.

Era uma maneira de ver as coisas.

— Bem, eu vou aceitar o trabalho.

Ela balança a cabeça.

— Remington Key é um homem bonito. Você não pode trabalhar para ele.

Eu dou uma risada.

— Isso é... discriminação só porque ele é bonito!

—Você mencionou essa palavra. — Sua voz soa severa quando ela toma outra colher de sopa. — Você não sabe cozinhar.

— Eu vou aprender. — *Quão difícil pode ser? Também não sei nada sobre crianças, mas Lillie não é um bebê.*

— Você estará vivendo em pecado com ele.

— Vou viver no colo do luxo, ganhando muito dinheiro e depois usarei para descobrir o que quero fazer com a minha carreira.

Ela se recosta na cadeira e cruza os braços, ainda sem sorrir.

— O que você vai conseguir é ter problemas.

Meu estômago se contorce, mas não vou ceder a esse sentimento. Eu não vou permitir que esteja certa

— Você pode ter um pouco de fé em mim? Por favor? — Não acredito em como a minha voz soa calma. — Eu não vou ter problemas. Vou conseguir o que quero.

— Só se você souber o que quer.

Esse é o problema — acho que sei.



## Remi

**L**illie persegue um fio de macarrão em volta da tigela com os dedos, e Eleanor agarra o pulso dela, limpando a mãozinha com um pano. É a única coisa que interrompe sua aula.

— Use seu garfo, Lillian. — Com a mesma rapidez, ela se volta para mim. — Você não pode contratar aquela garota para morar nesta casa.

— Eu posso fazer o que eu quiser — minha voz está calma. — É a minha casa.

A voz de Eleanor fica baixa.

— Vi como você falou com ela na igreja. Você tem química com aquela garota. É uma má ideia.

— Se eu pensasse que era uma má ideia, não teria dado a ela um contrato nem pedido que começasse esta noite.

Lillie ergue os olhos do prato, onde está tirando macarrão com queijo no garfo com os dedos.

— O que é química, papai?

Sua pergunta me faz sorrir.

— Lembra do Bill Nye, o cientista?

Ela assente rapidamente, aquela covinha bonitinha aparecendo em sua bochecha quando sorri. Poderia jurar que nunca amei tanto

alguém até ela nascer. Agora não consigo imaginar minha vida sem ela.

— Bem — eu continuo —, ele faz química.

Seus olhinhos se arregalam.

— Ele faz as coisas explodirem! Você vai fazer Ruby explodir?

Eu escondo uma risada, mudando de posição e imaginando como isso poderia acontecer... e como poderia soar.

— É diferente com pessoas, querida.

É claro que o rosto de Eleanor é pura desaprovação, e ele demonstra um *eu avisei*.

— Lillian, tire suas mãos da sua comida. — Ela limpa a mão da minha filha novamente. — Quais são as qualificações dela?

Sentando-me, cruzo os braços contra o peito.

— Ela tem mestrado e é terapeuta licenciada.

— Os terapeutas são todos loucos. É por isso que eles fazem o que fazem.

— Ela não é louca. — *Um pouco maluquinha, talvez, mas não louca.*

— Nós não precisamos dela.

— Nós precisamos. — Eu luto para manter a calma em meu tom.

— Sexta à noite foi o exemplo perfeito

— Eu estava certa na sexta à noite.

A raiva cresce no meu estômago, mas eu luto contra ela. Não vou deixar que me provoque.

Em vez disso, adoto uma abordagem diferente.

— Você é a avó dela, Eleanor. Deveria estragá-la, sem se preocupar em seguir minhas regras.

Ela se recosta, ousando agir ofendida.

— Eu acho que você pensa que fui uma mãe horrível.

— Eu não acho que você tenha sido uma mãe horrível. Acho que precisamos de limites, e você, de uma pausa. Você cuida da Lillie há quatro anos.

— Então não é sobre mim? — Eleanor bufar, ajeitando a blusa.

Não respondo ao tom de voz dela. Não posso reclamar muito, e eu não estaria naquele bar ontem à noite se não fosse por ela.

— Trata-se de facilitar as coisas para todos nós.

— Eu só espero que você se lembre desses limites quando a garota estiver nesta casa.

— Prefiro não discutir isso aqui. — Inclino minha cabeça na direção de Lillie, que estuda o prato dela, mas que eu sei que não é surda. — Meu objetivo é ter mais tempo para me concentrar no meu trabalho. Preciso ser mais bem-sucedido se quiser expandir os negócios. É o que espero que Ruby me permita fazer.

A cabeça de Lillie se levanta.

— Eu gosto de Ruby. Ela fala comigo. Apertou minha mão e disse que eu era educada.

Meu sorriso para Eleanor é conclusivo.

— Isso é o que mais importa para mim.

Ando pelo grande hall de entrada da minha casa enquanto espero Ruby chegar.

Ela me mandou uma mensagem mais cedo dizendo que o contrato estava coerente, que assinaria e chegaria com suas coisas às sete horas. São sete e não consigo me sentar. Eu preciso me mexer

Preparei para ela o quarto no final do corredor, próximo ao de Lillie. Elas ficarão no terceiro andar da casa. Minha suíte e escritórios estão localizados no segundo. A suíte master de Eleanor fica no primeiro.

Enquanto ando pela entrada grande, percebo que esta casa provavelmente pode ser considerada uma mansão. A grande escadaria dá a volta até o patamar do segundo piso, que tem uma varanda com vista para o andar de baixo.

As portas fecham os meus aposentos, e as escadas continuam até o terceiro andar. Quando ela era bebê, tínhamos o quarto e a sala de brinquedos de Lillie no primeiro andar, perto de Eleanor. Quando ela ficou mais velha, quis ir para o último andar. Ela passou por uma fase *Enrolados*, e acho que isso a fez se sentir como uma princesa em uma torre. Naturalmente, temos monitores nos quartos dela.

Sua sala de brinquedos ainda fica no primeiro andar, no entanto, ouço sua vizinha conversando com suas bonecas. Ela não ficará

acordada por muito mais tempo. Minhas mãos estão enfiadas nos bolsos da minha calça jeans e a parte de trás da minha camisa de botão está aberta.

Não queria parecer formal demais quando ela chegasse ou fazê-la sentir-se desconfortável. Honestamente, a única coisa que sei sobre babás é do que eu vi quando criança em *A Noviça Rebelde*, que minha mãe me fez assistir um dia quando eu estava doente, e eu dormi.

Ainda assim, lembro-me de assobios, crianças marchando como soldados e fugindo dos nazistas.

Estou bastante confiante de que nada disso acontecerá em minha casa, então não sei o que esperar.

Uma batida soa na porta e meus mocassins rangem no mármore quando eu corro para abri-la. O cabelo de Ruby cai em seus ombros quando a abro. Seus olhos castanhos se arregalam, subindo e descendo rapidamente pelo meu corpo. *Deus, ela é tão linda.*

— Oi — eu consigo dizer.

O ar sussurra e crepita entre nós. Eu me pergunto se ela sente isso também. Então suas bochechas coram com aquele lindo tom de rosa, e eu sei que ela está sentindo.

*Jesus. Eu quero foder a babá.* Não entendo essa ereção. Mal posso ajustar minhas calças agora.

— Oi! — Ela sorri nervosamente. — Eu... hum ... não tinha certeza de onde estacionar. Meu carro está lá embaixo.

Ela aponta para a direita, ao longo do caminho circular, e eu saio na laje para ver um Subaru verde-limão quase na rua, atrás do *Crown Victoria* de Eleanor.

— Está bem — concordo, dando um passo para trás e segurando a porta para ela entrar. — Você pode estacionar na garagem da próxima vez. Vou garantir que tenhamos um controle remoto para você.

— É só um detalhe. — Quando ela passa por mim, sinto o leve cheiro de rosas novamente. Será que é o cabelo ou o perfume que usa?

Uma mochila azul-marinho está em seu ombro, e ela está puxando uma mala branca com um desenho rosa de gatinho. Tudo o que ela faz me excita.



— Posso ajudá-la com suas malas?

— Está tudo bem, eu as levo. — Ela olha para cima, ao redor da entrada. — Sua casa é linda.

Fecho a porta, inclinando minhas costas contra a madeira enquanto a estudo. Ela está vestindo uma legging preta e uma blusa branca com uma camisa de mangas compridas desabotoada por cima, e parece perfeita. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo alto, e as pontas caem logo acima do ombro. Ela se vira para me encarar e, por um momento, não sei o que dizer.

O envelope branco está em sua mão.

— Acho que você vai querer isso. — Ela o entrega para mim, e eu dou um passo à frente para pegá-lo. — Assinei tudo.

— Eu adicionei uma cláusula sobre o período experimental de um mês. Para ter certeza de que você está feliz aqui.

— Certo. — Ela assente lentamente, seus olhos permanecendo nos meus. — Parece que você considerou tudo o que discutimos.

— Eu tentei ser criterioso.

Há uma corrente suave entre nós, silenciosa, mas poderosa. Por mais que eu tente descartar a argumentação de Eleanor, manter minhas mãos afastadas dessa garota pode não ser tão fácil quanto eu previ. Sinto que estou acordando de um longo sono...

O quê? Não. Claro, vou manter minhas mãos longe de Ruby. Eu não sou um patrão molestatador da época dos anos 50. Este é um acordo comercial. Um acordo comercial mutuamente benéfico. Ela está aqui para ajudar a cuidar da minha filha. Isso é tudo.

— Algo errado? — sua voz suave soa mais alta, e eu percebo que estou franzindo a testa.

— Oh, desculpe, não. Eu só estava pensando em... — Não posso dizer a ela o que estava pensando. *O que há de errado comigo?* — Você jantou? — Sua expressão é um pouco assustada, e eu me apresso a acrescentar: — Todos nós já comemos, mas você pode se servir se estiver com fome.

— Oh. — Ela respira fundo e sorri, parecendo aliviada. — Eu já comi algo. Obrigada.

Parece tão rígido e formal. Não sei o que fazer para aliviar a tensão.

— Eleanor foi para a cama. — *Depois de ficar de mau humor pela casa a noite toda*, mas não acrescento isso. — Lillie ainda está acordada. Ela queria lhe mostrar o quarto dela... e o seu.

— OK! — Ruby parece tão ansiosa quanto eu para fazer alguma coisa, qualquer coisa, para sair desta situação, onde estamos tentando desajeitadamente fingir que não estamos olhando um para o outro.

Eu lidero o caminho através da sala de estar, com a grande cozinha e sala de jantar à direita e a sala de brinquedos de Lillie no lado oposto, à esquerda. Minha filha ainda está feliz, conversando com suas bonecas.

— Travis — Lillie fala com um sotaque exagerado do sul, balançando uma boneca em um vestido rosa para um Ken sentado. — Quando uma mulher diz mais tarde, o que ela realmente quer dizer é NUNCA!

O que ela está falando? Começo a pedir desculpas quando Ruby ri.

— A Princesa e o Sapo!

Ela deixa a mochila cair aos meus pés e a mala, indo para onde Lillie está sentada no chão, ajoelhando-se ao lado dela.

— Ruby! — Minha filha pula e a abraça, segurando uma boneca em um vestido verde. — Você quer ser a Tiana?

— Quero! — Ruby pega a boneca verde e a sacode próximo à rosa que Lillie está segurando. — Lottie, não coma todas as rosquinhas.

— Me dê guardanapos! — Minha filha pega cinco lenços de papel no chão e os empurra para debaixo dos braços da boneca. — Estou suando como uma pecadora na igreja! — Eu dou uma risada, e ela continua. — Meu príncipe nunca virá!

— Lottie, espere! — Ruby chama minha filha, que corre para o pequeno sofá-cama. — Acalme-se e respire fundo.

— Eu só tenho que desejar mais forte! — Lillie olha para o teto. — Por favor, por favor, por favor, por favor...

Ruby vai para onde minha filha está cantando e continuam essa cena. Estou preso na porta, vendo como elas se conectam por causa de uma cena maluca de um filme que eu não conheço.

Um sentimento de satisfação aquece meu estômago. Isso é bom... melhor do que bom.

Observo enquanto ela alisa um cacho sedoso e cor de areia do ombro de Lillie.

— Desejar é divertido, mas você tem que trabalhar duro para conseguir o que deseja.

Lillie coloca a boneca no chão e se vira para ela, e acho que elas não estão mais brincando.

— Você teve que trabalhar duro para conseguir o que queria?

Ruby sorri.

— Eu trabalhei duro, mas ainda não terminei. Ainda há coisas que desejo.

*Interessante.*

— Eu gosto do seu cabelo. — Lillie se arrasta pela cama para enfiar os dedos no longo rabo de cavalo de Ruby. — Você é igual à Mulan.

— Mulan é chinesa. Sou metade coreana.

Os olhos de Lillie se arregalam.

— O que é isso?

— É um país totalmente diferente. Podemos conversar sobre ele mais tarde. — Ruby olha para mim, que estou assistindo silenciosamente, imaginando onde ela esteve durante a vida toda da minha filha. — Eu não sei se já está na hora de dormir.

— Sim — eu solto, endireitando-me. — Vou te mostrar seu quarto.

Estendendo a mão, pego a alça da mala e levanto a mochila de onde ela a deixou aos meus pés.

Ruby corre para me deter.

— Eu posso carregar as minhas malas.

— É melhor você me deixar levar. Seu quarto fica no terceiro andar.

— Ficaremos no topo! — Lillie agarra a mão dela, praticamente pulando. — Todas as princesas vivem no topo do castelo.

— É verdade? — Ruby sorri para ela, e as duas decolam na minha frente.

Lillie conversa enquanto subimos as escadas, e eu a sigo, sentindo-me melhor com essa situação a cada minuto. Lillie age

como se Ruby pertencesse a ela, levando-a pelas escadas e pelo corredor até o quarto.

Ruby ofega quando entra, olhando ao redor da mesma maneira como fez no salão.

— É lindo. — Ela olha para mim. — E tão grande!

Não consigo resistir.

— É o que elas sempre dizem.

Ruby solta uma risada, mas minha filha faz uma careta.

— Foi isso que Ruby disse?

— É uma piada. — Ruby alisa a mão no cabelo de Lillie, e eu coloco sua mochila na cama queen-size contra a parede.

O quarto foi mobiliado e vago desde que compramos a casa. Olho em volta para as paredes brancas e o edredom cor de areia na cama com travesseiros castanhos. Tons de branco cobrem as janelas, e as portas francesas voltadas para a frente estão cobertas com longas e brancas cortinas. Até a suíte do banheiro é toda branca.

— Você pode mudar a decoração, se quiser.

Ela vai para a mesa de canto de madeira bege.

— É um pouco sem cor. Talvez depois do meu primeiro mês?

Lillie pega a mão dela.

— Venha ver o meu quarto!

Eu as paro antes de elas saírem.

— Vou lá para baixo. — Voltando minha atenção para Lillie, minha voz fica séria. — Chega de brincar. Escove os dentes e prepare-se para dormir. As luzes se apagam em dez minutos.

— OK. — Ela faz um biquinho, mas eu a aperto em um abraço.

— Boa noite, princesa.

Ela derrete e me dá um abraço, depois começa a se remexer para descer. Eu a solto e me endireito para chamar a atenção de Ruby.

Sua expressão é uma mistura de curiosidade e algo mais... desejo? Eu não sei. Inferno, talvez seja apenas o que eu quero que seja. Não consigo impedir que esses sentimentos aumentem.

Eu vou pará-los.

— Ficarei um pouco mais de tempo acordado, se precisar de alguma coisa. — Eu as deixo, parando no meu quarto para tirar

meus sapatos antes de continuar até a cozinha para tomar uma bebida.



## Ruby

**R**emington Key tem pés perfeitos.

Depois de observar Lillie escovar os dentes, de ler para ela um livro de princesa, cantar o máximo que pudemos nos lembrar de “Quase Lá”, de *A Princesa e o Sapo*, e rezar a oração: “Agora me deito para dormir”, deixei minha nova pequena tarefa aconchegada profundamente em sua cama.

Então voltei para o meu quarto gigante, desempacotei minhas roupas dobradas nas gavetas e pendurei minhas poucas blusas e saias no grande armário. Meus produtos de higiene pessoal estão arrumados no amplo banheiro, e tudo o que preciso é de um copo de água para dormir.

Lillie estava certa. Ao descer a enorme escada, passando o patamar do segundo andar até o primeiro, não consigo deixar de sentir que fui levada para algum castelo como uma daquelas princesas.

Estou na cozinha procurando um copo, quando noto meu chefe parado na sala iluminada, olhando pelas portas francesas em direção ao lago artificial no centro do condomínio fechado.

Ele ainda está vestindo aquele jeans sexy e folgado e aquela blusa azul-clara de mangas dobradas. Um copo de cristal está em

sua mão e seus pés estão descalços sobre o piso de madeira.  
*Igualzinho ao Jamie Dornan.*

Não. Piso no freio e digo aos meus hormônios para descansarem. Como Tiana fala, *eu estou quase lá*. Sem distrações. Mas quando ele se vira e me vê olhando para ele, eu juro, meu corpo inteiro fica tão quente quanto seus olhos castanhos.

Piscando rápido, forço um sorriso.

— Ela é adorável.

Um sorriso surge em seus lábios.

— Ela sempre teve muita personalidade. — Sua sobrancelha se ergue. — Você não é indiferente nesse departamento. Como sabia todas aquelas coisas que ela estava dizendo?

— O que posso dizer? — Dou de ombros. — Sou louca pelas princesas da Disney.

— Você será a pessoa favorita dela nesta casa.

Meu estômago está se contorcendo e formigando.

— Será útil quando eu tiver que fazê-la comer brócolis.

— Ela ama brócolis. Mergulhado no molho ranch.

— Menina estranha. — Estou pensando no quanto gosto daquela garota até que ele ri, e meu queixo cai. Meu rosto fica vermelho. — Quero dizer... eu não quis dizer isso. Sua filha não é estranha. Na verdade, eu também amo brócolis...

— Está bem. — Remington estende a mão. — É estranho uma criança gostar de brócolis. — Ele dá um passo para longe da janela, em minha direção. — E aí? O que você acha? Tem alguma pergunta?

— Hum... — Olho em volta da grande sala de estar, o sofá branco macio e a enorme televisão de tela plana sobre a ampla lareira escura. — Você tem uma casa tão bonita.

— Considere como sua enquanto estiver aqui.

— Certo... — Eu me pergunto quanto tempo isso levará. — Suponho que... você precisa que eu prepare o café da manhã.

— Apenas para Lillie... e para você, caso tome café da manhã. Eleanor faz suas próprias coisas, e eu geralmente pego um iogurte ou uma barra de cereal.

— Devo fazer café?

— Temos uma cafeteira.

— Certo. — *Fácil demais...* — Vi que a pré-escola começa às oito horas. Eu faço o almoço?

— Novamente, apenas para vocês duas. — Ele sorri. — O jantar é realmente a única refeição que fazemos juntos. Eleanor tem um chef particular que vem três vezes por semana. Ela é muito rigorosa sobre sua dieta... nossa dieta.

— Ah — eu concordo. — Isso explica por que ela é tão magra.

Nós nos aproximamos enquanto falamos e agora estamos na frente um do outro. Posso sentir o calor irradiando de sua pele. Sinto o perfume amadeirado de sua colônia — sândalo, couro e sabão. Lembro-me dele do bar, quando Remi me segurou.

— Ela é muito específica sobre muitas coisas, mas espero conseguir convencê-la a encontrar seu próprio lugar.

Eu penso em minha própria mãe.

— Me informe como isso vai acabar.

— Acho que você estará aqui para testemunhar. — A covinha em sua bochecha faz com que o espaço entre as minhas pernas se aqueça. Nossa respiração é quente e estamos tão perto. Meus lábios estão cheios e pesados, e se eu levantar meu queixo, tenho certeza de que ele mergulharia e nossas bocas se acariciariam...

Ou talvez eu esteja sonhando acordada.

Recuando, esforço-me para quebrar o feitiço.

— É melhor subirmos. Está ficando tarde.

Seus olhos prendem os meus, calorosos e convidativos.

— Avise-me se você precisar de alguma coisa.

*Jesus, assumo o controle*, se eu lhe disser do que preciso agora...

— Obrigada. — Decido sair rápido, enquanto ainda posso. — E obrigada pelo trabalho.

— Você está me ajudando, lembra? — Ele sorri, e essa covinha quase mexe no meu cérebro.

— Certo. Embora pareça que você tem tudo sob controle.

— As coisas nem sempre são como parecem.

Acho que ele vai precisar repetir isso. Eu me viro, saindo o mais rápido possível sem correr. Se ficar aqui, tão perto dele por mais um minuto, não tenho certeza do que pode acontecer.



No meu quarto, tiro a calça e jogo a camisa nas costas de uma cadeira. Pego um caderno da minha mochila e me arrasto pelos lençóis super sedosos, enfiando-me sob o edredom grosso, e dobro os joelhos.

No topo da página, em letras maiúsculas, escrevo OBJETIVOS. Abaixo deles, faço uma lista numerada.

1. Conseguir meu próprio lugar.
2. Pagar meu cartão de crédito.
3. Economizar para novas opções de carreira.

*Sim.* É isso que eu preciso fazer. Concentrar-me em meus objetivos. É assim que vou resistir à tentação de dormir um andar abaixo e *não foder com tudo*.

— Panquecas! — Lillie senta-se no banquinho à minha frente com um copo plástico de suco de laranja.

Franzo a testa, estudando a caixa de mistura de panqueca. *Misture com água, leve à chapa quente e vire quando aparecerem bolhas.*

Tomo um gole de café. Vou ter que acordar mais cedo para isso. Parece tão fácil, mas não estou convencida.

— Vamos comer iogurte e torradas hoje.

Seu pequeno lábio se franze um pouco, e até fazendo beicinho, eu juro, ela é a coisa mais fofa. Inclinando-me para frente, falo baixinho, aproximando nossos rostos.

— Lembra como Tiana sabia cozinhar qualquer coisa em Nova Orleans?

Seu beicinho se transforma em um grande sorriso, e ela assente animadamente.

— Eu não sou Tiana. Eu sou mais como... Lottie.

Seus ombros caem, e eu assinto, pressionando meus lábios em uma careta.

— Mas eu vou aprender. Talvez possamos aprender juntas.

Sua excitação retorna.

— Sim!

— Enquanto isso... — Eu passo a ela um pote de iogurte e puxo um pedaço de pão da pequena caixa no balcão. — Iogurte e

torradas. Vou pôr um pouco de manteiga de amendoim.

Isso a satisfaz, e Eleanor entra no cômodo vestindo calças bege e um suéter azul- marinho com um lenço Chanel bem amarrado no pescoço.

— Bom dia, Lillie, Ruby. Você dormiu bem? — Ela coloca uma caneca na cafeteira, abre uma cápsula e aperta o botão de infusão. — Desculpe-me por ter me recolhido mais cedo. Eu estava muito cansada. Acho que estou ficando mais velha.

Eu não acredito nisso nem por um segundo. Ela está me estudando como uma daquelas aves predadoras, procurando sinais de fraqueza. Pena que não vai encontrar nenhum.

— Não se preocupe. — Sorrio enquanto passo manteiga de amendoim na torrada de Lillie, agindo com total naturalidade, é claro. — Lillie me mostrou meu quarto. — Eu pisco para a minha pequena enquanto lhe entrego a torrada. — Remi me mostrou o resto.

Seus olhos se estreitam, e eu sei o que ela está pensando.

E eu vou deixá-la pensando...

— Pronta para ir à escola? — Ela se vira para a neta, que está colocando uma torrada na boca e balançando a cabeça. — Meu Deus, Lillian, o que é isso que você está vestindo?

Por um momento fico confusa. Lillie está vestida com uma saia verde-mar, feita de camadas de tule espesso e brilhante e uma camiseta branca com um *Make Waves* cintilante em um tom azul-verde-lavanda. Em seus pés há botas prateadas cintilantes.

— Ruby disse que eu podia! — Lillie choraminga.

— Não estou surpresa — Eleanor zomba da minha roupa.

— O que foi? — Olho para a saia roxa esvoaçante que estou usando com uma camiseta branca que diz "*Stay Gold*" na frente e tênis pretos converse. Passei maquiagem leve, com lábios rosados e rímel, e apenas um toque de blush.

Pareço uma babá chique, se você me perguntar.

— Estou confusa. — Olho para Eleanor novamente. — Ela não pode usar essas botas para ir à escola?

Eu imagino que ela irá correr, pular, escalar e fazer o que mais as crianças fazem o dia todo com seus amigos. Talvez tênis sejam mais apropriados.

— Eu separei um lindo vestido para ela usar na noite passada, sua jaqueta preta Mary Jane e meias de renda.

— Oh... — Eu tinha visto. — Pensei que era para domingo.

— Ontem foi domingo. — Seus olhos azuis se nivelam aos meus. — Lillian tem muitos vestidos bonitos. No ritmo em que ela cresce, dificilmente poderá usar qualquer um deles antes que estejam pequenos demais.

Aperto meus lábios, pensando. Quando se vestiu hoje de manhã, Lillie ficou muito animada em montar sua própria roupa.

E ela está adorável nela.

Ainda assim... este é o nosso primeiro desentendimento e a forma como eu administrar a situação ditará o tom de nossa convivência daqui para frente. Escolho minhas palavras com cuidado, mantendo a voz nivelada, firme e não agressiva.

— Imagino que seja difícil correr e brincar com esses vestidos e sapatos... e não acho que eles mostrem a personalidade dela.

O olhar de Eleanor se estreita.

— Lillian tem quatro anos. A personalidade dela nós é que moldamos. — Essa afirmação me faz arrepiar. — Além disso, Oaklawn é uma escola muito prestigiada. Ela precisa estar à altura.

Agora entendo com o que ela está preocupada e me lembro da queixa de minha mãe. Eleanor quer que Lillie pareça uma modelo de catálogo e não uma criança de quatro anos de idade. Também vejo ao que Remi se referiu vagamente em nossas conversas anteriores.

— Acho que a roupa de Lillie é adorável e perfeita para um dia na pré-escola. — Não vou recuar.

— Ela parece uma vagabunda. — Eleanor mal consegue ocultar o aborrecimento.

Remi entra na sala naquele exato momento, muito bonito, como sempre.

— Bom dia, senhoras. — Ele vai até a cafeteira, alheio à tensão crepitante no ar.

— Papai! — Lillie balança no banquinho, terminando a torrada e parecendo tão inconsciente quanto o pai. — Estou comendo torradas.

— O que é isso? Manteiga de amendoim? — Ele mexe no nariz dela. — Você é uma pequena manteiga de amendoim.

— Eu não sou! — ela choraminga, rindo.

O sorriso dele se volta para mim e, caramba, é o mesmo da noite passada — interessado, focado, irresistível.

— Você dormiu bem? Tem tudo o que precisa?

*Difícilmente.* Sinto o calor em minhas bochechas e não quero responder a ele dessa maneira na frente de Eleanor. Especialmente no meio de uma briga por poder.

— Eu estou bem. — Tomo um gole de café frio. — Tudo está perfeito.

Eleanor tira proveito do nosso momento efervescente para reafirmar seu poder.

— Lillian, vá para seu quarto e troque de roupa. Agora. Não temos tempo a perder. — Lillie reclama e me pede ajuda. Meus olhos se dirigem para Eleanor, enquanto pego as chaves do meu carro.

— Você está certa. Não temos tempo, e eu vou para conhecer a professora dela. Precisamos sair agora.

— Ela *não* vai para a escola vestida dessa maneira. Ela parece uma... uma...

— Princesa sereia! — Remi pega a filha do banquinho no colo.

Ele está vestindo uma camiseta de manga curta e os músculos nos braços se alinham e flexionam. Como se isso não bastasse, a barriga de Lillie fica de fora, e ele a ergue até sua boca em busca de um pum alto e desleixado.

— Dia do pai! Dia dos pais! — Lillie grita, rindo tão estridente que os cachorros latem.

Um sorriso se desenha em minhas bochechas e... droga! Acho que me apaixono neste momento.

Ele ri e abaixa a filha nos braços. Suas bochechas estão rosadas e seu riso é contagioso.

— É melhor você sair antes de perder o primeiro toque na escola.

— Não! — Num piscar de olhos, seu rostinho fica sério, e ela se mexe para sair dos braços dele. — Vou ter que mover meu macaco!

Não tenho ideia do que isso significa, mas Lillie pega minha mão, puxando-me para a porta. Pego minha bolsa em uma cadeira próxima. Minhas chaves estão na minha mão e procuro ver se Eleanor ainda planeja ir conosco.

— Tenha um bom dia, Lillian, vejo você esta tarde. — Ela se vira e sai na direção oposta.

Um sorriso brinca em meus lábios, e é preciso toda a minha força de vontade para não dar um soquinho no ar. Ao mesmo tempo, sei que a guerra ainda não acabou.

A pré-escola Oaklawn parece mais um internato caro do que uma escola para crianças de cinco anos ou menos. É outra nova adição para acomodar as famílias mais ricas que se mudaram para Oakville de Charleston — assim como o colégio Eagleton Heights.

Estacionando no pequeno lote, noto Audis, Mercedes, Acuras e outros carros chiques alinhados na rodovia. Poderia me sentir inferior, mas acho que sou uma babá de alto nível. Isso me dá alguma influência.

— Você terá que me mostrar sua sala. — Olho pelo espelho retrovisor para Lillie sentada em meu carro no banco de trás.

Ela está tão fofa em seu traje de sereia. Logo antes de sairmos de casa, ela pegou uma faixa com penas e colocou uma tiara por cima.

— A senhorita Terry fica no corredor E. — Ela pega minha mão como se fosse uma adulta e me leva pelo gramado, subindo os degraus de pedra.

Passando por mães em saias e blusas engomadas, lenços e bolsas Prada, compreendo a censura de Eleanor pelo traje de Lillie. Todas as meninas estão usando vestidos elegantes e sapatos de verniz. Inferno, estou começando a me perguntar se elas brincam nesta escola.

A professora de Lillie, por outro lado, é encantadora. Uma jovem mulher delicada, com cabelos loiro-claros e um sorriso brilhante. Terry é rechonchuda, amável e claramente apaixonada por sua classe.

— Bom dia, Lillie! Oh, você está linda! Você é uma sereia? — Lillie assente animadamente, e sua professora continua. — Pegue suas coisas no seu armário. Hoje vamos aprendendo sobre o monstro vermelho e o número dois ou *dos*.

Estou impressionada. Cores, números e espanhol.

— Olá, sou Ruby, a nova babá de Lillie.

— Prazer em conhecê-la! — Terry aperta a minha mão e passamos alguns minutos nos conhecendo. Dou a ela meu número de celular, e ela me dá o planejamento do semestre. Um planejamento na pré-escola? Afastando-me, procuro por um local onde eles possam se sujar e brincar.

— Lillie tem uma nova babá? — essa voz não parece amigável.

Girando-me, mal posso acreditar.

— Serena Whitehead? Pensei que você tivesse se mudado para Charleston.

— Ruby Banks? — Ela não sorri. — Agora é Serena North. Meu marido, Dr. Phillip North, e eu acabamos de voltar para Oakville com nossa filha, Whitney. Vejo que você ainda está aqui. Trabalhando como babá agora? É isso mesmo?

O jeito como ela fala me faz querer rastejar para debaixo de uma pedra.

O que não farei.

— Remi precisava de ajuda, então eu concordei em fazer isso por um mês.

— Remi? — Outra mulher, um pouco mais velha, se junta a nós. Ela está vestindo uma camisa branca engomada, uma saia floral longa da década de 1950 e um sorriso zombeteiro. — O que tem Remi? Quem é você?

— Parece que Remington contratou uma nova babá — Serena diz. — Ruby Banks, esta é Anita Flagstaff.

— Olá. — Eu aceno. — Prazer em conhecê-la. Preciso ir.

— Só um minuto. — Anita ainda está carrancuda, olhando-me de cima a baixo. — Você é a nova babá? Onde está Eleanor?

— Desculpe. Por que está perguntando?

— Eu era a melhor amiga de Sandra Burnside Key. Quero ter certeza de que Lillian e Remi não estão sendo... explorados.

— É sério isso? — Uma coisa é certa, essa mulher não vai me intimidar. — Alguém pediu para você fazer isso?

— Claro que não. Considero meu dever como amiga de Sandy.

— Talvez isso seja algo que você deva discutir com Remi. Não me sinto à vontade para falar sobre assuntos familiares com estranhos.

Girando, ergo meus ombros e ando em direção à porta.

Anita Flagbitch fala em um sussurro alto o suficiente para eu ouvir.

— Parece uma gueixa para mim.

— Tudo o que sei é que espero que Phillip não tenha nenhuma ideia de contratar uma também — a voz de Serena soa rude como sempre foi. — Ruby Banks é um problema.

Meu rosto esquenta, mas luto contra isso. Para começar, sou babá, não sou japonesa e, por definição, nem todas as gueixas vendiam sexo. Muitas delas eram artistas, músicas e companheiras instruídas...

Tanto faz. Explicar seria o mesmo que "lançar pérolas aos porcos", como dizia a minha mãe.

Em vez disso, fecho a porta e escondo meus sentimentos de vergonha. Não estou fazendo nada de errado e sou velha demais para que essas mulheres me machuquem.



Remi

**C**ontratar Ruby pode ter sido a melhor decisão que tomei o ano todo.

Quando entrei na cozinha hoje de manhã, percebi que havia alguma coisa diferente pela maneira como Lillie estava vestida. Desde que começou a pré-escola, Eleanor a fez andar por aí parecendo uma fugitiva de um concurso de beleza infantil, mas sem toda aquela maquiagem. E sem a tiara.

Acho que minha filha deve ter gostado.

Ver Lillie rindo, super animada e parecendo uma criança normal esta manhã, me derreteu. Não existe mais estresse, e ela está se divertindo novamente.

Não me interpretem mal. Se Lillie fosse o tipo de criança que quisesse usar vestidos engomados e sapatos de couro todo o tempo, eu poderia lidar com isso. Quero que minha filha seja feliz, mas hoje de manhã vi sua verdadeira personalidade.

Também vi as tentativas de Eleanor de controlá-la, seja porque ela não sabe como deixar Lillie se expressar ou porque vê essa expressão como uma ameaça. Eu não sei.

Ruby, por outro lado, deixa minha filha brilhar. Ela fica no seu nível e brinca com ela. Fala com ela, mas não a força a ser adulta.



É incrível como isso me afeta. Ela é como um presente.

Andando pelo meu escritório, jogo a bola anti-estresse no ar, apertando-a sempre que a pego. Paro diante das portas francesas, de frente para o lago, no meu escritório.

Todos os três andares têm essas portas. Elas ficam alinhadas paralelamente uma à outra, com varandas no segundo e terceiro andares.

Ruby está certa, é uma casa bonita e o layout funciona bem com a situação da minha família. Cada andar tem privacidade, como seus próprios aposentos... Eu nunca tinha notado isso antes.

Não notei muitas coisas.

Olhando para as águas calmas, os guindastes passando com cuidado pelas margens, desconsidero qualquer dúvida que possa ter tido sobre contratar Ruby.

Claro, foi impulsivo e aparentemente inesperado, mas eu pesquisava a contratação de uma babá há semanas. Vinha planejado procurar através de uma agência, mas confiar em meu instinto me trouxe até aqui, e Ruby é claramente a pessoa certa para o trabalho.

Ela é uma mulher inteligente e independente, que não tem medo de Eleanor e que também é ótima com Lillie. Foi um golpe de sorte que não tenho certeza se uma agência teria me fornecido.

Minha mente se desvia do jeito como ela aceitou o convite de Lillie para interpretar a cena da princesa Disney na noite passada. Ruby não se importou com quem a assistia. Não se importou se era bobo. Só se importou em conhecer a minha garotinha e fazer uma amiga.

Vê-la dessa maneira me provocou algo mais, no entanto. Ela encontrou uma rachadura na parede que construí ao redor do meu coração. Pegou todos os sentimentos que deixei de lado e os remexeu, transformando-os em uma emoção nova e inesperada.

Eu percebi naquele momento... sinto-me diferente.

Antes, eu não acreditava que pudesse seguir em frente sem trair a memória da minha esposa, não importando quantos livros de autoajuda tivesse lido. Não importava se eu ainda tinha mais da metade da minha vida pela frente... sentia-me culpado se respondesse à visão de uma mulher bonita.

Inferno, eu me senti culpado por estar atraído por Ruby.

Apesar de tudo o que Drew me disse, não podia deixar de aprender a viver novamente. O que mudou?

Não preciso perguntar. A resposta se espalha pela casa com cachos saltitantes e camisas brilhantes de sereia. Lillie é a chave de tudo, e agora tenho que decidir como lidarei com essas novas informações.

Antes, quando era apenas uma atração, eu podia descartá-la. Sou adulto, maduro, tenho sete anos a mais que Ruby, posso me controlar.

Agora que ela se tornou minha aliada, que eu sei que é inteligente, forte e sexy, que roubou o coração de Lillie e trata minha filha como eu gostaria que ela fosse tratada...

É uma atração que estou achando difícil de resistir.

Eu me viro da janela e jogo a bola de estresse na minha mesa. Vou resistir. Vou me concentrar em algo diferente, o que espero realizar. A razão pela qual contratei Ruby, em primeiro lugar.

Claro, era para fazer com que Eleanor se mudasse para um lugar apropriado, mas também para que eu pudesse me concentrar no meu trabalho e levar minha empresa de investimentos para o próximo nível.

Tenho acompanhado algumas *startups* de tecnologia. Uma delas me fez até uma oferta militar que pode me trazer um ótimo lucro nos próximos meses, mas eu não entendi bem. Agora estou pronto para começar a fazer mais. Ter mais tempo significa que posso manter os investimentos em andamento.

Pegando meu telefone, pego o número antigo e familiar. Ele toca apenas uma vez antes que meu amigo e olheiro de investimentos atenda.

— Aqui é Hastings. — A voz de Stephen não mudou. Soa tão impaciente e arrogante como sempre. — O que tem em mente, Remington? Quer fazer terapia?

— Quero saber as novidades do projeto Stellan.

Tentei adquirir o aplicativo de segurança de comunicações há um ano, mas confesso que brigar com Eleanor e minha própria apatia provavelmente me fizeram perder o acordo.

Ele suspira como se estivesse entediado.

— Você não pergunta sobre Stellan há seis meses.

— Estou perguntando agora.

Eu ouço seus dedos batendo nas teclas do computador.

— Parece que ele tirou uma folga. Provavelmente encontrou uma falha ou colidiu com uma questão de patente.

— Vamos torcer para que seja o primeiro. Envie um recado para ele. Diga que ainda estou interessado, se ele quiser falar comigo e ver se há algum projeto em ascensão nas mesmas linhas. Eu quero ser o principal candidato quando se trata de segurança militar.

— Você sempre foi. Até sumir de vista.

— Certo. Vou fazer uma pesquisa por aqui, e, Stephen, me convide para o baile de gala anual dos investidores de capital.

Se alguém pode me levar à festa do ano dos investidores de capital em Manhattan, é meu antigo amigo da Marinha.

— Você está dizendo que está voltando?

— Estou de volta.

Com Ruby cuidando de Lillie, não vou brigar com ninguém. Posso trabalhar sem interrupções. Vou me aprofundar e aproveitar ao máximo meu tempo, sem precisar fazer check-in e intervir a cada poucas horas.

Ainda assim, a voz de Eleanor está na minha cabeça.

— Sua filha só terá quatro anos uma vez. Uma grande herança não compensará passar um tempo com o pai dela.

Por mais que irrite meus nervos, ela está certa.

Eu cresci com um pai que escolheu trabalhar ao invés de mim. Ele nunca esteve por perto para qualquer coisa que eu fazia. Perdeu todos os jogos de beisebol, as feiras de ciências e todas as cerimônias de premiação. No entanto, sempre aparecia para me avisar quando eu estava saindo da linha. Ele sempre conseguia afirmar seu controle sem nunca me mostrar seu amor.

Lillie não terá a mesma infância solitária que eu.

Puxando um *post-it*, rabisco rapidamente um bilhete para mim mesmo na frente: *Tempo para Lillie*.

Coloco no quadro de avisos e enfio um alfinete para garantir que não caia.

Todos os dias, não importa como, arranjarei tempo para ela, deixarei claro que por mais importante que seja o trabalho do papai,

nunca será mais importante que ela.

Em segundo lugar: sem sexo com Ruby.

Minha mão vai para o meu estômago e esfrego-o, sentindo-o queimar. Sim, ela é ótima. Seu sorriso aquece minhas entranhas e tudo o que ela faz parece especial. A pior coisa que eu poderia fazer é ter um caso com ela.

Se começássemos um, o que aconteceria quando acabasse? Como ela poderia continuar trabalhando aqui conosco, nos vendo todos os dias e morando na casa? É muito complicado esperar que as coisas voltem ao normal depois de algo assim.

Suponho que isso poderia acontecer, mas não posso arriscar. Não importa o quão forte meus sentimentos sejam por ela, não vou agir guiado por eles.

Não escrevo nada em post-it nenhum, obviamente, mas está decidido.

O rápido ruído de passos nas escadas chama a minha atenção para a minha porta aberta bem a tempo de ver a mulher em questão a caminho do terceiro andar.

Sua saia roxa balança ao redor das pernas até a cintura estreita. Seu cabelo sedoso cai ao redor de seus ombros e seus pequenos seios saltam... *Porra*, eu me inclino para ajustar meu zíper.

Girando rapidamente, deslizo o mouse para frente e para trás para dar vida ao meu Mac enorme. Um grande gráfico de barras coloridas está na tela.

Sim, a análise de mercado é o que eu preciso. A quebra de tesão perfeita...

Eu reoriento meus pensamentos.

Sempre fui bom em desafios. Não há razão para pensar que vou falhar neste.



## Ruby

— **E**spera. Quanto tempo fiquei fora? — A voz de Drew é todo o conforto que eu preciso depois do meu encontro com as cadelas da escola primária que se tornaram mães malvadas da pré-escola.

— Você é uma babá?

Estou andando no meu quarto enorme no terceiro andar.

— E você não vai acreditar no quanto ele está me pagando.

Eu digo, e ela grita novamente.

— São... cento e oitenta *mil* dólares por ano!

— Eu sei! — Ando até as portas francesas de frente para o lago.

— Eu ia me gabar, mas depois pesquisei no Google. A maioria das babás de celebridades ganha cerca de duzentos por ano.

— Então você não é a babá mais bem paga da América. Acho que você terá que continuar procurando por um emprego... — Ela está brincando, mas posso dizer que está impressionada. — Sabe, eu achava que Remi vivia bem, mas porra! Eu não sabia que era tão rico. O que ele é, filho de Bill Gates?

— Não acho que Bill Gates tenha idade suficiente para ter um filho da idade de Remi. Ele tem trinta anos.

— Você já dormiu com ele?

Eu quase engasgo.

— Ele é meu chefe, Drew.

— Bem, você dormiu? — Ela está rindo agora. — Ele é gostoso pra caralho.

— Você nem precisa dizer isso. — Encostada no peitoril da janela, lembro-me dele com os pés descalços e jeans desbotados ontem à noite. — Mas sou prestadora de cuidados infantis profissional.

— Por que isso deveria impedi-la?

— Eu não poderia continuar trabalhando aqui se estivesse dormindo com ele. — Minha voz fica suave e meu estômago se revira com a verdade. — Eu teria que desistir desse trabalho incrível... desistir da chance de finalmente ser independente financeiramente.

Ficamos quietas e, quando ela fala de novo, lembro por que Drew e eu sempre fomos tão próximas. Só ela me entende.

— Então você vai dormir com ele?

Nós duas começamos a rir mais.

— Vou desligar agora.

— Te amo, vadia.

— Te amo mais.

Apenas Drew saberia exatamente a situação em que me encontro — cérebro versus hormônios.

O cérebro não é controlado por hormônios?

Estou em apuros.

Uma olhada no relógio me diz que tenho cerca de uma hora antes de ter que buscar Lillie. Descendo as escadas, paro no patamar do segundo andar e vejo Remi em seu impressionante escritório, franzindo a testa para uma enorme tela de computador. Aqueles olhos castanhos se abrem para encontrar os meus, e o cenho é substituído por um sorriso.

Meu estômago revira novamente.

— Ei! — Ele arrasta a cadeira para trás e fica de pé, caminhando para onde estou esperando. — Você conheceu a professora de Lillie? Ela parece ótima, mas não sei. Qual a sua opinião profissional?

Isso me faz sorrir.

— Ela é incrível. Lillie vai aprender muito este ano.

Ele assente, e eu noto seus pés descalços novamente. Está de jeans, mas desta vez está vestindo uma camiseta marrom que mostra seus braços tonificados. Aqueles bíceps... lembro-me dele levantando Lillie esta manhã no café e como eles se flexionaram. É preciso toda a minha força de vontade para não deixar escapar um suspiro encantado.

— Parecia que algo estava acontecendo com Eleanor esta manhã. — Ele volta ao seu escritório, e eu o sigo, observando sua bunda, imaginando o quanto devo compartilhar com ele sobre minha luta de mais cedo pelo poder de decisões a respeito de Lillie.

Acho que ele disse que Eleanor o estava deixando louco também.

— Eu não quis ter uma discussão com ela no meu primeiro dia aqui.

— Tecnicamente, era seu segundo dia. — Ele para em sua mesa e olha para mim com aquele sorriso de derreter calcinhas. — O que aconteceu?

Do jeito que ele fala, soa quase como uma piada, como se ele soubesse que acontecia o tempo todo. Eu acho que isso deveria me fazer sentir menos culpada.

— Aparentemente, ela separou um vestido extravagante para Lillie usar na escola. Eu não sabia, então deixei Lillie vestir o que queria.

— Eu achei que Lillie estava ótima, exatamente como ela é. Uma princesa sereia.

— Sim! — Agora estou confiante de que ele entenderá. — Acho que eu poderia tê-la feito trocar de roupa. O que ela veste não é tão importante para nós... mas é muito importante para ela.

— Eu acho ótimo como você a trata. É como eu faria.

— Ela é muito parecida com você. É adorável. — As palavras saem perdidas antes que eu perceba o que acabei de dizer.

— Você acha isso mesmo? — Seu sorriso muda de derretedor de calcinhas para algo mais amplo.

Suas mãos tremem, e eu posso me imaginar indo até ele, tocando seu ombro e unindo nossas bocas. Eu me imagino montando em seu colo, ele levantando minha camisa por cima da

minha cabeça, puxando meu mamilo com os lábios... Oh, inferno, eu já estou molhada.

Quero trepar com meu chefe.

Trepar com meu chefe...

Sim, por favor.

— Você não acha que ela é como você? — Minha respiração torna-se superficial e ele se aproxima um pouco.

— Espero que ela não seja.

— Por quê? Qual é o seu problema?

Seu queixo cai, e é como se ele estivesse descobrindo sua alma.

— Você é terapeuta... me diga o que pensa, a menos que isso não seja permitido... Você pode tratar o seu chefe?

— Claro que posso. — *Eu posso?* — O que está te incomodando?

Estamos tão perto, e hoje o perfume dele é menos terrroso e mais parecido com sabão e cheiro sexy de homem. É delicioso.

— É inevitável... Todos nós acabamos nos transformando em nossos pais? — Ele olha para mim com as sobrancelhas erguidas. *Oh, meu bom Jesus*, aqueles olhos.

— Deus, espero que não — provoco gentilmente. — Minha mãe é uma figura... e meu pai, bem... — Não quero entrar nesse detalhe.

— Pais. — Ele respira profundamente. — Não posso ser esse homem... ausente, distante, sempre distraído com o meu trabalho, perdendo a infância de Lillie. Aparecendo apenas para criticar.

O tom em sua voz aperta meu peito, e sua expressão é muito sincera. Isso captura meu coração.

Engulo o nó na minha garganta.

— Bem, eu sei um pouco sobre pais distantes. Você *não* é assim.

— Eu tento não ser. — O músculo em sua mandíbula se move, e ele olha por cima do meu ombro. — Eleanor diz que eu trabalho demais. Diz que estou perdendo os anos mais importantes da minha filha... Às vezes, acho que ela diz isso para me atingir. Quero dizer, tenho que trabalhar ou ficarei para trás. Outros investidores ficarão à minha frente.

Estendendo a mão, toco seu braço. É tão bom, quente e forte.



— Todo mundo tem que trabalhar, Remi. Você não pode se sentir culpado por sustentar sua família.

Ele coloca a mão em cima da minha.

— Eu sempre julgo meu próprio comportamento. Se começar a negligenciá-la ou colocar meu trabalho em primeiro lugar novamente...

— Lillie te ama. Ela fica tão animada toda vez que vê você, o que significa que está fazendo algo certo. — Nossas mãos abaixam. Ele ainda está segurando a minha, e instintivamente nossos dedos se entrelaçam. — Estou aqui há menos de um dia, mas você parece ter um ótimo relacionamento com ela. Parece ser presente... tanto quanto ela precisa que esteja. Eu acho que será bom, caso ela se revele parecida com você...

— Você me avisa se eu a decepcionar? — sua voz soa mais baixa.

— Aviso. — Seus olhos caem para minha boca, e minha língua desliza para tocar meu lábio inferior.

Seu olhar permanece no mesmo lugar, e seus lábios se abrem. Deus, eu quero beijá-lo. Meu estômago se aperta, e eu me inclino para frente, levantando meu queixo. Sua respiração quente toca a minha bochecha...

Está acontecendo.

Nós vamos nos beijar.

Meu coração bate tão rápido. Ele se inclina para mais perto. Meu peito dói com a pressão. Talvez nos encontremos no meio do caminho.

Seus olhos se movem pela minha bochecha como uma carícia, até os meus olhos.

— Não quero te ofender. Espero que você não se importe de eu dizer isso...

— O quê? — a palavra flutua em meio a um arfar.

— Você é tão bonita.

— Você também...

Porque, sim. Sim, ele é.

Ele se inclina um pouco mais perto, e a química que existe entre nós está ali. É fogo, um anel de fogo ardente. Nossas mãos ainda estão unidas, uma conexão elétrica se acende nas pontas dos

dedos. Solto um gemido, um pedido de mais. Estou escorregadia e molhada, vibrante e magnética.

Ele inspira novamente, colocando a mão no meu ombro.

— Você cheira a rosas.

Minha camisa é tão fina que tenho certeza de que meus mamilos rasgarão o tecido. Quero estender a mão e deslizar a pela frente da sua calça, sentir a ereção que sei que ele tem.

Um passo à frente, meu queixo se ergue. Meus olhos se fecham e minha respiração para.

— Ruby! — Eleanor grita meu nome tão alto que nós dois nos separamos.

— Oh, meu Deus — eu sussurro.

— Se você se atrasar para pegar Lillian, eles nos multarão em um dólar por minuto.

Ela está subindo as escadas, quase no patamar, e eu vou até a porta. Remi vira as costas e sai pelas portas francesas abertas para a pequena varanda.

Ele nem sequer me tocou, mas aliso meu cabelo e minha blusa. Estou com calor, incomodada e respirando rápido.

— O que foi? — minha voz está vacilante.

— Aqui está você. — Eleanor faz uma pausa na porta, e seus olhos se estreitam, desconfiados.

Eu passo por ela, saindo para o patamar, sem olhar para trás, para meu chefe.

*Meu chefe.*

Remi é meu chefe.

— Devo ter perdido a noção do tempo — minha voz soa leve, sem fôlego.

Eleanor gira e me segue escada abaixo.

— Você pode acertar seu relógio.

— Essa é uma boa ideia. — Eu levanto meu pulso e bato no meu AppleWatch.

— É um belo relógio. — Ela se inclina para frente e olha por cima do meu ombro. — Fiquei interessada em um deles há um tempo, mas parecia tão caro... — Seu tom deixa claro que ela quer saber como eu pude comprar um AppleWatch. Como se fosse da conta dela. — E eu sou tão velha, você sabe.

— Foi um presente de Natal da minha mãe.

— Ah, claro.

Verificando meu relógio, percebo que tenho vinte minutos para encontrar Lillie.

— Acho que você dirige mais devagar do que eu também.

Ela sorri e seus olhos se estreitam como se estivessem me avaliando.

— Diga-me, Ruby, por que uma jovem educada e atraente como você quer ser babá? Tenho certeza de que há algo que você prefira fazer além de cuidar da filha de outra pessoa.

— Não é algo a ser menosprezado. — Eu já tive essa conversa com minha mãe; agora estou tendo com a Lorde das Trevas. Ou a Lady? Mas, enquanto minha mãe é excessivamente prestativa, Eleanor é manipuladora, controladora e malvada. — Enfim, eu gosto da Lillie. Ela é adorável.

— Nós não precisamos de você.

— Remi parece ter uma opinião diferente sobre o assunto. Ele disse que precisava de ajuda, e eu estou aqui para ajudar. É uma coisa cristã a se fazer.

Não pude resistir a jogar aquele argumento.

As damas da igreja adoram ser mais santas do que as outras.

— Eu conheço você, Ruby Banks. Eu te vi na igreja e você nunca me pareceu particularmente cristã. — Tenho certeza de que ela está tentando me insultar, mas nunca me preocupei com minha reputação em Oakville. — Você conhece RCP?

— Você conhece?

Os olhos dela brilham.

— O que você quer realmente?

Faço uma pausa, considerando sua pergunta, como respondê-la, e decido dizer-lhe a verdade.

— Quero o que acho que todo mundo quer: ser útil, ajudar os outros, ser independente.

— Encontrar um marido?

— Quando for a hora certa. Falando em tempo... Não quero ser multada! — Dou um tapinha no meu relógio e abro um sorriso alegre enquanto saio pela porta.

Boa tentativa, Eleanor.



Remi

**E**stou profundamente envolvido em uma proposta que Stephen me encaminhou sobre um novo desenvolvedor em Manhattan quando ouço cantarem lá embaixo.

Estou de pé, correndo para a cozinha para não perder o almoço. Ao virar, a visão me atinge novamente bem no estômago.

Lillie segue Ruby ao micro-ondas enquanto ambas cantam "Be Our Guest" - outra música de princesa da Disney. Eu conheço esta.

Observando-as, estou completamente hipnotizado e não consigo deixar de lembrar-me do nosso quase beijo há menos de uma hora. Apesar de todas as minhas decisões lógicas e razoáveis, no momento em que me vi sozinho com Ruby, fiquei sem fôlego ao tocá-la.

Chegamos tão perto... Sério, se Eleanor não tivesse nos interrompido, posso garantir que teria feito mais do que beijar Ruby.

A química entre nós é tão forte... Perceber que ela me quer tanto quanto eu a quero só piora as coisas. Agora aqui está ela, dançando e cantando com a minha filha, e eu estou completamente desamparado.

Estou totalmente à mercê dela.

— Não acredita em mim? — Ruby canta, colocando o prato no aparelho e pressionando um botão.

Lillie está logo atrás dela.

— Pergunte à louça!

Ruby segura a mão dela enquanto Lillie se vira, e um sorriso se amplia no meu rosto.

— O que está acontecendo aqui?

— Papai! — Lillie grita e corre para onde estou, pulando em meus braços. — Ruby está fazendo enroladinhos de salsichas! Só que eles não são realmente salsichas. São cachorros-quentes pequeninos!

Minha filha está tão animada que fica pulando no meu colo, e eu olho para Ruby. Ela pisca e suas bochechas estão vermelhas. Não tenho certeza se por minha causa ou da dança.

— São pedacinhos de salsicha enrolados em massa. Espero que esteja tudo bem. — Ela olha para mim e seus olhos estão brilhantes.

— Eu acho que parece gostoso. Tem o suficiente para mim?

A expressão dela se derrete em uma risada genuína, e eu sou um caso perdido.

— Acho que sim. Cozinhei cenouras para acompanhar.

Ela segura uma tigela com cenoura e outra com molho ranch.

— Meu favorito.

Um minuto se passa, o micro-ondas apita e estou à mesa com minha filha, comendo cenouras e ouvindo tudo sobre o dia dela.

— Então Louie disse que as meninas não podiam brincar com soldadinhos de chumbo. Apenas meninos, e eu disse que isso é estúpido. Ele não viu *Mulan*?

Lillie não parou de falar, levando um cachorro-quente pequeno até a boca e tirando a massa dele.

— Olha, papai. Minha salsicha perdeu o cobertor. — Ela começa a rir, e eu sorrio, passando a mão pela cabeça dela.

Ruby não está conosco. Notei que quando nos sentamos, ela saiu da sala. Não sei para onde foi e me incomoda que não esteja aqui.

— Cubra-o novamente. — Beijo a cabeça dela. — Volto já.

A sala de estar está vazia, assim como a sala de brinquedos de Lillie. Estou prestes a subir as escadas quando a vejo do lado de

fora da porta dos fundos, parada no pátio.

Quando passo pela porta aberta, ela parece assustada.

— Eu sinto muito. O almoço acabou?

— Não exatamente. Você não quer algumas salsichas? Eu comi o seu almoço?

Seu nariz bonito enruga.

— Tomei um café da manhã tardio. Estou bem. A propósito, almoçar com a sua filha praticamente confirma que você não é um pai distante ou desapegado.

— É algo que tento fazer todos os dias. Você pode se juntar a nós.

— Eu acho que é melhor você ter esse tempo com ela. — Ruby inclina a cabeça e me dá um pequeno sorriso. — Lillie precisa ter você só para ela.

Não sei por que isso me agrada tanto. Ainda assim...

— O que você está fazendo?

— Tudo bem se montarmos cavaletes aqui? — Ela gesticula em direção ao lago. Uma ponte se arqueia sobre uma extremidade e guindastes ficam embaixo dela. — Essa é uma cena muito legal. Eu gostaria de tentar pintar com Lillie.

— Você pinta?

— Apenas por diversão. — Ela encolhe os ombros, parecendo envergonhada.

— Eu acho ótimo. Adoraria que você desse aulas de arte para Lillie.

— OK. — Ela vai até a porta, e pego a mão dela. Seus olhos voam para os meus, assustados, e eu a solto. — Desculpa. Eu só queria dizer que acho que você está fazendo um ótimo trabalho com Lillie. Espero que você goste de estar aqui.

Seus ombros relaxam, e ela sorri.

— Eu gosto, muito. Mais do que pensei que gostaria.

— Papai? — A voz de Lillie é séria. — Eu terminei o meu almoço. Acho melhor você terminar o seu e voltar ao trabalho.

Ela está de pé nas portas francesas com as mãozinhas nos quadris, e não consigo resistir a pegá-la novamente.

— É isso mesmo? Você acha que eu preciso trabalhar?

Eu lhe faço cócegas, e ela ri. A mão de Ruby vai até a boca, e ela também está rindo. Nossos olhos se encontram, e os sentimentos que nos rondam são muito fortes. Eu ia me desculpar por quase beijá-la. Queria deixar claro que não estou tentando deixá-la desconfortável.

A resposta dela à minha pergunta me dá algum alívio, mas farei questão de resolver as coisas mais tarde, uma vez que Lillie não esteja por perto para entender mal.

Dando uma piscadela para ela, coloco minha filha em pé.

— Acho que voltarei ao trabalho agora.

Ruby estende a mão para ela.

— O que você acha de pintarmos?

E ela recebe a resposta exata que eu esperava. Lillie começa a pular para cima e para baixo, batendo palmas e comemorando. Caminhando para o meu escritório, tudo o que consigo pensar é que é exatamente assim que quero que seja.



## Ruby

**O** jantar com Eleanor é um evento inesperadamente formal. Não recebi o memorando para usar um vestido de baile, por isso apareci com a mesma roupa que vesti o dia todo — minha saia roxa e a camiseta "Stay Gold". Eleanor está vestindo um terninho bege chique com outro daqueles cachecóis amarrados no pescoço.

Lillie mudou sua fantasia de sereia e agora está usando uma versão chique do vestido de baile de A Bela e a Fera. Tem tule dourado brilhante, uma saia cheia e parece mais elegante do que qualquer coisa que possuo.

Remi, lindo de morrer, como sempre, optou por jeans e camiseta, mas colocou um blazer azul-marinho por cima. Quando entro na sala, ele me dá um sorriso arrogante, e eu juro que nunca vou me acostumar.

Todo mundo está em pé atrás de suas cadeiras, olhando para mim.

— Vocês estavam me esperando? — Meu rosto fica quente. — Eu fui...

A frase começa, mas do jeito que Eleanor me encara, as palavras morrem nos meus lábios.



Eu estava no banheiro.

— O que você estava dizendo? — Ela levanta as sobrancelhas, mas eu apenas aceno minha mão.

— Não foi nada.

Tomamos nossos assentos e quase pulo de novo quando uma mulher que não reconheço aparece ao meu lado.

— Beterraba assada com couve orgânica, abacate e um pouco de vinagrete balsâmico.

Uau. Ela se vira para Remi, e eu assisto enquanto um garçom coloca pratos na frente de Lillie e Eleanor. A mulher que me serviu abre uma garrafa de vinho branco e serve Eleanor um copo. Ela para diante do assento de Remi, e ele levanta a mão.

— Eu tenho um pouco mais de trabalho para fazer hoje à noite. Obrigado.

— Você trabalha demais — a voz de Eleanor é condescendente, e eu o vejo arrepiar.

O garçom está do meu lado.

— Nada para mim, obrigada! — Cubro a borda do meu copo. — Eu ainda tenho trabalho a fazer. — Eleanor olha para mim, e eu sorrio. — Lillie não vai se deitar sozinha!

— Honestamente. — Ela balança a cabeça. — Um copo de vinho não vai te machucar. É até bom para você.

— O que é essa coisa vermelha? — Lillie cutuca a beterraba no prato.

— Chama-se beterraba. — Eleanor toca seu pequeno pulso. — Não brinque com sua comida.

Prendendo a respiração, vejo como Lillie apunhala a fatia vermelha escura e a coloca na boca. Seus olhinhos se arregalam, e eu não tenho ideia do que está prestes a acontecer.

— Tem gosto de sujeira! — ela anuncia, e eu mordo meu lábio para não rir.

Eleanor não se intimida, calmamente dando uma mordida na salada.

— E como você sabe o gosto da sujeira?

— Louie nos fez comer terra para provar que podemos ser boas soldadas.

Lillie apunhala outra beterraba.

— Eu posso comer sujeira. Vou ser uma general.

Remi ri enquanto coloca outra porção de salada na boca.

— Não, soldados não comem sujeira, querida.

Eleanor pousa o garfo.

— Embora admire sua coragem, Lillian, você não deve comer sujeira na escola ou em qualquer outro lugar. É assim que consegue vermes.

Meu sorriso é tenso e, embora eu odeie estar do lado de Eleanor, também não quero que Lillie coma terra.

Sua sobrançelha se franze, e ela apunhala a última beterraba vermelha no prato.

— Que tipo de vermes? As minhocas são amigáveis, mas se mexem muito rápido quando você as toca.

Ela levanta uma mãozinha e agita os dedos descontroladamente.

— Vou conversar com a sua professora. — Eleanor bufa, inclinando-se para trás com o vinho enquanto o garçom reaparece para pegar nossos pratos de salada.

— A Srta. Terry diz que a sujeira contém minerais.

Eleanor olha para ela, mas apresso-me em responder.

— É verdade. *Pica* é uma doença em que os pacientes anseiam por comer sujeira e outras substâncias não nutritivas. Os pesquisadores descobriram mais tarde que muitos deles eram anêmicos e deficientes em outros minerais, como ferro e zinco.

— Então você está dizendo que Lillian deveria comer sujeira? — Não é uma pergunta. É uma pequena farpa de Eleanor para mim.

— Claro que não. — Eu forço uma risada. — Só quero dizer que não vai machucá-la.

— Lillian. — Eleanor se vira para a neta. — Eu proíbo que você coma terra.

Lillie olha para mim, e eu assinto.

— Não é uma boa ideia.

A empregada entra na sala com dois pratos de carne e uma nuvem rodopiante de penugem alaranjada.

— Costeletas de porco e purê de batatas doces orgânicas cultivadas aqui no Condado de Pike.

Estou do outro lado da mesa, com Lillie, mas o garçom fica ao lado dela, cortando a carne de porco em pedacinhos antes de sair.

*Bom saber.*

— Isso deve estar ótimo. — Remi corta uma fatia do porco perfeitamente cozido e coloca na boca. — Está delicioso.

A mulher assente e sai da sala.

— Papai e eu comemos enroladinhos de salsicha no almoço! — Lillie anuncia com orgulho enquanto empurra o purê de batata doce ao redor do prato.

Os olhos de Eleanor se arregalam.

— Quem fez isso? Remington?

Ele começa a responder, mas Lillie o interrompe.

— Ruby fez, e eu ajudei! Ruby não é como Tiana. Ela não sabe cozinhar tudo em Nova Orleans.

Meus lábios se pressionam e não tenho certeza se quero rir ou rastejar para debaixo da mesa.

Eleanor coloca o garfo ao lado do prato e olha para mim.

— Você acabou de incentivá-la a comer sujeira. Sabe quantos produtos químicos... quanto sódio há em um cachorro-quente?

— Ruby disse que eram antepastos de salsicha. — Lillie começa a rir, colocando as batatas doces no prato. — Ela falou antepastos.

— Lillian, pare de brincar com a sua comida. É feio. — Eleanor limpa a garganta e se vira para mim. — Talvez devêssemos nos sentar e criarmos um menu para almoços a cada semana.

Remi coloca o garfo ao lado do prato.

— Foi um almoço delicioso, completo, com cenouras...

— E molho ranch! — Lillie exclama.

Eleanor coloca a mão no peito como se fosse desmaiar.

Meus lábios se pressionam em uma carranca, e eu empurro minhas próprias batatas doces. Minha mãe era praticamente uma chef quando eu era criança, mas tudo o que sei fazer são almôndegas e kimchee. A casa de Drew foi onde conheci comida americana e onde comíamos todas as coisas que sei como preparar... nenhuma delas é cultivada ao ar livre ou organicamente.

— Agradeço seus sentimentos sobre uma dieta saudável, Eleanor — continua Remi. — Também aprecio o esforço de Ruby em preparar um almoço divertido para Lillie, mesmo que isso não atenda às suas normas nutricionais.

Ele é incrível me defendendo, e eu lhe dou um sorriso agradecido.

— Remington, você não pode deixá-la comer esse lixo. Muito sódio faz mal ao coração, a diabetes juvenil está em alta, a obesidade é...

— Podemos conversar sobre isso mais tarde.

Olhando para a refeição sofisticada à nossa frente, acho que tortas estão fora da lista. Vou ter que fazer uma pesquisa sobre alimentação saudável e melhorar minha situação um pouco, talvez pedir ajuda à minha mãe. Não quero deixar Lillie doente.

Finalmente terminamos, e levo minha pupila até o lindo quarto dela. É como um cômodo em um palácio, com uma cabeceira ornamentada, edredons grossos e macios e um monte de travesseiros.

Ela tomou banho e vestiu sua camisola da Elsa, procurando um livro para ler enquanto eu pego suas roupas e as coloco em cabides.

— Você tem idade suficiente para pendurar suas próprias roupas agora. — Meu tom é suave e puxo as mangas do casaco dela para fora do corpo. É quando percebo uma bola enrugada no bolso.

Procurando lá dentro, pego três pacotes de ketchup, do tipo que vem de restaurantes de fast-food.

— O que é isso? Onde você conseguiu?

No minuto em que ela me vê, seu rosto fica vermelho de vergonha. Ela corre para onde estou e os tira de mim.

— Não conte a Gigi. Ela nunca me deixa comprar um cachorrinho.

Minha boca se abre, e eu a vejo embaixo da cama com uma caixa de plástico em forma de coração. Parece aquela onde a Rainha do Mal deu ao Caçador para que colocasse o coração de Branca de Neve. paro por um momento para considerar o quão horrível essa história é para as crianças.

Ela abre e está cheia de pacotes de ketchup e mostarda. Estou completamente perplexa com todas essas novas informações. Um *cãozinho*? E que diabos são todos esses condimentos?

— Onde você conseguiu tudo isso? — Passo o dedo pelas pequenas embalagens de papel alumínio.

Ela encolhe os ombros, pegando uma e apertando-a na mão.

— Sinta. — Nós nos sentamos juntas, e eu dou uma apertada. Ela aperta a dela de um lado para o outro em seus dedinhos, sussurrando: — Gigi diz que não posso tê-los.

Pressionando os lábios, penso no quão pequena cientista ela é. Ou um pouco esquisita.

— Você precisa entender sua Gigi. — Sua sobrancelha se ergue, e eu me inclino para mais perto. — Mas eu vou deixar você ficar com eles. Não os coloque em sua cama. Eles podem estourar, e isso faria uma bagunça enorme. Provavelmente teríamos que arrumar uma cama nova.

Ela se inclina para frente, jogando os bracinhos ao redor do meu pescoço.

— Eu te amo, Ruby. Você é minha melhor amiga.

Ele praticamente sela o acordo.

— Eu também te amo. Agora guarde isso e deite-se na cama.

— Talvez, se eu for uma boa menina, consiga um cachorro para o Natal, como a Darling em A Dama e o Vagabundo.

Mordendo o lábio, olho para todos os móveis super agradáveis. Penso nos pisos de madeira polida.

— Você conversou com seu pai sobre ter um filhote?

— Gigi diz que filhotes são muito trabalhosos. Ela diz que são bebês que nunca crescem, e eu sou o bebê por enquanto.

Eu penso sobre isso por um minuto, e por mais que odeie dizer isso...

— Ela meio que tem razão. Os cães dão muito trabalho, e você ainda é muito pequena para ensiná-lo a se portar.

— Você me ajudaria? — Seus olhinhos cor de avelã se arregalam, e eu não vou mentir, isso aperta meu coração. Como posso dizer não a ela?

— Isso não é como os pacotes de ketchup, Lil. Você terá que perguntar ao seu pai. — Seus pequenos ombros caem, e eu a empacoto nos cobertores. — Agora você é um bolinho bem enrolado. — Ela assente lentamente, os olhos ainda abatidos.

Eu solto um suspiro.

— É o seguinte. Se seu pai disser que você pode ter um filhote, com certeza vou ajudá-la.

Sua expressão muda para pura excitação tão rápido que começo a rir. Tenho certeza de que essa pequena vigarista sabe exatamente quão poderoso é o seu par de olhos de cachorrinho.

Lemos uma história rápida e terminamos a noite cantando "Bella Notte", de A Dama e o Vagabundo, antes da oração "Agora eu me deito", então eu apago a luz.

Estou de pé no patamar, tentando descobrir como lidar com essa situação quando noto Remi no andar de baixo olhando para mim. Meu coração dispara e eu vou até onde ele está.

— Você não tem trabalho a fazer? — Não resisto em provocá-lo.

— Estou fazendo um intervalo. — Ele sorri, e sua covinha faz uma aparição especial. — Gosto de ouvir você cantar com ela. Lillie não cantava muito antes de você chegar.

— As músicas são a melhor parte desses filmes.

— Quer tomar um copo de vinho agora?

Parece uma sugestão arriscada, mas não consigo dizer não.

— Eu adoraria.



Remi

**A**s luzes do bairro refletem do outro lado do lago e a lua está cheia.

— Você escolheu uma boa música para hoje à noite. —  
Atravessamos as portas francesas segurando copos de vinho e paro na frente dos dois cavaletes.

A pintura de Lillie é em negrito, linhas pretas e grandes manchas de azul-escuro e claro, mas a de Ruby parece algo digno de uma galeria. É um abstrato delicado com pinceladas curtas e gradientes sutis de cor.

— Isto é muito bom. Você estudou arte?

— Ah, não. — Ela ri e balança a cabeça enquanto toma um gole de vinho. — Meu pai nunca aprovaria algo tão inútil.

— Arte não é inútil.

— Não é algo que Kenneth Banks estivesse disposto a financiar, e eu acreditei em tudo que ele sempre disse que eu era. Sempre me questionando... — Ela se aproxima ao meu lado olhando para a tela, seu cenho franzido. — Mas não se preocupe com isso. Hoje cedo você disse algo que me confundiu.

Ainda estou tentando superar essa pequena revelação que ela acabou de me contar sobre sua infância. Não consigo deixar de me

perguntar o quanto temos em comum.

— Como eu te confundi?

— Você disse que seu pai o criticou. O que, no mundo, ele poderia criticar? Você fez tudo muito bem. Serviu nas forças armadas e depois você foi um enorme sucesso tecnológico... — Sua sobrancelha escura se enrugou, e ela parece quase protetora... ao meu respeito. Isso me deixa completamente desconsertado.

Meu pai não é o meu tópico favorito, mas estou intrigado com o interesse dela.

— Tive sucesso porque segui o plano que ele aprovou.

— Você está dizendo que havia um plano alternativo? — Seus olhos se estreitam, mas um sorriso aparece em seus lábios, aqueles lábios cheios, beijáveis e rosados.

— Um plano que meu pai chamou de absolutamente ridículo. — Olhando para baixo, eu pigarreio. Muitas pessoas não conhecem essa parte da minha história. — Eu queria ser cantor.

Seu queixo cai e seus lindos olhos se arregalam.

— Mentira.

— É verdade. — Eu ando e me sento no sofá no centro do pátio.

Ela me segue e senta-se na mesa na minha frente, animada.

— Você sabe cantar?

— Eu tive uma banda na faculdade... por pouco tempo. Até Howard descobrir. — Tomo um gole de vinho seco. — Naturalmente, ele ficou horrorizado.

— Suponho que Howard seja seu pai. — Eu assinto, e seus lábios se pressionam em um sorriso de reconhecimento. — Isso explica tudo.

— O que foi?

— Lillie tem um ótimo ouvido para música. Ela nunca sai do tom e mantém o ritmo constante, mesmo *acapella*. Isso é ótimo para uma criança de quatro anos.

Não é o que eu esperava, embora goste de ouvir.

— Eu pensei que todas as crianças pudessem cantar essas músicas. Todas parecem saber.

— Hum, não. A maioria das crianças pequenas desafina muito. Lillie é especial. — A voz dela fica suave. — Como você.



Um elogio inesperado. Isso faz minha mente voar por aqueles velhos e familiares desejos, mas ela muda de direção rapidamente.

— Em que tipo de banda você tocava? Rock?

— Country.

Ela quase engasga com o gole, cobrindo a boca e rindo.

— De jeito nenhum!

— Sim.

— Você é um homem muito imprevisível, Remington.

— Me chame de Remi. — Eu dou uma piscadela para ela e esfrego meu copo. — Tenho certeza de que você não conheceria uma única música de nosso repertório.

— Ah! É aí que você pode estar errado. — Ela aponta o dedo enquanto também me estende o copo. Pego a garrafa e o encho. — Minha mãe é uma grande fã de country. Foi assim que recebi meu nome.

Agora é a minha vez de me surpreender.

— Você se chama assim por causa da música de Kenny Rogers?

— Sim, de fato. Minha mãe adora. Ela é fascinada pelo tema da guerra asiática.

— É meio deprimente. — Bebo meu vinho, pensando nas letras. — Ruby deixa seu marido aleijado em casa para passear pela cidade.

— Primeiro, não fica claro que ele era marido dela. — Ela começa a contar pelos dedos de uma das mãos enquanto com a outra segura o vinho. Absolutamente adorável. — Segundo, uma mulher da idade dela tem desejos e necessidades.

— Ainda assim, ela o deixa para... encontrar seu amor na cidade. — Eu levanto uma sobrancelha, e ela levanta a dela enquanto toma um gole de vinho. — Deveríamos jantar com a sua mãe. Eu gostaria de discutir o nosso amor compartilhado por Kenny.

— Você ama Kenny Rogers? — Ela me lança um olhar cético, e eu pego a mão dela, cantando a primeira linha da música dele:

— *Everyone considered him the coward of the county...*

Ela ri, e é meio mágico. Estamos no quintal, sob as estrelas, cantando, bebendo vinho sob a lua com o lago brilhando atrás de nós. Eu quero que ela se sente mais perto, para que eu possa

colocar meu braço em volta de seus ombros e puxá-la para mim, beijar sua cabeça, seus lábios...

— Minha música favorita é: The Gambler.

— *He made a life out of reading people's faces.* — Eu estudo o rosto dela, perguntando-me se estou lendo certo. Se...

— Eu achei estranho como eles criaram uma série de TV inteira com essa música. É muito triste. Ele morre — ela sussurra essa parte como se fosse um segredo.

— Ele se despedaçou.

Uma brisa passa, afastando uma longa mecha escura de seu ombro. O queixo dela cai, e eu estou fascinado. É tão bonita. Quando olha para mim novamente, seus olhos estão profundos, como se estivesse pensando em me dizer algo.

— O que foi?

— Você disse que não quer ser como seu pai, mas quando canta, ouve sua filha cantar e adora isso, já não é como ele.

Suas palavras inundam meu peito com calor.

— Você disse que vai me ajudar a ter certeza de que não sou como ele.

— Eu vou. — Ela sorri e fica de pé. — Se eu conseguir te enxergar perfeitamente.

Levanto-me também, e ficamos frente a frente, muito perto novamente.

— O que isso significa?

Ela coloca a mão no meu peito.

— Isso significa que você tende a obscurecer minha visão.

Coloco minha mão sobre a dela, amando o fluxo de eletricidade entre nós.

— Como faço isso? — minha voz é baixa, confiante.

— Você é um bom homem, Remi, e é tão gentil com sua filha. — Seu queixo se levanta e a lua banha seu rosto em prata. — Quando você olha para mim, acho muito difícil ser objetiva.

— Decididamente, gosto de olhar para você. É tão bom

Ela solta uma risada, dando um passo para trás.

— Cante sua música favorita de Kenny Rogers.

— Uau... tudo bem ... eu tenho que pensar nisso. — Coloco meu copo de vinho na mesa, lembrando nossa conversa, as

coisas que ela disse. — *She believes in me. I'll never know just what she sees in me...*

Começo a cantar, e seus olhos se fecham.

— Hum... isso é legal. Você tem uma voz incrível.

Seus olhos se abrem lentamente e, quando encontram os meus, quero levá-la para o meu quarto.

Sou pego de surpresa pelo que ela faz a seguir. Dá um passo à frente, e a mão no meu peito desliza mais alto para o meu colarinho. Ao mesmo tempo, coloca a outra mão na minha bochecha. Antes que eu esteja totalmente ciente do que está acontecendo, ela fica na ponta dos pés e pressiona levemente aqueles lábios carnudos e cheios nos meus.

É um beijo de boca fechada, mas levo minhas mãos a ela de uma só vez, puxando-a para mais perto, deslizando-as para segurar seu rosto, enfiando meus dedos em seus cabelos sedosos, enquanto abro sua boca com a minha.

Ela deixa escapar um som quando nossas línguas se tocam e se embolam, e o calor inunda meu torso, centralizando-se na minha pélvis. Fico instantaneamente duro, e... *Deus, eu a quero na minha cama.* Ruby tem gosto de vinho seco caro e cheira a céu.

Deslizando meus braços ao redor dela, não posso deixar de notar como se encaixa perfeitamente no meu corpo, ombro, peito e estômago. Eu persigo outro beijo mais profundo, mas ela vira o rosto, pressionando as palmas das mãos contra mim.

Eu a solto imediatamente e, quando ela olha para cima, seus olhos estão cheios de emoção.

Ela pisca rápido, virando-se novamente.

— Eu sinto muito. Não quis te assediar. — Seu tom muda para um humor instável. — Devo estar um pouco bêbada.

— Acho que o assédio sexual envolve uso de força ou poder, e você só tomou um copo de vinho.

— Agora você é advogado? — Ela segura a cadeira e contorna os cavaletes, seguindo rapidamente para a casa.

Não estou pronto para deixá-la ir embora.

— Espere... aonde você está indo?

— É hora de ir andando. Ou talvez correndo. — Ela solta uma risada nervosa.

— Eu não quero que você vá andando.  
— Você está certo, é melhor eu correr.  
— Ruby, espere. — Eu pego a mão dela, impedindo sua saída.  
— Por que você está fugindo de mim?

Minha mão vai para a cintura dela, e eu a puxo contra o meu peito. Bem onde ela pertence.

Ela estende a mão e toca o centro do meu lábio superior com o polegar, deslizando-o para baixo.

— Eu queria te beijar desde a primeira noite... — Então ela balança a cabeça. — Mas você é muito tentador, Remington Key. Vai estragar tudo.

— O que eu vou estragar? — Pego sua mão, que toca meu rosto, segurando-a na boca e beijando aqueles dedos finos.

Ela morde o lábio enquanto me observa.

— Meus planos... meus objetivos. — Ela tira as mãos das minhas, e meu estômago se aperta. — Obrigada pelo vinho. Está tarde.

Eu assisto enquanto ela desaparece dentro de casa. Seu beijo ainda está quente nos meus lábios, e posso sentir seu corpo próximo ao meu, o cheiro de seu cabelo ao meu redor.

Ruby diz que sou tentador demais. Ela não tem ideia de como é para mim. Não tenho certeza de como ficaremos depois desse beijo. Não tenho certeza se quero saber...



## Ruby

— **É** oficial. Eu sou minha própria pior inimiga. — Caio no sofá no escritório de Drew, esfregando os dedos na testa.

— Sinto que já tivemos essa conversa antes... há apenas uma semana, na verdade. — Drew está sentada atrás de sua mesa, digitando as anotações de um cliente em seu computador. Eu a vi fazer isso mil vezes.

Hoje de manhã, fui direto ao escritório dela depois que deixei Lillie na pré-escola.

Assim que Lillie acordou, eu a vesti e saí pela porta. Dirigimos para o único McDonald's em Oakville e comemos Egg McMuffins. *Chupa, Eleanor*. Então, na saída, peguei mais dois pacotes de ketchup para que Lillie não dissesse onde comemos.

A última coisa que eu queria era esbarrar em Remi depois que o ataquei ontem à noite. Deus, aquele beijo... Meus dedos dos pés ainda se curvam com a memória de sua boca, sua língua... não apenas isso, seus braços em volta de mim, segurando-me tão perto, beijando meus dedos. Sua voz quando ele canta. Tive que ir direto para o chuveiro e ligar a água fria com força total...

— Agora estou subornando crianças pequenas com pacotes de ketchup.

— Não consigo nem adivinhar o que isso significa. — Minha melhor amiga fecha seu bloco de anotações amarelo e volta sua atenção para mim. — Fale rápido. Hunter estará aqui em quinze minutos.

— Oh, dane-se Hunter e suas histórias de Watergate! — Estou de pé, ainda esfregando minha testa. — Eu tenho um problema real. Um que não envolve Richard Nixon ou os cubanos.

Hunter é um dos nossos clientes compartilhados — ou eu acho que *era* um dos nossos clientes compartilhados. Eles são todos de Drew agora. Ele tem uma obsessão paranoica com a vigilância do governo.

Seus lábios se abrem em um sorriso sábio, e ela assente.

— Você transou com Remi.

— Nããão! — Caio de bruços, enterrando o rosto nas mãos. — Mas teria transado. Eu com certeza queria. É apenas uma questão de tempo até que eu faça isso, e depois estragarei tudo.

Drew joga a caneta na mesa e se recosta na cadeira.

— O que aconteceu?

— Eu o beijei.

— Oh. — Eu ouço o chiado da cadeira dela enquanto se inclina para frente e cuidadosamente viro minha cabeça para encontrar seus olhos. — Isso é sério.

— Sim? — Balançando as pernas, coloco-me de pé, andando de um lado para o outro. — Beijar é quase pior que sexo... é como em *Uma Linda Mulher*. Nunca beije um cliente.

— É definitivamente mais íntimo. Vocês estão íntimos, respirando o ar um do outro, narizes se tocando, deslizando suas línguas juntas... seus corpos unidos.

— Drew!

Ela começa a rir.

— Foi um bom beijo?

— Oh, Santa Maria... — Jogo-me de volta no sofá. — Foi o melhor beijo de todos os tempos. Acho que estou apaixonada por ele.

— Você o conhece há três dias. Não está apaixonada por ele.

— Você já o viu com a filha? É a coisa mais adorável. — Envolver meus braços em torno da minha cintura e caio para o lado. — Acho

que ele pode ser o homem perfeito.

— Ninguém é perfeito. — Ela está usando sua voz de terapeuta.  
— Você está idealizando-o, e sabe que isso significa que está se preparando para uma desilusão.

— Ele canta.

A voz de terapeuta se foi.

— O que isso significa?

— Isso significa que ele é um cantor. Era vocalista em uma banda country na faculdade. E a voz dele... — Estremeço. — É como manteiga.

— Hã. — Drew inclina a cabeça para o lado. — Eu não tinha ideia de que Remi cantava. Isso é muito legal.

— Então agora você está pensando que pode ser uma idealização apropriada? — Balanço a cabeça, parecendo como um *eu avisei*.

— Acho que teremos que levá-lo ao karaokê na próxima vez que eles fizerem isso no Red Cat.

— Eles fazem karaokê no Red Cat?

— É algo novo que estão começando, agora que todos os universitários estão vindo de Charleston. Gray me contou, aparentemente Billy contou a ele.

— Oh, merda, eu sou péssima. — Levanto-me e ando até a mesa dela novamente. — Fiquei tão nocauteada com este tsunami chamado Remi que nem perguntei. Como estão as coisas com Gray?

— Tudo bem, vou deixar isso passar. — Ela bate a caneta no bloco de notas. — Porque você está certa. Remi meio que surgiu do nada.

— Então, o Gray voltou... e as coisas estão boas?

Um sorriso curva seus lábios, e a luz em seus olhos faz minhas preocupações pessoais ficarem momentaneamente de lado. Adoro ver minha amiga tão feliz — especialmente depois de toda a merda pela qual passou, por quanto tempo ela esperou e de todos os idiotas que tentaram destruir sua felicidade.

— Parecem estarem boas. — Dou uma piscadela para ela. — Você está brilhando.

Ela pressiona os lábios e faz uma cara sorrateira.

— Estou brilhando, mas não apenas porque estou muito feliz.

Demoro um segundo para compreender, mas quando o faço, digo:

— Puta merda, você está grávida? — Minha voz é um grito agudo e me coloco de pé, pulando para cima e para baixo. — Você está grávida!

Ela começa a rir e se levanta da cadeira, me abraçando.

— Eu estou.

— Vamos fazer um chá e escolher todas as roupas fofinhas de bebê... O que você está sentindo?

— Ainda não sei. É super cedo, então não conte a ninguém. — Ela se apoia na mesa e sua expressão desanima um pouco. — Eles dizem que nas primeiras seis semanas tudo pode acontecer.

Não quero ouvir nada disso.

— A única coisa que vai acontecer é que vamos nos divertir! Mal posso esperar... e me informe se precisar de ajuda com alguma coisa. Lillie vai para a escola todas as manhãs, e eu posso ficar com você. — Meus lábios se curvam, e eu assinto. — Pode ser realmente útil não ficar zanzando pela casa quase todas as manhãs.

— Você não tem coisas para fazer? Ele não pode pagar todo esse dinheiro para você ficar só com Lillie.

— Tudo é baseado nela. Eu a alimento, troco de roupa, ajudo-a a tomar banho, faço pequenas atividades com ela, lavo a roupa...

— Que trabalho adorável!

— É por isso que eu não posso estragar tudo. — Andando para pegar minhas coisas, tenho uma ideia. — Talvez, se eu tivesse meu próprio lugar. Eu poderia pagar... Porra, na próxima semana.

Ela reorganiza o caderno e a caneta, preparando-se para o próximo cliente.

— Ele vai aceitar isso? Pensei que ele tivesse te contratado para você estar lá à noite, caso ela precisasse de você.

Mordendo meu lábio, jogo minha bolsa por cima do ombro.

— Acho que vou ter que perguntar. — Ouço o barulho das pessoas no saguão e dou um beijo nela. — Obrigada, amiga. Vá com calma e me conte tudo o que acontecer com o novo bebê. De quanto tempo você está?

— Cinco semanas.



— Então, na próxima semana, podemos contar a todos? Estou animada.

Ela assente, balançando a cabeça e rindo.

Digo olá a Hunter na saída, e ele me estuda com a expressão sempre séria.

— Você parece muito feliz hoje. — Seus olhos se movem ao redor do meu rosto, e espero uma comparação com Martha Mitchell ou Dorothy Hunt. — Talvez você não devesse ser terapeuta.

Assentindo, dou um tapinha em seu braço.

— Ou talvez eu seja um tipo diferente de terapeuta.

— Existem cinco abordagens amplas para a psicoterapia.

Drew surge na porta.

— Hunter, sua consulta já começou.

Ele me diz um adeus rápido e vai até a porta dela. Dotty é a recepcionista da clínica. Ela balança a cabeça quando Hunter se afasta, e eu aceno rapidamente antes de ir para a porta.

— Avise-me se ela precisar de algo ou começar a parecer cansada.

— Algo errado? — Ela franze a testa, e eu faço um pequeno movimento de zíper nos lábios.

— Você saberá em breve.

— Sinto sua falta por aqui!

Não quero dizer que Hunter está certo e que eu realmente não sinto falta de conversar com os pacientes. Em vez disso, dou-lhe um abraço e ponho-me a caminho para buscar Lillie.

O resto da semana continua praticamente do mesmo jeito. Eu saio com Lillie antes de todo mundo acordar, comemos Egg McMuffins, e eu pego seus pacotes extras de ketchup.

— Ovos são ruins para mim? — Lillie brinca com a fatia de queijo ao lado de seu ovo perfeitamente redondo.

— Depende de como as galinhas são criadas. — Não que eu tenha cem por cento de certeza de que os ovos em nossos sanduíches de café da manhã sejam reais.

É melhor que Taco Bell, eu acho.

— Como as galinhas são criadas? — Ela franze as sobrancelhas, e eu não vou entrar na ética da criação de aves com ela.

— Algumas pessoas preferem obter ovos de galinhas que circulam em fazendas. São chamadas de galinhas caipiras.

As sobrancelhas dela se erguem.

— Como em A Fuga das Galinhas? Todas elas fizeram um grande avião de suas gaiolas e voaram para um vale.

Não estou muito familiarizada com esse filme, mas me parece bom.

— Com certeza.

— Eu gostaria de ter uma galinha. — Ela passa os dedos ao longo do pacote de ketchup, para frente e para trás, apertando o conteúdo enquanto o toca.

Primeiro um filhote, agora uma galinha... Isso me dá uma ideia.

— Por que não plantamos uma pequena horta no quintal? Você pode cultivar beterraba, couve chinesa e brócolis...

— Eu amo brócolis! — Ela pula da cadeira.

— Eu sei. — Pegando um guardanapo, limpo uma mancha de gordura da bochecha dela. Não podemos continuar fazendo isso, eu sei. — Quando tivermos uma colheita, podemos comer nossos alimentos no jantar. Ou no almoço.

Por falar em jantar, mesmo que eu estivesse quieta, isso não impediu Remi de me lançar olhares quentes do outro lado da mesa. Ele me deu espaço desde aquele beijo incrível que compartilhamos... ou eu o estava evitando como uma louca. Toda vez que ele sorri, minha pele formiga e meu cérebro diz: *Oh, merda.*

Ainda assim, não posso evitá-lo para sempre.

Ela pula da cadeira novamente.

— Podemos fazer isso hoje?

— Não sei se podemos começar hoje, mas podemos procurar por uma boa localização depois do almoço. Verei o que posso encontrar no centro de jardinagem enquanto você estiver na escola.

Coletamos nosso lixo, e eu a acompanho até a lixeira. Acabei de afivelar seu cinto de segurança, em seu assento auxiliar na parte de trás do meu carro, e ela está alegremente apertando um pacote de ketchup quando de repente se ilumina.

— Vou dizer ao papai que quero um filhote!  
Isso me dá outra ideia brilhante.



Remi

**L**illie aparece na minha porta carregando uma cesta.  
— Ruby disse que vamos fazer um piquenique!  
Ela entra como se estivesse em uma missão, eu pulo e corro para a porta, olhando para fora, ao redor.

— Onde está Ruby?

Eu juro, ela esteve se esquivando a semana toda e, embora eu esteja trabalhando muito, isso me deixa meio triste.

— Ela disse que está procurando um bom lugar para a nossa horta.

Hoje minha filha está vestindo uma calça preta enorme com grandes bolinhas brancas e uma camisa branca que tem um nariz e bigodes longos. Ela está adorável, e sua personalidade brilha. Eu amo isso.

— Uma horta? Parece divertido. O que fez você pensar em criar uma horta?

— Ruby disse que podemos cultivar beterraba, brócolis e comida chinesa.

— É sério? — Eu começo a rir. — Não sabia que a comida chinesa crescia em hortas.

Ela está lutando com uma toalha duas vezes maior do que ela, e eu vou até onde está se instalando, no meio do meu escritório. Pego a toalha e a abro pelo chão.

— Eu gostaria de fazer um piquenique com vocês. O que há na cesta?

Minha filha se senta na toalha e pega dois recipientes de plástico.

— Eu ajudei a preparar. — Ela me entrega um envoltório de tortilla verde cheio do que parece ser salada de atum. — E devo te dizer que é atum orgânico... — O rostinho dela se contrai como se estivesse tentando se lembrar de suas falas. — Leva E-C-A-B e um pouco de sal e pimenta.

Eu toco o nariz dela.

— Você quer dizer A-E-V? Azeite Extra Virgem?

Seus olhos reviram, e ela inclina a cabeça para trás.

— Eu disse que era muito difícil de lembrar.

— Você fez um ótimo trabalho. — Inspeciono nosso almoço muito saudável, completo com leite orgânico em copos com tampas de plástico e canudos de metal. Orgânico, ambiental... Ruby aprende rápido. Não vejo nada do que Eleanor possa reclamar.

Lillie mergulha, dando uma grande mordida. Também temos pequenos recipientes com fatias de pepino, sem molho ranch. Abro a tampa do copo dela e deslizo o canudo para dentro antes de entregá-lo.

— Ruby não pode beber leite. — Minha filha dá um longo gole. — Ela é galáctica int... — Uma expressão preocupada cruza seu rosto.

Cubro minha boca com um guardanapo e engulo minha risada.

— Intolerante à lactose.

Ela balança a cabeça.

— Não foi o que ela disse.

— Oh, não? — Eu sorrio com o quão séria e crescida ela parece.

Estamos sentados de pernas cruzadas um à frente do outro, e meu peito se aquece enquanto vejo minha menininha mordiscando alegremente uma fatia de pepino. É inegável. Ruby estava certa sobre uma coisa. Meu pai nunca parava o que estava fazendo para almoçar comigo. A verdade é que se visse aquele pequeno

querubim com seus cachos dourados divididos em maria-chiquinhas, talvez ele tivesse parado. Quem poderia resistir a Lillie? Ou a Ruby, aliás.

— Como foi hoje na escola? — Faço uma careta brincalhona. — Nada de comer terra, espero.

Seus olhos permanecem fixos em sua comida, mas ela balança a cabeça.

— Não quero um verme na minha barriga.

— Bem, eu não quero que você fique doente. Não tenho certeza sobre a parte do verme.

A cabeça dela se inclina para o lado, e a testa franze.

— Se plantamos nosso jardim na terra suja e depois comemos brócolis, como é que não conseguimos vermes dessa maneira?

— Nós lavamos primeiro. — A mecânica da drenagem e a eliminação moderna de resíduos é muito complicada para debater em um piquenique com minha filha de quatro anos.

Ela pensa por um minuto e depois assente lentamente, parecendo satisfeita com essa resposta. Mastigamos por mais alguns minutos e sinto-a me observando. Eu olho e ela está me dando um sorriso fofo.

— O que foi?

— Eu tenho uma pergunta muito séria para fazer, papai. — Ela termina seu último pedaço, e eu pego um guardanapo para limpar suas mãos.

— Ok... — Eu não tenho ideia do que está por vir.

— Eu quero um filhote. — Ela fica parada por um segundo, olhando-me com aquele sorriso firme.

— É sério? — Olhando em volta, tento imaginar como seria ter um cachorro em casa. Não sou totalmente contrário à ideia. — Você falou com Ruby? — Não sei por que isso importa...

— Ruby diz que tenho que ser muito responsável para ter um animal de estimação. Ela diz que preciso perguntar a você. — Minha filha se arrasta sobre o cobertor e coloca a mão na minha perna. — Posso ter um filhote, papai?

Olhos castanhos redondos piscam para mim e tenho que largar a comida. É como se um punho invisível me desse um soco direto no estômago. Como eu poderia dizer não a esse rostinho?

— Eu... bem, eu não sei, querida. — *Merda*. Não consigo sequer pensar em ter um cachorro sem falar com Ruby. Por que estou pensando assim? Por que a opinião de Ruby é tão importante para mim? — Precisamos fazer uma pequena pesquisa primeiro. Certifique-se de que ninguém é alérgico.

— Como Ruby, que não pode beber leite?

— Sim, isso mesmo. Você já terminou? — Ela assente, e eu rapidamente pego os pratos, enfiando tudo na cesta. — Estou pronto para encontrar a babá ausente. — Leve seu leite.

Lillie sai à minha frente correndo enquanto desço as escadas. Todos os dias pequenas coisas mudam por aqui. Eu assisti às pinturas delas ficarem mais detalhadas até presumir que tinham terminado. Procurava por Ruby todas as manhãs para dizer-lhe o quanto gostava delas e ficava frustrado ao descobrir que ela parecia economizar as palavras cada vez mais.

Quando a encontramos no pátio, meu estômago revirou e uma onda de desejo surgiu no meu peito. Talvez ela estivesse certa em ficar longe? Eu não esperava me sentir assim. Estou ciente de quanto tempo faz desde que toquei uma mulher. Quatro anos...

— Ruby! Papai disse que precisamos conversar com você sobre o filhote!

Quando ela olha para cima, eu juro, é quase demais. Ela está vestindo calças pretas e uma camisa branca enorme, que se dobra como uma bata sobre sua barriga. Seu cabelo comprido está preso em um rabo de cavalo, e ela parece com ar fresco, sol e tudo de bom. Eu quero ir até ela, puxá-la para os meus braços e devorar aqueles lindos lábios rosados novamente.

Suas bochechas ficam vermelhas quando me vê, mas ela se agacha na frente da minha filha.

— Por que ele disse isso?

— Ele disse que você pode ser alérgica! — Lillie está falando tão alto, e posso dizer que está animada. Não tenho certeza se estamos prontos para um animal de estimação, mas dizer que não será difícil.

— Eu não sou. — Ruby olha para mim enquanto caminho até eles. Ela rapidamente pega uma das minhas velhas camisas de botão e começa a colocá-la na minha filha.

— Eu disse a ela que precisávamos fazer alguma pesquisa. — Vejo seus dedos tremerem um pouco. Ela está nervosa? Quero cobrir essas mãos com as minhas e dizer-lhe que não tem motivos para estar. Eu nunca vou machucá-la.

— Seu pai está certo, Lil. Precisamos fazer alguma pesquisa. Eleanor pode ser alérgica.

— Aww! — Lillie mistura um gemido com batidas de pés, e observo Ruby pegar um pequeno par de luvas de jardinagem.

Estendendo a mão, dou um pequeno puxão no rabo de cavalo da minha filha.

— Eu nunca disse que amo sua roupa de gatinha.

O sorriso de Lillie é apenas indiferente e ela pega uma pequena espátula.

Ruby fala com ela suavemente, dando-lhe um pequeno empurrão.

— Agradeça ao seu pai.

A resposta da minha filha é fraca.

— Obrigada.

— Lillie, não aja assim. Você tem tantas coisas legais — Ruby começa, mas eu toco o braço dela.

Seus olhos encontram os meus, e eu balanço minha cabeça.

— Suas pinturas terminaram? Fiquei olhando para elas a semana toda. Acho que você tem talento de verdade.

Isso distrai Lillie, e ela começa a me contar sobre pinceladas, mostrando-me como sacudir o pincel para parecer uma folha ou uma nuvem. Ela é claramente uma iniciante, mas vejo Ruby observando-a e sorrindo orgulhosamente. É apenas mais um motivo da minha crescente lista de por que estou me apaixonando por essa mulher.

Por mais que Eleanor passe seus dias se preocupando com o que minha filha come e veste, estou tentando me lembrar se alguma vez a vi dar um passo para trás e simplesmente observar Lillie fazendo as coisas com tanto orgulho quanto Ruby.

Já é sexta-feira antes que eu consiga falar com Ruby sozinho.



Os jantares se nivelaram a conversas mundanas — o clima, atividades pré-escolares, a perspectiva de uma colheita no outono. Eleanor não tem tantas farpas para jogar desde que Ruby começou a preparar almoços mais saudáveis, embora os detalhes do café da manhã ainda fossem um pouco incompletos.

Se eu não soubesse, diria que minha filha está tentando ser sorrateira, o que apenas desperta ainda mais a minha curiosidade. Naturalmente, interfiro quando Eleanor fica muito insistente.

Joguei no ar a ideia de que minha sogra precisa encontrar um lugar para morar, à qual ela respondeu como eu esperava: em choque, consternação, preocupação com Lillie e com suas finanças. Não me importo de pagar todas as despesas da Eleanor. Eu me importo que ela esteja em minha casa, pairando sobre Lillie e se intrometendo nos meus assuntos.

Tudo isso está em minha mente quando me vejo do lado de fora da porta do quarto de Ruby. *O que estou fazendo aqui?* Depois do jeito que ela agiu na segunda-feira, decidi que ela precisava de espaço. Aquele beijo foi incrível. Ele esteve em minha mente a semana toda, distraíndo-me do meu trabalho, fazendo-me pensar em todas as maneiras possíveis de podermos agir com base nesses sentimentos.

Também fiquei intrigado sobre o que ela disse... *Você vai estragar tudo.* Que planos ela tem medo de que eu estrague? Ela já está pensando em nos deixar depois de um mês? Faz apenas uma semana e não consigo imaginar esta casa sem ela.

Meus músculos estão tensos quando respiro fundo e bato suavemente. O quarto dela está quieto... sem resposta imediata, então bato de novo.

Do outro lado da porta, ouço sua voz hesitante.

— Quem é?

— Sou eu... Remi. Eu gostaria de falar com você, pode ser?

A porta se abre pela metade, e eu tenho que recuperar o fôlego. Ela está vestindo uma túnica verde e sedosa e, possivelmente, nada mais. Seu cabelo está solto, pendendo em ondas longas em volta dos ombros, e ela é sexy pra caralho.

Meu estômago se revira, e tudo que consigo pensar é em tocá-la, deslizar minhas mãos por toda a pele, segurar seus seios e girar

seus mamilos erigidos entre os dedos.

— Está tudo bem? — Ela está falando em um tom pouco acima de um sussurro, e lembro que minha filha está no final do corredor.

— Sim, eu queria... eu... — *O que eu quero?*

Quero continuar de onde paramos na segunda à noite. Quero beijá-la com força e carregá-la pelo quarto, deitá-la na cama e abrir suas coxas. Eu quero me perder nela, provando-a, provocando-a, depois mergulhando fundo, sentindo-a desmoronar ao meu redor enquanto se desfaz, gritando meu nome.

— Desculpa. Eu só estava pensando. — *Fiquei obcecado por você a semana toda* seria o mais correto a dizer. Pigarreio, passando a mão sobre a boca. — Lembra-se de segunda-feira, quando estávamos conversando e você disse algo sobre o seu pai, como ele te fez duvidar de si mesma?

— Oh. — Os ombros dela caem. Ela parece relaxar, dando um passo para trás, para dentro de seu quarto. — Sim, meu pai se destacou por isso. Nós temos algo em comum. Meu pai foi a primeira pessoa a camuflar minhas aspirações artísticas.

Seu tom irônico me faz relaxar, e eu entro, fechando a porta e me colocando de costas para ela.

Para não acordarmos Lillie, é claro.

— Você não deve deixar isso acontecer. É uma artista incrível. Acho que você deve fazer o que quiser. Confie nos seus instintos.

A sugestão de um sorriso está em seus lábios.

— Confiei em meus instintos vindo aqui. Depois, mostrei todas as minhas más habilidades de tomada de decisão.

Meu rosto apresenta uma carranca.

— Eu não vi você tomar uma decisão ruim ainda.

— Eu tomei duas. Uma, na segunda à noite. — Seus olhos encontram os meus, e sua voz está baixa. — Eu nunca deveria ter te beijado. Sinto muito. Foi tão pouco profissional.

Agora é a minha vez de sorrir. Ela parece estar confessando um grande pecado, não um simples beijo.

Ok, aquele beijo não foi simples.

Foi sexy como o pecado, e eu quero repeti-lo mil vezes.

Se ela estiver de acordo com todos os beijos, é claro.

— Eu não estou usando isso contra você. — Afastando-me da porta, diminuo o espaço entre nós. — Estava preocupado quando você se afastou naquela noite. Você disse algo sobre eu estragar tudo? Sobre o que estava falando?

— Não foi justo da minha parte dizer isso. Especialmente porque tenho sido irresponsável e agido de forma inadequada. Você não fez nada.

Estendo a mão para tocar seu rosto.

— O que você fez de inadequado?

Ela dá um passo para trás e fica contra a parede.

— Nada ainda... é mais o potencial que existe, e eu não posso... estragar tudo. Tenho coisas que quero fazer, dívidas a pagar, e gostaria de ter minha própria casa, talvez estudar algo diferente.

— Acho que tudo isso parece ótimo, exceto a parte de conseguir sua própria casa. — Meu peito se aperta, e me pergunto novamente se ela vai nos deixar depois de um mês. — Você não gosta daqui?

— Claro! É uma casa linda, e este quarto é lindo. — Ela gesticula para o quarto bege, que noto que ela não redecorou. — Você foi tão generoso comigo. Espero atender às suas expectativas. Como babá, quero dizer.

Ela está brincando comigo? Será que não vê como é incrível? Quanto Lillie a ama?

— Você excedeu minhas expectativas. É uma babá incrível. Não sei como encontrei alguém tão boa.

Um sorriso genuíno curva seus lábios.

— Obrigada. Ainda estou aprendendo, mas Lillie facilita. — Seu queixo cai e ela olha para mim com aqueles olhos incríveis. — Você também. É um ótimo chefe.

O jeito como ela olha para mim, parada e vestida naquele roupão, com seus lindos cabelos em volta dos ombros, seus lábios rosados me fazendo lembrar como são macios... Deslizo minha mão no bolso, esforçando-me para amenizar a pressão que sinto no meu pau.

— Bom. — Eu me concentro nas palavras dela. — Sou seu chefe. — Tenho que ir.

— Remi, espere... — Ela coloca a mão no meu braço, falando baixinho. — Isso era tudo o que você queria dizer? Poderia ter dito

tudo isso lá embaixo, depois do jantar. Ou a qualquer momento, na verdade.

Coloco minha mão sobre a dela, levantando-a, segurando-a na minha. É tão delicada e fina, suas unhas perfeitamente aparadas e pintadas de rosa suave. Ela se tornou muito preciosa para mim, e eu quero protegê-la. Quero-a inteira para mim.

— Confesso que não consegui parar de pensar naquela noite. — Erguendo a mão dela, beijo seus dedos e a solto. — Eu sinto muito. Queria te beijar novamente.

Ela se aproxima e estende a mão, tocando levemente o meu rosto, com uma leve barba por fazer.

— Por que você sente muito?

— Eu só quero que você se sinta segura aqui.

Nossos olhos se encontram e há muito entre nós. Eu não entendo essa atração ou a rapidez com que ela cresce, mas compartilhamos tanto terreno comum. Eu quero abraçá-la, mas nunca vou forçá-la.

— Então acho que é boa noite.

Eu ando até a porta, mas parece que minhas entranhas estão sendo arrancadas e deixadas para trás aos seus pés. Deus, eu a quero tanto. Ao mesmo tempo, sei que sexo só complicará tudo.

— Espere. — Estou na porta quando sinto a mão dela em mim. Virando, vejo seu lindo lábio rosa preso entre os dentes. Ela pisca rapidamente antes de falar rápido: — Um beijo de boa noite provavelmente será inofensivo.

— É?

Seus ombros se erguem, e sua preocupação se derrete em um sorriso.

— Provavelmente não, mas podemos tentar mais uma vez só para ter certeza, certo?

Eu acho que é seguro dizer que estamos brincando com fogo, mas de jeito nenhum vou negar.

Puxando-a para mais perto, meu olhar viaja de seus olhos de gato pelas bochechas suaves, até os lábios macios como travesseiro. Estendendo a mão, roço meu polegar no queixo dela, depois mais alto, puxando seu lábio inferior para baixo.

— Eu posso querer beijar você mais vezes.

Seu queixo se ergue, e ela estremece em meus braços. É sexy pra caralho.

— Digo o mesmo.

Em um movimento fluido, nossos lábios se unem e depois se abrem, línguas se encontrando, bocas se movendo ao mesmo tempo. É ardente e elétrico, correntes chamam através de cada um de nós. Ela choraminga, seus dedos se curvando nos meus braços, e meu pau torna-se uma barra de aço na minha calça jeans, implorando por satisfação.

Com um gemido, eu persigo sua boca, puxando seus lábios com os meus, beijando-a rápida e profundamente. Minha mão desliza sobre o peito dela e sinto um mamilo tenso através do tecido de seda. Eu o quero na minha boca, e outro gemido retumba da minha garganta.

Ela suspira, levantando as mãos para o meu cabelo, onde seus dedos se enrolam e puxam. Estou pegando fogo, afogando-me nessa maré crescente de luxúria e necessidade. Minhas mãos deslizam para sua bunda, e eu a levanto do chão, colocando-a imprensada na parede. Seus quadris se movem, e seu núcleo se encosta perfeitamente na minha ereção dolorida.

Outro gemido, outro gemido suave. Nós nos separamos, ofegando. Eu a sinto beijar levemente o meu pescoço, depois passar os dentes pela minha pele. Porra, é tão bom. Olho para baixo, e vejo que seu robe está aberto. Vejo a curva de seus seios pequenos, as pontas de seus mamilos escuros.

— Deus, eu quero você — gemo. — Muito.

— Oh, merda! — Ela suspira. — Eu quero você também.

É fogo, febre e calor queimando minha pele. Ela se move, e é pressão no meu pau. Estou prestes a explodir. Abaixando minha cabeça, reivindico seus lábios novamente, puxando-os para os meus e chupando sua língua.

Seus dedos se enroscam no meu pescoço, e ela se inclina para mim com outro gemido. Eu quero beijá-la em todos os lugares. Quero enterrar meu rosto em seus seios, em sua boceta... Estou perdido em uma névoa de tudo que quero fazer com ela quando sinto pressão contra meus ombros.

Ela está me empurrando, e eu levanto minha cabeça para encontrar seus olhos, colocando-a no chão.

— O que foi?

— Sinto muito... — Ela arfa, e é mais como um gemido. — Sinto muito, Remi, mas temos que parar. Nós não podemos fazer isso. Você sabe que não podemos.

Estamos diante um do outro, respirando com dificuldade. Seu peito sobe rápido, e eu posso ver o inchaço de seus seios sob o tecido de seda enquanto ela o fecha novamente. Ela é absolutamente de dar água na boca.

Coloco a mão na parede ao lado do rosto dela.

— Diga-me... o que está pensando? O que você pensa?

Ela balança a cabeça, colocando as mãos nas bochechas.

— É tudo o que já sabemos. Não posso morar aqui e ser babá de Lillie se estivermos fazendo sexo.

Meu corpo está pegando fogo e não tenho certeza se consigo me afastar.

— Você pode. Será o nosso segredo.

— Coisas assim nunca permanecem em segredo. — Os olhos dela disparam de um lado para o outro. — Alguém vai descobrir, e provavelmente será Eleanor. Então ela vai entrar em guerra comigo, me fazendo parecer... algum tipo de gueixa.

— As gueixas eram japonesas. Você é coreana.

— Remi... — Seu queixo se levanta, e eu vejo a súplica em seus olhos.

Ainda assim, não consigo resistir. Eu me inclino para frente, inalando seu doce perfume, tocando seus lábios macios com os meus.

Não se torna um beijo até que ela solta um pequeno gemido e segura meu rosto, puxando minha boca para a dela novamente. Acontece rápido, e nossas línguas se curvam e deslizam, mas com outro pequeno gemido, ela se afasta de mim.

— Não, não posso. Você tem que ir, Remi. — Ela está de costas para mim, segurando o roupão fechado. — Você tem que ir... ou eu vou.

Essas palavras mudam tudo. Elas são um respingo de água fria bem na minha cara. Pode ser perigoso tê-la morando aqui, mas não

consigo suportar o pensamento desta casa sem ela.

— Não... eu vou. Nós não faremos isso de novo.

Ela não se vira para mim e, com um suspiro pesado, abro a porta, dando mais uma olhada na bela criatura que acabei de segurar em meus braços antes de sair.

Eu não posso perdê-la. Não sei o que isso significa, mas vou descobrir. Resolver problemas é o que eu faço de melhor.



## Ruby

— **B**eijá-lo sóbria é ainda mais sexy do que um pouco bêbada.  
— Estou em um shopping ao ar livre em Timmons, o subúrbio um pouco ao norte de onde moramos.

Drew gosta, porque pode procurar vestidos de noiva sem que Oakville saiba de suas atividades. Eu gosto porque tem um carrossel para Lillie.

— Beijando seu chefe... — Drew provoca enquanto passeamos.  
— Você estará transando com ele em breve.

— Eu não vou... embora eu ache ele está colocando enchimento naquele jeans, não é possível. Juro por Deus.

Eu quero ver o seu pau. Quero tocá-lo. Não consigo parar de pensar nisso.

— Então vá morar em outro lugar e namore com ele. Você ainda pode ser a babá de Lillie.

— Eu posso? — Inclino minha cabeça para o lado, tentando decidir como me sinto sobre esse arranjo. — Parece estranho ele estar me pagando enquanto estou transando com ele.

— Peça que ele faça depósitos ao invés de te pagar em mãos.  
— Ela ri, e eu sorrio.



Então suspiro, lembrando-me de suas mãos em mim, com que facilidade ele me ergueu contra a parede e devorou minha boca. Quão forte e maciça sua ereção se mostrou contra o meu estômago. Um pequeno arrepio cruza meu corpo.

— Não é uma má ideia. — Penso no cheque que depusitei esta manhã a caminho de Drew, mil e quinhentos dólares. Apareceu em um envelope comercial na minha cômoda ontem à noite, enquanto eu o estava evitando.

*Putá merda.*

— Posso dizer que ele não quer que eu me mude. Meio que sugeri, mas Remi retrucou imediatamente. Morar com eles fazia parte do nosso acordo original, eu acho.

— Por quê? Lillie tem terror noturno?

— Não... eu não sei... Talvez ele goste de me ter por perto? — Tento pensar em nossa primeira conversa, mas meus pensamentos andam muito confusos quando se trata de Remi.

Só consigo pensar em seus incríveis bíceps, seu peito firme, aqueles lábios sensuais e aquele pau enorme no qual quero montar.

— Ele disse que queria que eu estivesse por perto se Lillie precisasse de algo durante a noite. Faz sentido, acho. Ele dorme em um andar totalmente diferente. Mas até agora ela sempre dormiu profundamente a noite toda.

Outra volta, e Lillie acena com tanta força que seu pequeno braço parece voar. Hoje ela escolheu um tutu roxo com meias listradas em preto e branco até o joelho e uma camiseta de manga comprida, com Elphaba de Wicked. Ela é tão adorável, e toda vez que passa, sorrimos e acenamos de volta.

Sentimentos cálidos surgem meu estômago, e não importa o quão pesados sejam meus pensamentos, ela me faz sorrir. Estou tão em conflito.

— Não quero deixar de ser babá de Lillie. Não é apenas o dinheiro. Eu realmente gosto daquele docinho.

Olho para a minha amiga, e ela está me dando um sorrisinho divertido.

— Você se envolveu de verdade, minha amiga.

— Obrigada. Agradeço sua contribuição. — Eu empurro seu braço, e ela começa a rir.

— Vai dar certo. Sempre dá. — Seus olhos estão dançando e, apesar do meu sofrimento mental, adoro vê-la tão feliz. — O que você realmente quer, Ruby Banks? É uma mulher adulta. Agora é sua hora de decidir.

Eu penso na pergunta dela. Quero ser capaz de me cuidar. Quero estar confiante em minhas escolhas. O carrossel diminui até parar e andamos para encontrar Lillie, que vem correndo para nos encontrar.

— Talvez eu queira fazer parte da vida deles, mas quero ser independente primeiro. Quero fazer a escolha.

Os lábios de Drew se unem em um meio sorriso.

— Eu acho perfeito.

— Bem, pare com isso. Não gosto de todas essas coisas piegas. Não temos que comprar um vestido de noiva?

— Oh! Eu encontrei um que realmente gostei online. Acho que eles têm algo parecido no brechó.

— Segundo andar? — Lillie está segurando minha mão, pulando enquanto caminhamos em direção à loja de roupas usadas. — Eu sei que você não está ganhando dinheiro como babás de celebridade, mas por que está procurando um vestido de noiva usado? Isso deve trazer má sorte.

Entramos na loja cheia de prateleiras de marfim e vestidos brancos, juntamente com uma variedade de vestidos de madrinha de casamento em arco-íris.

— Princesas! — Lillie solta a minha mão e corre para o outro lado da loja, enterrando o rosto em cetim e tules brilhantes.

— Pare de agir como sua mãe — Drew rosna.

— Sua puta, você não disse isso para mim — brinco de volta.

— Só não fale em azar. — Ela pega minha mão e me puxa para perto. — Os orçamentos dessa porcaria de festa de casamento são escandalosos. Sinceramente, não acredito em alguns desses preços.

— Como se fosse algum tipo de segredo de estado. — Faço o possível para melhorar minha atitude, enquanto começo a deslizar os cabides pelas prateleiras.

Eu admito, existem algumas opções interessantes aqui. Alguns nem parecem ter sido usados. Lillie está no céu, girando em torno

da seção das damas de honra coloridas, e eu fico de olho nela enquanto fazemos compras.

— Você precisa fazer algo casual com ele. — Drew surge de trás de uma prateleira com três vestidos no braço. — Para aliviar a pressão e para que se vejam de forma mais amigável.

— Não tenho certeza se podemos ficar muito mais amigáveis.

Uma vendedora aparece, pegando os vestidos dos braços de Drew.

— Você gostaria de uma cabine? Deixe-me levar isso.

Drew segue a mulher, e eu estou bem atrás dela.

— Quero dizer mais como amigos, menos como colegas de quarto que não conseguem tirar as mãos um do outro.

Eu dou de ombros.

— Parece razoável. O que você tem em mente?

Ela entra na cabine, parando-me antes que eu possa segui-la.

— Fique aqui fora, para que você possa ter o efeito completo quando eu estiver vestida.

Indo para a porta, vejo Lillie se abaixar sob os véus e estender as mãos. Ela vai sonhar com isso hoje à noite.

— Gray disse que o karaokê começa na terça-feira no Red Cat. Por que não fazemos isso juntos? — A porta se abre e ela sai com um vestido branco sem mangas. — Como velhos amigos.

— Oh! — Perco o ar, e meus olhos ficam quentes. — Você está linda! Eu vou chorar.

Abanando meu rosto rapidamente, balanço minha cabeça.

— Pare com isso! Você vai me fazer chorar, e eu tenho mais dois vestidos para experimentar!

Minha melhor amiga experimenta mais dois vestidos, mas o primeiro é o vencedor. Estamos voltando para Oakville na hora do jantar, e Lillie desmaiou na cadeirinha infantil no meu banco de trás.

— Então você ainda vai ao casamento no próximo mês, certo?

— Drew pegou seu telefone, e eu entro em pânico levemente. — Minha melhor amiga não pode faltar. Ruby! Você é minha dama de honra. Você tem que estar lá.

— Vai ser coisa de um único fim de semana? — Estou realmente em pânico por causa de todas as festas e eventos que preciso

agendar para ela. Se estiver grávida, não pode ser nada muito louco. Talvez um almoço?

— É de quinta a domingo. — Ela me mostra um aplicativo de planejador de casamentos em seu telefone. — Ou sábado à noite, eu acho.

— Claro, estarei lá. — Estamos na casa dela e dou-lhe um beijo no rosto antes que ela salte, levando o vestido de casamento para dentro.

Pensar em um mês à frente parece um mundo totalmente diferente para mim. Dentro de menos de trinta dias, vou saber se ainda estarei trabalhando para Remi. Muita coisa pode acontecer até lá.



Remi

**O** Sr. Remington Key e acompanhante são cordialmente convidados para o baile anual da *Empire Investments* em... Lendo as letras douradas no convite dobrado de linho, só posso pensar em uma coisa. Estou dentro.

O Baile do *Empire Investments* é a estreia do evento de encontro com os fãs e com o público para desenvolvedores e investidores no mundo da tecnologia, e eu recebi um dos cinquenta convites que eles enviam todos os anos. Isto é fantástico. Apenas um pequeno problema. Eles especificam que preciso levar mais alguém.

Tenho que levar uma acompanhante. Minha mente voa imediatamente para Ruby. Será que ela iria comigo a uma viagem noturna a Manhattan? Eu lhe dei espaço desde o nosso encontro quente pra caralho de sexta-feira — não que eu esteja desistindo de seduzi-la. Apenas reconheço que seu argumento faz sentido. Seria difícil se envolver em um relacionamento romântico sem comprometer sua posição como babá de Lillie, e eu não quero fazer nada para machucar minha filha.

Falando nisso, se ela fosse minha acompanhante, quem ficaria com Lillie?

— Remington, eu preciso falar com você. — Eleanor. Ela é uma causa e uma solução para o meu problema.

Eu não deveria ser o mestre em resolver problemas? Ultimamente tenho mais deles do que soluções.

— Estamos começando nossa segunda semana com essa jovem que mora em nossa casa, e não sei bem como me sinto a respeito. — Seus braços estão cruzados, e ela se levanta, de frente para mim.

É segunda-feira à tarde e, pelas minhas portas francesas abertas, posso ouvir Ruby e Lillie no pequeno jardim conversando. Ouço uma ocasional risada, e isso aquece meu coração. Faz com que eu deseje abraçá-la com força.

Deixando o convite na pilha de correspondência ao lado do meu computador, encontro minha sogra no sofá que separa meu espaço de trabalho da área de estar aberta perto das portas da varanda.

— É a minha casa, Eleanor, e eu não poderia estar mais feliz com Ruby aqui. Você viu as pinturas que fizeram na semana passada?

Ainda me sinto muito orgulhoso da primeira tentativa de arte da minha garotinha. Estou completamente impressionado com o quão talentosa Ruby é. Ela é realmente incrível.

— Eu vi, e você perguntou se ela usou tinta não tóxica? E se Lillie tivesse colocado o pincel na boca? Já sabemos que a professora idiota a deixa comer sujeira.

— Tenho certeza de que Ruby a observou de perto.

Eu não tenho certeza, mas, diabos, você tem que dar às crianças algum crédito por não serem idiotas.

Embora ela tenha comido terra... Porque aquele pirralho do Louie duvidou que ela pudesse ser um soldado. Lillie queria ser um. Eu me pergunto se isso significa que tem interesse nas forças armadas.

— Não acho que seja uma boa ideia ela morar aqui da maneira como olha para você. — Ela balança a cabeça e suspira. — Pronto, falei. As pessoas estão comentando, e acho que é uma péssima ideia.

— Eu não poderia me importar menos com as fofocas de cidades pequenas. — Deslizando as mãos para dentro dos bolsos,

regulo meu tom. — Eu realmente espero que você comece a procurar uma casa para morar. Tenho certeza de que vai gostar de ter mais privacidade.

Os braços dela caem e parece que eu a matei.

— Tenho toda a privacidade que preciso na minha suíte no andar de baixo. Eu preciso estar perto da minha neta. Morei aqui a vida dela inteira. Sou tudo o que ela conhece. De qualquer forma, vai amenizar as fofocas tolas se eu estiver aqui.

Eu perco a luta com o meu descontentamento.

— Eu não dou a mínima para as fofocas, e Lillie se ajustará para você ter seu próprio lugar. Isso daria a ela outra casa para visitar, e você pode vir vê-la quando quiser.

— Eu não vou ouvir mais nada, Remington! Isso soa como influência daquela jovem. — Seus braços estão cruzados novamente, e ela se aproxima, abaixando a voz. — Serena North estudou com ela, e parece que ela é meio selvagem. Namorou muitos homens.

A declaração dela não deveria me deixar com ciúmes. Ruby teve uma vida social antes de eu a conhecer. Ela não é uma freira.

— Na última vez em que verifiquei, namorar não é ilegal.

— Como você sabe que ela não está atrás do seu dinheiro? Ela definitivamente tem você na mira dela. É muito óbvio pela maneira como está sempre tocando você.

— Eu não percebi. — Ruby anda me tocando? Não o suficiente, se você me perguntar. Ela tem passado bastante tempo longe de mim, o que eu odeio.

— Você deveria ser sensato e manter a cabeça longe dessa garota. Ela é um tipinho que não me parece muito confiável.

— O que isto quer dizer? — minha voz soou tão afiada que poderia cortar vidro. Sempre me esforcei para manter um ambiente calmo para Lillie, mas não permitirei que sua avó aja como uma cadela racista, intrometendo-se na minha vida pessoal.

As mãos dela se erguem.

— Estou simplesmente dizendo, Remi. Quão bem você a conhece?

— Bem o suficiente para confiar nela com minha filha. Com base em nossa primeira semana, acho que está fazendo um ótimo

trabalho com Lillie. Não tenho queixas. Qual o problema de ela ser uma pessoa amigável?

Ela também beija muito bem e tem seios incríveis.

— Amigável, rá! — Ela me lança um olhar enojado. — Quando o Dr. North disse que estaria interessado em contratar uma babá, se todas elas tivessem aquela aparência, Whitney Flagstaff ficou horrorizada.

Preciso de todo o meu autocontrole para não dizer que é melhor que o velho bastardo mantenha os olhos longe de Ruby. Em vez disso, dou a Eleanor exatamente o que ela procura. A verdade.

— Hoje recebi um convite para um evento de negócios muito importante em Manhattan na próxima semana. É uma viagem noturna, e eu tenho que ir. Estou pensando em convidar Ruby para ir comigo.

O queixo da minha sogra cai.

— Remington! Eu proíbo. O que as pessoas vão dizer?

— É um evento de negócios e preciso de uma acompanhante.

— É exatamente o que eles dirão, que ela é sua *acompanhante*.

Meu maxilar se contrai.

— No sentido literal. Preciso que você cuide de Lillie para mim enquanto estivermos fora. Caso Ruby diga que sim. Você vai fazer isso?

— Eu não vou. — Ela endireita os ombros, cruzando os braços novamente. — Não vou ajudá-lo a cometer um pecado.

— Você está dizendo que planeja morar nesta casa e não vai cuidar da sua neta enquanto eu estiver fora da cidade?

— Não se você levar aquela mulher. Não vou deixar você envergonhar a memória da minha filha, se continuar agindo dessa maneira. O que as pessoas vão dizer?

Minha garganta aperta, e eu explodo de raiva.

Avançando, falo perto do rosto dela, meus dentes cerrados.

— Nunca mencione Sandy dessa maneira para mim. Sou fiel à memória dela há muito tempo e, se optar por namorar alguém, não será um insulto ao passado dela... ao *nosso* passado. Ela sempre terá um lugar especial no meu coração.

As palavras são difíceis, mas quando as digo, sinto-me calmo.



Drew me disse essas palavras há quase um ano, e eu não estava pronto para ouvi-las. Agora sei que são verdadeiras. Não posso morrer porque Sandy morreu. Eu tenho que continuar vivendo e tenho que ver o que o futuro reserva para mim — mesmo que seja pelo bem de Lillie.

Eleanor não parece concordar.

— Se você levar essa mulher em uma viagem, não ficarei de braços cruzados.

— Você sairá desta casa. Vou pedir ao meu corretor de imóveis que comece a procurar sua nova casa hoje. — Avanço para o meu telefone, mas ela atravessa a sala mais rápido que eu, sua voz mudando para uma espécie de tom de donzela em perigo.

— Remington! Eu não posso sair. Preciso estar perto da minha neta. Ela é tudo o que me resta. É a única coisa que tenho.

Hesitante, cruzo os braços contra o peito, estudando-a. Tento decidir o quanto sinto que devo a essa mulher. Ela veio e me ajudou no meu momento mais difícil. Não quero ser cruel. Não sou um monstro.

Ao mesmo tempo...

— Você cuidará de Lillie se Ruby concordar em ir comigo ao baile e não dirá uma palavra sobre isso.

Ela fecha os olhos e inclina a cabeça como se estivesse sendo martirizada.

— Eu concordo.

O comportamento dela é tão exagerado, mas é o que eu precisava ouvir. Agora estou pronto para terminar esta conversa irritante. O som de Ruby e Lillie no andar de baixo me distrai, e eu me viro, saindo da sala e correndo pelas escadas.

Quando chego ao patamar, vejo as duas entrando na casa. Isso me faz sorrir, e toda a tensão desaparece.

— Papai! — Lillie começa a correr, e eu a pego, levantando-a em meus braços. — Meu brócolis tem pelinhos que parecem brócolis de verdade! Mas as beterrabas parecem folhas de alface com caules vermelhos. E Ruby me mostrou como arrancar ervas daninhas e regar. Mas não pode ser com muita água!

Ruby está escorada na porta, mas há muita distância entre nós. Eu carrego minha filha para onde ela está. Dois pares de luvas de

jardinagem estão em suas mãos, e ela olha para elas quando eu sorrio. Suas bochechas adquirem um lindo tom de rosa sob o meu olhar.

— Artista e jardineira? — Eu sorrio, deixando meus olhos percorrerem seu rosto. — Acho que fiz um grande negócio.

Ela fala sarcasticamente.

— Você está me pagando muito dinheiro, mas eu valho a pena.

Não vou argumentar.

Lillie começa a se mexer, então eu a coloco no chão. Ela corre em direção às escadas, e Ruby a chama.

— Lave as mãos. Não, entre na banheira. Você tem sujeira por todo o lado. — Ela olha para as mãos e faz uma careta. — Eu também estou uma bagunça.

— Ficarei feliz em ajudar na limpeza.

Seus olhos estreitam, e ela me dá um sorriso malicioso.

— Eu aposto que você adoraria, garoto indecente.

Isso revira meu estômago e me faz rir.

— Eu quis dizer com Lillie.

Porra, eu realmente quero ficar sozinho com ela novamente. Eu nos imagino na banheira da minha suíte, e eu puxando-a nua e escorregadia para o meu colo...

Eu tenho que descobrir uma maneira de fazer isso funcionar.

Enquanto isso, estou começando a seguir minha filha lá para cima quando ela me chama.

— Ei, hum... — Ela hesita, e eu paro, dando alguns passos para trás. — Você quer fazer algo amanhã à noite? Drew disse que vão fazer uma noite de karaokê no Red Cat. Gray achou que seria divertido se todos nós fôssemos...

Ela soa tão estranha, é a minha vez de provocar.

— Você está me convidando para sair, senhorita Banks?

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Não! É uma coisa mais amigável. Um grupo grande. Não é um encontro.

Volto para onde ela está e afasto uma mecha de cabelo escuro de sua bochecha com o dedo.

— Drew e Gray não são amigos. Eles estão noivos.

Ela coloca a mão no meu peito e me dá um pequeno empurrão.

— Sim, mas você e eu somos apenas amigos, então, fique com isso em mente, garotão.

Eu amo isso. Mesmo comigo dando-lhe um tempo, ela está pronta para provocar. Não posso evitar um sorriso, e ela olha para o meu rosto antes de balançar a cabeça e passar murmurando algo sobre uma covinha.

Cruzando os braços, inclino-me contra o batente da porta, observando-a ir. Ela tem a bunda mais adorável. Sou flagrado olhando-a quando ela para nas escadas.

— Ei! — Os olhos dela se estreitam. — Olhos aqui em cima. — Dois dedos apontam para o rosto dela, e eu rio, seguindo-a até as escadas. — Eu terei algum dia de folga?

Eu realmente não tinha pensado nisso.

— Sim! Quero dizer, acho que sim... desde que tenha alguém para cuidar de Lillie.

— Eu só queria almoçar com a minha mãe. É estranho não vê-la todos os dias, e acho que ontem na igreja percebi o quanto sinto sua falta.

Todos chegamos juntos ao pequeno santuário, mas depois que Ruby levou Lillie para a aula da escola dominical, ela voltou e sentou-se com a mãe. Queria me aproximar e me sentar ao lado dela, mas pareceu rude deixar Eleanor sozinha. Agora estou me perguntando por que me importei.

— Você certamente pode almoçar com a sua mãe. Vou pedir para Eleanor cuidar de Lillie. — Essa não parece ser a resposta certa.

— Não. Não peça a Eleanor. — Ruby levanta a mão. Estou confuso, mas talvez ela perceba o que está acontecendo. Ruby é extremamente inteligente. — E se eu levasse Lillie comigo? Mamãe adoraria.

— Não vejo por que não.

Seus lábios se comprimem em uma carranca.

— Isso atrapalharia o seu almoço de pai e filha, mas talvez você pudesse fazer algo diferente nesse dia. Eles abriram uma nova confeitaria em frente à clínica. Deve ser muito boa. Eu não tenho certeza, porque...

— Você não pode comer nada com laticínios. Parece ótimo. Que dia?

Ela encolhe os ombros.

— Eu estava pensando em quarta-feira... ou qualquer dia. O que for melhor para você.

— Quarta-feira. E amanhã, você e eu temos um encontro.

Sua voz soa baixa enquanto ela corre escada acima.

— Não é um encontro.

Veremos.



## Ruby

— Parece que você não consegue fazer nada sem causar confusão, Ruby Banks. — Drew grita por sobre a música que sai da jukebox antiga enquanto bebe sua limonada.

Ela está segurando o braço de Gray e seus olhos brilham. Tudo nela brilha. Seu namorado bonitão — desculpe, *noivo* — está ocupado conversando com meu convidado.

Remi não é meu encontro.

— Do que você está falando? — grito de volta, esforçando-me para não estourar o tímpano. — Que confusão?

— Todas as senhoras da igreja estão em pé de guerra porque o Dr. North está entrevistando babás agora. O problema é que ele quer uma babá tão gostosa quanto você.

Ela começa a rir, mas eu me sinto ligeiramente mal.

— O que diabos isso quer dizer? O Dr. North é marido de Serena, não é?

— Não me diga que você se importa com o que acontece com aquela cadela, a Serena.

Meus lábios se contraem. Ela é uma pessoa horrível, muito horrível, mas isso não significa que eu queira que o marido se gabe de contratar uma babá sexy.

— E aí? — Remi gira para nos encarar, segurando um copo de uísque.

Eu meio que gosto que ele beba uísque. Isso combina com a atmosfera de cantor. Pego outra Tequila Sunrise... e tenho uma ideia de uma música que eu poderia cantar...

— Eu estava apenas contando a Ruby sobre o Dr. North estar procurando desesperadamente por uma babá gostosa. — Drew se inclina para frente, fazendo uma careta por sobre a bebida como se fosse a coisa mais hilária de todos os tempos.

Eu acho que seria, se eu não fosse a razão por trás do absurdo.

Remi se mexe na cadeira e um olhar para seu rosto me diz que ele sabe exatamente do que ela está falando.

— Você sabia?

— Eleanor me falou algo sobre isso.

— Oh, meu Deus! — Jogo minhas mãos para cima, caindo no banco. — Meu bom Jesus, livrai-me daquelas malditas mulheres da igreja!

Gray ri.

— Você acabou de usar o nome do Senhor em vão em uma oração?

Às vezes fico muito feliz por ele ter voltado, mas este não é um desses momentos.

— Você deveria saber o que isso significa. Foi o alvo da merda da fofoca delas por um tempo.

— Por muito tempo. — Ele coloca um braço em volta de Drew e a puxa para mais perto. — Agora, realmente não dou a mínima.

Drew derrete ao seu lado, e a jukebox desliga, deixando o salão momentaneamente silencioso. A música alta inunda o bar antigo e um locutor no estilo de gameplay chega ao centro de um palco.

— Não acredito que eles realmente investiram dinheiro neste lugar.

O cara convida ao palco uma mulher chamada Elizabeth, e eu sinto o braço de Remi serpentear em volta da minha cintura. Ele me puxa para mais perto e fala baixo no meu ouvido enquanto Elizabeth se lança em uma versão bastante decente de "Hips don't lie".

— Ei, sinto muito por toda essa besteira com Phillip. Eu não tinha ideia de que ele faria algo tão estúpido.

Meu queixo contrai, e eu sei que não deveria ficar brava com Remi. Não é culpa dele.

— Ele está falando sério? — Olho ao redor da sala, perguntando-me o que vão adicionar ao boato. — Ou está apenas usando de golpe baixo comigo?

Olhando por cima do ombro, meus olhos encontram os de Remi e vejo uma raiva real neles.

— É melhor que não esteja fazendo isso para te machucar. Talvez eu deva conversar com ele...

Movendo-me, agarro seu antebraço.

— Não. Serena me importunou a vida toda. Se é apenas um bullying de adultos, posso lidar com isso. A última coisa que quero é jogar o jogo deles.

Sua sobrelance se abaixa e, devo dizer, Remi irritado e protetor pode ser a versão mais sexy que eu já vi até agora.

— Não gosto que as pessoas sejam desagradáveis quando se trata de você. Não vou tolerar isso de Eleanor, e com certeza não vou tolerar isso de Phillip North.

— Você não deveria me abraçar assim. Somos apenas amigos, lembra?

Seus olhos se apoderam dos meus com muita intensidade, não tenho certeza se ele percebe, mas não importa. Elizabeth terminou, e o DJ de karaokê chama seu nome.

— Podemos chamar Remi ao palco? Remi, você ainda está aqui?

Drew grita e aplaude.

— Eu coloquei seu nome! Ruby disse que você canta, então eu te coloquei para cantar Kenny Rogers.

Um sorriso curva seus lábios.

— Você anda falando de mim para Drew?

Minha garganta fica seca, e, *puta merda*, se ela colocar aquela música...

Ele se afasta e caminha em direção ao palco enquanto o refrão do piano que abre "She Believes in Me" começa a tocar. Algumas pessoas assoviam, e outras se entregam à dança lenta.

Remi pega o microfone, caminha até onde estou sentada no estande e começa a cantar a música diretamente para mim. Minha

pele zumbe com eletricidade, e não consigo tirar os olhos dele, sexy, sua voz tocando meu coração. Eu nunca prestei muita atenção nas palavras. Agora que as ouço, sinto que não consigo respirar.

Ele canta tão forte e perfeito. O estilo dele é diferente do de Kenny Rogers, mas ainda assim é muito bom. Meus olhos ficam cálidos. Eu acredito nele... isso me faz começar a rir. Sou tão idiota.

Ele termina, e Drew grita como se Kenny Rogers estivesse realmente no estabelecimento. Tudo o que posso fazer é sorrir e bater palmas, mas a sala fica louca.

Ele faz uma pequena reverência antes de deslizar para a cabine ao meu lado e beijar minha bochecha. Eu nem ligo para quem vê.

— Você é um sucesso.

— Como ela sabia que eu ia escolher essa música? — Seus olhos dizem que ele sabe a resposta, e eu só quero dar-lhe uns amassos aqui mesmo no local.

— Eu posso ter dito a ela que era a sua favorita.

Seu braço se encaixa ao meu redor novamente, e ele fala no meu ouvido, causando-me um arrepio.

— Nunca foi a minha favorita até que eu te conheci.

O DJ chama Dagwood Magee, e minha cabeça se vira ao encontro do rosto de Drew. Ambas as nossas bocas estão bem abertas, e ele se lança em uma versão de "I Guess That's Why They Call in the Blues".

Gray começa a rir.

— O maior fã de Elton John que eu já conheci.

Drew empurra seu ombro. e ele desliza, pegando a mão dela. Eles começam a dançar devagar na frente da mesa, e Remi olha para mim, com um convite em seus olhos.

Inspirando profundamente, considero a ideia por um cálido minuto.

— É melhor não. As pessoas já estão falando sobre nós, e você tem que pensar em Lillie.

— Eu penso muito em Lillie. — Ele afasta uma mecha do meu rosto e o coloca atrás da minha orelha. Eu amo quando ele faz isso.

— Mas quero pensar em você também.

A música termina, e Remi me aperta levemente.

— Vou pegar outra rodada.



Gray bate palmas, e eles partem juntos em direção ao bar. Drew corre para mim e fica colada ao meu lado.

— Eu amo Remi! — Ela está dando pulinhos sobre o vinil vermelho. — Você tem que ficar com ele agora.

— Que diabos? Você acabou de concordar comigo que não posso namorá-lo, porque seria muito arriscado com Lillie envolvida.

— Sim, mas estou repensando essa posição. — Ela toma outro gole de limonada, e está tão tonta que estou me perguntando se está bêbada. Não, minha melhor amiga nunca arriscaria seu bebê. — Lillie já é grandinha, e aquela voz! — Ela cai de costas, com a mão no peito.

— A voz dele é incrível. — Brinco com minha tequila, lembrando quando ele cantou no meu ouvido. *De derreter calcinha!* — De qualquer maneira, eu estou ferrada com o monstro. Ela me odeia.

— Oh, foda-se ela! Quem você conhece que tem uma boa sogra?

— Não conheço muitas pessoas com sogras, mas já ouvi falar que existem algumas boas.

— Não é um sinal de compatibilidade. Ela nem está relacionada a ele. Se isso quer dizer alguma coisa, ele é um cara legal, cuida dela porque quer. Ouvi dizer que paga todas as contas da mulher.

Inspirando profundamente, concordo.

— É verdade. Ele é muito paciente com ela também. — Minha mente conecta lentamente os pontos. — Eu me pergunto se esse é o problema. Talvez ela se sinta ameaçada por mim?

— Vejam só, quem é a ótima terapeuta agora? — Drew adora estar certa sobre a minha carreira sem saída. — É como naquele filme dos ricos asiáticos, ela está disputando território com você.

Nossos olhos se encontram, e sinto minha cabeça zumbir.

— Eu não posso deixá-la vencer.

— Você sabe o que fazer! — Drew estalou os dedos, desenhando o formato de um Z. — Alô, alô, vadia! Você é uma galinha durona.

O zumbido em minha cabeça dá lugar a uma risada. Balanço-a, intrigada com essa possibilidade.

— Remi sempre me defende com ela. Ele realmente me deixa assumir a liderança com o cuidado de Lillie. — E eu estou

melhorando muito nisso. — Faz todo sentido.

Eu me sinto tão cega. Claro, ela me odeia. Estou invadindo o território dela.

Drew coloca a mão sobre a minha na mesa.

— Ele parece bem próximo da perfeição.

Viro minha mão e aperto-a.

— É uma situação super complicada.

— Não me parece tão complicado.

Dagwood caminha com os caras para a mesa, e eu corro para encontrá-los.

— Não sabia que você tinha uma voz tão decente, Fontleroy — diz ele a Remi. — Pena que você cantou uma canção de maricas.

Gray bufa uma risada, mas eu dou um soco no braço de Dag.

— Dagwood! Essa é a música do Kenny Rogers, a favorita dele.

— Ai, não me bata, Ruby Roo! Essa não é a música favorita de Kenny Rogers. — Ele se vira para Remi, que está sorrindo sobre a borda de seu copo. — Eu sinto muito. A menos que você seja gay, cara. Nada de errado com isso, mas você deve informar às mulheres. Não é legal seduzi-las. — Ele faz uma careta e aponta o polegar na minha direção.

Agarro o polegar com minha mão.

— Ele não é gay. E pare de me chamar assim. — Voltando ao meu acompanhante, toco o braço de Remi. — É a sua música favorita, certo?

Seus lábios se curvam em um sorriso, e eu posso ver que ele está tentando não rir.

— Espere... — Olho de Remi para Dag e Gray. — Não é...? Por que você me disse que era a sua favorita?

A voz alta de Dagwood me responde.

— Porque as garotas gostam disso. Ah! Vamos lá, garota!

Minha boca está aberta.

— Isso é verdade?

Remi parece envergonhado.

— Desculpe, baby.

Drew começa a rir.

— Oh, meu Deus, você é hilário! Funcionou. Tenho certeza de que todas as mulheres deste bar estão apaixonadas por você desde

que você cantou.

— Todas as mulheres? — Gray coloca o braço em volta dos ombros dela.

— Quase todas — acrescenta ela, subindo na ponta dos pés para beijá-lo.

Eu finjo estar brava.

— Você mentiu para mim.

— Foi apenas uma mentirinha. — Ele coloca os braços em volta da minha cintura, e eu não o afasto. — Você estava tão bonita ao luar. Queria cantar para você.

Ele está sorrindo, e eu obviamente não estou brava. Estou inclusive deixando-o me abraçar dessa maneira em público:

— Então, qual é a sua música favorita de Kenny Rogers?

— Eu não tenho uma. — Ele lê meu rosto e rapidamente acrescenta: — Mas “The Gambler” é ótima.

— Você está dizendo isso só porque eu acho? — Saio de seu abraço e cruzo os braços.

— Não. É uma ótima música. *Know when to hold ‘em*.

— *Know when to fold ‘em!* Dagwood canta o resto do refrão em voz alta antes de sair de se afastar. — Vou colocar seu nome nela. O bar inteiro quer cantar essa música.

— Espere. — Os dois estão caminhando para a cabine do DJ, e eu me sento no banco ao lado da minha melhor amiga.

Ela se inclina para frente e coloca o queixo no meu ombro.

— Eu realmente gosto de ver você tão feliz.

Um nó surge na minha garganta, e não posso discutir com ela.

— Ele pode ser o homem perfeito.

— Ruby? — Uma voz masculina me tira dos meus pensamentos, e eu olho para cima para ver Henry Pak parado na minha frente. — Eu tinha certeza de que era você. Como está?

— Henry, oi! — Eu me levanto e lhe dou um abraço.

Lá estava a única tentativa de minha mãe de me resgatar dos aplicativos de namoro — um cirurgião pediátrico coreano (é claro), que estagiou com meu pai em Charleston.

— Não te vejo há... um ano? — Henry é muito gentil, educado. Pena que suas orelhas me fazem pensar se ele pode voar.

— Você está maravilhosa. — Ele sorri e toca meu cotovelo. — Como está sua mãe?

— Ótima. Ela está muito bem. Ainda trabalhando na igreja... — Eu tento me afastar de seu toque, mas a parede me bloqueia. — Vou almoçar com ela amanhã. Eu posso dizer a ela que você mandou um oi. Você ainda mora em Charleston?

— Por enquanto — ele assente, apontando para a minha mão. — Posso te pagar uma bebida?

— Ela já está sendo servida — a voz de Remi é dura como aço, e seu braço enlaça a minha cintura.

— Oh, oi. — Não sei por que de repente me sinto nervosa. — Henry Pak, este aqui é Remington Key.

Eu os apresento, mas nenhum deles faz um movimento para apertar as mãos.

OK.

— Henry é cirurgião pediátrico em Charleston.

Henry adota um tom levemente possessivo.

— Nós saímos juntos algumas vezes no ano passado.

— Meio que... uma ou duas vezes. Certo? — Estou me esforçando para salvar a situação. Felizmente, sou salva pelo DJ chamando o nome de Remi. Não é uma noite movimentada no Red Cat.

Olhando para cima, vejo sua mandíbula cerrada. Os caras estão se encarando, e eu considero erguer um guardanapo branco entre eles. Em vez disso, falo perto do ouvido dele.

— Remi, é você. Ainda vai cantar '*The Gambler*' para mim?

Isso quebra o clima, e seus olhos piscam para os meus.

— Sim. — Ele não está sorrindo, mas beija a minha bochecha. — Volto logo.

A casa inteira está escura, e só chegamos em casa depois da meia-noite.

— Deveríamos ter pedido a Eleanor para levar Lillie para a escola — Remi sussurra, conduzindo-me através do salão, em direção às escadas.

Ele está um pouco distante desde o nosso encontro com Henry. Ainda assim, derrubou a casa com "The Gambler". Dagwood estava certo — todo mundo cantou junto, mas a voz suave de Remi selou o acordo.

Estamos de mãos dadas enquanto ele me conduz pelo segundo andar até a minha suíte.

— Você não precisa me levar até o meu quarto.

Borboletas estão batendo suas asas como loucas no meu estômago, e minha garganta está doendo. Eu me pergunto se ele vai me beijar. Realmente quero que ele o faça.

Ele para na frente da minha porta e me encara.

— É o mais próximo que posso chegar de levá-la para casa, já que você mora aqui.

Não suporto o jeito formal com que me trata depois de nos divertirmos tanto esta noite.

Colocando minha mão em seu peito, eu pigarreio, escolhendo minhas palavras.

— Sabe, eu tive uma vida antes de conhecer você.

— Eleanor mencionou que você namorou alguns caras. — A expressão dele é dura, e eu não gosto de saber que Eleanor anda falando de mim para ele.

Ainda assim, tenho o meu passado.

— Eu namorei muito. Henry foi um dos muitos peixes que joguei de volta ao mar.

— Eu não gosto de pensar em você com outro cara.

— Eu estou aqui agora — minha voz é calma, sussurrante.

A dele, não.

— Sim, você está.

Estendendo a mão, ele segura meu rosto com suas mãos fortes, e sua boca cobre a minha, abrindo meus lábios e mergulhando sua língua. É insistente, exigente. Minhas costas estão pressionadas contra a porta, e ele me beija como se estivesse reivindicando o que é dele. É sexy pra caralho, e eu sinto o calor descer à minha calcinha.

Um pequeno gemido escapa da minha garganta e é como combustível para o fogo. Suas mãos vão para a minha cintura, arrancando minha blusa de seda de dentro da saia.

— Oh — eu suspiro quando as palmas das mãos suavizam sobre a pele nua, subindo mais alto para a faixa do meu sutiã.

Seus lábios estão nos meus novamente, e eu seguro seu rosto, esforçando-me para acompanhar seus beijos. Sua boca se move rapidamente, puxando meus lábios, beliscando minha mandíbula. Ele está desesperado, morrendo de fome, e eu também. Eu o quero tanto. Erguendo a cabeça, ele olha profundamente nos meus olhos.

Concordo com a cabeça lentamente, e é tudo o que ele precisa. Com um puxão violento, minha camisa está aberta, revelando meu sutiã de renda preta. As meia-taças atingem apenas o topo dos meus mamilos, que sobem e descem a cada respiração.

— Você é tão bonita. — Ele segura meus seios com as duas mãos, unindo-os.

Eu me contorço contra o calor que percorre meu corpo. Minhas costas estão contra a porta, e eu queimo por dentro quando ele coloca os polegares nas meia-taças e as puxa para baixo, expondo meus mamilos rijos.

— Remi — eu sussurro, mas ele não olha para cima. Abaixa a cabeça para dar uma chupada com força. O outro ele aperta entre as pontas dos dedos.

Meus joelhos quase cedem e minha calcinha está encharcada.

— Oh, Deus. — Todas as minhas boas intenções estão voando pela janela. — Não podemos fazer sexo aqui.

Mais uma vez, sua boca encontra a minha, e eu o beijo de volta com tanta ferocidade, passando os braços em volta de seu pescoço. Sua mão encontra a maçaneta atrás de mim e a vira. Nós dois cambaleamos para o meu quarto, mas ele me gira, colocando minhas costas contra a parede novamente.

Recuando, ele olha para mim, olhos escuros e tempestuosos. Estou de pé com a blusa aberta, meus seios para fora do sutiã, respirando como se tivesse acabado de correr uma maratona. Seu olhar é como uma carícia áspera, deslizando sobre a minha pele escaldante.

— Você é sexy pra caralho. — Estendendo a mão, ele segura meu peito, deslizando o polegar pelo meu mamilo. Um ruído suave sai da minha garganta, e seus olhos brilham com luxúria. — Eu

quero provar você. Quero que você goze na minha boca, enquanto grita meu nome.

*Ah, merda.*

Eu nem consigo responder antes que ele caia de joelhos e empurre minha saia até minha cintura.

Ele murmura um *porra* quando vê que estou usando meia-calça preta na altura da coxa. Mãos grandes seguram minhas pernas, levantando-me como se eu não pesasse nada, abrindo-me para ele e empurrando minha calcinha para o lado da minha boceta nua.

— Linda.

— Oh, Deus — eu suspiro na primeira passada de sua língua quente sobre o meu clitóris sensível.

Meus joelhos derretem quando ele faz isso de novo, de novo, circulando e chupando. Outro barulho sai da minha garganta quando o calor invade a minha pélvis. Deus, é tão bom.

Eu me inclino, fechando a mão em seus cabelos grossos enquanto o prazer pulsa entre minhas pernas. Seus movimentos tornam-se mais rápidos, sua barba por fazer arranha a pele das minhas coxas. Minha cabeça cai para trás e meus quadris giram em sintonia com seus movimentos. Eu vou gozar tanto...

— Remi... — é um grito quando ele mergulha um polegar em mim, ainda lambendo e chupando. — Remi! — meu lamento é ainda mais alto.

A pressão cresce mais e mais, minhas coxas flexionam, e com mais uma chupada firme, mais uma lambida lenta, eu me despedaço, gemendo e rebolando contra sua boca experiente.

Meus quadris dobram e minhas costas arqueiam. Então me inclino para frente, as ondas do orgasmo estremecendo por todo o meu corpo, centralizando-se entre as minhas pernas.

Ele não para, provando-me como se eu fosse a coisa mais deliciosa que ele já teve. Até que finalmente estou implorando.

— Eu não posso... é demais.

Colocando-me gentilmente sobre meus pés bambos, ele se coloca de pé e olha para mim. Um sorriso satisfeito está em seus lábios.

— Você é perfeita.

Levantando-se lentamente, ele segura meu rosto com uma das mãos, erguendo meu queixo. Nossos olhos se derretem, e ele se inclina para me beijar. A outra mão dele aperta meu peito novamente, deslizando pelo meu mamilo ereto.

Eu saboreio os lábios dele. Sinto a protuberância maciça em suas calças, pressionada contra o meu estômago. É devasso e erótico, e ele beija uma trilha que começa na minha bochecha e vai até a minha orelha.

— Assim é exatamente como eu pretendo mantê-la.

Eu não consigo falar. Estou destruída por esse orgasmo incrível, mas ele dá um passo para trás, abrindo a porta novamente.

— Boa noite, Ruby. Durma bem.

A porta se fecha bruscamente, e ele se vai, deixando-me no centro do meu quarto, com a mente explodida e minhas roupas desordenadas.





Remi

**A**ssim que chego ao meu quarto, vou direto para o banho. Abrindo a água, tiro meu jeans e cueca boxer. Minha camisa está sobre minha cabeça quando o vapor começa a subir. Eu quase não consegui descer as escadas por causa da ereção nas minhas calças. Meu pau dói precisando de liberação. É como uma sequoia gigante no meu punho, e eu o puxo firmemente enquanto a água cai pela minha pele.

Na minha mente, eu a vejo rebolando, seus longos cabelos derramando sobre os seios, subindo e descendo naquele sutiã enquanto ofegava por mim. Deus, ela é tão linda, puro marfim com os lábios rosados se abrindo, suas mãos pequenas agarrando meu cabelo.

— Sim... — O orgasmo sobe por minha coluna, tensionando minhas bolas. Lembro como ela estava quando rasguei sua blusa e tirei sua saia. Aquelas faixas de renda no topo de suas coxas, sua boceta nua.

Ainda posso senti-la em meus lábios e sorver seu cheiro na minha pele. Ela gozou tão lindamente, como eu queria — estremeando e gritando meu nome.

Minha linda Ruby. Eu a terei. Vou mergulhar bem fundo nela, sentir aquelas pernas em volta da minha cintura.

— Porra, sim — eu sussurro enquanto a água escorre pelo ralo. Eu me recomponho através dos pulsos do orgasmo. Meus olhos estão fechados, e ela é a única coisa que vejo.

Esperando um momento mais, a água quente espirra na parte de trás do meu pescoço. Eu levanto meu queixo e a deixo escorrer pelo meu rosto.

Eu não queria tocá-la esta noite. Ela disse que não conseguiria dormir comigo e ser a babá de Lillie ao mesmo tempo. Não concordo, mas não lhe darei um motivo para desistir. Não posso imaginá-la decidindo me deixar. Eu preciso dela aqui.

Mas quando Henry Pak apareceu, e eu o vi conversando com ela, tocando seu braço... Minha mandíbula se contrai com a lembrança. Aquele filho da puta agiu como se soubesse algo que eu não sabia, como se estivesse com ela... eu talvez possa ter ficado um pouco louco pensando nisso.

Ou talvez tenham sido as palavras de Eleanor no meu cérebro.

Não é justo, eu sei. Ruby é uma mulher adulta. Ela nem me conhecia antes de duas semanas atrás. Ela é linda, divertida e cheia de vida. Não é do tipo que fica sentada em casa. Inferno, eu provavelmente não gostaria dela se fosse assim.

Uma coisa é certa: eu não queria deixá-la ir para a cama esta noite pensando naquele cara. Só quero que ela pense em mim. Desejo meus lábios assombrando seus sonhos.

Pegando a toalha, rapidamente me seco e fecho a água.

A última coisa que vejo quando adormeço é o sorriso de Ruby. Eu sorrio pensando em quando a vejo com Lillie, com Drew. Ela é doce e boa, e eu tenho que convencê-la a ir comigo para Nova York.

O sol brilha através das cortinas, acordando-me, e jogo as cobertas, enfiando meu jeans pelos quadris e arrancando minha camisa da cadeira. Abotoo-a rapidamente enquanto desço as escadas para a cozinha.

Na última vez em que beijei Ruby não a vi por quase uma semana. Vou amaldiçoar até a minha quinta geração se isso

acontecer novamente. Meu estômago está contraído, mas assim que eu viro o corredor, a voz da minha filha diminui meu ritmo.

— Papai! — Ela pula em seu banquinho no bar e eu vou até ela para beijar sua cabecinha.

— O que temos para o café da manhã, princesa? — Olho em volta da cozinha, e Ruby está de costas, de frente para a máquina de café.

— Ruby me deu uma pera. — Seu rostinho está franzido. — Ela colocou queijo cottage no meio.

Eu me esforço para não rir.

— Você gostou?

— Eu não... então ela colocou mel. — Ela ainda parece insegura.

— Eu posso fazer para você torradas com manteiga de amendoim, se quiser — Ruby fala baixinho, como se estivesse tentando não ser notada.

Como se fosse possível não sentir sua presença maravilhosa na minha cozinha em um jeans preto e um suéter listrado de mangas compridas. Seu cabelo está repartido em uma maria chiquinha frouxa.

— Você precisa comer sua fruta, Lillian. E o queijo cottage é cheio de cálcio e proteína. — Eleanor está à mesa com uma xícara e pires e um jornal aberto bem na sua casa. — Achei que você não iria acordar tão cedo, Remington. Te ouvi entrar depois da meia-noite.

Por que ela fala comigo como se eu fosse seu filho adolescente?

— Eu tinha que ver minha linda garotinha antes de ela ir para a escola. — Inclinando-me, beijo a bochecha de Lillie e depois vou para a geladeira, onde Ruby está segurando uma caixa de soja pela metade. — Você dormiu bem na noite passada?

Eu me imagino puxando-a para os meus braços e beijando-a para lhe dar bom dia. A química entre nós é palpável.

Ela mantém o olhar fixo nos preparativos para o café.

— Eu dormi, na verdade. Estava muito relaxada.

Um sorriso divide minhas bochechas. Ela está agindo divertida, e eu adoro isso.

— Você ainda vai almoçar na sua mãe?

Nossos olhos se encontram, e eu sinto uma carga elétrica forte, mas ela pisca rapidamente.

— Se ainda estiver tudo bem.

— Eu acho ótimo. — Eleanor está nos observando como um falcão, então vou até a máquina de café. — Não vamos almoçar juntos hoje, Lils. Você vai com Ruby para a casa da mãe dela.

As sobrancelhas da minha filha se franzem, mas antes que ela possa decidir que não está feliz com isso, acrescento.

— Ou você e eu podemos tomar sorvete no Dipper's.

Ela respira um pouco ofegante e bate palmas.

— Viva! Papai vai me levar ao Dipper!

— Como se todos não tivessem acabado de me ouvir. Mas eu vou, sim! — Faço cócegas nela, que grita tão alto que paro de uma vez. — Não grite.

— Remington, não faça cócegas nela. Ela vai molhar as calças.

— Eu não vou! — Lillie grita ainda mais alto. — Eu não sou um bebê.

Eleanor abandona o seu local à mesa para cuidar da neta. Aproveito sua distração momentânea para tocar levemente o braço de Ruby.

— Ei — minha voz é suave. — Gostaria de falar com você, se estiver tudo bem. Talvez depois de deixar Lillie na escola?

Seus lábios se unem, e ela hesita.

— Eu tenho que cuidar de algumas coisas para o chá de bebê de Drew no sábado. Que tal quando você voltar com Lillie?

— Certo. — Deslizando minha mão para baixo, passo meus dedos nos dela. — Estou viciado na onda de calor existente entre nós. Isso revira o meu estômago. — Divirta-se hoje. — Porra, eu gostaria de poder beijá-la.

— Obrigada — ela sussurra antes de se virar para a minha filha. — Hora de irmos, Lil.

Lillie corre para pegar seu casaco e o lanche, e elas vão para a porta. Eu me inclino contra a bancada, assistindo-as saírem enquanto saboreio meu café. Ruby segura a mão dela, e Lillie vai saltitando todos os outros passos. Ela está cantando uma música da Disney que eu reconheço vagamente, e não consigo deixar de pensar em como elas são ótimas juntas.

Ponho meu café na bancada e noto Eleanor assistindo à cena toda se desenrolar com uma careta. Não tenho tempo para isso.

Coloco minha xícara na pia e falo para ela:

— É melhor eu começar a trabalhar.

Ela nem responde.



## Ruby

— **E**ntão você pressiona as bordas assim, e pronto. — A minha mãe guia os dedos pequenos de Lillie pela borda do bolinho enquanto eu trabalho no meu sozinha.

— Eu fiz um bolinho! — Lillie mostra para mim, e eu sorrio.

— Chama-se mandu. — Bato meu quadril contra o dela. — E você é ótima. Eu não consegui fazer um mandu tão bom até os cinco anos.

A boquinha de Lillie se torce e ela se inclina para mais perto.

— Você não é como Tiana.

— Quem é Tiana? — Minha mãe organiza nossas meia-luas em seu vaporizador e coloca sobre a água fervente.

— É uma princesa da Disney. — Eu a acompanho para vê-la misturando molho de soja, vinagre de vinho de arroz, óleo de gergelim, cebolinha e alho para o molho. Ela faz um lote separado com flocos de pimenta vermelha para nós. — Lillie, você pode brincar no meu quarto, se quiser. Apenas não coloque o K-pop muito alto.

Seus olhos castanhos se arregalam, e ela sai correndo para o meu antigo quarto. Ela me lembra muito o pai dela. Eu a observo, lembrando-me do sorriso dele esta manhã. Com a mesma rapidez,

minha mente se dirige para seu rosto na noite passada, olhos aquecidos e possessivos. Ele me beijou como se nunca fosse me deixar partir, então ajoelhou-se e embaralhou minha mente.

— Por que seu rosto está tão corado? No que você está pensando? — a voz de minha mãe soa como de reprimenda, e eu limpo minha mente.

— Nada! Eu só estava pensando em como Lillie é fofa. Ela se parece muito com o pai dela.

— Você deve ser profissional com esse homem. Ele é seu chefe. — Ela me lança um olhar severo, e eu não posso discutir.

— Concordo. Virei uma página e estou falando muito sério. — *Seramente cheia de tesão.*

Seu tom de voz muda, tornando-se mais urgente.

— As pessoas da igreja estão falando de babás sexy. Você está transando com ele?

— Não! — Sobressalto-me no balcão, perguntando-me se sexo oral é tecnicamente sexo. — Eu disse que não poderia morar na casa dele se fizesse isso. Teria que ter minha própria casa.

— Bom. Você deve ser cuidadosa. Aquele homem não é como nós. Ele não é coreano. — Ela levanta a tampa do vaporizador de bambu e vira os bolinhos com pauzinhos.

Eu simplesmente não consigo entender.

— Por que eu deveria ter cuidado? Papai não era coreano, e isso não impediu que você se casasse com ele.

— Eu deveria ter ouvido a minha mãe. — Ela pega uma tigela de kimchee da geladeira.

Isso me faz lembrar.

— Vi Henry Pak na noite passada. Ele mandou um oi.

— Você deveria sair com Henry novamente. Ele é um bom médico coreano.

— Que se parece com Dumbo. — Ela faz um barulho de repreensão, mas eu deixo passar. — Então, o que sua mãe lhe disse? — Ela parece confusa, e eu me inclino para mais perto. — A parte que você deveria ter ouvido.

Os olhos dela se fecham, e ela balança a cabeça.

— Ela disse que eu não deveria ter me casado fora da nossa comunidade.

Isso me intriga. Mamãe nunca ousou falar mal do meu falecido pai.

— Você está dizendo que ela não queria que você se casasse com o meu pai?

— Seu pai era um homem muito bom, mas dá muito trabalho estar casada. Às vezes era muito difícil.

Eu não posso dizer *não me diga* ou ela perderá a cabeça.

Ela fica quieta, pensando, depois acena com a cabeça.

— Não estou dizendo coisas ruins sobre seu pai, mas é bom que você saiba.

— Então por que você fez isso? Casar-se com ele, quero dizer.

— Ela coloca um dos bolinhos em um pequeno prato e corta ao meio.

Eu assisto enquanto ela o experimenta e pego a outra metade para experimentá-lo também. É delicioso.

Ela não me responde, mas quando seus olhos escuros piscam para os meus, não consegue parar de sorrir. Minha mãe não mostra seu lado suave com muita frequência, então eu sempre me surpreendo quando acontece.

— Você o achava gostoso. — Aponto meus pauzinhos para ela e começo a rir. — Papai era um médico americano bonito e você não resistiu.

— Ele era muito bonito, e eu deveria ter resistido.

— Por quê? — Pulo do balcão, legitimamente curiosa. — Quero dizer, ele era duro comigo, mas...

— Seu pai queria que você fosse a melhor. Ele tinha padrões muito altos — sua voz soa severa novamente, e ela coloca grandes folhas de alface manteiga em uma travessa. — Ele não foi mais rígido do que um bom pai coreano teria sido.

Ela usa uma concha larga para colocar os bolinhos no prato, e eu observo enquanto ela borrfia as peles bege pálidas com ovas de peixe alaranjadas.

— Então qual é o problema?

Ela balança a cabeça, carregando tudo para a mesa.

— Ele não respeitou nossas tradições. Ele queria que sua casa fosse completamente americana. Não gostou da graça, da cortesia.



*Ele dizia que éramos todos ingênuos.* Eu me lembro muito bem disso. Submisso, era assim que ele chamava. Minha mãe chamava de boas maneiras. Se eu não soubesse o quão difícil ela poderia ser, eu teria concordado com ele. Até onde sei, suas "boas maneiras" contribuíram para um lar muito tranquilo.

— Não acho que Remi se oponha a outras influências culturais em sua casa. — Ela me dá uma olhada severa, mas sei que estou certa. — De qualquer forma, esta é uma conversa sem sentido. Nem o estou namorando, e você está agindo como se ele tivesse proposto casamento.

— O caminho para o coração de um homem é através do estômago.

Eu soltei uma risada.

— Então você não tem com o que se preocupar.

— É também através de seus filhos.

Quando voltamos para casa, encontro Eleanor na sala, vasculhando um dos armários sob a enorme televisão de tela plana. Não quero parar, mas ela nos vê antes que possamos subir correndo as escadas.

— Olá, meninas. — Ela se levanta, segurando uma longa garrafa marrom. — Como foi o almoço?

— Fiz um bolinho de massa. Chama-se mandu, e a mãe de Ruby fez uma sobremesa com feijão e frutas misturados! — Lillie está falando rápido, e eu sei que significa que ela está animada.

Eleanor não parece tão impressionada.

— Isso parece muito exótico.

Sua atenção se volta para a garrafa que está segurando, e posso dizer que ela quer que eu pergunte sobre isso. Com um suspiro, decido ser pacificadora.

— O que é isso, Eleanor? — Posso jogar o jogo dela, mas não consigo impedir que minha voz pareça a de um robô.

Ela olha para mim com um sorriso cheio de entrelinhas.

— Encontrei este Porto Tawny da Prager Winery no armário. Sandy e Remi compraram para mim quando viajaram para Napa em lua de mel.

Minha garganta apertada, e eu tenho que dar o braço a torcer. Ela me pegou.

Mas nem morta vou deixar que ela perceba.

— Isso é muito legal. Você nunca abriu?

— Não. É um vinho muito raro... assim como o amor deles era.

— Ela suspira como se fosse muito inocente. — Devemos abri-lo e aproveitá-lo depois do jantar hoje à noite, antes que o tempo dele passe.

Pressiono meus lábios, e meu estômago dói, pensando em como isso vai acontecer. Não que eu queira substituir a mãe de Lillie, de jeito nenhum. Não quero que Remi fique triste. Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós.

— Depois que Sandy morreu, ele disse que nunca mais amaria — o tom de Eleanor é melancólico.

Uma dor surge na minha garganta, e eu não sei por que meus olhos tolos começam a arder.

— Nunca é um tempo longo demais. Remi tinha 26 anos quando ela morreu?

— Ambos tinham. — Os olhos dela não estão em mim.

Pareço fraca, mas penso no meu treinamento terapêutico.

— A recuperação do luto não é esquecer o passado. É sobre lembrar com alegria, não com dor.

Ela continua como se não estivesse rasgando meu coração.

— Eu me pergunto se Remi ainda se lembra dessa viagem.

— Lua de mel? Tenho certeza de que é algo que ele sempre lembrará. — Estou pronta para ir para o meu quarto agora.

— Ele parece estar esquecendo muitas coisas hoje em dia. — Ela me lança um olhar aguçado, mas não quero travar esta batalha. Jamais.

— Tenho certeza de que sempre será muito especial para ele.

Remi nos interrompe quando estou saindo da sala.

— Ei!

Aquela covinha está em sua bochecha, e ele parece genuinamente feliz em me ver.

Isso me faz querer chorar.

O que é uma resposta ridícula ao vê-lo depois de ouvir sua sogra falando sobre sua lua de mel. Remi e eu não temos nada sério. Eu

não deveria sentir nada sobre Eleanor arrastando velhas fichas de sua vida passada.

A testa dele se enrugou quando viu meu rosto.

— Tudo certo? Cadê a Lillie?

— Está tudo bem. — Consigo sorrir, mas a expressão dele demonstra que não está acreditando nisso.

— Papai! — Lillie vem correndo do pátio para dentro. — Vamos para o Dipper agora?

— Claro, querida. Ruby, quer vir conosco?

Balanço a cabeça.

— É o seu momento especial, lembra?

— Você pode ir, Ruby! — Lillie pega a minha mão. — Você não precisa tomar sorvete. Pode comer um biscoito.

Remi se vira para a sogra.

— Eleanor? Você gostaria de se juntar a nós?

— Ah, não. — Ela acena com a mão na frente do rosto. — Vá se divertir. Estou apenas limpando algumas coisas.

*É assim que ela vai chamar?*

— Então estaremos de volta em quê? Uma hora? — Ele olha para mim, e a covinha está de volta.

Eu quase suspiro. Ele é tão bonito.

— Uma hora deve ser suficiente.

Lillie pega a mão dele e sai correndo em direção à porta.



Remi

**R**uby espera no parque, do outro lado da rua, enquanto Lillie e eu pegamos nossos sorvetes.

Minha filha está na ponta dos pés, apontando para os cones de waffle com cobertura de chocolate.

— Você tem certeza de que quer um cone, amendoim? Vai pingar em você.

— Eu quero um cone! — Ela dá um soquinho no ar como um viva.

Então está bom.

— Dois cones espirais, por favor.

Assim que a garota os passa para nós, pego um conjunto extra de guardanapos e a mão da minha filha. Atravessamos a rua até a praça da cidade, onde Ruby está sentada em um banco de ferro em frente ao mirante... com aquele maldito Henry Pak novamente.

*Que diabos? Ele mora aqui agora?*

Entendo o final da frase de Ruby quando nos aproximamos.

— Quanto tempo falta para você se mudar?

Bom, talvez ele esteja planejando voltar para a Coreia.

— Vou fechar o apartamento amanhã. Dependendo do contratado, é possível que eu esteja aqui em período integral até o

final do mês.

— Isso é ótimo. — Não sei dizer se Ruby realmente acha ótimo ou não.

Quando ela me vê, sua expressão muda. Ela se mexe na cadeira e parece preocupada.

— Remi! — a voz dela está muito alta. — Você se lembra de Henry Pak. Você o conheceu ontem à noite.

Felizmente, minhas mãos estão cheias, segurando a mão da minha filha em uma e uma casquinha de sorvete na outra. Não estou interessado em apertar a mão desse cara.

Eu confirmo.

— Como você está?

— Ah, sim. — Ele sorri, mas posso dizer que está tão feliz em me ver quanto eu em vê-lo. — Você é o chefe de Ruby, certo? O cara da tecnologia?

*É, bilionário da tecnologia, imbecil.*

— Ela está morando na minha casa agora.

As sobrancelhas de Ruby se erguem.

— Eu sou a babá. Compartilho o andar com essa menininha aqui. — Ela alcança Lillie, que está completamente alheia.

Minha filha se arrasta para o colo de Ruby, concentrada inteiramente em lamber seu sorvete enquanto ele derrete por toda a sua mão, braço e vestido listrado.

— Aqui, peguei guardanapos extras. — Eu os seguro, e Ruby os pega, capturando rapidamente as gotas de chocolate.

— Na última vez em que conversamos, você estava trabalhando com Drew na clínica. — As sobrancelhas de Henry se franzem quando ele a observa. — O que houve?

Como se fosse da conta dele.

— Fiz uma oferta que ela não pôde recusar.

Seus lábios se pressionam em uma carranca, e ela vira os olhos para mim.

— Na verdade... não é tão fácil quanto você pensa criar uma lista de clientes. Você sabe o quão pequena é Oakville.

Henry assente.

— Eu posso me identificar com esse dilema. Como médico, tive a sorte de trabalhar com o seu pai e outros homens de destaque em

Charleston. Isso acelerou minha carreira.

Não gosto do jeito como ele diz *médico*, como se tivesse inventado a lâmpada, o motor de combustão interna ou o ar.

Ruby aparece com uma história sobre o pai dela que eu não conheço, e os dois riem. É irritante pra caralho o jeito como ele está sentado ao lado dela, conversando com ela.

— Papai! Seu sorvete está pingando! — Lillie aponta para a minha casquinha, e eu pego um pouco de baunilha antes que atinja minhas calças.

— Ah, não! Aqui. — Ruby me entrega um guardanapo e sorri. — Acho que o creme derrete mais rápido que o sorvete comum.

— Obrigado. — Tomando o guardanapo dela, tenho um pensamento.

Dou um passo para trás do Dr. Henry Pak e finjo estar olhando alguma coisa por cima do ombro de Ruby. Ao mesmo tempo, arrasto minha língua lentamente sobre o cone. Ruby está no meio da resposta a uma das perguntas estúpidas de Henry quando seus olhos pousam nos meus e sua voz se torna mais baixa.

Dou outra lambida mais devagar, passando a língua pela lateral, e meus olhos se fixam nos dela. Seus belos lábios rosados se abrem quando seu queixo cai e suas bochechas ardem em vermelho brilhante.

Sua resposta me faz sorrir. Ela se lembra de onde meu rosto estava ontem à noite. E quão alto a fez gritar meu nome.

— Ruby? — Henry se inclina para frente. — Você está bem? Parece um pouco corada.

Ela está mais do que corada, porra. Ela é minha.

— Desculpa! — Ela pisca rápido, olhando para ele novamente. — O que você disse?

— Eu disse que você não precisaria ser babá se estivesse comigo. — Ele sorri amplamente, e estou pronto para dar um soco nele. — Quando eu me mudar, enviarei meu número. Já que você está em Eagleton Manor agora, pode simplesmente passar por aqui.

Para o inferno que ela vai. Chego a me sobressaltar nesse momento.

— Sabe, eu realmente gostaria de ver esses condomínios. Eles devem ser legais. Não são tão legais quanto as casas, é claro, mas

talvez possamos caminhar juntos, Ruby.

Henry se inclina para trás para olhar para mim, e aborrecimento surge em todo o seu rosto. Acostume-se, amigo. Melhor ainda, que tal bater as orelhas e voar de volta para Charleston?

Ruby se levanta, ajudando Lillie a se levantar e limpando-a.

— Por que não vemos como as coisas ficarão quando tudo estiver resolvido?

Henry fica ao lado dela.

— Eu ligo para você. Seu número ainda é o mesmo?

— Uh... sim, é. — Ela sorri, e estou a dois segundos de abraçá-la e dizer a esse cara para excluí-la de seus contatos. Ruby continua falando. — Enquanto isso, é melhor eu voltar ao trabalho. Prazer em vê-lo, Henry!

Seu lindo sorriso é muito doce, e Henry aceita isso como incentivo. Por que os caras são tão ignorantes? Ela não gosta de você, amigo.

— Tenha uma ótima tarde. É bom ver você de novo, Key.

— Sim, igualmente. — Coloco minha mão no braço de Ruby e a levo, assim como minha filha para longe do intruso indesejável.

Quando estamos a vários passos de distância, Lillie sai correndo à nossa frente para ver um cara torcendo longos balões coloridos em formas de animais.

— Você foi rude com Henry — sua voz é baixa, mas aguda. Eu meio que amo isso.

— Eu não gosto daquele cara. — Jogo o sorvete em uma lixeira quando passamos. — Não quero Lillie perto dele.

Ruby para de andar e faz uma cara de surpresa.

— Ele é um cirurgião pediátrico respeitado. Acho que ele ganhou um prêmio no ano passado.

Minha voz soa calma, muito calma.

— Prêmio por ser o maior idiota. Ele nem consegue perceber que você não está interessada nele. — O queixo dela cai e nossos olhos se encontram. Vários segundos se passam e ela não responde. — Eu mantenho a minha declaração.

— Não há nada errado com Henry.

É o melhor que ela pode dizer.

— Ele precisa continuar procurando por alguém. Você o largou, lembra?

— Eu nunca deveria ter te contado isso.

Vários segundos se passam enquanto observamos o sujeito fazendo girafas e cachorros. Isso me lembra um pouco o Central Park, e eu decido que não há momento melhor para perguntar o que desejo como agora.

— Queria perguntar a você... tenho uma festa de negócios muito importante na próxima semana em Nova York. É uma viagem da noite para o dia. Gostaria que você fosse comigo.

Mais uma vez, eu a surpreendi. Meio que gosto de saber que tenho esse poder sobre ela.

— Vamos participar de um baile de gala para desenvolvedores de tecnologia e investidores como eu — continuo. — Então você precisará de um vestido formal. Posso ajudá-la com as despesas, se você precisar...

Ela eleva a voz.

— Eu posso pagar um vestido formal. Mas e a Lillie? — Seus olhos se lançam para onde minha filha está pulando para cima e para baixo e pedindo um unicórnio.

— Eleanor concordou em cuidar dela enquanto estivermos fora.

— Eu não sei se é uma boa ideia. — Ela respira fundo, olhando para baixo e cruzando os braços. — Não posso namorar você, Remi. É meu chefe.

— Você pode pensar nisso como mais uma função de trabalho. — Mentira. É uma merda de um encontro, sem dúvidas.

Minha garota é esperta demais para cair nessa.

A minha garota? O quê?

Eu meio que gosto do jeito que soa, no entanto.

Olhos escuros se inclinam para mim, e ela está tão bonita.

— Como é uma função de trabalho?

— Eu tenho que unir um mais um. — Dou de ombros, adotando um tom muito profissional. — Não tenho tempo nem vontade de encontrar uma mulher para ir comigo. Seu salário depende da minha empresa ter sucesso, então você irá comigo. E teremos bons momentos.

— Vamos ficar no mesmo quarto?



— Não. — *Tecnicamente*. — Reservei a suíte de cobertura no Four Seasons. Cada um de nós terá seu próprio quarto.

— Em uma mesma suíte? Acho que não.

Gosto que ela esteja considerando isso.

— Como é diferente do nosso acordo atual?

— Um andar e uma sogra. — Nós damos mais alguns passos. — E uma garotinha.

Estou em pé logo atrás do ombro dela e traço um dedo na parte de trás de seu braço, pensando em como sua pele é macia.

— Nada disso fez diferença na noite passada.

Os arrepios surgem em sua pele, mas seu olhar está focado diretamente na minha filha.

— Você não está ajudando.

Meu tom muda para algo mais persuasivo.

— Vamos lá, Ruby. Vai ser divertido e não consigo pensar em mais ninguém que queira ter comigo.

Virando-se, ela olha para mim.

— Por quê?

Por um momento, estou surpreso.

— Porque eu gosto de falar com você... porque você é divertida e inteligente. Porque ficará incrível de braço dado comigo quando encontrarmos clientes em potencial e intimidarmos a concorrência.

Seus lábios se pressionam em uma linha.

— Como é que você não tem ninguém para levar? Você é fácil de conversar, engraçado e inteligente.

— Eu não sei. Acho que estou muito focado no meu trabalho, na Lillie.

O que não digo é que ninguém me interessou antes de conhecê-la. Não quero voltar a essa existência solitária. Ao mesmo tempo, não estou interessado em conhecer alguém novo. Só quero estar com ela. Ela completa uma parte de mim que eu não sabia que ansiava por isso. Ela ama minha filha, enche minha casa de luz... Ela é perfeita.

— Olha, papai! Ruby, ele fez um unicórnio colorido! — Lillie volta correndo para nós, balançando um cavalo branco, lavanda, rosa e amarelo sobre a cabeça.

Ruby se agacha para cumprimentá-la, admirando a criação de látex.

— Isso é incrível! Ele fez só para você?

Lillie assente dramaticamente, e Ruby torce o nariz antes de se levantar e pegar a mão dela. Ela captura meu olhar e ergue um pouco o queixo.

— Vou pensar e te informo.

— Preciso da resposta hoje à noite.



Ruby

**L**illie está no quarto dela brincando com suas bonecas, e eu pego meu telefone digitando uma mensagem rápida. **Socorro. Preciso de ajuda. Emergência. 190!**

A bolha cinza flutua um segundo antes que a resposta de Drew apareça. **Ai, meu Deus! Você está bem? bateu o carro?**

Já estou escrevendo minha resposta. **Remi me convidou para ir a Nova York com ele. Para passar a noite. Cobertura. Four Seasons!!!**

Mais pontos cinza. Estou mordendo meu lábio como uma louca. Meu coração está batendo forte no peito, e tudo o que consigo pensar é em uma cobertura no Four Seasons, eu em um vestido formal, Remi em um smoking, dançando em um baile... Parece algo direto de um filme da Disney.

**Você está no hospital? Está sangrando? Não envie uma mensagem de texto pedindo socorro, a menos que esteja ferida. Você quase me fez entrar em trabalho de parto.**

Deixo escapar um pequeno grunhido. **Você não pode entrar em trabalho de parto com seis semanas. Pode se concentrar aqui, por favor? Ele quer que eu lhe dê uma resposta hoje à noite. Eu não posso... posso?**

Drew está demorando muito para responder. Levanto-me e passo pelo meu quarto, olhando as portas francesas para o lago. Meu estômago dá um nó. Depois da noite passada, não tenho certeza do que acontecerá se estivermos sozinhos juntos novamente. Por mais que meu cérebro diga que posso sobreviver a um curto mês, meu corpo fica elétrico quando estamos juntos.

Hoje no parque foi um excelente exemplo. Ele sabia o que estava fazendo, lambendo o cone e me olhando com aqueles olhos. Minha calcinha quase derreteu imediatamente. Sentada aqui, agora, nem me lembro do que Henry me disse.

A mensagem de Drew finalmente aparece e é uma palavra. **Vai.**

Tudo isso e apenas uma palavra? Digito de volta rapidamente. **Todo mundo vai saber. Todo mundo vai ficar falando.**

Ela responde com a mesma rapidez. **Você só vive uma vez. E todo mundo já está falando. Vai.**

— Ruby! — a voz de Lillie corta meu colapso mental. Ela dança no quarto segurando sua boneca Lottie rosa. — Gigi disse que é hora de jantar.

Teclando rapidamente, digo adeus com um lembrete. **O chá de bebê é sábado ao meio-dia, na casa da minha mãe. Você vai?**

**Sim. Mal posso esperar para ouvir as últimas fofocas sobre babás sexy.**

*Minha nossa!* Ela está provocando, mas quem imaginaria que quando eu dissesse sim a este trabalho, isso se tornaria algum tipo de novela distorcida? Mais como um daqueles dramalhões.

— Vamos, então. — Pego a mão de Lillie e ergo meus ombros.

Sinto que estou indo para a guerra.

— Filé de búfalo alimentado com capim, enviado de Montana apenas para você, senhora. — A empregada, que agora sei que se chama Tessa, coloca os pratos na nossa frente, e Jake, seu ajudante, corta a proteína de Lillie, como de costume.

— Não foi para mim. — Eleanor finge estar chocada. — Este bife é para o Sr. Key. Ele ama um bom lombo, e faz semanas que não comemos carne vermelha.

Ela faz um gesto para Tessa, que desaparece na cozinha novamente.

Lillie cutuca uma fatia com o garfo e depois levanta os olhos arregalados.

— Está sangrando.

Eleanor não é afetada pelo horror de sua neta.

— Sua carne está ao ponto, Lillian. Dê uma mordida. É o corte perfeito preparado da maneira perfeita. Você não acha, Remington?

Remi rapidamente corta um pedaço e o coloca na boca.

— Está deliciosa. Obrigado, Eleanor.

— É tudo o que você tem a dizer? — Ela ri e coloca a mão no peito. — Vou precisar importar *Kobe Beef* para impressioná-lo na próxima vez.

Observo enquanto Lillie empurra sua carne para uma pilha ao lado do prato antes de mergulhar uma colher no purê de batatas. Eu ficaria preocupada com o fato de ela ficar com fome, mas almoçou bem na casa da minha mãe e fez um lanche mais cedo.

Eu dou uma mordida no búfalo, e está muito bom.

— Sabe, eu li que eles massageiam aquelas vacas Kobe com saquê e dão cerveja para elas comerem. Parece ótimo, mas alguns dizem que é desumano.

— Sim, você provavelmente deve saber dessas coisas. — Eleanor nem me olha antes de tomar um gole de vinho.

— Como Ruby poderia saber? — a voz de Remi soa severa. Isso me deixa desconfortável e não sei por que decidi compartilhar esse pedacinho de conhecimento.

— Oh, os asiáticos conhecem práticas asiáticas.

— Ruby é americana. — O jeito que ele fala me soa como uma estranha mistura de orgulho e proteção.

Não tenho vergonha da minha herança, mas, ao mesmo tempo, a carne Kobe vem do gado preto japonês. Mais uma vez, com ênfase: *eu não sou japonesa*.

— Oh, claro que ela é. — Eleanor descarta o assunto com um aceno de mão enquanto Tessa volta para a sala carregando aquela garrafa de vinho. — Remi, veja o que encontrei hoje na estante. É o vinho Tawny, da Vinícola Prager. Lembra-se dele?

Minha garganta está tão apertada que tenho certeza de que não poderei comer outro pedaço. Não tenho ideia do que está prestes a acontecer, mas olho de relance para Remi.

— Eu me lembro — sua voz é suave, e sua expressão demonstra felicidade com um pouco de tristeza ao redor dos olhos. — Foi uma viagem especial.

— Foi a sua lua de mel. Nunca esquecerei quando vocês voltaram, o quão felizes estavam. Sandy disse que teríamos que esperar alguns anos para tomá-lo. Acho que deveríamos abri-lo agora antes que passe do tempo.

— Depois do jantar. — Remi dá outra mordida no bife, parecendo se recuperar. — Sinto falta de estar na costa oeste. Seattle tem uma região vinícola tão respeitável quanto a da Califórnia. Eu não me importaria de fazer uma viagem de volta para casa e analisá-la.

O rosto de Eleanor vai de presunçoso a assustado.

— Você não está pensando em voltar para lá. É tão longe. Como eu veria Lillian?

— Eu quero frango — lamenta Lillie, e não consigo deixar de pensar em: *merda, vadia!*

Eu me controlo, porque isso me dá vontade de rir, e definitivamente não é hora para isso. Eleanor desenterrou aquela lembrança antiga para nos levar por um caminho complicado, mas adivinhe? Contra-ataque!

Ainda assim, a última coisa que quero é parecer frívola ou insensível.

— Tenho certeza de que descobriremos. — Remi não parece nem um pouco chateado. Ele parece realmente bem.

— Minha barriga está doendo — Lillie começa a reclamar, e eu faço uma oração silenciosa de agradecimento.

— Você não deveria ter tomado sorvete tão perto do jantar. — Não sei quem Eleanor está repreendendo, mas coloco meu guardanapo ao lado do meu prato.

— Eu posso levá-la para tomar um banho. Ela teve um dia agitado. Tenho certeza de que está cansada.

— Obrigado. — Os olhos de Remi encontram os meus, e meu corpo aquece com a emoção que vejo neles.

Sei o quão complexa é a situação dele, e a última coisa que gostaria de fazer seria usar seus sentimentos contra ele. Quero dizer para aproveitar seu tempo. Estou aqui para ajudar. Em vez disso, pego a mão da filha dele.

A voz alta de Eleanor me faz parar.

— Você não quer experimentar o vinho?

*Eu gostaria de tentar enfiá-lo na sua bunda.*

Eu não digo isso. Faço uma pausa e sorrio.

— Eu não sou fã desse tipo de vinho, mas obrigada.

Lillie me puxa, e eu a sigo escada acima, longe de qualquer cena que Eleanor possa pensar que está montando.

Se ela acha que vai me colocar contra a memória da mãe de Lillie, está enganada. Por mais que meus sentimentos por Remi estejam crescendo, por toda química que compartilhamos, eu não sou um monstro. E não espero nada dele.

Estou aqui para fazer um trabalho, e esse é meu foco principal agora. Estou quase na segunda semana. Mais duas e passará o mês de experiência.



Remi

**P**arando no quarto da minha filha depois do jantar, ouço a voz dela saindo da banheira.

— As orelhas de Henry são enormes. Ele se parece com o Tata, o ratinho da *Cinderela*. — A água espirra, e eu mudo de ideia sobre interrompê-las. Eu gostaria de ouvir o rumo dessa conversa.

A voz de Ruby é gentil.

— As pessoas não podem escolher como serão suas orelhas e narizes, por isso não é bom ressaltar se são grandes ou engraçados.

— Eu gosto do Tata. Ele salva a Cinderela com a chave do bolso da madrasta malvada. Mesmo que Lúcifer tente comê-lo.

Mais sons de água. Eu imagino que Ruby esteja lavando os cabelos dela com um bule.

— Henry parece um pouco com Tata. Mas ele não é gordo.

Cubro uma risada silenciosa com a mão, e elas continuam mexendo na água. Parece que a Lillie está falando.

— O que significa *evoluir*? — o tom da minha filha é docemente curioso.

— Onde você ouviu essa palavra?

— Henry disse isso.



— Você deveria chamá-lo de Dr. Pak. E está na hora de sair da água antes que se transforme em uma ameixa.

— O que é isso?

— Evoluir? — Ruby suspira. — Significa crescer e mudar. Aprender com a experiência.

— Você parece que não gosta daqui. Você gosta daqui? — Barulhos de pé, saindo da banheira, fazem com que eu me afaste da porta e vá para o corredor. Não pretendo escutar, mas tenho que ouvir a resposta de Ruby.

— Eu gosto de você. — Ruby a leva para o quarto, e eu posso ver pela porta que Lillie está enrolada em uma toalha com capuz. — Gosto da sua linda casa e do meu lindo quarto. Eu gosto da nossa horta.

Nenhuma menção a mim. Meu peito aperta, e penso no que aconteceu no jantar. Ruby ficou ansiosa para fugir quando Eleanor mostrou o vinho.

— Você vai sair com Henry? — Ruby faz uma pausa para esfregar a cabeça da minha filha com a toalha. Percebo que estou prendendo a respiração.

— Eu não sei.

Sua resposta me irrita mais do que provavelmente deveria irritar.

Ou, inferno, talvez isso me irrite na quantidade certa? Sair com Henry Pak? Sair daqui? Depois do que compartilhamos? Girando os calcanhares, sigo para o meu escritório. A adrenalina está bombando nas minhas veias enquanto passo em frente à minha mesa, e sei que não vou conseguir trabalhar esta noite. Não com todos esses pensamentos correndo em minha mente.

Saindo do meu posto de trabalho, corro para o meu quarto e tiro a calça e a camisa de trabalho. Vou à cômoda e pego uma camiseta e uma calça de corrida de nylon. Em menos de cinco minutos, saio pela porta, correndo pela entrada circular e seguindo pelo caminho que passa pela nossa casa e pelo amplo bairro ao redor do lago.

Todo lote em Eagleton Heights é de dois acres. É um caminho longo e agradável para caminhantes e corredores. Passo pelos condomínios, onde agora sei que o Dr. Pak está estabelecendo residência. Sem nem pensar, dou uma olhada na nova construção antes de dar a volta de onde comecei.

Minhas pernas queimam com o esforço e estou coberto de suor quando volto à casa. Largo meu moletom em uma cesta na lavanderia e tiro minha camiseta suada. Não estou com vontade de subir para pegar outra. Felizmente, uma pilha de roupas dobradas fica na secadora, e pego uma camiseta branca.

Não comi muito depois que Eleanor surgiu com o vinho. Não sei que tipo de reação ela esperava que eu tivesse, mas tenho certeza de que por sua resposta não foi a que recebeu. Meus sentimentos em relação àqueles dias são apenas bons.

Eu nunca acreditei que chegaria a este ponto, mas depois de cinco anos, relembro minha lua de mel e o pouco tempo que tive com minha esposa como lembranças queridas. Um tempo abençoado, seguido por um dos momentos mais sombrios da minha vida.

Quando estava em terapia, Drew disse que acabaria por chegar a esse ponto de paz com o passado e com desejo de futuro. Eu não acreditava nela, mas agora parece que estava certa. Essas lembranças sempre viverão em meu coração e espero ser abençoado o suficiente para construir novas.

Meu estômago ronca, e eu ando até a geladeira. Eleanor nos mantém com uma dieta relativamente saudável, por isso não espero encontrar algo muito parecido com um lanche. Pensando sobre isso, decido que é hora de retomar essa parte da minha vida também. Quero alguns lanches nessa maldita casa.

Eu sorrio, lembrando como Ruby fez enroladinhos de salsicha em seu primeiro dia aqui. Eles estavam deliciosos, e isso faz minha mente seguir um caminho de todas as maneiras pelas quais ela é diferente das mulheres com as quais minha sogra se associa, diferentes dos velhos amigos de Sandy e das mulheres que vejo quando levo Lillie para a escola.

Ruby é ferozmente independente, e ela tem seu próprio estilo. Não imita ninguém. Não é um membro do rebanho. Não parece querer nada de mim além de um trabalho honesto e é incrível com minha filha.

Ouçó um barulho suave atrás de mim, que chama a minha atenção, e, quando a vejo, a emoção me bate forte no peito. Meus

sentimentos por ela cresceram tanto em uma semana e meia. Não quero que ela namore Henry. Quero que ela fique aqui comigo.

— O que você está fazendo aqui? — sua voz é suave, um pouco confusa, mas posso dizer que está tentando me provocar.

Ela veste um short de algodão e uma camiseta fina com "Dream Big" impresso na frente. Um roupão está pendurado em seus ombros, mas está aberto. Observo enquanto seus olhos viajam sobre mim rapidamente, suas bochechas corando.

— Você cora facilmente.

— Eu? — sua voz é suave e ela sorri, seu rosto ficando ainda mais rosado. — Nunca corei tanto antes. Não queria te pegar vestido assim.

Olhando para baixo, vejo que a camiseta de alças que estou usando não cobre muito. Estou suado, meu cabelo está uma bagunça e estou descalço na cozinha.

— Acabei de voltar de uma corrida. Pensei que todos já tivessem ido para a cama.

— Lillie está na cama. — Ela se aproxima. — Eu não sei onde Eleanor está.

Erguendo o queixo, volto para a geladeira, onde estou segurando a porta aberta.

— Eu só precisava comer um pouco mais para me ajudar a dormir. Estava pensando nas sobras de Lillie, desejando que tivéssemos algo como biscoitos ou enroladinhos de salsicha.

Ela quase ri.

— Me desculpe por isso. Não pretendia contaminar Lillie com minhas horríveis escolhas alimentares.

— Vocês deveriam cozinhar juntas um dia, fazer biscoitos.

Sua voz fica atrevida.

—Você está dizendo que quer meus biscoitos?

— Eu como seus biscoitos. — Dou uma piscadela para ela, indicando duplo sentido.

Ela bufa uma risada, e isso me faz sorrir. Eu amo quando ela brinca comigo. Voltando à geladeira, pego um recipiente de plástico com o que parece melão. Quando abro, cheira a álcool.

— Hum. — Eu estudo a fruta cor de salmão. — Isso deve ser ruim. Vou precisar que você prove para mim.

— Acho que não. Esse não é o meu trabalho. — Ela dá um pulo e se senta na bancada.

*Perfeito.* Passo entre as pernas dela, levantando um cubo.

— Você está dizendo que não vai provar para ter certeza de que não vai me causar mal?

Segurando a fruta, levemente traço o canto em seu lábio inferior cheio com ela. Ela puxa a cabeça para trás.

— Cheira como se fosse fermentado.

— Você vai cuidar de mim se eu ficar doente? — Coloco a fruta na minha boca, imaginando-a com uma roupa de enfermeira sexy. Isso faz meu pau se contorcer. — Não é ruim.

— Eu não comeria muito.

Indo para a geladeira novamente, encontro um recipiente menor de morangos e o pego.

— Que tal agora? — Seguro uma fatia de morango nos lábios dela. — Você não gosta de morangos?

— Sim e não. As sementes ficam presas nos meus dentes.

Abrindo meus lábios, observo quando sua boca também se abre levemente. Sua língua rosada desliza para fora e prova a fruta antes que a puxe entre os dentes brancos.

Eu tenho a metade de uma fruta à vista e coloco a outra metade na minha boca.

— É suculenta e doce, como você.

— Remi... — sua voz é um aviso, mas minhas mãos vão para suas coxas.

Eu as deslizo mais alto quando me inclino para mais perto, sentindo uma onda de possessão correr quente pelas minhas veias.

— Eu não gosto de você conversando com Henry Pak. Não quero que você vá ao apartamento dele quando ele se mudar. Não quero que ele ligue para você.

Suas sobrancelhas se erguem e suas mãos agarram meus pulsos, parando meu progresso. Estou pronto para devorá-la como essa fruta e tenho certeza de que ela percebe isso nos meus olhos.

— Isso não é da sua conta — sua voz é baixa, pesada e sua respiração está um pouco mais rápida.

— Eu posso fazer com que seja da minha conta.

— Como? — Sua sobrancelha se arqueia, mas o aperto nos meus pulsos se afrouxa.

— Eu não quero Lillie perto dele.

— Henry é educado, é médico, é coreano... — Os lábios dela se curvam em uma carranca fofa. — Ele é exatamente o tipo de cara que minha mãe aprovaria.

— Agora eu realmente não gosto dele. — Isso a faz rir. — Além disso, você não gosta de homens educados. Eu sei.

Os olhos dela se estreitam.

— Como você sabe?

— Eu vejo e aprendo. Descobrir o que você gosta se tornou meu passatempo favorito. — Minhas mãos começam a se mover novamente, mas ela pega meus pulsos.

O queixo dela se ergue e, quando nossos olhos se encontram, é elétrico, como sempre.

— O que você está dizendo?

Não tenho certeza exatamente.

— Você é importante para mim... eu me importo com o que você faz. Importa de uma maneira que eu não esperava.

— Eu realmente preciso encontrar minha própria casa.

Essas palavras são uma facada do meu estômago.

— Eu não quero que você saia. — Inclinando-me para frente, nossas respirações se misturam. — Porque não vou poder te beijar quando quiser.

— Aqui não. Alguém pode nos ver — é um sussurro pesado, mas ela se aproxima, encontrando minha boca.

Seus lábios se abrem, e nossas línguas se entrelaçam. Ela é doce como os morangos e um pouco salgada, o que eu acho que vem de mim. Suas mãos pequenas seguram minha mandíbula, deslizando os polegares levemente pelas minhas bochechas. Nossas bocas se movem mais rápido, e eu a puxo para mais perto, para que seu núcleo fique contra a minha cintura, atingindo o topo do meu pau. *Porra, é tão bom.*

— Você tem um gosto tão doce. — Meus lábios viajam para sua bochecha, mais alto para sua orelha, e ela solta um gemido suave. — Seu cheiro é tão bom. — Eu inspiro o perfume floral de seus cabelos.

— Remi — ela fala meu nome em uma arfar, e eu movo minha mão para o topo de sua coxa, mais alto em seu short, deslizando meu polegar ao longo do centro úmido de sua calcinha.

Ela geme, e eu fecho minha boca sobre a dela novamente, beijando e perseguindo sua língua. Envolver meus dedos dentro da renda fina até que eles estejam dentro de sua vagina.

Outro barulho suave, e seus quadris começam a rebolar contra os meus dedos, que deslizam para cima e para baixo em suas dobras molhadas, tocando-a suavemente, depois com mais insistência, massageando aquele pequeno ponto enquanto ela choraminga e chupa meus lábios.

De repente, ela para e se afasta.

— Não podemos fazer isso.

Ela pega minha mão, tirando-a do short e pulando do bar. Ela está de costas para mim, e eu a vejo levar as mãos às bochechas, os ombros subindo e descendo com as respirações rápidas.

Eu passo a mão pelo cabelo.

— Eu sinto muito. Não deveria ter feito isso. Me perdoa.

A dor está no meu peito, e a última coisa que quero é afastá-la. Venho sonhando com seus gemidos, como ela diz meu nome quando goza, desde que enterrei meu rosto entre suas coxas. Ela é como uma droga para mim agora, e quero ouvir esses sons repetidas vezes. Quero que ela me deseje tanto quanto eu a desejo. Não suporto pensar em outra pessoa possuindo-a, tocando-a dessa maneira.

— Você não precisa se desculpar. Eu gosto disso. Demais. — É o que eu quero ouvir, mas ela não se vira para mim.

Quero puxá-la para os meus braços e abraçá-la, provar aqueles lábios doces novamente. Quero perguntar se resolveu ir para Nova York... mas decido que talvez eu não deva perguntar isso com o cheiro dela ainda por todos os meus dedos.

— É melhor eu ir para a cama.

Com isso, ela me deixa em pé na cozinha com uma tenda armada na calça.



## Ruby

— Então? Você vai para Nova York com Remi? — Drew se senta no sofá da minha mãe.

Seu chá de panela é simples, mas é o que ela queria — apenas nossos amigos mais próximos, Dotty Magee e algumas meninas do grupo da igreja. Elas estão na cozinha ajudando minha mãe com as travessas de bolo e biscoitos. Estou no sofá, cercada por papel de embrulho rasgado, lingerie sexy, álbuns de fotos e porta-retratos, e a lista de livros de quem deu o quê estava no meu colo.

— Shiiiiiu! — Coloco a mão na frente de seus lábios. — Se minha mãe ouvir você, ela me colocará em um convento.

— Tarde demais para isso. — Drew se inclina para trás, radiante. — Bem? O que você disse para ele?

Meus lábios se pressionam em uma careta.

— Ainda não falei nada a ele.

Penso em nossa sessão quente de beijos na cozinha, seus dedos na minha calcinha quase me fazendo gozar. Isso me deixa com calor, e eu pigarreio.

Novamente, passei os últimos dois dias fazendo o possível para ficar fora de vista. Isso não importava. Ele me encontrava, e toda vez que nos olhávamos, era ardente. Sempre que nossas mãos se

roçavam, quando eu lhe entregava um prato ou sua filha, escapavam faíscas.

A possessividade dele, a maneira como fala sobre Henry... Eu odeio admitir, mas adoro.

Drew está me olhando com um brilho malicioso nos olhos.

— Presumo que a noite de karaokê o tirou da friend zone.

— Meu Deus, sim. Foi puro fogo. — Coloco o livro sobre a mesa de café e começo a guardar os presentes de Drew em caixas.

É tudo o que consigo fazer para impedir que minha mente voe para a língua dele dentro de mim depois daquela noite de karaokê. *Jesus*. Contraio as coxas com a memória.

— Bem, eu não te culpo. — Drew me ajuda a limpar a bagunça.

— A voz dele é como gotas de chocolate e sexo puro. E com aqueles olhos e aquela covinha...

Ela suspira, e eu me endireito, colocando as mãos nos quadris.

— Você não deveria estar apaixonada por outra pessoa?

— Por você! Estou apreciando Remi por sua causa. — Ela ri. — Estou tão feliz que você finalmente encontrou alguém. Juro que pensei que fosse acabar com Ralph, afinal.

— Pelo amor de Deus, Andrea! Nem diga essas palavras. — Isso a faz rir mais.

— Estar morando na casa dele é sua única razão para não mergulhar de cabeça neste festival de amor? Porque se for, eu vou ajudá-la a encontrar um apartamento. Caramba, com o dinheiro que você está ganhando, pode comprar uma daquelas casas novas em Eagleton Manor.

— Remi adoraria isso. — Meu tom sarcástico a faz franzir a testa, então eu explico. — Lembra-se de Henry Pak?

— Oh... — Ela faz uma cara de simpatia. — Ele tem aquelas orelhas.

— Sim, bem, eu o vi no parque novamente, e ele disse que acabou de comprar uma casa em Eagleton Manor.

— Isso é legal. Ele seria um ótimo vizinho. Se você tivesse uma emergência, ele estaria logo...

— Remi praticamente me proibiu de falar com ele. Diz que também não quer Lillie perto do cara.

O queixo de Drew cai.



— O que aconteceu?

— Eu saí com ele. Duas vezes. Aparentemente, isso é suficiente para fazer do pobre Henry um leproso.

Minha melhor amiga grita.

— Isso faz. Vou encontrar um lugar para você morar. Não suporto ver vocês dois separados mais um dia! E você vai para Nova York. Não me faça ligar e responder a ele eu mesma.

Meu estômago está formigando e quente, e eu sei que vou topar.

— Eu tenho que comprar um vestido elegante.

— Você pode pagar por um vestido elegante. Vou ajudá-la a escolher. — Penso novamente no meu cheque que apareceu na minha cômoda enquanto eu estava com Lillie.

— É um ótimo trabalho, mas ainda não sei como aceitar meu salário e sair com ele.

— Você cuida da filha dele, certo? — Drew adota um tom muito científico. — Você está fornecendo um serviço pelo qual qualquer outra pessoa seria paga. Por que você não deveria aceitar?

Mordendo meu lábio, esforço-me para entender a maneira como ela pensa.

— Eu acho que você está certa. Não sei por que isso me faz sentir tão errada.

— Se ele não tem problema com isso, você também não deve ter. É claro que, depois que você se casar, tudo será propriedade comum.

— E agora você ficou completamente louca. — Ela ainda está rindo quando nossas amigas retornam à sala, conversando com a minha mãe. — Vamos dar um passo de cada vez.

O sermão do pastor Hibbert é sobre o aspecto do mal. Ele lê o texto da Bíblia e sinto quatro pares de olhos perfurando a parte de trás da minha cabeça.

Como deixei aquelas cadelas invejosas chegarem até mim?

Um olhar à minha esquerda responde a essa pergunta.

Depois de deixar Lillie na escola dominical, minha mãe ficou ocupada, ajudando o grupo de mulheres a organizarem outro encontro de idosos. Drew me mandou uma mensagem dizendo que

estava cansada e não iria à igreja pela manhã. Isso me deixou com apenas uma opção — sentar-me com Remi e Eleanor.

Suponho que poderia ter me sentado sozinha, mas meu objetivo era esgueirar-me do outro lado de Eleanor para que a sogra ficasse entre mim e Remi. Mas quando Remi me viu escorregando ao final do banco, ele manobrou tudo para que eu ficasse ao seu lado.

Não vou mentir, adoro tê-lo ao meu lado, segurando o hinário para nós, certificando-me de que tenho tudo de que preciso. Adoro sentir o calor do corpo dele agora que estamos sentados um ao lado do outro. Sempre fui atraída por homens como Remi, experientes, controlados, exigentes — o que tenho certeza de que tem muito a ver com a minha infância.

Ainda assim, após o cântico, quando somos instruídos a cumprimentar o Corpo de Cristo ao nosso redor, no minuto em que me viro, Serena North se vira de costas para mim, assim como Anita Flagstaff e sua velha mãe de cabelos grisalhos.

Uma coisa é essas putas agirem como se não me conhecessem, embora tenhamos nos cruzado pelos corredores da escola, mas, honestamente, estamos na igreja. Sinto vontade de dizer em voz alta:

— Como vocês podem agir assim na casa de Deus?

Mas não quero mais munição para Eleanor, e minha mãe provavelmente diria que estou provocando. Não tenho certeza absoluta de que Drew me apoiaria ao atizar as pessoas durante a missa. Provavelmente, sim, mas acho que tenho mais autocontrole do que isso.

O único "cristão" do grupo que apertou minha mão com entusiasmo foi o Dr. Phillip North, aquele velho indecoroso. Tenho certeza de que ouvi Remi rosnando baixinho.

Agora, estamos sendo ensinados sobre como devemos nos proteger contra acusações malignas. Estou pronta para fugir. Em vez disso, penso no que Drew disse. Estou prestando um serviço pelo qual qualquer um esperaria ser pago. Assinei um contrato, pelo amor de Deus. Não há razão para me sentir desconfortável por sair com Remi.

Drew e eu passamos a tarde de ontem pesquisando aluguéis em Oakville e nos arredores. Encontramos uma casinha agradável na

parte mais nova de Oakville Estates, na verdade, a uma curta distância de Eagleton Heights. É apenas uma pequena casa com um quarto e um banheiro. Ainda assim, o aluguel é totalmente acessível, mesmo sem o salário louco que Remi está me pagando, e está disponível.

Uma pequena pesquisa revelou que a tia de Dagwood, Marsha, é dona da casa, ela é super doce e me falou que aceitaria um depósito para segurá-la, e eu poderia me mudar assim que estivesse pronta. Tudo está funcionando. Está apenas esperando por mim.

Agora só preciso descobrir como contar ao meu chefe.

O pastor Hibbert diz a todos para inclinarmos a cabeça para a oração, e Remi se aproxima para segurar a minha mão. Nós não entrelaçamos os dedos, mas, ainda assim... é uma demonstração pública de carinho. Sinto um nó na minha garganta e não consigo deixar de me perguntar se Eleanor vê. A última coisa que quero fazer é puxar minha mão e, quando olho de relance, é como um tiro direto no meu coração quando encontro os olhos de Remi.

Ele sorri, a covinha aparece, e meu coração está disparado. Eu sorrio de volta, e ele aperta minha mão antes de soltá-la com o Amém.

Estamos de volta em casa, o almoço terminou, e Eleanor e Lillie estão dormindo quando eu caminho para o escritório dele no segundo andar. Está vazio quando bato em sua porta aberta, mas quando vejo sua sombra na varanda, vou para onde ele está, olhando o lago.

— TOC TOC — eu finjo bater nas portas francesas. — Espero não estar te incomodando.

Ele ainda está com as calças de mais cedo, mas o paletó foi tirado. Vejo que a gravata também desapareceu quando ele vira de costas para o lago. Ele cruza os braços e me dá seu sorriso irresistível e com covinhas.

*Minha calcinha fica oficialmente em chamas.*

— Você nunca me perturba. — Suas mangas estão arregaçadas, e eu posso ver seus músculos nos antebraços. Ele é delicioso demais. — O que você está pensando?

— Todo mundo está dormindo, então achei que era um bom momento para conversarmos.

— Não tenho certeza se gosto ou não disso. — Seu sorriso diminui um pouco, mas ele ainda me captura em seu olhar.

Piscando e olhando para longe, coloco-me ao lado dele na varanda, de frente para o lago.

— Acho que estou atrasada para lhe dar uma resposta sobre Nova York.

— Ah, sim. — Ele se vira para o lago ao meu lado, colocando as mãos na grade de ferro. — Você tomou uma decisão?

Meus pensamentos são um ciclone na minha cabeça. Tenho minhas preocupações — corroboradas pelo que minha mãe diria, as cadelas da escola e até o pastor Hibbert hoje de manhã na igreja — lutando contra o incentivo de Drew.

Mas o que fala mais alto é esse desejo em meu coração de conhecer Remi melhor. Não posso deixar passar o que poderia ser uma chance de mudar de vida com um homem que pode se transformar em alguém muito especial. Foi a única coisa que Drew disse que me fez ignorar todo o resto.

— Pensei sobre isso e decidi que sim. Eu irei com você.

Seus ombros relaxam como se ele estivesse prendendo a respiração, e seu sorriso brilha como se fosse uma lâmpada de cem watts. Ele envia um caleidoscópio de borboletas que rodopiam loucamente dentro de mim, e eu tenho que pegar as rédeas antes de esquecer o resto do que preciso dizer.

— Com uma condição.

Seu sorriso não é sombrio, mas sua sobrancelha se ergue, e eu o amaldiçoo por ser tão bonito.

— O que pode ser isso?

— Eu não vou ficar com você na suíte da cobertura. Só irei se tiver meu próprio quarto...

— Feito — ele me interrompe antes que eu termine.

— Em um andar separado. Posso fazer minha própria reserva e pagar por ela...

— Eu já disse que você não vai pagar pelo seu quarto. Esta é uma viagem de negócios que você não faria se eu não precisasse que estivesse comigo.

— Ainda acho que você realmente não precisa de mim. Você nunca precisa. — Minha mente se volta para as palavras de Eleanor no meu primeiro dia nesta casa.

Aproximando-se, ele coloca as mãos nos meus braços, e eu mal consigo segurar seu olhar, tão cheio de emoção.

— Você não tem ideia do quanto é necessária.

Sua voz é baixa e íntima, e sinto a tensão irradiando na minha espinha, a pressão entre o que eu quero tanto e o que sinto que tenho que fazer, pelo menos por enquanto, para manter minha reputação. *Graças a Deus, Drew me ajudou a encontrar aquela casa.*

— Só para você entender, estamos viajando como amigos.

— O que te deixar confortável. — Ele se inclina, beija minha bochecha e arrepios voam pelos meus braços. — Obrigado por ir comigo.

Tenho certeza de que tudo está prestes a mudar.



Remi

**O**bservo minha filha abraçar Ruby como se sua vida dependesse disso.

Por um lado, isso me deixa triste — não porque ela não ficou tão chateada com a ideia de eu partir —, mas ela era recém-nascida quando sua mãe morreu. Eu me pergunto se ela ainda sente a sensação de perda ou abandono.

— Quem vai fazer bolinhos para mim? — Os olhos castanhos de Lillie estão redondos e cheios de lágrimas. Ela pisca e uma gota atinge sua bochecha.

Ruby coloca um cacho dourado atrás da pequena orelha e enxuga a lágrima com o polegar.

— São apenas dois dias, Lil. Volto na quinta-feira e vou fazer um para o almoço.

Minha filha assente lentamente, triste.

— Vai mesmo?

— Ei, estou falando sério — a voz de Ruby assume um tom animado. — Que monstro você conheceu esta semana? Na semana passada, o monstro branco era o número três, certo? Três?

A voz de Lillie é fraca.

— Monstro amarelo, número três.

— Está certo! — Ruby está trabalhando duro para manter vivo o entusiasmo. — E quem é essa semana?

Lilly dá de ombros, mas Ruby a mantém abraçada, dando-lhe um puxão.

— Vamos lá, eu sei que estávamos ocupadas fazendo as malas e nos preparando ontem à noite, mas me diga o nome dele.

Olhos castanhos estão fixos no colarinho de Ruby. Seus lábios rosados se curvam, e ela tenta não sorrir. Ruby lhe dá outro pequeno apertão, e ela cede.

— Monstro roxo número quatro.

— Roxo? — Os olhos de Ruby se arregalam, e eu meio que estou amando tudo o que está acontecendo no momento. — Você sabe que roxo é minha cor favorita? Mal posso esperar para ouvir tudo sobre o monstro roxo número quatro. Gostaria de saber qual é o nome dele em espanhol.

— Cuatro.

— Cuatro... eu gosto desse nome. E você?

Lillie encolhe os ombros e coloca os braços em volta do pescoço de Ruby.

— Eu vou sentir sua falta.

Ruby a abraça, beijando sua bochecha.

— Eu também vou, feijãozinho manteiga. Faremos algo especial quando eu voltar, só você e eu.

— Meu Deus, não é como se ela estivesse se juntando à Legião Estrangeira. — Eleanor aparece no grande salão, com as mãos nos quadris. — Lillian, venha comigo. Temos que ir para a escola agora.

Ruby dá um último abraço na minha filha, e as duas gemem. Depois disso, ela pega a mão da avó e a segue até o Crown Vic, que as espera.

Quando Ruby se vira para mim, vejo lágrimas nos seus olhos.

— Eu nunca sei o que ela vai fazer. — Ela força uma risada e enxuga os olhos com as palmas das mãos, olhando para o teto. — É apenas uma viagem de dois dias.

Isso aperta o meu peito e, caramba, jurava que não poderia gostar mais dessa mulher, mas estava enganado. Ela está chorando por deixar minha filha em casa com a avó?

Deslizo um braço em volta da sua cintura e estendo um lenço. Graças à minha mãe antiquada, sempre tenho um no bolso.

— Eleanor cuida dela desde que ela nasceu. Até você chegar... há apenas duas semanas e meia.

Ela ri um pouco mais, passando o lenço nas bochechas.

— Eu sei. Eu sou uma idiota. — Ela soluça um pouco. — Eu só...

Sua voz diminui e ela não termina seu pensamento.

— O quê?

Ela balança a cabeça, mas eu quero saber.

— Eleanor não a ouve.

— Acho que ouve, sim.

— Não, ela é agressiva. Ela espera que Lillie termine de falar e depois lhe diz o que fazer. Há uma diferença. Até crianças pequenas sabem disso.

Eu não aguento mais. Estendo a mão e a puxo para um abraço. Seus braços envolvem minha cintura, e eu a seguro contra o meu peito. Ela respira fundo e espero que não esteja mais chorando.

Meus lábios estão bem no ouvido dela quando falo:

— Adoro que você se preocupe com a minha filha. — Ela assente contra o meu ombro. — Agora não chore mais. Lillie vai ficar bem. Vamos fazer uma viagem divertida e você verá minha filha novamente em dois dias.

Soltando-a, eu pego seus olhos lacrimejantes. Eles derretem naquele sorriso doce que eu adoro... seguido rapidamente por seu humor sarcástico.

— Você não vai sentir falta dela? Seu chip sentimental se perdeu?

Eu bufo, pegando a mala e a bolsa pendurada e levando-as para a limusine.

— Vou sentir falta da minha filha, mesmo que ela não pareça muito chateada ao me dizer adeus. Ao mesmo tempo, sei que ela ficará bem enquanto eu estiver fora.

Os olhos dela se inclinam para mim.

— Você está magoado por ela não ter chorado por você estar indo embora?



— Surpreendentemente, acho que ficaria mais chateado se você fosse embora também.

— Você está flertando comigo, Remington?

— Sempre.

Isso a faz rir, e fico feliz em ver que passamos pela parte difícil.

A limusine nos leva ao terminal para o serviço de jato particular. Alguns carros estão estacionados, mas somos os únicos a voar hoje de manhã.

— Uau. — Os olhos de Ruby estão arregalados quando ela me segue pelo pequeno lance de escadas até o Lear 60. — Você é o proprietário? — ela está sussurrando quando passamos pela porta oval e caminhamos pelo corredor curto que separa os assentos com mesas no centro.

— Não. — Sento-me em um dos bancos na parte de trás e faço sinal para ela se juntar a mim. — Eu freto para voos curtos. Realmente não vale a pena manter um jato, com o mínimo de viagens que faço.

Ela se senta ao meu lado na luxuosa cadeira de couro creme. Um pequeno sofá está atrás de nós, mas este avião não tem uma cama. Nosso voo durará pouco mais de uma hora.

— Eu nunca estive em um jato particular antes — ela ainda está falando baixo, inclinando o rosto para mim enquanto a aeromoça coloca as taças de champanhe na nossa frente.

— Bem-vindo a bordo, Sr. Key, Srta. Banks. Vamos decolar em breve. Se preferirem, apertem os cintos de segurança e avisarei quando for seguro circular pela cabine.

— Obrigado, Grace. — Pegando a taça de champanhe, eu seguro a de Ruby. — A uma viagem de negócios bem-sucedida.

Ela tilinta seu copo no meu e toma um gole.

— Hum... isso é delicioso.

Nossos cintos de segurança estão presos e estamos no ar em menos de quinze minutos. Grace aparece e nos diz que já é seguro nos movimentarmos. Nós apenas tiramos os cintos de segurança, e eu giro na minha cadeira para encarar minha companheira.

Ruby é como uma criança em uma loja de doces, olhando em volta, tocando tudo. Isso me atinge com uma emoção renovada.

Lembro-me de uma época em que tudo isso era novo para mim também.

— Por que eles sempre servem champanhe em jatos particulares?

— Eu pensei que você nunca tinha estado em um.

Seu nariz enrugou quando ela toma outro gole.

— Já vi nos filmes. É para celebrar por ser tão rico?

Dando de ombros, tomo minha própria bebida gasosa.

— É mais provável que se comemore por não ficar parado por horas na fila do aeroporto e por ser forçado a sentar em um assento apertado ao lado de um vizinho potencialmente irritante.

Ela assente.

— Posso aceitar essa explicação. Qual é a nossa programação em Nova York?

— Quando chegarmos a Manhattan, depois do meio dia, vamos pegar um carro para o hotel. O baile é amanhã à noite às oito.

— O que faremos durante esse tempo?

— Vou encontrar um dos meus consultores de investimentos hoje à noite para tomar uma bebida. O nome dele é Stephen Hastings. Eu realmente gostaria que você se juntasse a mim, mas não precisa... se tiver algo em mente.

— Vou juntar-me a você. — Ela chega mais perto, mordendo o lábio. — Eu nunca estive em Nova York

— Não? Isso muda as coisas. — Estendendo a mão, puxo seu lábio livre dos dentes com o polegar, pensando em beijá-la. Com base no olhar que me dá, ela parece estar pensando a mesma coisa. — Então acho que devemos passar um pouco de tempo sendo turistas.

Um sorriso enorme divide suas bochechas, e é como se eu tivesse ganhado na porra da loteria.

— Você vai fazer isso por mim?

— Eu adoraria fazer isso com você. O que quer ver?

— Ah, meu Deus, eu quero ver tudo. — Ela se recosta na cadeira, tomando outro gole de champanhe. — A Estátua da Liberdade, o Empire State Building, Central Park, Wall Street, Time's Square, Broadway, o Museu Guggenheim, o Met, a ponte do Brooklyn, Soho, a Village...

Eu começo a rir.

— Não podemos fazer tudo isso, mas podemos fazer um plano e ver quanto podemos encaixar.

Estendendo a mão, aperto a dela na minha, unindo os dedos. Fico satisfeito quando ela não se afasta. Na verdade, parece muito confortável segurar a mão dela aqui, milhares de pés acima do mundo.

Seu rosto está virado para a janela, e ela parece muito pensativa.

— O que você está pensando? — Eu levanto a mão dela, estudando seus dedos entrelaçados aos meus.

Ela balança a cabeça, os cabelos escuros deslizando pelos ombros.

— É bobagem.

Eu puxo a mão dela.

— Conte-me.

Virando-se para mim, seus olhos estão emotivos.

— Eu nunca esquecerei isso.

Naquele momento, sinto que não quero soltá-la nunca. Tocando seus dedos com meus lábios, falo baixinho.

— Estou feliz por compartilhar isso com você.

A limusine nos deixa no Four Seasons, e eu dou uma gorjeta ao motorista enquanto o mensageiro recolhe nossas malas para enviá-las para nossos quartos. Conforme solicitado, Ruby fica no quinquagésimo primeiro andar, enquanto eu estou na cobertura, um andar acima.

De pé na minha varanda, pego o telefone e ligo para o quarto dela.

— Venha ver a minha vista do Central Park.

— Você está apenas se exibindo — a voz dela é atrevida e eu não gosto que estejamos separados.

— Você deve lembrar que meu plano original era compartilhar isso com você. Traga algumas coisas, caso decida ficar.

— Quantas vezes eu tenho que falar...

— Desculpe, conexão ruim.

— É um telefone fixo.

— Depressa, estou com fome. — *Faminto, na verdade.*

Eu sorrio, desligando e pensando nas próximas quarenta e oito horas. Coloquei o nome dela na lista de convidados deste quarto e lhe dei uma chave para que ela não tivesse problemas para acessar minha suíte. Cinco minutos depois, ela está passando pela minha porta.

— Isso é incrível. — Ela se joga no sofá de couro ao lado do que fica de frente para a varanda onde eu estou. — É como uma casa inteira aqui em cima.

— É metade do último andar. A outra metade é uma suíte separada. — Inspecionando suas mãos, eu franzo a testa. — Você não trouxe uma bolsa.

— Eu não vou ficar no seu quarto, Remi.

Veremos.

— Está com fome? Tenho sentido vontade de comer um cheeseburger a semana toda.

Ela ri alto.

— Um cheeseburger? O que Eleanor diria?

— Eu não dou a mínima.

Na rua, caímos na loucura da velocidade do tráfego de pedestres em Manhattan.

Pego a mão dela e a mantenho perto.

— Estamos em uma parte bastante turística da cidade, em Midtown.

— Próximo ao Rockefeller Center!

— Correto. — Nós serpenteamos pela multidão, evitando os turistas que param no meio da calçada. — Podemos ir em direção à vila e ver o Soho depois que comermos. Isso tirará duas coisas da sua lista.

Ela pula um pouco animada.

— Podemos ir à Magnolia Bakery e comprar cupcakes?

— Podemos fazer o que tivermos tempo para fazer.

O tráfego é um pesadelo, mas conseguimos chegar até Whitman no East Village. Uma breve espera, e estamos atracados com dois cheeseburgers. O queijo vaza, e Ruby grita, limpando o queixo.

— Eu não consigo comer tudo isso. — Ela se inclina para frente, e eu limpo uma mancha de mostarda de sua bochecha.

— Pegue uma caixa para viagem. Podemos comer hoje à noite depois de conhecermos Stephen.

— Não estamos saindo tanto assim da dieta. Aqui diz: *ingredientes locais frescos*. — Ela dá outra mordida no cheeseburger.

— Tenho certeza de que não há nada saudável neste almoço.

É perfeito e, assim que terminamos, estamos na rua novamente, com as sobras na mão. Saímos de Alphabet City e caminhamos até o East River, de frente para o Brooklyn. O sol está alto e uma brisa leve ondula a água. Continuamos caminhando para o sul até chegarmos a um conjunto de bancos de parque de frente para a água. Uma grande ponte está em segundo plano.

— Essa é a ponte do Brooklyn? — Ela pega minha mão e me leva a sentar.

— Williamsburg. — Sento-me ao lado dela, colocando meu braço em volta dos seus ombros. — O Brooklyn fica mais ao sul.

— Esta é a do filme?

— A do filme é Queensboro. É mais ao norte.

Ela ri e balança a cabeça.

— Estou confusa.

— Está bem. Eu sei o caminho. — Pegando a mão dela, eu entrelaço nossos dedos novamente, amando este dia, o tempo que estamos passando juntos. — Estou realmente feliz que você tenha vindo comigo.

— Estou me divertindo muito.

Eu gosto disso, mais uma vez ela não se afasta, encosta a cabeça na mão e me observa.

— Como você sabe tanto sobre Nova York? Achei que tivesse crescido em Seattle.

— Minha mãe amava isso aqui. Ela sempre quis morar na cidade. — Uma pitada de tristeza revira meu estômago. — Meu pai odiava. É muito barulhenta, muito cheia. Você precisa fazer uma reserva em todos os restaurantes. Se consegue uma mesa, o serviço é terrível...

— Ele parece muito divertido. — O sarcasmo em sua voz me faz rir.

— Ele vivia com uma nuvem negra sobre a cabeça. Eu não quero ser como ele. — Suspirando profundamente, olho para uma barcaça que passa lentamente.

Ruby aperta minha mão.

— Eu já te disse. Você não é nada parecido com ele. Não conheci sua mãe, mas você deve ser muito mais parecido com ela. Gosta de se divertir e, até agora, me mostrou todas as partes legais da cidade.

De pé, eu a puxo para que se levante. Melancolia não é o humor que eu quero ter nesta viagem.

— Estamos apenas começando.

Quando voltamos ao saguão do hotel, passava das cinco e tínhamos passeado pelo SoHo, andamos até o Washington Square Park para ver o arco, continuamos a nordeste de Gramercy Park, passamos pelo prédio Flatiron até chegarmos à Korea Town antes do Empire State Building.

— Sinto como se estivesse caminhando sem pés. — Ruby está pendurada no meu braço, e eu dou-lhe um solavanco.

— Temos que encontrar Stephen às sete. Tome um banho rápido e troque de roupa.

Ela faz um pequeno gemido.

— Onde o encontraremos teremos que caminhar?

— São sete quarteirões até o Top of the Rock. Como você é nova na cidade, achei que gostaria de ver a vista. — Seu adorável rosto carrancudo me faz sorrir. — Faça isso e pedirei cupcakes na Magnolia Bakery, depois farei uma massagem nos seus pés.

— Combinado!



Ruby

**M**inha cabeça está girando com tantos pontos turísticos. Não tenho certeza se já fiquei tão cansada, mas meu coração está batendo forte e estou animada.

Tirando o vestido branco de miçangas do armário, deslizo-o sobre meu corpo recém-banhado e me viro de um lado para o outro, inspecionando-me no espelho. Esses sapatos não são feitos para caminhar, mas eu posso andar sete quarteirões... espero. Coloco um xale preto sobre os ombros com um enorme laço escarlata, e meu cabelo está penteado com um coque baixo com mechas caindo no rosto.

Quando nos encontramos no saguão, Remi está vestindo calças escuras e uma jaqueta carvão com uma gravata verde que destaca o tom de seus olhos. Eles brilham quando me veem, e meu estômago revira.

Quanto mais tempo passamos juntos, conversando e nos conhecendo, mais forte é a atração entre nós. Mais uma vez, ele pega a minha mão, enlaçando os dedos. Durante todo o dia, subindo e descendo as ruas da cidade, ele manteve minha mão firmemente na dele, meu corpo muito próximo. Eu amo isso.

As ruas são tão movimentadas à noite quanto durante o dia, e eu entendo por que chamam esta de cidade que nunca dorme. Durante todo o dia tentei ser como Carrie Bradshaw, mas tenho medo de ser mais Kimmie Schmidt. A cidade é tão grande, viva e cheia de pontos turísticos que ando de boca aberta, olhando para o céu como uma turista estereotipada.

No Top of the Rock, a vista é impressionante. Só tenho um momento para observá-la antes de Remi me levar para o bar, onde um cara alto, com cabelos castanho-claros e intensos olhos azuis se levanta para nos encontrar.

— Remington. — O homem, que eu presumo que seja Stephen, aperta a mão dele e eles dão um abraço de irmãos.

— Stephen, conheça Ruby, minha assistente.

*Sou assistente dele agora?*

— Como vai? — Eu sorrio, e Stephen se inclina para trás, olhando-me de cima a baixo.

— Nada mal — sua voz é forte, esnobe e completamente arrogante. Remi dá um soco no braço dele, que se sacode. — Eu quis dizer que *eu* não estou mal. Você parece estar se saindo muito bem também.

— O que isso deveria significar? — Depois de crescer com meu pai, aprendi a não me deixar intimidar facilmente por idiotas.

— Remi nunca teve uma assistente. Eu não esperava que ele tivesse uma como você.

— Como eu? — Sorrio. — Isso é um elogio?

Remi se inclina para frente, falando em voz baixa, que é alta o suficiente para todos nós ouvirmos.

— Stephen gosta de pensar que pode conhecer todo mundo nos primeiros cinco minutos.

— Eu não estou errado. — Ele acena para o barman. — Uísque, vodca e... — Ele me lança outro olhar. — Tequila?

— Sunrise. — Ergo meu queixo, sem me intimidar. — Você é muito bom em adivinhar bebidas. Como eu sou? Ou você precisa de mais alguns minutos?

Stephen vira as costas para o bar e aperta os olhos.

— Teimosa... inteligente. — Seus olhos passam da minha cabeça aos dedos dos meus pés rapidamente. — Você é muito



bonita e a característica mais perigosa de todas: ambiciosa.

Nossas bebidas estão colocadas na nossa frente, e Remi põe o braço em volta dos meus ombros.

— Ok, já foi bajulação suficiente.

— Você não é assistente dele. — Stephen sorri, tomando um gole de vodca. Não tenho tempo para responder antes que ele se vire para Remi. — Acho que Oakville tem crescido um pouco, afinal. Eu não consigo entender por que você ficou fora todos esses anos. Por que não voltar para Seattle?

Remi encolhe os ombros, bebendo seu uísque.

— Não posso dizer quantas vezes considereei isso. No verão passado, eu estava com um pé na porta... Mas achei um motivo para ficar.

Meu coração afunda ao pensar em Remi saindo de Oakville. Tomo meu coquetel em silêncio, e Stephen pisca para mim.

— Acho que temos que agradecer por isso.

— Na verdade, acabamos de nos conhecer há algumas semanas.

A sobrelanceira de Stephen se ergue.

— Remi sempre foi sortudo. — Ele se volta para o meu chefe. — Vamos falar sobre amanhã à noite. Stellan estará lá. Sugiro que você faça questão de chegar até ele primeiro. O aplicativo de comunicações seguras dele é o assunto da indústria. Vai ser ótimo.

Eles passam os próximos minutos discutindo os negócios de Remi no baile. Estou intrigada porque já moro em sua casa há meio mês e aprendi muito pouco sobre o que ele faz, além de investir em novas tecnologias.

A conversa deles é em parte confusa para mim, em parte fascinante. Remi está de olho em um novo aplicativo de vigilância que ele deseja adquirir e investir dinheiro com o objetivo de vendê-lo ao governo para uso militar. Stephen, eu sei, é como um espião, mantendo o controle de outros investidores que estão interessados para os mesmos desenvolvedores que Remi.

— Quais são as suas novidades? — Remi termina seu segundo uísque, e eu me inclino um pouco para a frente, curiosa sobre a resposta a esta pergunta.

Stephen é arrogante, mas posso dizer que ele se importa com o amigo. Também posso dizer que é incrivelmente inteligente.

— Estou trabalhando em algo um pouco mais perto de casa. — Ele coloca o copo vazio no bar e sinaliza para pedir a conta. — Duas coisas, na verdade. O primeiro tem uso mais imediato. Um aplicativo que rastreia as prescrições por carteira de motorista do paciente ou identificação fiscal, semelhante à maneira como o governo rastreia as vendas de armas...

— Espero que não seja tão descuidado — Remi brinca.

— Nada do que faço é desleixado. — A sobrelha de Stephen arqueia. — O segundo é mais dependente dos eventos atuais, da política. É algo que as empresas podem usar para facilitar as matrículas na área de saúde através das fronteiras estaduais. Semelhante a como as seguradoras de automóveis funcionam.

— Ambos relacionados à saúde. — A conta é paga, e Remi pega a minha mão enquanto caminhamos em direção à saída. — Ele sempre volta aos cuidados de saúde.

Ele diz que é uma faceta da personalidade de Stephen que apenas eles conhecem.

— É simplesmente o maior problema que temos neste país. Ele precisa de uma solução e estou preparado para desenvolver algumas.

— Então você mesmo os está desenvolvendo?

— Ah, vou delegar a parte de codificação. A menos que eu fique entediado.

Ninguém fala enquanto pegamos o elevador para o primeiro andar. Estou pensando em Stephen estar tão interessado em cuidados de saúde e me perguntando o motivo, quando ele quebra o silêncio, virando-se para mim.

— Minhas desculpas por monopolizar a noite, Srta. Banks.

— De jeito nenhum, achei fascinante. Sempre quis saber mais sobre como Remi ganha todo o seu dinheiro. — Eu dou uma piscadela para ele.

Stephen levanta o queixo como se tivesse ganhado uma aposta.

— Então eu estava certo. Não é assistente.

Remi ri, mas estou cansada de me sentir como o alvo das piadas de seu amigo.

— Sabe, eu pensava que era muito boa em desvendar as pessoas também, mas sei que nem sempre estou certa.

Stephen dá um tapinha no meu braço.

— É uma habilidade que se domina quando se conhece muitas e muitas pessoas.

Franzo a testa, fingindo estar perturbada.

— Na verdade, acho que cometi um erro. Julguei você como um imbecil vaidoso no momento em que o vi. Agora percebo que você é simplesmente um engenheiro.

Ele ri alto.

— Você está absolutamente certa, eu sou. Embora eu também odeie todo mundo... Exceto Remington. E possivelmente você.

Estamos na calçada em frente ao Radio City Music Hall nos despedindo, quando Stephen agarra o ombro do amigo e aponta para mim.

— Segure essa garota. Ela é esperta.

O braço de Remi desliza pela minha cintura e meu coração bate um pouco mais rápido.

— Pretendo fazer isso.

Temos uma vista espetacular do *Empire State Building* da varanda da suíte da cobertura. Estou segurando um copo de *Beaujolais*, vendo as luzes piscarem por todo este lugar incrível quando Remi caminha atrás de mim, colocando a mão na parte inferior das minhas costas. Este simples toque provoca uma sensação de zumbido por todo o meu corpo. Eu amo estar aqui, aprendendo sobre o mundo dele.

— Tenho que dizer, você é a primeira garota que conheci que enfrentou Stephen dessa maneira. — O orgulho em sua voz me enche de uma satisfação cálida. — Conheço muitas que quiseram dizer o que você falou, mas nunca o fizeram.

— Se você conhecesse meu pai, entenderia. — Virando-me, encosto no gradeado, admirando o modo como a luz brilha em seus olhos, o jeito como a covinha me provoca quando ele sorri.

Remi está segurando uma taça de vinho tinto, e ele é extremamente elegante.

— Lembro que você disse que seu pai te fez questionar suas escolhas. Você não disse que ele te fortaleceu.

Inclinando a cabeça para o lado, penso nisso.

— Acho que não tinha percebido até agora.

— Isso é positivo — sua voz é gentil. — Você não tem medo de nada.

— Isso não é verdade. — Eu tenho pavor dos meus sentimentos por ele.

Eu namorei tantos caras e nunca me senti assim com nenhum deles. É como se Remington Key prendesse meu fôlego em suas mãos, e isso me assusta até a morte.

— O que te assusta? — Ele sorri, prendendo-me entre seus braços. Estamos de frente um para o outro, de costas para a varanda, seus braços fortes em volta de mim, seu perfume quente capturando meus sentidos.

Circulando um dedo em torno do botão em sua camisa, penso nas minhas palavras.

— Quando Stephen perguntou se você voltaria para Seattle... você voltaria?

As sobrancelhas dele estão franzidas, e posso ver que está considerando sua resposta. Eu adoro, mesmo neste momento, conhecê-lo tão perto, que ele faça uma pausa para me dar uma resposta séria. Sem mentiras. Ele está me ouvindo, pensando, como se tudo o que fosse me dizer fosse importante.

Quero estender a mão e traçar meu dedo ao longo de sua testa, afastar uma mecha de sua sobrancelha. Ele olha para mim e meu coração bate mais rápido.

— Você consideraria deixar Oakville?

Deixando escapar uma risada pelo nariz, eu cedo:

— Quando eu era mais nova, tudo o que eu queria era deixar Oakville. Achava que era uma cidade caipira com pessoas de mente pequena.

Remi pega a taça de vinho da minha mão e a coloca sobre a mesa de vidro ao nosso lado. Então ele se vira, envolvendo-me em seus braços. Amo estar cercada por eles.

— Acho que ouvi um *mas* implícito.

— Todo mundo que eu conheço tem rabo preso — provoco.

Ele sorri.

— E?

Inspiro profundamente seu perfume de cedro e couro, de sabão e Remi.

— Agora percebo o quanto amo meus amigos e o quanto gosto de estar perto de minha mãe, mesmo que ela me enlouqueça. — A expressão dele não muda, então acrescento: — Fiquei triste ao saber que você pensa em ir embora.

Inclinando-se para frente, ele desliza o nariz ao longo da linha do meu cabelo, até a minha orelha, subindo mais alto até a minha têmpora.

— Eu não pensei em sair de lá uma única vez nos últimos dezoito dias.

Suas palavras são quentes e sensuais. Meus olhos se fecham quando a eletricidade desliza pelos meus braços, enquanto a minha calcinha inunda-se de calor.

— Já faz dezoito dias?

— Amanhã fará dezenove. — É um sussurro baixo que sinto até o meu coração.

— Isso é bom?

Lábios quentes tocam minha testa, meu nariz. Seus olhos capturam os meus.

— Eu acho que é uma coisa muito boa. E você?

Erguendo meu queixo, beijo seu maxilar coberto pela barba por fazer.

— Eu acho incrível.

Nossas bocas se abrem em um beijo sensual. Lábios quentes cobrem os meus, nossas línguas se reconhecem em uma dança íntima. Inclinando-se, ele me pega no colo, e eu nem protesto. Envolver meus braços ao redor de seu pescoço, beijando seu rosto, enquanto ele me carrega pela suíte para o quarto dele, nos fundos.

Colocando-me de pé, ele coloca as mãos nos meus ombros, traçando os polegares ao longo das linhas do meu vestido sem mangas.

— Eu quero fazer amor com você agora. Tudo bem?

Meu estômago queima e revira, então eu assinto antes que as palavras saiam.

— Sim, por favor.

Olhos cálidos tornam-se mais sombrios. Ele emoldura meu rosto com uma das mãos, o polegar no meu queixo, levantando-o. Nossas bocas colidem, e ele abre meus lábios, mergulhando sua língua dentro deles até encontrar a minha.

Um pequeno gemido formiga na minha garganta. Estou perseguindo-o, segurando seu rosto enquanto sua boca desce até minha mandíbula, meu pescoço. Meu corpo inteiro está pegando fogo quando a barba dele raspa minha pele.

— Eu sonhei com isso todas as noites desde que você chegou.

— É uma confissão rouca. E ela me excita.

Mãos grandes estão nas minhas coxas, subindo mais alto, levantando a barra do meu vestido até que ele chegue à cintura.

— Oh, sim! — Meu queixo se ergue, e eu beijo seu pescoço, sua bochecha, lutando para tocar cada parte dele com a minha boca.

Dedos longos se encaixam entre minhas coxas, empurrando minha calcinha de lado e mergulhando entre minha fenda.

— Você está tão molhada — ele fala contra o meu pescoço.

Sua mão sai de dentro de mim, e eu sinto falta dela. Ele está atrás de mim agora, segurando o zíper no meu vestido e puxando-o para baixo. A peça branca cai como uma poça aos meus pés, e eu me inclino, apoiando a cabeça no ombro dele. Ele segura minha cintura, deslizando as mãos pelas minhas costelas, e mais alto para segurar meus seios.

— Eu amo seu corpo. — Beijando meu pescoço, ele puxa a pele entre os dentes e meus joelhos ficam bambos. — Você é tão bonita. Olhe para você.

Meus olhos se abrem e nos vemos no espelho do outro lado da sala. Estou de pé, meu cabelo escuro selvagem caindo ao redor dos meus ombros. Ainda estou com os sapatos, mas, por outro lado, só estou usando meu sutiã de renda preta e calcinha. Atrás de mim, o rosto de Remi está contra o meu cabelo.

Seus olhos escuros ardem nos meus, cheios de fome, luxúria e desejo. Observo como a mão dele se espalha sobre o meu estômago, deslizando mais baixo até mergulhar no topo da minha calcinha. Ele observa o progresso de seus dedos, mergulhando

entre minhas coxas, procurando por aquele pequeno ponto que me faz gritar seu nome.

Meus olhos estão fixos na mão dele, que desliza, tocando, testando, até que ele o encontra, e meu corpo começa a tremer.

— Remi... — É um sussurro rouco.

O rosto dele está ao lado da minha orelha.

— Diga meu nome novamente. Eu quero ouvir você dizendo meu nome enquanto se rende a mim.

Sua mão se move mais rápido entre minhas pernas. Estou hipnotizada pelos movimentos, focada nas ondas de prazer que percorrem meu corpo, das minhas coxas até os arcos dos meus pés. Sinto sua ereção nas minhas costas, e eu a alcanço atrás de mim, deslizando minha mão para cima e para baixo na protuberância em suas calças.

— Isso, porra — ele sussurra contra o meu cabelo, e meu orgasmo nasce na parte inferior do meu estômago.

A pressão aumenta, sua mão se move mais rápido. Meu olhar está fixo no dele, uma das mãos dentro do meu sutiã, amassando meu peito, a outra massageando meu clitóris.

Sinto o orgasmo começar a vibrar, pressionando mais e mais a minha pélvis, e minha cabeça cai para trás conforme me desintegram.

— Remi! — eu suspiro o nome dele, dobrando meus joelhos enquanto minhas coxas estremecem.

Seu braço se torna uma tira de aço em volta das minhas costelas, segurando-me enquanto ele cuidadosamente toca meu clitóris, acariciando-o através das últimas ondas do orgasmo.

— Oh, sim! — Estou tremendo, montando sua mão, minha boceta se contraindo entre as minhas pernas, desejando que a dor seja amenizada.

Sem uma palavra, ele nos leva até a cama, empurrando-me para frente até meus cotovelos estarem apoiados no colchão. Minha bunda está empinada, e olho por cima do ombro enquanto arqueio as costas. Eu quero ver aquele pau que senti apenas uma vez ou outra.

Suas pálpebras estão pesadas quando ele vai até a mesa de cabeceira, procurando uma camisinha na gaveta.

— Cortesias do hotel? — provoco.

Ele está muito focado para sorrir.

— Coloquei algumas na gaveta. Apenas para o caso de...

Eu não me mexo. Tudo acontece tão rapidamente. Observo enquanto ele desabotoa as calças, deixando-as cair no chão, e enquanto se aproxima de mim. Meus olhos estão quentes e pesados. Eu quero ver, mas não quero me mexer.

Assim que ele está atrás de mim, ele cai de joelhos, tirando minha calcinha e enterrando o rosto na minha boceta.

— Ah, merda! — Eu suspiro, meus joelhos cedem quando ele me beija, lambendo meu núcleo e me chupando ao mesmo tempo. — Remi, oh...

Sua língua está de volta ao meu clitóris, suas bochechas roçando a pele elétrica das minhas coxas. Estou choramingando e subindo na ponta dos pés quando ondas de orgasmo surgem de novo dentro de mim. Minha boceta está se contraindo, agarrando, implorando.

Ele está de pé novamente, e eu o ouço rasgar o papel, colocando a camisinha rapidamente. Agarro a colcha quando a ponta de seu pau cutuca minha entrada. Ele abre mais minhas pernas com suas coxas e, em um mergulho rápido, está dentro de mim, até o punho.

Nós dois gememos alto. Minhas costas arqueiam, e ele me pega pela cintura, segurando-me contra seu peito quando começa a estocar. Ele está investindo rápido, implacável, focado. Eu ouço sua respiração no meu ouvido, irregular e desesperada.

— Ruby... sim... porra, sim. — Sua boca está no meu pescoço, e ele segura meus ombros, minha cintura, inclinando-nos para a frente enquanto se movimenta com mais força.

Minhas mãos disparam para segurar a colcha. Ele está atrás de mim, levando-nos mais rápido e profundamente ao clímax.

Luzes piscam mesmo com meus olhos fechados. São fogos de artifício em meio a uma necessidade irresistível. É algo sobre o qual apenas li, mas nunca havia experimentado. Eu levanto uma perna, colocando o joelho na cama, e isso o faz arremeter ainda mais fundo. Nós dois gememos, e ele estoca uma, duas, três vezes antes



de se segurar firme, segurando minha bunda contra sua pélvis, enquanto explode com um grito alto e irregular.

Eu sinto seu pau pulsando, enchendo o preservativo. Sinto seu peito contra minhas costas, escorregadio de suor. Sinto seu coração batendo forte contra a minha pele.

É a coisa mais incrível que já experimentei.

Ele me surpreendeu. Novamente.

Então ele diz meu nome.



## Vinte e Quatro

Remi

**E**star dentro de Ruby é como mergulhar em águas quentes e cristalinas em uma enseada privada cercada por jasmim e rosas.

Seu cabelo gira em torno de nós como seda brilhante, e seu corpo é tão sexy. Seus quadris balançam e balançam quando eu a toco, e ela monta minha mão, passando os dedos nos meus cabelos cantarolando meu nome. É incrível. Meu pau está tão duro e dolorido quando finalmente o coloco dentro de sua pequena boceta apertada, que quase explodo. Depois de controlar meus pensamentos, sou capaz de atingir a onda avassaladora de prazer.

Ainda assim, a maneira como o corpo dela se move com o meu é mais do que posso suportar. O cheiro dela está em mim. Terei que prová-la mais uma vez, levá-la até o limite, porque essa primeira não vai durar muito. Estamos construindo isso há semanas.

Quando finalmente alcançamos o abismo juntos, eu a estou segurando contra o meu peito enquanto mergulhamos, luz branca me cegando, o orgasmo serpenteando pelas minhas pernas, pulsando nela.

— Ruby — digo o nome dela como uma oração, beijando seu rosto, a lateral da bochecha, o cabelo.

Meu coração está batendo forte no peito e estou pegando fogo dentro dela. Não quero sair. Só quero abraçá-la.

Alcançando cuidadosamente o espaço entre nós, pego o preservativo, amarrando-o rapidamente antes de depositá-lo no pequeno lixo embaixo da mesa. Tão rápido quanto, pego a mão dela, puxando-a para a cama. Deslizando sob os cobertores, guio-nos através dos lençóis de seda nos braços um do outro.

Sua calcinha já se foi, e ela desata o sutiã sexy antes de se aconchegar ao meu lado.

— Eu realmente gosto desse sutiã. — Envolver meu braço em torno dela, segurando-a bem perto.

Ela sorri, jogando-o para o lado.

— Eu imaginei que você gostaria.

Aperto-a ainda mais.

— O que aconteceu com o não dormir no meu quarto?

— Ainda não estamos dormindo. — Há um brilho provocador em seus olhos, mas eu puxo seu corpo delicado ainda mais contra o meu.

— Você não vai a lugar algum hoje à noite.

Ela começa a rir.

— Você está me sequestrando?

Girando-nos, colocando-a de costas comigo pairando sobre ela, olho para seu rosto doce, seus olhos cheios de brilho e seu sorriso branco.

— Mais como... te mantendo como refém.

Seu queixo se ergue e eu a encontro no meio do caminho, puxando seus lábios entre os meus, abrindo-os e deslizando minha língua para tocar a dela. É o paraíso. É mais do que pensei que poderia ser. Terminamos com pequenas mordidas, toques leves. Inclino-me e traço seu queixo com minha boca.

Abandonando-me ao lado dela na cama, tenho um braço atrás de seu pescoço. O outro traça a pele da barriga lisa.

— Eu estava pensando sobre o que você disse antes de deixarmos Oakville.

Ela vira de lado, de frente para mim, um dos braços sob os seios, o outro apoiando sua bochecha. Ela sorri e seu nariz enruga adoravelmente.

— Eu disse muitas coisas antes de deixarmos Oakville.

Estendendo a mão, afasto uma mecha escura de cabelo de sua bochecha de marfim.

— Eu não quero que sejamos somente amigos.

As sobrancelhas dela se erguem, mas um sorriso brilha em seu olhar.

— Você não quer?

— Não.

— Hummm... — Ela assente, fazendo o possível para manter uma cara séria. — Portanto, não somos mais amigos. Interessante.

— Nós não somos. — Inclinando-me mais perto, eu beijo seu queixo. — Planejo fazer coisas muito malcriadas com você. Coisas que os amigos nunca fariam.

Seu ombro se levanta, e ela faz um som divertido.

— Beijos muito hostis?

— Beijos muito hostis, toques. — Minha mão desliza até a sua cintura, pela curva de sua bunda.

Estou pronto para explorar o corpo dela com a minha boca novamente quando uma batida alta soa na porta, e nós dois pulamos. Ela se senta, segurando o lençol sobre os seios.

— O que...? — Deslizo para a beira da cama, arrancando uma túnica do gancho na parede.

— São nossos cupcakes! — Ela pula da cama também, pegando a outra túnica e puxando-a sobre seu corpo nu.

Com certeza, é o nosso pedido. Passamos de aconchegados em um casulo de pós-sexo para sentados no meio do chão da sala, uma caixa rosa de doces entre nós. Pedimos uma dúzia de “I Cupcake New York”, uma coleção de bolos Red Velvet, chocolate e baunilha com decorações variadas.

— Olhe para este. — Seus olhos estão arregalados enquanto ela levanta um cupcake branco com glacê rosa e uma margarida doce por cima. — É o cupcake Carrie.

Pego um de chocolate comum com cobertura de chocolate.

— Devemos levar alguns desses para Lillie.

— Sim! — Ela tenta bater palmas com as mãos sujas de bolo. — Ela vai adorar.

— Eu realmente amo o quanto você gosta dela. — Já pensei nisso várias vezes, mas é a primeira vez que falo em voz alta.

— Ela é uma criança incrível. É doce e inteligente... e é pateta como você.

— Eu não sou pateta. — A felicidade aperta meu peito. É tão fácil rir quando estou com ela. Faz tanto tempo desde que pude rir dessa maneira.

— Você gosta de provocar e se divertir. — Ela dá uma mordida no seu cupcake rosa e cai de lado. — Oh, meu Deus, uau! Esta é a melhor coisa que eu já provei!

Eu tenho que confessar, seus gritos orgásticos fazem meu pau se contorcer.

— Se você continuar fazendo esses barulhos, vou ter que te foder de novo.

Seus olhos se arregalam, e ela puxa o lábio entre os dentes enquanto um sorriso travesso se espalha por suas bochechas. Eu assisto enquanto ela lentamente leva o cupcake à boca. Sua língua rosada desliza para dar uma lambida, e ela geme, fechando os olhos. É sexy.

— É tão bom.

É o suficiente. Jogo meu bolinho de volta na caixa e rastejo pelo chão até ela. Ela grita e tenta fugir, mas sou muito rápido. Pego-a pelo tornozelo, então estou em cima dela, segurando suas mãos e prendendo-as, cada uma de um lado de sua cabeça.

— Você é uma provocadora, Ruby Banks. — Inclinando-me, cubro sua boca com a minha, beijando-a rapidamente antes de me afastar novamente para encontrar seu olhar.

— Eu sou muito doce — a voz dela é sensual.

— Você é deliciosa. — Eu beijo seu queixo. — Por inteiro.

Um belo rubor mancha seu pescoço. Inclino-me para beijar sua pele, meu pau ficando mais duro enquanto desço para o envoltório frouxo de sua túnica.

— Você quer que eu te prove? — falo contra o corpo dela, afastando o pano com o nariz para que seus mamilos fiquem expostos.

— Sim — a palavra sai em uma expiração quente, e eu puxo o peito dela na minha boca, chupando e mordendo suavemente.

Seu corpo se move debaixo de mim, e eu empurro minha coxa entre suas pernas, abrindo-as mais. Nós dois estamos vestindo apenas roupões de banho e meu pau está duro contra a coxa dela. Ela choraminga, movendo seus quadris para me posicionar bem no centro de seu núcleo.

— Eu tenho que pegar a camisinha — minha voz está tensa quando beijo seu ombro, subindo até o pescoço, atrás de sua orelha.

— Oh! — As costas dela arqueiam, e sei que encontrei uma zona erógena. — Remi, só a pontinha.

*Porra.* Não sei se terei autocontrole. Meu pau está clamando por seu corpo, por libertação. Ainda assim, eu me movo mais alto, cobrindo sua boca com a minha enquanto a provoco com a ponta do meu pau.

— Ruby — eu gemo. Ela é quente e apertada, e a sensação é quase insuportável.

Estou prestes a...

Saio de dentro dela de uma vez, vou para o quarto e pego outra camisinha da mesa de cabeceira. Tiro a embalagem quando volto para o quarto, ajoelhando-me ao lado dela, começando a colocá-la.

— Tão grande... — Ela estende a mão, impedindo-me enquanto envolve os dedos em volta do meu pênis, puxando e me observando, inclinando-se para frente e colocando os lábios macios em volta da cabeça.

— Ruby — é um sussurro sagrado quando a vejo me puxar para dentro de sua boca, segurando a base com a mão e encontrando-a enquanto ela lambe meu pau como se fosse uma casquinha de sorvete.

Sorvete... eu me lembro de provocá-la no parque...

Minha cabeça cai para trás e estou perdido no orgasmo que tensiona a parte inferior do meu estômago. Ela está me chupando, e meus quadris avançam para encontrar sua boca. Estou tão perto de gozar. Estou me movimentando, seguindo o ritmo dela, mas quero estar dentro dela.

— Espere — minha voz soa rouca, e gentilmente a coloco de lado para que eu possa colocar a camisinha.

Então, passando minhas mãos por baixo de seus braços, eu a levanto para o meu colo, posicionando-a para que fique sobre meu pau, que está apontado para o teto.

Ela posiciona a cabeça e, em seguida, desce por completo, fazendo-me penetrá-la por completo.

— Oh, merda — eu rosno, segurando seu corpo.

Ainda estou de joelhos, e ela se ergue de novo, apenas para descer mais uma vez, invadindo-me incrivelmente fundo. Meus olhos reviram, e eu juro — *puta merda* — que foi a melhor coisa que eu já senti.

Ela me monta como uma campeã. Seus seios saltam no meu queixo, e eu mergulho para puxar um na minha boca, sentindo-a contraindo-se e me levando mais fundo dentro dela.

— Tão bom — eu gemo, arrastando meus dedos levemente ao longo das laterais de sua bunda.

Sua cabeça se inclina para trás e as pontas de seus cabelos provocam meus dedos. Ela rebola de encontro a mim, e eu agarro seus quadris, enfiando meus dedos em sua pele e a segurando para que fique enterrada ainda mais fundo, movendo-a para cima e para baixo enquanto ela geme.

O suor escorre pelo meu peito. Meu cabelo gruda na testa e não aguento mais. Com um grito eu desmorono, o orgasmo pulsando através do meu pau dentro dela. Ela passa os braços em volta dos meus ombros, ainda balançando os quadris até ouvi-la ofegar. Sinto a cascata de espasmos ao meu redor quando ela goza.

Estamos nos abraçando enquanto sobrevivemos ao ciclone das sensações, à medida que nossos corpos sobem e descem em ondas de êxtase. Nossa respiração rápida é sincronizada enquanto flutuamos, abraçados, satisfeitos e felizes.

A cabeça de Ruby se inclina para o lado, contra o meu ombro, e seus lábios roçam meu pescoço.

— Isso foi incrível — é um sussurro feliz, e eu sorrio.

Pegando-a por baixo da bunda, levanto-me lentamente, carregando-a em meus braços para a cama. É tarde, e eu rapidamente descarto o preservativo antes de nos deitarmos no centro do colchão king-size, onde adormecemos, nossos corpos entrelaçados.

Quando abro os olhos novamente, é depois do meio-dia. Eu não durmo tanto ou tão profundamente há anos. Virando-me de costas, olho a linda criatura na minha cama. Ela é selvagem e doce, sexy e sensual. Eu não me canso dela, porra... Lembro-me das primeiras horas da madrugada quando, no escuro, puxei-a para mim e me afundei em seu corpo. Foi uma rapidinha gostosa e percebo com um sobressalto que não usei camisinha.

Ela ainda estava adormecida, de costas contra o meu peito, meus braços em volta de sua cintura. Eu não estava totalmente acordado, mas era perfeito pra caralho. Meu pau logo se assanhou como um projétil guiado.

Merda. Não discutimos nossos passados sexuais, embora o meu não exista desde Sandy. Eu me enterrei no trabalho, negligenciando tudo, incluindo minhas necessidades pessoais.

Essa seca terminou.

Ruby desperta partes de mim há muito tempo adormecidas, e agora que a tenho, que meu corpo está acordado, sou como um homem faminto. Eu não me canso dela.

Ainda assim...

Ela solta um gemido e se estica, e eu juro, sinto como se tivesse um ferrolho entre as pernas. Estou pronto para prendê-la no colchão e ir fundo novamente. Afasto-me para não cutucá-la com meu pau, e ela gira lentamente, colocando-se de bruços e virando o rosto para o lado, em minha direção.

Um sorriso sonolento curva seus lábios, e ela dobra o cotovelo, colocando os dedos sobre a boca para bocejar.

— Bom dia.

Meu estômago se enche de calor, alimentado em parte pela luxúria, mas ainda mais pelo puro afeto. Seus olhos me capturaram desde o início, mas agora, quando os olho, vejo sua alma, sua força, sua independência.

Eu quero mais. Disse a ela ontem à noite que não quero ser seu amigo. Quero torná-la minha, mas temo que ela fuja. Ela me disse tantas vezes que não podemos fazer isso. Sei que ela só cedeu



porque estamos aqui. É um momento especial. O que acontece em Nova York fica em Nova York.

Independentemente disso, acho que não posso mais me afastar. Agora que ela quebrou minhas barreiras, quero que me deseje. Quero que ela venha até mim e diga: *me faça sua...*

E eu farei.

— Bom dia. — Eu sorrio e ela pisca lentamente, estudando-me com aqueles olhos sábios.

— Foi real ou sonho... Era madrugada e algo duro me cutucou na bunda. Então ele se moveu mais alto, entre minhas pernas... — Seus olhos provocadores se estreitam, e meu estômago se contrai.

— Sim... me desculpe. Tenho certeza de que eu ainda estava dormindo.

— Nós não usamos camisinha. — Os lábios dela se apertam.

— Você não precisa se preocupar. Posso garantir que não tenho parceiras sexuais desde Sandy, e mesmo assim...

— Eu não estou preocupada. Tenho certeza de que fui cúmplice nisso.

A memória é nebulosa, mas eu me lembro de sua doce bundinha se arqueando contra a minha pélvis. Não precisei de muito incentivo para que eu deslizesse para dentro dela, que estava toda molhada. Por mais imprudente que isso possa ter sido.

— Farei o que for necessário para te deixar mais tranquila. Se precisar de algum teste...

— Não. — Ela balança a cabeça, seus olhos viajando ao redor do meu rosto. — Eu sempre fui muito cuidadosa. Estou tomando pílula. Estamos seguros.

O jeito que ela diz aquela palavra me faz refletir se ela está pensando a mesma coisa que eu. Estamos nos aventurando em território perigoso. Dormir juntos nos leva a um nível totalmente novo.

Não quero essas preocupações nublando nossos momentos.

Eu quero aproveitar cada um deles.

— Está com fome? É tarde demais para o café da manhã, mas se você estiver com disposição para outro cheeseburger...

Ela começa a rir e se senta de costas para mim. Ela tem as costas mais bonitas, longas e elegantes, com aquelas ondas negras

caindo quase até sua bunda.

— Vou ter que começar a correr com você se continuar comendo cheeseburgers. — Eu a observo enquanto ela desaparece dentro banheiro.

— Você pode se juntar a mim a qualquer momento. — Ela é bem-vinda em todas as partes da minha vida.

Giro, colocando-me de costas, encarando o teto enquanto imagino todas as maneiras como ela poderia se encaixar no meu mundo.



## Vinte e Cinco

Ruby

**M**ais caminhadas pela cidade procurando por cheeseburgers no Shake Shack.

Por mais que eu odiasse, insisti que voltássemos mais cedo. Ao ouvir Stephen e Remi conversando ontem à noite, percebi que o baile é um grande evento para os negócios de Remi. Ele precisa estar alerta, e eu quero parecer incrível ao seu lado... Não quero morrer de dor nos pés depois de correr por Manhattan.

De pé, em frente ao armário no meu quarto, deslizo meus dedos pela saia de seda do meu vestido. O corpete é sustentado por uma rede de tiras que circundam meu pescoço e cruzam minhas costas nuas até a minha cintura. Eu não posso usar sutiã, mas mamãe me ajudou a sustentá-lo para que a parte superior do triângulo fique presa com segurança sobre meus seios, e adicionamos algumas pregas na cintura para impedir que ele ficasse muito inchado.

O resultado é que ele fica próximo ao meu busto e depois se abre para uma cachoeira impressionante de seda grossa de marfim. É deslumbrante e sedutor, e fecho os olhos enquanto imagino estar nos braços de Remi hoje à noite, suas mãos deslizando pela minha pele exposta.

Tanto calor inunda meu corpo quando penso nele, na noite passada, nesta manhã. Estar com ele é muito mais do que eu esperava — e olha que eu fantasiava muito. Ele é sedutor e possessivo, mas ao mesmo tempo atento e curioso, delicado e exigente.

Ele não fez amor com meu corpo. Ele fez amor com a minha mente. Não apenas buscou seu próprio orgasmo, deixando-me abandonada. Era como se estudasse meu toque, seguisse a experiência de nossos corpos se movendo juntos, saboreasse meus beijos.

Até a última, durante a manhã, fora sexy, mesmo uma rapidinha. Ele apenas me agarrou e me pegou, e eu cavaleguei, aproveitando o calor do desejo primitivo.

Como uma gota de preto no branco, um fio de medo escorre pelo meu peito. Não podemos voltar a ser como éramos antes de virmos para cá. Não só tenho que conseguir minha própria casa, como não tenho certeza se posso trabalhar mais para ele. *Será que posso?*

Não quero pensar nisso agora. Vou ignorar a reviravolta do medo e focar nesta noite encantada. De qualquer forma, Drew tem a solução — depósito direto!

Suspirando em meio a uma risada nervosa, engulo o aperto na garganta e giro um pouco, passando minhas mãos pelo rico cetim que ondula no chão. Pensamentos negativos não são permitidos aqui. Hoje à noite vou deixar a fantasia acontecer.

Eu serei a princesa no baile com o lindo príncipe. Vou me deleitar com a maneira como ele me olha, como se seus olhos não fossem suficientes. Serei linda para ele, dançaremos e rodopiaremos pelas nuvens.

Meus sentimentos e nossa realidade problemática podem ficar em Oakville.

Hoje à noite, tudo será um sonho.

---

Remi vagueia pelo bar do hotel, parecendo lindo demais em seu smoking preto. Enviei uma mensagem para ele me encontrar aqui e

desci dez minutos mais cedo para tomar uma bebida e estar no bar quando ele aparecesse.

Meu vestido é um daqueles modernos, de barra assimétrica, com um lado mais alto que o outro, então sentar na cadeira coloca minhas pernas cruzadas em exibição completa. Meus cabelos caem em ondas pesadas pelas minhas costas, e eu observo como sua testa se enrugava enquanto ele examina os rostos.

O músculo da mandíbula se move de maneira atraente. Ele gosta de estar no controle, e eu o deixei sem equilíbrio. Isso me faz sorrir um pouco enquanto o observo. A frustração o deixa carrancudo. *Estou bem aqui, príncipe sexy...*

Quando seus olhos finalmente pousam nos meus, sua expressão se derrete em desejo cálido, e uma emoção surge no meu âmago. Isso é muito melhor do que deixá-lo ir me buscar no quarto.

Seu olhar está fixo em mim quando ele diminui a distância entre nós.

— Você gosta de jogar, senhorita Banks.

O tom em sua voz faz meu corpo zumbir e, quando ele toca minhas costas, não consigo evitar um arrepio.

— Não é um jogo, Sr. Key. Eu queria tomar uma taça de vinho antes de sairmos para o baile.

Seus olhos piscam para o copo de Pinot Gris no bar na minha frente.

— Não vai tomar tequila hoje à noite?

— Talvez mais tarde. Achei que deveríamos começar um pouco mais sofisticados.

— Não seja muito formal comigo.

Deslizando para fora da minha cadeira, meus saltos me aproximam do nível de seus olhos. Suas mãos estão na minha cintura, seus dedos brincando com a pele nua das minhas costas. Estou cercada por seu calor, o perfume almiscarado de sua colônia. É inebriante e emocionante.

Eu endireito sua gravata preta, inclinando-me para beijar sua mandíbula.

— Ser formal pode ser uma mudança divertida.

Um sorriso travesso curva seus lábios, aquela covinha sexy me provocando.

— Eu já deveria ter te dito que você está linda. Estou ansioso para tirá-la deste vestido depois da festa.

— Então vamos começar a festa.

Uma limusine nos leva ao baile... Na verdade, abandonamos o carro em uma longa fila de limusines quando chegamos. Remi segura minha mão, conduzindo-me pelas escadas acarpetadas. Ele obviamente está distraído com o que está por vir. O telefone dele acende várias vezes enquanto caminhamos e, enquanto estou tentando não olhar, vejo o nome de Stephen na parte superior da tela.

Minha mão está na dobra do braço dele quando entramos no salão de convenções, e me sinto como uma rainha. É um espaço elegante. O piso é de mármore, e as janelas se elevam até o telhado, permitindo vistas deslumbrantes da cidade. Lustres como cachoeiras de gelo estão espalhados por toda parte, e a música flutua no ar. Eu posso dizer que é uma banda de jazz ao vivo, mas não consigo ver através da multidão de homens e mulheres em trajes formais.

Todo mundo parece muito importante e focado. Esforço-me para manter meus ombros retos e meu queixo erguido... como deveria estar a acompanhante de Remington Key. Ele é tão importante e conectado quanto todas essas pessoas, e eu não quero decepcioná-lo.

Inclinando-me contra o ombro dele, eu sussurro.

— Você está nervoso ou excitado? Pessoalmente, estou morrendo de medo.

Ele ri baixinho.

— Você não tem nada a temer. Eu tenho medo de todos os homens que tentarão roubar você de mim.

— Você não precisa se preocupar. Eu não vou a lugar nenhum.

— Meu estômago revira.

As palavras saem tão rápido, tão automáticas. Não acredito que acabei de dizer em voz alta.

O sorriso no perfil de Remi alivia minha ansiedade.

— Stephen disse que está esperando no bar leste. Se você não se importar, posso levá-la até ele enquanto encontro Stellan para conversar sobre negócios.

— Por que Stephen está aqui? Ele é um investidor ou desenvolvedor?

— Nenhum e ambos. — Remi para com o intuito de apertar a mão de um homem mais velho.

Espero, enquanto eles trocam breves cumprimentos, e depois voltamos a caminhar. Posso dizer que Remi está focado em encontrar o tal Stellan.

— Então, Stephen é ambos? — eu continuo de onde paramos antes que o coroa nos interrompa.

— Stephen gosta de ser o cara das ideias; começa com sua própria inspiração e decide se ele mesmo deseja criar tudo ou contratar alguém para fazer o trabalho. Então ele e eu e um pequeno grupo de investidores financiamos o produto final.

— Ele parece muito inteligente.

— Ele é o cara mais inteligente que eu conheço, e confie em mim, ele é o primeiro a se elogiar. Stephen tem um grande cérebro, um grande ego e uma grande conta bancária.

Apertando os olhos para ele, eu provoco.

— Acho que ele não é muito sociável.

Mais uma vez, recebo uma risada parcial.

— Nem um pouco.

Finalmente estamos no salão, e vejo Stephen apoiado com um cotovelo em uma mesa alta. Ele também está de smoking, e seus olhos azuis são intensos.

Ele é realmente muito bonito, e eu me pergunto por que não tem uma acompanhante esta noite. Eu acho que posso adivinhar. Ninguém diz a Stephen Hastings o que fazer.

Pegando meu braço, ele me passa um copo de vinho branco enquanto me move do lado de Remi para o dele.

— Stellan está do outro lado da sala, perto do bar. Se você for agora, acho que o terá só para você.

Estou impressionada com o quão suave foi essa transferência. Remi parece menos ansioso para me abandonar, o que suaviza meu nervosismo.

Virando-se para mim, ele toca meu braço.

— Não espero que isso demore muito. Você vai ficar bem com esse idiota por alguns minutos? Prometo te compensar.

Pressionando meus lábios em um sorriso, dou um passo à frente para beijar sua bochecha.

— Boa sorte.

Suas mãos pegam minha cintura, segurando-me antes de eu voltar para o lado de Stephen.

— Obrigado por estar aqui.

Ele fala no meu ouvido antes de me dar um beijo rápido que acende um fogo dentro de mim.

Quando ele me solta, agarra o braço de Stephen.

— Fique de olho nela.

— Ela estará segura como as joias da coroa.

Com isso ele se vai, e me viro para encarar os penetrantes olhos azuis do meu protetor.

— Vejo que você foi promovida de assistente para... algo mais divertido.

O calor inunda minhas bochechas, e eu gostaria que meu rosto não traísse o quão perturbada eu fico.

— Eu nunca fui assistente.

— Não diga! — a voz de Stephen parece entediada. Inclino meus olhos para ele, e ele toma um gole do que presumo que seja vodka. — Então você dormiu com ele.

Ele me pega de surpresa, e eu quase engasgo com o vinho.

— Você vai direto ao assunto, não é?

— Qual seria o objetivo? — Ele meio que me dá um tapinha nas costas. Estou bem. Nem estou tossindo muito depois de engasgar. — Somos todos adultos aqui. Não aja como se estivesse chocada.

— Eu não estou chocada. — Dou de ombros. — Acho que estou acostumada com as pessoas sendo um pouco mais sutis em suas investigações.

— Não foi uma investigação. — Ele me olha de cima a baixo. — Agradeço por você tirá-lo do exílio. Remi é jovem demais para se deitar e morrer, como quase aconteceu.

— Realmente não sei o que você quer dizer — minha voz é calma enquanto tomo um gole de vinho. Dói meu coração pensar em Remi querendo morrer. — Nós nos conhecemos há cerca de um mês. Menos de um mês, na verdade.

— Então, como se conheceram? Você é da área tecnológica?



Internamente, eu me encolho. Não tenho certeza de como essa confissão vai acontecer.

— Ele me contratou para ser a babá. — Isso soa estranho. — Ser babá de Lillie.

Stephen ri... sim, ele literalmente ri.

— Clássico. Remington está dormindo com a babá.

A maneira como ele diz isso me irrita, provavelmente porque é assim que imagino que todos vão pensar.

— Só aceitei o trabalho para ajudá-lo. Ele estava tendo algum tipo de conflito com a sogra. Era muito frustrante para ele.

— Eleanor. — Stephen assente, tomando outro gole. — Uma megera. — Meus olhos se estreitam e tento decidir se estou ofendida. Ele não me dá a chance. — Oh, por favor. Todo mundo está tão pronto para dar um nó na calcinha hoje em dia. Eleanor nem é asiática, mas você entende o que quero dizer quando digo isso.

Eu sei o que ele quer dizer.

— Ela é um pouco exagerada. — Minha mente volta para casa brevemente. — Vou ter que me demitir. Não vejo como podemos voltar a ter um relacionamento profissional dessa forma.

Ele se vira, colocando os cotovelos na mesa.

— Pela minha experiência, não há como colocar esse gênio de volta na garrafa. O que você fará se não for a babá de Lillie? Tem outro emprego esperando nos bastidores?

Terminando meu vinho, balanço minha cabeça.

— Eu tenho mestrado em serviço social. Antes de começar com Remi, eu era terapeuta na clínica da cidade.

— Então você voltará a analisar cabeças?

— Não era tecnicamente o que eu fazia. Não é o que quero fazer de novo. A ideia era que eu descobrisse alguma vocação enquanto trabalhava para ele.

— Você conseguiu?

Engulo o nó na minha garganta.

— Fiquei um pouco distraída.

Confessar minha falta de direção me faz sentir irresponsável, culpada. O local está cada vez mais cheio, mas, através dos corpos, vejo meu príncipe caminhando em nossa direção. Todo o seu

comportamento mudou. Seus olhos estão brilhantes e um sorriso vitorioso está em seus lábios. Apenas a visão dele já afasta os sentimentos sombrios.

— Boa sorte com o que você decidir, senhorita Banks. Espero que dê certo para você. — Stephen se inclina e beija a minha testa. — Obrigado novamente por trazer meu garoto de volta dos mortos.

Ele me deixa para cumprimentar Remi com um aperto de mão.

— Como foi?

— Eu o peguei. — Ele passa por Stephen e me pega pela cintura, erguendo-me do chão em um abraço que se transforma em um giro. — Você é meu amuleto da sorte. É hora de comemorar.

Deixo Remi encontrar um bar de karaokê a uma curta distância do baile. Estou sentada em uma cabine redonda de vinil em um porão, com paredes de tijolos e iluminação fraca, e ele está no palco cantando "*She Believes in Me*".

Ele está cantando com gosto, segurando o peito e se ajoelhando nas últimas palavras, e eu não consigo parar de rir. Ainda bem que tomei mais alguns copos de vinho.

Stephen está na minha frente fazendo uma careta, e quando Remi volta para a mesa, ele reclama em voz alta.

— Essa música é o equivalente a um musical de um filme do canal Lifetime.

— É a música de Kenny Rogers, favorita de Ruby. — Ele desliza ao meu lado, beijando-me com força na boca.

Ele até abre meus lábios e faz um pequeno movimento com língua, o que provoca mais gemidos de nosso companheiro.

— Hora de encerrar a noite. — Stephen se levanta, jogando algumas notas sobre a mesa e apontando para Remi. — Eu me lembro de quando você podia aguentar uma ou duas bebidas.

— Estou aguentando minha bebida. — Remi me agarra pela cintura e me ergue, me tirando da cabine. — Você está certo, no entanto. Temos um voo cedo amanhã. Hora de voltar para o hotel e me ocupar com algo interessante.

— Oh, meu Deus! — Eu seguro uma risada.

— Bom trabalho esta noite. — Stephen o agarra pelo ombro. — Fico feliz por tê-lo de volta no jogo.

Eles apertam as mãos, e dizemos boa noite, saindo para pegar um táxi. Remi dispensou a limusine quando fomos a pé para o karaokê. O tráfego fica congestionado até Midtown, e eu deveria de ter usado sapatos para caminhar.

É mentira. Eu amo esses saltos, esse vestido e Remi de smoking. Eu me sinto como uma verdadeira Cinderela.

No elevador, Remi me segura pela cintura.

— Você vai dormir no meu quarto novamente. Não discuta comigo. — Ele me dá um pequeno puxão, e eu sorrio.

— Ok, mas não se acostume. A partir de amanhã, estaremos de volta aos negócios. Você é meu chefe. Eu sou a babá da Lillie.

— Sabe, transar com uma babá sexy é uma fantasia masculina muito popular. — Ele se inclina para beijar o meu pescoço.

Sua respiração faz cócegas na minha pele, enviando arrepios por todo o meu braço.

— Você está dizendo que foi por isso que me contratou?

— Não exatamente.

A campainha toca, e nós paramos no último andar. Remi aperta minha mão, guiando-me através do piso de mármore, e entramos na suíte elegante. Ele mexe no telefone, e estamos na varanda enquanto a música começa a tocar nos alto-falantes escondidos nas extremidades.

Estendendo a mão, ele pega as minhas e me puxa para uma dança lenta.

Ele encosta o rosto no meu.

— Não exatamente significa mais ou menos.

Suspirando, ele beija minha têmpora.

— Eu fiquei atraído por você na primeira vez que te vi.

— Naquela noite no bar?

— Naquele dia no gramado da igreja, quando Drew nos apresentou. Lillie estava se contorcendo em cima de mim, e você me deu uma olhada e foi embora.

Ele estende o braço, afastando-me dele em uma dança improvisada, ainda segurando minha mão.

— Eu disse que não era eu.

Um sorriso sexy curva seus lábios... Já mencionei o quanto eu amo sua covinha?

— Era você. — Ele me puxa de volta para seus braços, olhando profundamente nos meus olhos. — Oakville não é grande o suficiente para duas beldades incrivelmente sexy, inteligentes, teimosas, irresistíveis e meio coreanas como você. Por que negar?

— Eu estava meio fora de mim naquela época. — Minha voz é calma, e ele nos conduz no tempo da música. — Eu estava usando um daqueles aplicativos tolos de namoro, e eles só me combinavam com perdedores. Eu estava muito infeliz. Era uma bundona.

— Eu gostaria de ter colocado as mãos na sua bundona na época.

Meus olhos se arregalam.

— Ei!

Nós dois começamos a rir, mas com a mesma rapidez, seu cenho se franze. Seu rosto se torna severo, possessivo.

— Eu não vou mentir e dizer que estou feliz em ouvir sobre você namorando outros caras.

— Confie em mim, os namoros não duraram muito. Eu geralmente saía furtivamente.

— Bom. — Inclinando-se, ele beija meus lábios. — Então, para responder à sua pergunta, a atração pode ter um pouco a ver com a oferta de emprego.

Minhas mãos estão em seu pescoço, e olho em seus olhos. Aqui, na varanda com vista para Manhattan, sob um céu cheio de estrelas, tenho certeza de que encontrei algo que o dinheiro não pode comprar.

— Não pense que por um minuto a atração não teve nada a ver comigo dizendo sim. — Erguendo-me na ponta dos pés, encontro sua boca, lábios abertos, línguas se curvando juntas.

Seus dedos puxam os laços que prendem meu vestido, e eu permito que ele me leve para a suíte, para o quarto, para outra noite celestial em seus braços.



## Vinte e Seis

Remi

**M**inha filha escala Ruby como uma árvore assim que entramos pela porta. Eu deveria ficar magoado, mas ver Ruby pegá-la e carregá-la para dentro da casa me enche de tanta calma.

Eu nem me importo de ficar sozinho para cuidar da nossa bagagem. Balanço a cabeça, sorrindo enquanto dou uma gorjeta ao motorista da limusine e jogo nossas sacolas penduradas por cima do ombro.

Eleanor me encontra no vestíbulo com uma expressão severa, como sempre.

— Imagino que você tenha tido uma viagem bem-sucedida.

— Mais que bem-sucedida. Consegui o desenvolvedor que procurava e consegui mais dois. — Isso me fez sentir generoso. — Obrigado por tomar conta de Lillie enquanto eu estava fora.

— Ela é minha neta — ela diz isso como se fosse um decreto. — Farei qualquer coisa para mantê-la segura e ter certeza de que está bem-cuidada.

— Bom saber. — Estou carregando todas as malas e não quero demorar muito para que sejam depositadas no local aonde pertencem.

Deixando as coisas de Ruby no quarto dela, eu a ouço e a Lillie no quarto da minha filha conversando como se fossem velhas amigas que estão separadas há meses.

— Tem uma garota nova? — a voz de Ruby está surpresa.

— Sim, e Louie tentou fazê-la comer terra, assim como fez comigo. — Minha filha soa muito adulta, cheia de justa indignação. — Marchei até lá e, na minha voz mais séria, disse a ela: “É melhor não fazer isso, mocinha.”.

— Então o que aconteceu? — Ruby fala na ponta do assento. Ponho a mão na boca para não rir.

— Bunny veio comigo e nós brincamos de Mulan pelo resto do intervalo.

— Entendo.

Espreitando, sorrio quando as vejo no meio da cama da princesa de Lillie.

— Eu odeio interromper a festa, mas temos cupcakes para a sobremesa.

— Papai! — Lillie sai correndo para mim, e eu a pego em meus braços. — Cupcakes! Cupcakes!

Ela lança sua mãozinha no ar como se fosse um jogo de futebol, e eu tivesse acabado de marcar o *touchdown* vencedor.

O resto do dia passa muito rápido. Até o jantar com Eleanor não parece uma tarefa árdua.

Talvez eu esteja diferente, ou vendo Ruby de maneira diferente. Ela faz o possível para evitar conflitos com a avó de Lillie, para elogiar a louça e para orientar as boas maneiras da minha filha, depois sai da cena o mais rápido possível. Eleanor não parece irritada quando eu lhe digo boa noite, o que é um alívio.

A temperatura está caindo lá fora. Os dias estão ficando mais curtos, e a casa está silenciosa com todos em seus quartos. Depois de passar algumas horas na minha mesa, em conferência com Stellan e com dois desenvolvedores em potencial, estou deitado na minha cama, desejando estar de volta à suíte da cobertura. Olho para o relógio e são quase onze horas.

Virando de bruços, tento acalmar o calor que arde dentro de mim. Há um fogo nas minhas entranhas e parece que está

irradiando através da minha pélvis, subindo pela espinha e até o cérebro.

Eu não consigo dormir assim.

Eu tenho que vê-la. Eu preciso tocar seu rosto, beijá-la mais uma vez.

Só para lhe dar boa noite.

Ruby disse que não pode dormir comigo aqui nesta casa, comigo como chefe dela. Eu tenho que respeitar seus desejos.

Em minha mente, garanto a mim mesmo que não a pressionarei a fazer mais do que ela se sentir confortável enquanto subo as escadas para o terceiro andar, seguindo silenciosamente com os pés descalços até o quarto dela.

Uma luz brilha debaixo da porta dela, e eu descanso minha testa contra a madeira, esticando meus ouvidos para ouvir qualquer barulho. Estou respirando tão rápido que só me ouço. Meus ombros sobem e descem rapidamente. Na minha pressa febril de chegar aqui, nem pensei em pegar uma camisa. Só estou vestindo uma calça de pijama.

Isso não parece bom para a minha abordagem "sem pressão".

Coloco a palma da mão contra a porta, tentando me convencer de que posso me contentar em simplesmente saber que ela está lá, em saber que essa fina tira de madeira é a única coisa me separa da mulher sem a qual não consigo mais viver.

Estou no meio dos meus pensamentos quando a porta se abre na minha frente. Um suspiro suave me faz erguer os olhos. Ruby está vestindo seu curto robe verde novamente. O cabelo dela está preso em um rabo de cavalo baixo e paira em ondas por cima do ombro, pelo peito. Seu rosto está sem maquiagem, como sempre está antes de dormir. Ela é tão linda.

— Remi? — sua voz está sem fôlego, apressada. — Eu pensei ter ouvido um barulho. Eu...

— Não queria incomodá-la. — Imagino como devo estar parecendo, febril, impulsivo, enlouquecendo com o desejo que sinto por ela. — Eu estava na cama e não conseguia parar de pensar em você. Eu...

Não consigo terminar essa frase.

Quero beijar seu corpo bonito. Quero colocar minhas mãos sobre ela e afundar meu pau entre suas coxas. Quero reviver as duas noites que passei no céu há menos de vinte e quatro horas. Não consigo parar de pensar o quanto preciso dela.

Mas não posso violar seus desejos.

— Eu devo ir.

— Espere... — Ela dá um passo à frente, colocando a mão no meu peito nu, e é quase demais para suportar. Eu a capturo em meus braços, puxando-a contra mim.

Sua boca encontra a minha, e nossos lábios se abrem, nossas línguas se unem, perseguindo uma à outra. Mãos estão por toda parte, agarrando, arrancando roupas. Estamos famintos, beijando, mordendo, sugando cada pedaço de pele que podemos encontrar. Através da névoa do desejo, eu fecho a porta, pegando-a no colo e carregando-a em meus braços para a cama.

Seu roupão se foi, deixando apenas um fino pedaço de algodão entre mim e seus lindos seios. Eu o rasgo como um lenço de papel. Ela começa a retirar a minha calça, e eu paro para arrancá-la impacientemente antes de me juntar a ela na cama.

Estamos embaixo dos cobertores, e eu puxo seu corpo nu contra o meu. Nós dois gememos quando nos tocamos. Eu beijo seu ombro, movendo-me para o centro dela. Corro os dentes ao longo da clavícula antes de descer para capturar um mamilo endurecido entre os lábios.

Ela geme, e eu não me canso do gosto, da sensação e do cheiro do corpo dela.

Seus dedos estão nos meus cabelos, entrelaçando-se nos fios e me puxando para mais perto. Suas pernas se abrem e eu a giro de costas, movendo-me entre elas. Meus braços estão sob suas omoplatas, segurando-a firmemente contra o meu peito, e eu levanto meu queixo, encontrando seus olhos.

Eles estão pesados, e ela assente, inclinando-se para encontrar meus lábios enquanto subo mais alto, empurrando e me enterrando até o punho em suas profundezas quentes e escorregadias. Mais uma vez, gememos quando nossos corpos se unem. Estamos selvagens, agarrando e segurando, movendo-nos juntos tão rápido.



Seus quadris se arqueiam para encontrar os meus e nossas bocas se fundem.

Perco a noção do tempo, lugar, tudo, exceto a sensação do corpo dela contra o meu, puxando, ordenhando, o crescente orgasmo se contraindo na minha pélvis. Ela arqueia, gemendo e arranhando as unhas na minha pele, e eu não consigo segurar. Estou pulsando e preenchendo-a, mantendo-a como minha única âncora neste mundo.

Meu coração bate freneticamente, e eu pisco meus olhos, que se abrem lentamente, recuperando meu rumo, percebendo que provavelmente fui mais rápido do que ela.

— Você está bem? — Estou apoiado nos cotovelos, segurando meu peso para não esmagá-la.

Suas mãos tocam minhas bochechas e ela sorri.

— Tenho certeza de que é a primeira vez que sou devorada.

Ela é absolutamente linda, e eu começo a rir. Ela ri também, e eu saio de dentro de seu corpo. Ruby faz uma careta, e eu me deito de lado, puxando-a para mim.

— Tenho certeza de que é a primeira vez que enlouqueço querendo devorar alguém.

Seu dedo circunda levemente meu peito.

— Eu estava ficando um pouco louca também. Não conseguia decidir se aparecer na sua porta me tornaria uma vadia aos seus olhos. Então não consegui decidir se me importava.

— Você sempre pode aparecer na minha porta. Eu nunca vou julgá-la.

Ela ri de novo, enterrando o rosto no meu peito e inspirando profundamente.

— Seu cheiro é tão bom.

Eu inspiro o cheiro de seus cabelos. Rosas frescas e jasmim.

— E eu amo sentir seu cheiro em mim.

— Podemos ter um problema, Sr. Key.

— Não vejo um único problema em lugar algum.

Deitamos juntos na escuridão, eu traçando meus dedos ao longo da pele macia de suas costas, ela traçando seu dedo ao longo da linha do meu bíceps. Depois de um tempo, nossa respiração desacelera, e eu começo a adormecer. A última coisa que lembro é

a pressão dos lábios dela contra a minha pele. É possível que esteja sonhando, mas parece que ela concorda comigo.

*Não é um problema...*

— Lillie, não! Oh, meu Deus, NÃO! — o grito me tira do sono mais divino.

Ruby pula do meu peito e começa a pegar suas roupas. Por um momento, não consigo me orientar. Então a verdade me atinge como uma marreta. Eu dormi a noite toda no quarto de Ruby, nu na cama dela, e agora Eleanor está gritando.

Sua voz vem do corredor, onde fica o quarto de Lillie.

— Merda! — Caio da cama, procurando minhas roupas.

Ruby está vestindo uma camiseta e calças de moletom rosa sobre seu corpo nu enquanto grita.

— Eleanor! O que há de errado? O que está acontecendo?

Ela voa para fora do quarto, e eu a sigo, rapidamente enfiando minhas pernas na calça do pijama, o pânico mais veloz que a minha respiração.

Estou quase cego quando entro no quarto da minha filha, e o que vejo lá quase me faz bater na parede.

Lillie está sentada na cama chorando. O rosto, os braços, os lençóis, a cama inteira... tudo está coberto de respingos de líquido vermelho escuro. Parece sangue.

— Jesus, o que aconteceu? Lillie? — Eu tento chegar até ela.

Minha filha está chorando, e Eleanor está rasgando cobertores e lençóis. A cena é um caos total.

— Lillie! — Eleanor está de pé sobre ela, segurando seus braços e procurando em seu corpo por ferimentos.

O rosto de Lillie está cor de beterraba, e ela está berrando.

Ruby surge bem no meio da confusão, arrancando o braço da minha filha da avó. Então ela faz o impensável. Ela o ergue até o rosto e o toca com a língua.

— Ruby, não! — grito assistindo-a provar o que parece ser sangue. Minha garganta se fecha e acho que posso vomitar.

— Está tudo bem! — Ruby levanta as mãos, seu rosto se derretendo em alívio. Lillie ainda está chorando, mas Ruby a tira da

cama bagunçada. — É ketchup! É apenas ketchup.

— Ketchup? — Eu caio contra a parede tentando fazer meu coração começar a bater de novo.

— Graças ao Senhor... Lillian Alexandra, você quase me fez ter um ataque cardíaco!

Os lençóis estão uma bagunça manchada de vermelho, e só então noto os três pequenos pacotes de papel alumínio no meio do pesadelo. *Porra... ketchup?*

— Eu não entendo — minha voz está irregular. Sinto que corri uma maratona. — Como ela os conseguiu?

Infelizmente, é nesse exato momento que Eleanor vê o que estou vestindo e parece conectar os pontos.

— Você estava... — Ela olha de mim para a porta e depois se volta para mim novamente. — Você acabou de vir do quarto de Ruby?

— Eleanor, eu posso explicar.

— Não. — Suas mãos se levantam, tentando me impedir, e ela balança a cabeça violentamente. — Não, não e não. Isso não vai continuar na minha presença.

— Se você apenas me deixar explicar. — Na verdade, não tenho certeza do que estou explicando. É a porra da minha casa.

O discurso dela continua.

— Não vou viver assim, Remington. Este é o meu limite. Não vou morar em uma casa onde há pecado. Se isso continuar a acontecer, teremos que entrar em outro acordo. Você não pode fazer sexo com uma funcionária.

Espero que o barulho da torneira abafe o que ela está dizendo. Eleanor está reclamando e invadindo o cômodo com as mãos no ar.

Nesse momento a água desliga e ouço Ruby falando gentilmente.

— Pare de chorar agora. Use esse pano e lave todo o ketchup do rosto. Já volto para lavar seu cabelo.

Ela entra no quarto e vai para a cômoda. Ela nem olha para Eleanor, que agora está com os olhos fixos suas costas como se Ruby fosse a Prostituta da Babilônia.

— Eu lavo o cabelo dela e depois troco esses lençóis pela manhã. Ela pode dormir comigo esta noite. — Ruby pega uma

calcinha da menina e uma camisola. — Ainda bem que tínhamos uma capa de colchão à prova d'água na cama. Receio que provavelmente tenhamos que jogá-los fora. As manchas de ketchup nunca saem.

Sua voz morre quando ela finalmente olha para cima e vê os olhos de Eleanor prestes a saírem de sua cabeça.

Ruby olha dela para mim.

— O que está acontecendo?

Para seu crédito, minha sogra se aproxima e abaixa a voz.

— Remington estava dormindo no seu quarto?

A boca de Ruby se abre e suas bochechas coram.

Já cansei de teatro.

— Isso realmente não é da sua conta. O que Ruby e eu fazemos é problema nosso.

A avó de Lillie enrijece as costas, puxando a frente do roupão.

— Ruby é sua funcionária. Ela mora nesta casa. Eu não vou aguentar isso... essa... fornicção acontecendo a poucos passos da minha neta.

— Jesus, me proteja. — Ruby suspira, colocando as mãos na testa. Os olhos dela se abrem e se fecham, e ela balança a cabeça rapidamente. — Quer saber de uma coisa? Você está certa, Eleanor. Você está absolutamente correta.

— Espere, o quê? — Dou um passo à frente, não gostando nem um pouco dessa reviravolta. — Ruby, o que você está dizendo?

— Eu ia te contar em Nova York, mas estávamos nos divertindo muito...

Meus ombros estão tensos.

— Diga-me o que...

— Eu fiz um depósito para alugar uma casa. Fica bem perto da entrada de Oakville Estates, a uma curta distância daqui. Posso vir caminhando. A tia de Dagwood Magee é a proprietária, e ela disse que eu posso me mudar assim que estiver pronta.

— Você vai se mudar? — Sinto que estou prestes a perder o controle.

— Bom. — Eleanor cruza os braços. — Eu vou ajudá-la a fazer as malas.

— Isso não será necessário. — Os olhos de Ruby estão pegando fogo até que ela se vira para mim.

Quando seus olhos encontram os meus, eles passam a implorar.

— Eu não posso ficar aqui, Remi. Você sabe que estou certa.

Ela se aproxima, colocando a mão no meu braço, e estou pronto para discutir até ouvir minha filha fungando no banheiro.

— Falaremos sobre isso amanhã — meu tom é firme. — Depois que você deixar Lillie na escola.

Eleanor começa a falar, mas eu lanço a ela um olhar que diz: *não se atreva*.

O queixo dela se levanta, e ela fecha o roupão com mais força no corpo antes de sair do quarto como se tivesse um motivo para se ofender.

— Eleanor — falo enquanto a sigo, e ela faz uma pausa no corredor do lado de fora da porta. — Vou conseguir uma casa para você em Eagleton Manor amanhã. Quero você fora da minha até o final do dia.

Seus lábios se abrem como se ela estivesse prestes a dizer algo. Apenas fecho a porta de Lillie na cara dela.



Ruby

**N**ão espero conseguir dormir muito depois de aconchegar Lillie na cama comigo. Ela fungou durante todo o banho, e agora com a cabecinha repousando no meu peito, ainda posso senti-la chorando.

— Pare de chorar, Lil — minha voz é suave, e eu pego seus cachos úmidos com as pontas dos dedos. — Você acabou de nos assustar. Isso é tudo. Parecia que você estava sangrando.

— Eu só queria apertá-los. Eu não sabia que iriam estourar. — Seu corpinho fica tenso contra mim e seu queixo cai. — Gigi acha que sou uma garota má.

Não digo o que estou pensando. *Gigi acha que todas as garotas são más.*

Em vez disso, dou-lhe um pequeno abraço.

— Ela não acha. É sua avó. Ela acha que o cocô que você faz tem cheiro de rosas.

Isso transforma as lágrimas em risadinhas, pelo menos por um momento.

— Papai não vai me dar um filhote agora. Eu não sou responsável.

Ela diz a palavra devagar, como se estivesse gaguejando, e meus lábios se apertam.

— Acho que seu pai pode ter esquecido o filhote. Vou lembrá-lo amanhã.

— Não! Não amanhã. Espere até sábado.

Suponho que quando você tem quatro anos, um dia faz uma grande diferença. Pena que não é assim para os adultos.

— Ok, vou esperar. Mas você tem escola amanhã. Precisamos dormir.

Ela está quieta e continuo brincando com seus cachos macios, passando o dedo pelo braço dela. Meu coração dói ao pensar no que tenho que fazer. É a primeira vez em três semanas desde que cheguei que ela realmente precisa de mim durante a noite. Agora terei que deixá-la.

Não posso parar de sentir que a estou abandonando com a Bruxa Má do Oeste. Só que... acho que a bruxa foi despejada. Eu me pergunto se Remi percebe o que fez. Adormeço com o cenho franzido e, de manhã, o pé de Lillie está embaixo do meu queixo e estou deitada na diagonal na cama.

É difícil acreditar que comecei a noite nos braços de Remi.

— Vamos, feijãozinho manteiga. Hora de se mexer. — Pego Lillie adormecida e a levo para seu quarto.

Ela solta um gemido, mas eu começo a escovar seus dentes. Então coloco um lindo lençol em seu colchão nu. Nenhum sinal de ketchup em qualquer lugar. Remi deve ter carregado todos os lençóis lá para baixo depois que eu a levei para a cama.

Quando chegamos à cozinha, Lillie e eu estávamos vestidas para o dia e fico surpresa ao ver um prato de ovos mexidos, bacon e torradas esperando-nos. Olhando em volta, não vejo ninguém na sala ou no pátio. Não posso imaginar que Eleanor tenha feito isso. Ela estava soltando fogo pelas narinas ontem à noite. *Megera*... Stephen estava certo.

Ponho o café da manhã em um prato para Lillie e coloco uma caneca na cafeteira antes de caminhar pelo corredor estreito até a lavanderia.

— Coma, Lil. Vou verificar seus lençóis.

Ao virar em um canto, quase esbarro em Remi, que está segurando um frasco de tira-manchas e parecendo confuso.

— Ei! Você preparou o café da manhã? — Não sei por que me sinto estranha ao seu redor. Depois de tudo o que compartilhamos, eu deveria começar a me sentir confortável.

Talvez o problema seja tudo o que compartilhamos.

— Sim, ainda está quente? Eu não tinha certeza do quanto você dormiu depois da noite passada. — Ele parece preocupado, como se não fosse meu trabalho cuidar de Lillie.

— Eu consegui mais algumas horas. E você?

— Não, eu fiquei completamente desperto. — Ele olha para o frasco em sua mão. — Você disse que os lençóis provavelmente estavam arruinados. Receio que esteja certa. Tentei resolver com isso ontem à noite, mas não sei dizer se está fazendo muita diferença.

— Não me diga que você conhece de lavanderia. — Provocar me ajuda a relaxar um pouco.

Eu ando em volta dele para olhar os lençóis brancos cobertos de pequenos desenhos de uma princesa sereia montando um unicórnio.

— Eu odiaria que ela perdesse este lençol. Você se lembra de onde comprou? Talvez eu possa comprar um novo.

— Nenhuma pista. Posso verificar com Eleanor.

Olhando para o relógio, dou um tapinha em seu ombro.

— Avise-me. Preciso ir ou ela se atrasará para a escola. Apenas deixe isso de lado. Cuido deles quando voltar. Talvez alvejante funcione.

Lillie está afivelada na cadeirinha no banco de trás e canta até a escola. Olho para o rosto feliz dela no espelho e balanço a cabeça pensando na rapidez com que os problemas são esquecidos quando você tem quatro anos. Ignoro a fila de carros como sempre, parando no estacionamento e tirando-a do banco de trás.

Hoje, estou usando uma saia de tweed na altura da panturrilha com uma camiseta preta que diz "Qual é o seu sonho?" em branco na frente. Meu cabelo está enrolado em um coque bagunçado e baixo, e carrego a mochila de Lillie junto com minha bolsa quadrada de couro no braço. *Babá executiva.*



Estou surpresa ao ver um grupo de mães no corredor do lado de fora da aula de Terry hoje. É sexta-feira e tento lembrar se as crianças têm um evento do qual eu esqueci... não me lembro de nada, mas é meu primeiro dia aqui desde segunda-feira.

*Merda.* Mordo o lábio, esperando não ter me esquecido de trazer algo.

— Bem, veja quem voltou da cidade grande — a voz de Serena é afiada como vidro, mas eu não lhe dou bola.

Inclinando-me, dou um abraço e um beijo em Lillie antes de enviá-la para a aula.

— Diga oi para o monstro roxo número quatro para mim.

Ela sai correndo. Penduro sua mochila em um gancho dentro da porta e aceno para a professora antes de voltar para o corredor onde a patrulha está esperando.

Serena fica em expectativa após sua alfinetada. Não sei o que ela quer com sua declaração nem como ela sabe onde eu estava, e não estou interessada em descobrir.

— Bom dia, Serena — falo rapidamente, fazendo o possível para contorná-las e não me envolver.

— Eu notei que Eleanor trouxe Lillie para a escola nos últimos dias. Achei que você finalmente tinha se demitido. Parece que eu estava errada — seu tom é como unhas em um quadro-negro. — Parece que alguém conseguiu uma promoção.

— Eu acompanhei Remi em uma viagem de negócios, não que isso seja da sua conta. Ele precisava de uma assistente.

— É assim que eles estão chamando hoje em dia? — Anita Flagstaff coloca a mão no peito. Ela vira sua bolsa Birkin para que seja totalmente exibida. — Parece que há pouco tempo eles simplesmente chamavam de acompanhante.

— Suponho que é o mesmo acordo. Ele paga a ela. Ela presta o serviço. — Serena vira as costas para mim, mas está falando alto o suficiente para eu ouvir. — Se Phillip acha que pode contratar uma babá para *isso*, ele pode tirar o cavalinho da chuva.

O sarcasmo pinga de seu tom quando ela diz as palavras, e um gosto amargo enche minha boca. Minha garganta fica seca e estou preocupada que possa vomitar. Pela primeira vez, ao invés de corar como uma beterraba vermelha, sinto o sangue escorrer do meu

rosto, como se um holofote brilhasse diretamente em mim, e eu estivesse em pé na frente deles, toda nua.

Eu não falo. Simplesmente ando rápido em direção à porta.

Serena me chama, falando algo sobre como mudar nomes e rótulos não muda o significado. Eu ando mais rápido. Minha visão fica embaçada, mas me controlo para não chorar. Não vou deixá-la me atingir novamente.

Dirigindo para casa, mal consigo ver o caminho com as lágrimas embaçando minha visão. Primeiro, Eleanor, agora essas putas. Deus, estão por toda a cidade. Todo mundo sabe que eu fui com ele para Nova York. Como posso negar o que está acontecendo entre nós? Claramente, a sogra não está mantendo a boca grande fechada.

Deixar Lillie apunhala meu coração como facas, mas, de alguma forma, pensar em deixar Remi dói ainda mais. A dor irradia através das omoplatas e eu quase tenho que encostar o carro. Estou muito perto de casa, senão faria exatamente isso.

Pegando meu celular, aciono o número de Marsha Magee. Ela atende de imediato, e eu rapidamente resolvo os detalhes sobre me mudar para sua pequena casa neste fim de semana.

Minha próxima ligação é para Drew.

— Ei, Cinderela! Como foi no baile? Quero saber de tudo. Não deixe de fora um único detalhe.

Eu pisco e rios de lágrimas cobrem minhas bochechas. Eu engulo em seco, mas minha voz está trêmula.

—Você acha que Gray pode me ajudar a mudar neste fim de semana? Preciso de uma caminhonete.

O tom de Drew muda instantaneamente.

— Ruby! Você está bem? Parece que está chorando. O que aconteceu? Fale comigo.

— Vou falar, só não posso fazer isso agora. — Piscando e olhando para cima, tento me controlar. — Eu só preciso que você me ajude a me acomodar, a pegar minha cama e móveis da casa da minha mãe. Então eu vou te contar tudo.

— Estaremos lá.



Remi

**R**uby leva mais tempo do que eu esperava para chegar em casa. Estou andando de um lado para o outro no meu escritório, mordendo meu polegar quando ouço a porta da frente abrir. Correndo para o patamar, meu estômago se aperta quando vejo seu rosto. Ela parece diferente, como se estivesse chorando.

— Ruby? — Ela pisca para mim como se eu a tivesse assustado, e eu gentilmente mudo meu tom. — Oi, desculpe... Você se importaria de vir aqui por um minuto?

Ela está vestida com roupas de trabalho, uma bolsa de couro verde no braço, e sobe as escadas correndo, parecendo muito profissional. Cuidar da minha filha é um trabalho exigente e importante. Ainda assim, não posso deixar de entender que Ruby poderia fazer o que ela quisesse. Ela é inteligente, capaz e tão bonita.

Quando ela entra no amplo espaço, faço sinal para que me siga até onde estão dispostos um sofá e cadeiras. Eu imaginava que essa seria uma área de conferência, caso tivesse algum cliente em potencial que viesse à casa.

Ela não perde tempo.

— Remi, precisamos conversar.

— Primeiro. — Pego o envelope comercial sobre a minha mesa. — É a primeira vez que posso te entregar isso pessoalmente e te agradecer. Depois da noite passada...

— O que... — Sua voz fica mais fraca quando pega o envelope e olha o que tem dentro.

Eu me afasto, sentindo-me muito orgulhoso de mim mesmo.

— Incluí um pouco mais para cobrir nossa viagem a Nova York. Eu sei que você teve que comprar um vestido e sapatos... tenho certeza de que houve despesas.

— Você adicionou... dinheiro. — A cor desaparece de seu rosto, e meus sentimentos de orgulho desaparecem junto com ela. — Nova York foi apenas uma viagem de negócios para você?

Um nó surge na minha garganta e sinto que interpretei algo errado.

— Não. Quero dizer, sim, foi uma viagem de negócios, mas...

Ela me interrompe, falando rápido.

— Pelo contrário, eu esperava que você me pagasse menos por esta semana, considerando que passamos três dias... — ela se interrompe. — Fazendo o quê? O que estávamos fazendo, Remi?

Seus olhos brilham com raiva de mim, mas vejo lágrimas se acumulando neles. É como uma faca mergulhada diretamente no meu coração. Avançando, tento segurá-la em meus braços.

— Não! — Ela me afasta com força. — O que significa isso? Eu quero saber.

Ela está tremendo, e eu não sei o que dizer. Nova York começou como uma viagem de negócios... Inferno, era sempre por causa dos negócios, mas tê-la comigo me deu forças para acreditar novamente. Ela acredita em mim, e isso me faz acreditar em mim mesmo.

Ela me trouxe de volta à vida.

Eu tento encontrar as palavras certas para dizer. Tudo dentro de mim está uma bagunça de sentimentos, pensamentos e detalhes que tenho que resolver. É tudo um emaranhado na minha cabeça, e percebo agora que demorei muito para responder à pergunta dela.

Ela levanta a mão e me afasta.

— Não tenho tempo para mais homens e joguinhos. Eu estou cansada disso. Estou cansada de você.

Ela joga o envelope para mim, e eu o pego, correndo atrás dela, subindo as escadas para o terceiro andar.

— Ruby, espere. Eu não quis te insultar. — Eu a sigo pelo corredor, e ela está se movendo rapidamente. — Nós conversamos sobre tudo isso antes de você vir para cá, e você estava bem com isso. Porra, você parecia feliz.

— Sim, eu estava. — Ela abre as gavetas da cômoda e começa a tirar as roupas. Ela as joga na cama e vai ao armário, onde tira sua mala.

— O que você está fazendo?

— Estou saindo. Discutimos isso ontem à noite.

— Porra nenhuma. — A raiva arde no meu peito, e eu pego a mala da cama dela. — Você não vai a lugar algum.

Sua raiva está de volta, brilhando em seus olhos.

— Me dê minha mala.

Eu cedo e coloco a mala na cama novamente. Ela imediatamente volta a jogar roupas lá dentro.

— Por que você está fazendo isso? Não está feliz aqui? — Parece uma pergunta infantil, mas estou tão confuso. Eu pensei que as coisas estavam indo bem, mais do que ótimas. Pensei que ela se importava comigo. Pensei que ela e eu estivéssemos prestes a nos tornar algo mais.

— Estou feliz aqui? — Ela para de jogar roupas na mala preta. — Eu fui. Até pessoas como Eleanor começarem a me chamar de prostituta. Até Serena North basicamente me chamar de prostituta de alta classe na frente de todos na escola hoje.

O fogo ruge no meu peito. Eu não sabia que era possível sentir esse nível de raiva.

— O que ela disse para você? — Meu queixo está cerrado, e as palavras são nada mais que um rosnado.

— Pare. — Ruby levanta as mãos. — Eu discutiria com elas se tivesse algum argumento. Mas é que... — Ela balança a cabeça. — Eu me transformei exatamente no que eles pensam que sou.

— Você não é nada disso — minha voz ainda está alterada. — Vou fechar todas aquelas bocas estúpidas. Eu vou...

— Remi... — sua voz é pouco menos que um grito. — Você não vê que elas estão certas?

— Não acho que elas estejam certas. Eu não dou a mínima para essas mulheres nem para o que elas dizem ou pensam.

— Mas eu, sim.

Estou chocado com sua silenciosa confissão.

— Você dá? Mas por quê?

Estou confuso e tentando entender qualquer coisa. Sinto que meu mundo está desmoronando e sua mente está completamente decidida. Sinto que ela bateu uma porta invisível na minha cara e nada que eu possa dizer ou fazer fará com que me deixe entrar.

Não posso fazê-la ficar, e isso está arrancando meu coração. Está me rasgando por dentro. Eu preciso dela.

Ela continua enchendo a mala, só que mais devagar.

— Não me importo tanto comigo ou com minha reputação. Eu me preocupo com minha mãe e com o quanto ela trabalha cuidando dos idosos da igreja. Eu me preocupo com Lillie e as crianças na escola repetindo o que seus pais dizem para ela ou conversando pelas suas costas. Ela pode não entender agora, mas um dia entenderá. — Ruby soluça e meu coração se parte. — Eu me preocupo com você e com o que as pessoas dizem sobre você.

— Foda-se o que elas dizem. — Eu não suporto isso. — O que eu posso fazer?

— Nada. — Ela coloca as últimas roupas dobradas na mala. — Estou saindo. É isso.

— Você assinou um contrato. Como babá de Lillie, você é contratualmente obrigada a morar nesta casa — digo isso principalmente como uma piada, mais como uma maneira de aliviar a dor esmagadora no meu peito.

— Eu terei que renunciar como babá de Lillie

— Não... — É a gota d'água. Eu sinto que ela está prestes a me deixar de joelhos. — Lillie te ama.

Ela cobre o rosto com as mãos e assente rapidamente, enquanto os ombros tremem. Quando ela fala, sua voz fica mais alta.

— Eu sei.

Eu não aguento mais. Diminuo a distância entre nós, puxando-a para os meus braços.

— Você não pode nos deixar. Você tem que ficar.

Suas mãos estão nos meus braços de uma vez, afastando-os e saindo do meu abraço.

— Eu sinto muito. — Ela pigarreia, controlando a voz. — Vou explicar a ela por que tenho que ir.

— O que você vai dizer?

— Eu não sei. Vou pensar em algo.

— Ruby, por favor. Diga-me o que posso fazer para corrigir isso.

Seu queixo se ergue, e seus olhos escuros encontram os meus. Eles estão tão abertos e vulneráveis, tão profundos e comoventes. Isso parte meu coração. Espero que ela diga qualquer coisa, que me diga o que quer.

Ela espera mais um momento e então afasta os olhos de mim.

— Vou buscar Lillie na escola. Você pode dizer para Eleanor que não vou jantar aqui hoje à noite.



## Ruby

**A** vida tem uma maneira engraçada de mudar nossos planos. Lillie chegou em casa apenas cinco minutos antes de ir ao banheiro e imediatamente começar a chorar. Pretendia contar a ela o que iria acontecer durante o almoço, mas agora estou no banheiro cor de rosa dela, segurando-a em meus braços.

— Ruby! — Ela está chorando, e eu cubro minha boca e nariz com o cheiro.

— Oh! Ah, não. — É o melhor que consigo fazer.

Suas calças leggings e calcinhas brancas estão sujas no chão do banheiro.

— Minha bunda vomitou — sua voz soa tão fraquinha.

Pego a cortina do chuveiro, abrindo-a novamente.

— Está tudo bem, querida. Vai ficar tudo bem.

Meu coração se parte um pouco quando vejo como ela está infeliz, sabendo que teve uma noite de merda e sabendo o que está por vir — o que tenho para lhe dizer.

Vai ter que esperar.

— Venha. — Eu a ajudo a se limpar, sentindo a febre irradiando de seu corpinho.



Eu rapidamente tiro minha saia e a levanto em meus braços, entrando no chuveiro enquanto a seguro contra o meu peito. Seus bracinhos estão em volta do meu pescoço, e ela choraminga suavemente.

A água é quente e tranquilizante, e eu a deixo lavar a sujeira, usando um pano para ajudar com os pedaços que não consigo ver.

Eu acaricio seus cabelos enquanto estamos embaixo da ducha.

— Vai ficar tudo bem, querida. Tudo vai ficar bem.

Ficamos na água por mais um minuto, pois eu queria garantir que havia tirado toda a sujeira. Então eu desligo e pego uma toalha macia da prateleira. Colocando-a de pé na minha frente, eu a seco suavemente. As mãos dela estão nos meus ombros e os olhos estão fechados. Ela está corada e febril, e eu a abraço com força antes de carregá-la até seu quarto.

Ela está vestida e encolhida em sua cama, e eu rapidamente enrolo suas roupas sujas na toalha com a qual a sequei. Corro para o meu quarto, troco de roupa e levo outra carga de roupa para a lavanderia antes de pegar o ibuprofeno, bolachas de água e sal, sprite e uma banana.

Apenas como tentativas.

Quando volto para o quarto dela, ela está deitada de lado, seus grandes olhos vazios e cansados. Ajudo-a e dou-lhe uma dose de ibuprofeno infantil para a febre. Então deito-me ao lado dela, abraçando-a contra o meu peito.

— Algum de seus outros amigos estava se sentindo mal hoje?

— Bunny não foi à aula — a voz dela é lenta e fraca. — Louie disse que ela está com um *virado*. Acho que ela foi obrigada a comer terra quando eu não estava por perto. Eles moram perto.

— Acho que Louie quis dizer que ela está com uma virose.

Lillie funga e esfrega o rosto na minha camisa.

— Eu estava pensando nos ketchups hoje — começo. Ela faz um barulho e aproxima a cabeça de mim, escondendo os olhos. — Há umas coisinhas chamadas de bolas de estresse. Você as aperta quando se sente estressada, e isso te faz se sentir melhor. Pode ser uma ótima alternativa. O que você acha? Quer que eu compre uma para você?

Ela fica quieta por um minuto.

— O que é estresse?

— São emoções ruins que você tem quando não consegue controlar as coisas. Ou talvez muitas coisas estejam acontecendo ao mesmo tempo e você se sinta sobrecarregada.

Mais uma vez ela está quieta, pensando.

— Eu não gosto de sentir estresse.

— Ninguém gosta. É como aqueles bonecos com olhos redondos. Eles sempre me estressam — eu exagero meu tom, esperando animá-la.

— Ou aquela série, Os Vegetais.

— Sim... — Estou animada por ela estar brincando também. O ibuprofeno deve estar funcionando. — Ou Thomas e seus amigos. Por falar em olhos redondos!

Ela começa a rir.

— Ou o relógio de Gigi quando bate dez horas...

Eu confesso, estou perplexa com isso.

— O que acontece quando bate dez horas?

— Tem todos aqueles olhos.

*Ah... é um relógio digital. Interessante.*

— Você tem uma imaginação vívida, Lil. Tenho certeza e nunca comprarei uma boneca *American Girl* para você.

Ela bufa e eu ligo a televisão, encontrando um filme de princesa na Netflix. Na metade, ela fica sonolenta. Ela envolve um pequeno braço em volta da minha cintura e boceja.

— Eu gostaria de ter olhos como os seus. Acho você tão bonita.

Inclinando-me, beijo seu nariz de botão.

— Eu acho você linda. Durma agora, anjo.

Ela está dormindo enrolada ao meu lado, e eu estou assistindo à segunda metade de *Mulan* quando um toque suave soa na porta. Olho para cima e vejo Remi espiando. Sua expressão está preocupada ou talvez ansiosa.

— Como ela está?

— Ela está com febre. Acho que deve ser uma daquelas viroses de vinte e quatro horas. — Ele assente, e eu tenho uma ideia. — Você tem uma bola de estresse extra?

Aquelas sobrancelhas escuras se franzem sobre seus lindos olhos, e interiormente suspiro. Ele é tão lindo.

— Eu acho que sim. Por quê?

— Acho que o motivo pelo qual ela gosta de brincar com pacotes de ketchup é o mesmo pelo qual você gosta de apertar uma bola de estresse. É relaxante.

Ele suspira, deixando cair o queixo.

— Ela me assustou esta manhã. Este dia inteiro foi apenas um golpe após o outro.

— Nem me fale. — Olho para o anjinho que segura a minha cintura. O rosto dela está tão pacífico.

Meus olhos ainda estão nela quando Remi toca meu ombro. Nossos olhos se encontram e os dele estão angustiados.

— Não vá, Ruby... — É um sussurro torturado e meu coração pula no peito. — Ela precisa de você.

Então, eu quebro novamente.

*Ela precisa de mim.*

*Diga que você precisa de mim, Remi... Você.*

*Diga que você me fará sua...*

Eu engulo essa emoção.

— Não morar aqui não significa que não vou mais vê-la.

Suas sobrancelhas estão franzidas e ele esfrega os olhos com as pontas dos dedos.

— Você pode, pelo menos, ficar como babá dela até eu encontrar uma substituta?

A ideia de ser substituída não deveria me ofender.

— O que há de errado com Eleanor?

Ela começou tudo isso, afinal.

— Eu não a quero envolvida. Não gosto de como ela te tratou. Não gosto de como ela tratou nenhum de nós.

Levantando meu queixo, assinto para ele.

— Ficarei com Lillie até você encontrar alguém.

— Obrigado. — Sua expressão é sombria e ele se levanta lentamente, inclinando-se para beijar sua filha antes de sair.

Ele faz uma pausa no caminho, pairando com os lábios logo acima dos meus. Meu coração bate dolorosamente com força no meu peito. Eu prendo a respiração até que ele se acalme completamente. Sem dizer nada, ele vai até a porta e nos deixa.

Recosto nos travesseiros enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.



Remi

**É** um soco no peito ver Ruby abraçando minha filha tão docemente, cuidando dela quando está doente, fazendo-a rir e lentamente ajudando-a a recuperar suas forças.

Posso não ter certeza dos sentimentos dela por mim, mas sei que ela ama Lillie.

Leva menos de meia hora para que ela tire as coisas do seu quarto. Minha filha a segue choramingando o tempo todo, mas Ruby garante que não estará longe. Ela voltará todos os dias para levá-la à escola e passar as tardes.

As lágrimas da minha filha são como sal na minha ferida. Tudo está errado, mas além de amarrar Ruby a uma cadeira, não sei como fazê-la ficar.

Antes que ela saia, coloco minha mão em seu ombro.

— Tirei o dinheiro extra de Nova York. — Dou-lhe o envelope, e ela o olha por alguns momentos. — Você trabalhou como babá de Lillie. Merece ser paga.

Seus lábios se franzem, e ela assente, pegando o envelope.

— Estarei aqui segunda de manhã para levá-la para a escola.

— Eu posso levá-la de manhã. E se você buscá-la e ficar com ela durante as tardes até o jantar?

Ela ergue o queixo, e nossos olhos se encontram. Nossa química ainda está viva, mas é uma dor tentadora, como a promessa de algo que quero desesperadamente manter fora de alcance.

— Vou fazer metade do trabalho. Você deve ajustar meu pagamento para refletir isso.

— O que te deixar confortável.

É a nossa última conversa antes que ela se vá. Pego minha filha, e ela deita a cabeça no meu ombro, apertando a bola listrada que encontrei em uma das minhas gavetas.

— Sentindo-se estressada, amendoim?

— Por que Ruby teve que ir embora?

— Ela achou que seria melhor para todos nós se não morasse mais aqui.

Lillie levanta a cabeça e me olha nos olhos.

— Não acho que seja melhor para mim se ela não estiver mais aqui. Você acha que é melhor?

— Não, princesa. Não acho que seja melhor.

Minha filha se mexe para descer do meu colo, e eu a coloco de pé. Ela caminha devagar com os ombros caídos para o pátio, e eu subo o lance de escadas até o meu escritório com a mesma postura. Esta grande casa antiga parece enorme demais, vazia demais agora.

Eleanor saiu na sexta-feira. Eu deveria me sentir culpado por isso, mas ela se mudou rapidamente para a casa que consegui para ela. Quase sinto que ela esperava por isso. Ou gostou. Realmente não me importo.

Eu me comuniquei brevemente com ela sobre seus pedidos para ver Lillie. Estou furioso, mas não quero machucar minha filha. Até agora, concordei que ela pode buscar Lillie na igreja amanhã de manhã. Não tenho muita vontade de participar.

Em frente ao meu computador, vejo e-mails não lidos de Stellan. Mais alguns e-mails de Stephen e de um empresário em ascensão que ele acha que eu deveria conhecer. Passei o mouse sobre eles e penso no trabalho e por que estou fazendo tudo isso.

Todos os sentimentos e coisas que quero dizer a Ruby se remexem no estômago. Tudo veio à tona na semana passada.

Ela não está interessada no meu dinheiro. Não está interessada no que eu posso dar a ela. Ela gosta de mim e nos divertimos muito juntos. Ela me faz sentir vivo. Sinto que posso confiar nela — sem mencionar o quanto amo vê-la com a minha filha.

Pegando meu telefone, toco no rosto do meu velho amigo.

— Hastings aqui — ele fala depois de respirar fundo.

— Eu tenho um problema e preciso de um conselho.

— Algo aconteceu com Stellan? — ele assume um tom de voz diferente. — Aquele garoto estava super empolgado da última vez que falei com ele. Se você fez algo para irritá-lo...

— Não é sobre Stellan. É pessoal.

— Eu não resolvo nada pessoal.

— Você fará isso por mim. Estou chateado, cansado e me sinto impotente.

— Você nunca é impotente. Se algo parecer fora de seu controle, você precisa dar um passo atrás e reformular a situação. — Ele fala como um velho guru. — A menos que seja uma mulher. Então você provavelmente não tem poder.

— Ruby me deixou.

Ele fica quieto.

— E?

— É isso aí. Ela arrumou todas as suas coisas e saiu hoje de manhã. Bem desse jeito. — Estou andando pelo meu escritório, pegando uma bola de estresse e espremendo aquela merda.

— Ela disse por quê?

— Algumas mães vadias da escola de Lillie fizeram uma piada sobre ela ter ido ao baile comigo. Isso a fez sentir como se eu estivesse pagando... pela companhia dela.

Stephen não precisa saber de tudo.

— Você *estava* pagando pela companhia dela. O tempo que passou com sua filha.

A distinção me faz estremecer. Peguei direto na ferida, corroborando com as acusações estúpidas colocando o dinheiro extra no cheque dela. Eu pensei que estava sendo generoso. Agora percebo como isso a fez se sentir.

Ele solta um rosnado impaciente.

— Você se importa com essa mulher ou não?

É uma pergunta tão direta. Dou um passo para trás, caminhando para a varanda, olhando para o pátio, onde ela passou tantas tardes com Lillie. Todos os dias, eu saía para vê-las pintar ou trabalhar no jardim, cantar canções ou apenas soprar bolhas de sabão. Acalmava minha alma saber que ela estava lá. Era como se uma parte de mim que estava faltando tivesse sido encontrada.

— Sim. — É tão fácil. — Não importa. Pedi que ficasse e, ainda assim, ela ainda foi embora.

— Você disse a ela que queria que ela ficasse?

Agora eu solto um rosnado impaciente.

— É a mesma coisa. Pedi para ela ficar.

— Não é a mesma coisa, e tenho certeza de que você definiu como sendo para Lillie.

— Claro, eu mencionei Lillie. — Remorso faz com que um calor suba ao meu pescoço. Por que ela não conseguia entender o quanto eu queria que ficasse?

Um longo suspiro enche meu ouvido.

— Se você quer que ela fique, diga a ela. Se você se importa com ela, convide-a para um encontro, proponha casamento. Case-se com a garota. O que quer que esteja em seu coração. Apenas pare de tornar mais difícil do que é.

— Isso foi o que ela disse.

— O quê?

Eu não posso evitar. É tão fácil.

— Obrigado, cara. Fico te devendo.

— Maldito seja você. Agora vá pegá-la e pare de desperdiçar meu tempo.

— Foda-se. Eu tenho uma mulher para reivindicar.

Ele ri e nós desligamos o telefone. Eu sou um solucionador de problemas. Por que não descobri isso antes? Esfregando o queixo, estou perplexo. O que eu faço com a Lillie?





## Ruby

**D**rew se senta ao meu lado na cama, esfregando minhas costas.

Depois de desempacotar todas as minhas coisas na noite passada, abri uma garrafa de vinho, bebi a maior parte, logo após me arrastei para debaixo das cobertas e adormeci. Abri os olhos algumas vezes quando o sol nasceu, mas tudo o que quero fazer é ficar debaixo das cobertas e chorar.

— Ele tentou me pagar mais por ter ido com ele a Nova York. Em dinheiro. — Eu fungo, meu peito apertando com a dor de um coração partido.

— Ele não disse que isso significava mais para ele? — Drew está usando roupas da igreja, encostada na minha cabeceira enquanto eu permaneço embaixo das cobertas.

— Ele não disse nada — lamento.

— Homens são miseráveis. — Ela enfia um lenço de papel debaixo do cobertor, e eu pego para assoar meu nariz. — Você não, querido.

O jeito que ela diz isso me faz rastejar um pouco mais alto e espiar. Vejo Grayson encostado no batente da porta olhando para

baixo. A mão dele está no bolso e ele parece um modelo de uma revista masculina.

— Eu não sabia que Gray estava aqui.

— Viemos direto da igreja. Sua mãe ficou preocupada com você quando não apareceu hoje.

— Eu não podia ir à igreja e me encontrar com aquelas putas. — Sento-me, envolvendo meu cobertor em volta dos meus ombros. — Elas praticamente me chamaram de prostituta.

— Nem pense nessas mulheres. — Drew me puxa para um abraço. — Você virá trabalhar para mim agora.

Balançando a cabeça, assoo o nariz novamente.

— Não posso voltar para a clínica. Eu me sinto um fracasso. Deveria estar me tornando financeiramente independente. Deveria estar descobrindo quem eu sou. Em vez disso, me apaixonei por ele. — Mais lágrimas enchem meus olhos. — Eu sou tão idiota.

— Para ser justa, você já estava meio que apaixonada por ele quando assumiu o cargo. — Ela pega a caixa de lenços e me entrega outro.

— Você é sempre tão lógica. — Meu nariz faz um som alto quando assoo. — É por isso que você é uma terapeuta melhor do que eu.

— Eu pensei que você tinha dito que ser uma boa terapeuta me torna um capacho. — Seus olhos azuis estreitam, e meu estômago afunda como uma pedra.

— Eu estava errada em dizer isso. Retiro o que disse. Você é a melhor amiga que uma pessoa poderia ter. Tenho muita sorte. — Passo meus braços em volta dos ombros dela, e quando ela me abraça de volta, começo a chorar novamente.

— Ok, vamos sair de casa agora. Vamos. — Ela agarra meus braços e me arrasta para o lado da cama.

— Eu não posso sair assim.

— Então vamos para o chuveiro.

Ela está segurando meu braço e eu a deixo me arrastar para fora da cama, passando pelo paciente Gray.

— Tenho cerveja na geladeira, se você quiser. Comprei muito álcool para ficar bem bêbada ontem à noite.

— Era isso que você estava bebendo? — Ele segura uma garrafa cheia de vinho tinto.

Franzo a testa, olhando em volta do meu quarto.

— Isso foi tudo que eu bebi?

Ele começa a rir.

— Acalme-se, relaxe.

Empurrando a porta, ele entra na cozinha. Eu sigo Drew para o meu banheiro.

A casa alugada é realmente muito fofa. É uma combinação perfeita de quarto e sala, com área de jantar separada e um banheiro completo. A sala é adjacente ao meu quarto e a cozinha é anexada a ele. Tem bom fluxo e um piso plano aberto.

E tão solitária.

— É tão quieto aqui à noite. — Drew está no banheiro comigo, e eu me sento no vaso fechado, observando enquanto ela liga o chuveiro, testando a temperatura através da cortina. — Sinto falta das pessoas. Eu não estou acostumada a viver sozinha.

— Você está nesta casa há menos de vinte e quatro horas. Como pode saber?

— Eu deveria pegar um animal de estimação. Um filhote de cachorro... Lillie adoraria isso! Vou levá-la comigo para adotar um amanhã.

Drew dá um passo para trás e pega a minha mão.

— Levante-se. A água está pronta. Vou mandar Gray para casa. Você pode me dar uma carona?

— Claro — concordo, entrando no jato quente.

Tomo banho, me maquio levemente, e meu cabelo está penteado enquanto caminhamos pela loja de artesanato.

— Primeiro, podemos começar a arrumar sua casinha. De que cor devemos pintá-la?

— Você não pode pintar nada. Está grávida. — Estou empurrando um carrinho para passar por telas e acrílicos esticados.

Isso faz com que minha mente viaje de volta há um mês para algo que eu li na Internet.

— Como já tenho meu mestrado e minha licença, só preciso de algumas aulas para adicionar Arteterapia à minha lista de serviços.

Drew para no corredor.

— Você poderia fazer isso em um ambiente de grupo?

— Não vejo por que não. — Pego duas telas da prateleira e as coloco no carrinho. Em seguida, pego alguns tubos diferentes de tinta marrom, analisando-os junto à luz.

Seleciono o mais escuro, depois pego um tubo branco, marrom e azul-marinho da caixa.

— Enquanto isso, quero começar a pintar novamente. Tenho algo em mente.

— Está vendo? — Drew está bem ao meu lado, abraçando-me. — Você só precisava sair da cama e começar a se mover. Já sabe quem é e o que deseja. É só colocar em prática.

Assentindo, eu guio o carrinho para a área de pagamento. Eu ainda sinto que há um peso instalado em meu peito, dificultando a respiração.

— Vou me inscrever para esses cursos hoje à noite.

Drew e eu também passamos pelo supermercado, entramos em contato com minha mãe e é tarde quando estou sozinha novamente em minha casinha. Estou de pé na frente do fogão com meu moletom e uma camiseta cortada com o cabelo em um rabo de cavalo alto.

Imagino que pareço a melhor amiga asiática da Barbie, Midge, confusa em frente ao fogão, porque não sabe cozinhar.

Se ao menos eu tivesse dinheiro como a Barbie.

E as vantagens da Barbie.

— Então eu teria um cozinheiro. — Seguro meu telefone lendo a receita.

Parece bastante simples. Uma lata de feijão preto, ovos mexidos, fatias de abacate e salsa. Quão difícil pode ser? Droga, até Eleanor aprovaria este jantar.

Soltando meu telefone, quebro o primeiro ovo, imitando a voz de Tessa.

— Ovos de galinha caipira e feijão preto orgânico. — Pegando a lata, não vejo orgânico escrito em nenhum lugar do rótulo. — Oh, bem, Jake. Acho que teremos que esperar o melhor com esses abacates.

Enquanto dreno o feijão, minha mente se dirige para aqueles jantares, Remi sentado do outro lado da mesa, de blazer e

camiseta. Ele sempre estava tão bonito, tão refinado. Lillie costumava dizer algo engraçado sobre a refeição ou tinha alguma história boba da escola. A dor causa uma reviravolta no meu estômago enquanto penso sobre o quanto sinto falta deles.

Meus olhos estão enevoados e estou quebrando o ovo número dois quando uma batida rápida na minha porta me faz gritar e jogá-lo na pia. Ele cai com um respingo no chão e eu giro, de costas para o balcão e vasculhando a cozinha rapidamente em busca de qualquer coisa que possa usar como arma.

Pego uma faca da gaveta. Minha mãe me deu, porque precisava ser afiada, mas isso não impede que pareça assustadora.

Na ponta dos pés, sigo até a porta da frente, meu coração batendo forte no peito. Por que estou tão assustada com alguém batendo na minha porta à noite? Eu estou enlouquecendo. É Oakville. Nada acontece aqui. É o que acontece quando se assiste a muitos documentários sobre serial-killers na Netflix.

Encosto meu ombro na parede ao lado da porta e dou uma espiada. Prendo minha respiração e largo a faca quando vejo Remi parado lá.

Ele está a passos da porta na varanda e a mão está atrás do pescoço. Parece que correu até aqui. Está todo suado e sexy, e minha mente voa para aquela noite na cozinha quando ele me beijou.

*Pegue as rédeas, Ruby.*

Girando a fechadura, abro a porta para ele, tirando a faca da vista com o pé.

— Remi? O que você está fazendo aqui?

Mais importante, quem está cuidando de Lillie?

Seus lindos olhos brilham quando ele me vê, e ele dá um meio passo à frente.

— Ei — sua voz soa um pouco sem fôlego e tão sexy. — Desculpe por aparecer assim. Acho que deveria ter mandado uma mensagem primeiro ou algo assim. Espero não ter te assustado.

— Ah, não. Por que eu deveria ter medo em Oakville? — Dou uma risada falsa. Tão falsa.

— Eu estava pensando ontem e sexta-feira, sobre como tudo aconteceu. — Ele pigarreia. — Tanta coisa aconteceu desde o baile

até o susto do ketchup e a sua mudança. Acho que tivemos uma enorme falta de comunicação.

Eu mudo o peso do corpo com meus pés descalços, cruzando os braços na cintura. Os olhos de Remi passam para os meus seios, e a maneira como seus lábios se pressionam aquece minha calcinha. É como se ele estivesse pensando em me beijar... E todo o meu corpo quer que isso aconteça. *Sim, por favor.*

— Uma falta de comunicação? — Foco em meu cérebro.

— Sinto muito por não ter percebido como o dinheiro extra fez você se sentir. De maneira alguma pensei nele como qualquer tipo de pagamento pelo seu tempo... eu só queria fazer algo de bom para você.

Seus olhos estão doloridos, e posso dizer que ele está lutando para acertar no que dizer. Derrete meu coração vê-lo tão sincero.

— Desculpas aceitas — minha voz é calma e dou um pequeno sorriso para ele.

— Ruby... — Ele dá um passo à frente quando recebe esse pequeno encorajamento. — Eu vim aqui para te perguntar... Você consideraria sair comigo?

— Como em um encontro?

— Sim. Venha jantar comigo.

Eu esfrego minha testa, tentando pensar.

— Não sei se é uma boa ideia.

Sua expressão entra em colapso e vejo que algo como frustração e raiva borbulham sob sua fachada calma. É um pouquinho assustador e muito sexy.

— Por que não?

— Primeiro, não grite comigo... Segundo, por que você acha que eu me mudei?

— Eu não gritei. — A mandíbula dele está cerrada, e ele está um pouco irritado. — Pensei que você tinha se mudado para que pudéssemos namorar sem que as pessoas fizessem insinuações grosseiras; porque você se importa com o que esses idiotas pensam, e eu, não.

OK.

— Me mudei porque muitas linhas estavam sendo cruzadas. As coisas estavam ficando confusas, e você tem uma garotinha a

considerar.

Ele suspira profundamente e se vira, olhando para a rua um momento antes de voltar-se para mim.

— Então você está dizendo que não vai namorar comigo enquanto for babá da Lillie?

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Isso é um não? É isso mesmo que você quer, Ruby? — O estalo em sua voz quebra meu coração.

— Na verdade, não... eu apenas. Eu acho que é muito cedo para ter essa conversa. Acho que precisamos dar um tempo. — Levo a mão ao estômago e instintivamente esfrego-o, tentando aplacar a dor. — Quando comecei, você disse que precisava se concentrar no seu trabalho. Talvez nós dois precisemos dar um passo atrás e pensar sobre o que realmente queremos.

Seus ombros caem, e ele gira em direção à rua.

— Eu tenho que ir. Estava apenas correndo, e precisava te dizer essas coisas. Queria ter a certeza de que você sabe como me sinto.

— Quem está cuidando Lillie?

— Eleanor está em casa. Espero que ela vá embora quando eu voltar.

Assentindo, engulo o nó na garganta.

— Vejo você amanhã.

— Boa noite. — Ele dá um pequeno aceno e sai correndo em meio à noite.

Fico de pé e o vejo partir até não poder mais vê-lo. Então lentamente fecho a porta e pego a faca. Não estou mais com vontade de comer feijão preto.



Ruby

**E**spero Lillie dentro do carro pela primeira vez desde que me tornei babá dela. Não porque não queira enfrentar as Mães Malvadas — não sou tão covarde assim —, mas porque recebi uma mensagem de Drew quando saí de casa.

***A vizinha de Dotty está dando filhotes. Schnoodles em miniatura!***

Só de ler a palavra me sinto feliz por dentro. Não resisto a enviar mensagens de texto: ***Deus te abençoe! Agora, miniaturas de quê?***

A resposta dela é o emoji de risada e estou pulando no assento, esperando por Lillie. Liguei para a escola e pedi que a mandassem para a fila de carros e, enquanto espero, mando uma mensagem rápida para Remi. ***Incumbência importante a ser executada. Levando Lillie comigo. Dia emocionante!***

Remi me manda uma mensagem de volta com a aprovação assim que a porta dos fundos se abre e Lillie entra com todas as suas coisas. Ela parece um pouco sonolenta, e eu estendo a mão para segurar a dela.

— Como vai, feijãozinho manteiga? Está se sentindo cansada?  
— Ela encolhe os ombros e eu não aguento mais. — Quer ir ver



alguns filhotes comigo?

Isso muda tudo.

— Para mim?

— E se... — Viro o carro em direção à casa de Dotty. — E se eu conseguir um filhote para você, e ele morar na minha casa?

Ela pressiona os lábios pequenos, olhando para o lado.

— Eu poderia vê-lo todos os dias?

— Sim! Você poderia vê-lo todos os dias depois da escola. Podemos ir à minha casa e brincar com ele, e, talvez, se seu pai disser que está tudo bem, podemos levá-lo para sua casa às vezes também.

— OK! — Ela começa a pular em seu assento. — Vamos pegar um filhote de cachorro!

— Fica ainda melhor. — Embico na casa e desligo o motor, dando-lhe o meu olhar mais animado. — Esses filhotes são chamados de Schnoodles miniatura!

Sua boquinha cai aberta.

— O quê?

— Vamos vê-los!

Ela pula do assento, e eu agarro sua mão. Nós duas saímos correndo pelo gramado para bater na porta.

É muito amor à primeira vista quando vemos a caixa de três filhotes de cor damasco com pelos encaracolados e rostos felizes. Lillie tenta segurar os três ao mesmo tempo. Ela grita e se senta, e um começa a lamber o seu rosto enquanto o outro agarra seu rabo de cavalo e brinca com ele como um brinquedo para mastigar. Finalmente, ela desiste e deita de costas enquanto os filhotes pulam sobre ela.

Janet recua, sorrindo com os braços cruzados.

— Você vai ficar com os três?

Isso me faz rir.

— Não. Nós vamos escolher um. Será uma escolha difícil.

Nós tínhamos nos afastado um pouco enquanto assistíamos Lillie rolar no paraíso dos cachorros até que finalmente eu a chamo.

— Temos que escolher um, feijãozinho manteiga. Qual você gosta mais?

Sua boca se transforma em uma carranca, e eu tenho medo que ela possa chorar. Janet entra e salva o dia.

— Eu tenho um garotinho chegando hoje mais tarde. Ele está querendo um desses carinhas, então é melhor escolher o que você mais gosta.

Os olhos de Lillie se arregalam.

— O nome dele é Louie?

Eu engulo uma risada, e Janet finge pensar sobre isso.

— Não... acho que o nome dele é Nicholas.

— Ah, que bom. — Ela solta um pequeno suspiro e volta para os pequenos cães.

Um voltou para a caixa e está vasculhando os cobertores. Outro foi para a tigela de comida. Apenas um fica de pé como se estivesse esperando para ver o que ela fará a seguir.

— Ele! — Lillie se abaixa e pega o cachorro pequeno. — Vamos chamá-lo de Buddy.

— Ele pode não ser um menino...

Janet pega o cachorrinho e verifica o sexo.

— É um menino! — Ela o entrega para mim e caminha para a cozinha. — Eu tenho os registros de vacinação que posso lhe dar.

— Tem certeza de que quer doar? Esses carinhas são normalmente meio caros.

Janet apenas acena com uma das mãos.

— Todo mundo tem um cachorro em Oakville. Ninguém vai comprar.

Não quero argumentar contra ela, então concordo.

— Vamos lá, Lillie e Buddy.

Lillie segura o cachorro nos braços como um bebê, e ele coloca a cabeça no ombro dela. É a coisa mais adorável que eu já vi desde... praticamente sempre.

Coloco-a na cadeirinha e tiro um paninho do meu porta-malas.

— Envolve-o nisso, caso ele faça xixi. Ele provavelmente nunca esteve em um carro antes.

— Ele não vai fazer xixi, né, Buddy? — Ela está conversando com ele com sua pequena voz cantante, e eu sigo o pequeno percurso até a minha casa.

Felizmente, tenho cercas no quintal e passamos o resto da tarde decidindo onde Buddy deveria dormir. Decido que vou ter que comprar uma casinha grande antes que a casa esteja quebrada.

— Temos que treiná-lo para usar o banheiro lá fora. — Estou no meu laptop lendo tudo sobre a raça. — Ele é um cachorro muito inteligente, então espero que não demore muito.

— Eu o amo. — Lillie está no meio da minha cama com seu novo bebê, e enquanto eu pesquiso, os dois se enrolam juntos e adormecem.

Cubro-os com um cobertor fino e saio para a minha sala de jantar, onde montei um cavalete. Comecei uma pintura na tela que comprei ontem. No momento, são apenas esboços de linhas, mas pretendo torná-la minha versão da "Mãe e filha adormecida", de Gustav Klimt.

Na minha versão, quero que a mãe tenha características distintamente asiáticas e que a criança tenha cachos dourados e olhos castanho-esverdeados.

Ainda estou pincelando quando ouço uma batida na minha porta. Desta vez não fico apavorada. Estou bastante confiante de que sei quem é. Ele sempre gostou de nos ver cantando juntas, como se isso lhe desse algo que ele havia perdido.

Sinto falta de tê-lo por perto.

Abrindo a porta, ele olha para cima e me dá aquele sorriso de derreter a calcinha.

— Posso ver do que se trata toda a animação?

— Claro. — Estendo a mão para ele. Remi entrelaça nossos dedos imediatamente, e é tão bom. — Fique quieto.

Seus olhos viajam rapidamente pela minha pequena casa enquanto eu o conduzo para o meu quarto. Ele faz uma pausa para estudar a pintura, mas dou-lhe um puxão gentil. Finalmente, ele se junta a mim à porta do meu quarto, e, por um minuto, nós dois ficamos observando Lillie deitada com Buddy enroscado ao seu lado.

— Oh, Deus — a voz de Remi soa tão cálida. — É a coisa mais fofa de todas.

— Ele é um Schnoodle miniatura. Lillie o nomeou como Buddy.

— Um Schnoodle?

Girando rapidamente, começo a falar.

— Não se preocupe, ele pode ficar aqui na minha casa, e eu disse a Lillie que ela poderá vir vê-lo quando quiser.

— Ei. — Remi levanta a mão na frente dos meus lábios. — Está bem. O que você quiser está bem para mim.

Mãos quentes caem na minha cintura, e ele me puxa para mais perto.

— Obrigado por ser tão gentil com ela.

Meus lábios se unem, e eu quero tanto beijá-lo.

Estou olhando para a sua boca quando ele fala novamente.

— Gostaria de beijar você também, mas o quanto isso pode violar sua regra... aquela que diz que deveríamos estar pensando sobre o que queremos?

Estou pensando nisso... estou me aproximando mais quando uma interrupção encerra o nosso momento.

— Papai! — Lillie senta-se na cama e nos separamos. — Veja o que Ruby conseguiu para mim! É um filhote! O nome dele é Buddy. Ele é um Schnoodle.

Remi me dá um sorriso e um leve aperto antes de ir para sua filha.

— Eu acho que Buddy é incrível. Eu nunca ouvi falar de um Schnoodle.

— Não é uma palavra engraçada para um cachorro?

Buddy acorda e começa a pular por toda parte.

— Lillie! Ele precisa fazer xixi. Vamos levá-lo lá para fora, rápido!

Ela pula e corre com ele até a porta dos fundos. Remi e eu seguimos atrás dela, observando enquanto ela caminha pelo pequeno quintal conversando com seu pequeno companheiro no crepúsculo crescente.

— Parece certo, não é?

A voz de Remi é tão cheia de amor, como um líquido quente nas minhas veias.

Eu não poderia concordar mais.



Remi

**L**illie passa todas as tardes na casa de Ruby, agora que Buddy entrou no jogo, e eu recebo atualizações diárias de seus hábitos de quebrar a casa, como minha filha está ensinando-o a sentar, rolar, falar.

Segundo Lillie, ele fala muito.

De acordo com Ruby, ele é um cachorrinho esperto, que é muito bom com crianças.

De acordo comigo, tudo isso é incrível.

Somos como uma nova pequena família, formando-se lentamente.

Muito devagar, se você me perguntar. Ainda assim, eu espero. Estou dando a Ruby o tempo que ela precisa para pensar.

Todos os dias, quando pego Lillie antes do jantar, posso ver o progresso da pintura de Ruby. Ela adicionou papoulas castanhas e marrons ao redor da fronteira. O fundo é casca de ovo, com pinceladas perfeitamente quadradas criando um padrão. As pinceladas no cabelo da criança são tão meticulosas e amorosas, e as pinceladas nas costas da mãe... É brilhante.

Não sou crítico de arte, mas, porra, Ruby é fantástica.

Ela está participando de cursos on-line para adicionar arteterapia ao seu conjunto de habilidades e, embora estejamos separados, ela me conta isso enquanto espero Lillie dar boa noite a Buddy quando a pego.

Leva meia hora para minha filha ter certeza de que *seu* cachorro (que só mora na casa de Ruby, é o que ela diz) sabe que ela o ama e que estará de volta no dia seguinte.

Não consigo deixar de pensar que se o cachorro é realmente tão inteligente, ele já entendeu.

Sempre que voltamos para casa, Lillie costuma cochilar, mas hoje ela está extraordinariamente falante.

— Papai, quando você estava na escola, havia crianças más?

Suponho que isso seja sobre mais uma besteira de Louie.

— Sim, elas geralmente tentavam fazer proezas de força e coisas assim. Por quê? Louie está tentando fazer você comer algo nojento?

— Não! — ela grita, seu nariz pequeno se curvando. — Eu não escuto mais Louie. — Então ela fica quieta, e posso ver por seus olhinhos que está pensando. — O que são proezas de força?

— Apenas garotos tentando mostrar quem é o mais forte. — Besteira de ego de macho-alfa.

— Acho que as meninas adultas fazem proezas de força. — Ela olha pela janela como se tivesse terminado essa conversa.

*Não tão rápido.*

— Como assim, princesa? — Ela suspira um pouco e está cantando outra música da Disney que não conheço. — Princesa? As meninas adultas estão sendo más com você?

Meus pelos estão eriçados e estou pronto para chegar ao fundo dessa história.

Mamãe Urso? Conheça o Papai Leão.

— Não comigo, papai. — Ela ri como se fosse ridículo. Na minha experiência, infelizmente, não é tão ridículo. — Eu acho que algumas das mães são más com Ruby.

Se eu achava ruim a ideia de alguém ser mau com a minha filha, eu não tenho ideia de como reagiria a alguém que fosse mau com Ruby. Só posso adivinhar, porque sinto que isso pode ser parcialmente minha culpa.

— Aconteceu alguma coisa, bebê?

— Hum-hum. — Ela balança a cabecinha, dizendo que não. — Ruby sempre quer ir para casa bem rápido. Ela nunca mais conversa com a Srta. Terry. Ela diz que Buddy sente a minha falta.

Um nó surge na minha garganta, mas eu o escondo.

— Tenho certeza de que Buddy sente sua falta. Você é a humana favorita dele.

— E Ruby! — a voz da minha filha é estridente e ofendida.

— Certo. Claro, eu ia dizer e *Ruby*. Mas só estava falando dos humanos que não moram com ele.

— Ruby está fazendo uma pintura. Ela diz que somos eu e ela.

A confissão confirma minhas suspeitas. Pude ver a semelhança com o passar dos dias, mas não sabia ao certo. “Mãe e filha adormecida?” Preciso ser atingido na cabeça por uma frigideira?

Lillie volta a cantar sua música da Disney de onde parou e, como sempre, fico impressionado com a rapidez com que minha filha deixa de lado as divergências depois de se estabelecerem. Todos deveríamos ser assim.

De volta à casa, passo na frente do meu computador. Ando com essa ideia em minha mente desde a minha conversa com Stephen, e ela só fica mais forte a cada dia que passa. Parece impulsivo e desaconselhável, mas, verdade seja dita, Buddy firmou o acordo.

Na semana passada, comprei o anel e hoje à noite vou me sentar com Lillie e perguntar se ela concorda com o que estou planejando fazer. Estou bastante confiante de que ela aceitará a ideia.

Então eu simplesmente preparei o cenário para que isso acontecesse...



## Trinta Quatro

Ruby

**A** mensagem de Remi explode na minha cara. ***Você poderia levar Lillie para a escola? Situação de emergência. Eu posso cuidar dela até você chegar aqui. Obrigado.***

Eu tenho que parar de adormecer com meu telefone na mão.

Esfregando os olhos, olho para o relógio. *Sete e quinze!* Jogo meus pés para fora da cama. Buddy levanta a cabecinha, parecendo tão irritado quanto eu com essa intrusão inesperada.

— Vamos, Bud. — Eu o tiro da cama e o carrego até a porta dos fundos.

Graças à minha pequena ajudante, ele se acostumou a sair para fazer suas necessidades e volta quando termina. Lillie está levando o cuidado dos animais de estimação muito a sério. Eu simplesmente amo aquela garota.

Gosto especialmente das tardes passadas conversando com o pai dela, enquanto ela brinca de mãe de Buddy, como se ele fosse o único Schnoodle Miniatura do planeta.

Vestindo um moletom velho e puxando a gola alta, arrumo meu cabelo em um coque bagunçado e pego minha caneca de café. Vou conversar com Remington sobre emergências não programadas como essa. Sim, ainda sou a babá de Lillie, mas não sou a



“senhorita disponível”. Eu não teria ficado acordada a noite toda terminando minha pintura se soubesse que precisaria acordar ao amanhecer.

Parando na frente do cavalete, eu sorrio. O retrato é semelhante ao original, uma mulher em um vestido preto com uma criança dormindo em seu ombro, mas o cabelo dela está brilhando em preto, o perfil dela é o meu e a criança é claramente Lillie. Eu tenho que dizer, capturei seu rosto angelical e os cachos dourados muito bem. Eu chamo de "Babá e criança adormecida".

Eu amo cuidar dela.

— Vamos, Buddy. — Calço minhas botas pretas e coloco o cachorro debaixo do braço.

Lillie ficará emocionada ao ver seu filhote antes da escola. Eu também adoro estragar essa criança.

Só porque ela é encantadora.

Se ela fosse uma merdinha, talvez eu não me sentisse tão animada em mimá-la.

Porra, fico mal-humorada quando acordo inesperadamente.

— Lillie! Hora da escola.

— Ruby! — ela grita do andar de cima, e Buddy enlouquece se remexendo debaixo do meu braço.

— Tudo bem, tudo bem, Bud. — Coloco-o no chão e ele segue pelas escadas.

É a primeira vez que ele está nesta casa, mas juro por Deus que sobe as escadas como se soubesse exatamente onde está sua dona. Fico na entrada principal e assisto ao seu pequeno rabo cor de damasco subir dois lances, três lances e virar à direita no último andar.

Meio segundo depois, ela está gritando o nome dele.

— Buddy!

Depois de muita conversa fofa e bons dias, ela corre para o patamar segurando seu filhote enquanto ele se esforça para lambe cada centímetro de seu rosto.

Ela ri tão alto e grita que eu começo a rir também.

— Não o deixe cair — eu chamo, indo para a cozinha. — Vou tomar outra xícara de café. Apresse-se antes que se atrase para a escola.

— Ei, senhorita Ruby! Estou indo para a escola. — Matilda, a adolescente que mora ao lado, acena para mim antes de voltar para sua casa.

— Obrigada, May. — É interessante para mim o quão descontraído e simples é estar nesta casa sem a presença de Eleanor rondando cada canto. Quase parece um lar para mim.

*Pensamento bobo.* Eu o tiro da minha mente.

Uma batida de pés seguida de perto pelo arranhar das unhas dos pés, e Lillie e Buddy chegam à cozinha. Lillie dança com uma saia verde-mar e camiseta de sereia combinando. Suas calças legging têm escamas de sereia no tecido.

— Ei, feijãozinho manteiga, tire Buddy rápido daqui e faça-o fazer xixi antes de sairmos para a escola. Não quero que ele entre no meu carro antes disso.

Ela o chama e os dois correm pela sala em direção à porta que dá para o quintal. Eu me inclino contra o balcão, observando-os partir, perguntando-me se cachorros e criancinhas pequenas realmente combinam tão bem como ervilhas e cenouras.

Estamos no carro e estou pensando na fila de carros enquanto Lillie brinca com Buddy, que está ao lado dela com seu pequeno cinto de segurança.

— Posso levar Buddy para mostrar à turma? — Os olhos de Lillie encontram os meus no espelho retrovisor.

— Não, querida, eu não estou vestida para entrar hoje. Olhe para mim. — Eu tenho feito questão de me vestir como uma babá executiva desde aquela sexta-feira sombria.

— Eu acho que você está bonita.

Tenho certeza de que ela está sendo sincera. Lillie ainda não tem conceito de moda.

— Sim, mas você é tendenciosa. Prefiro parecer um pouco menos desleixada quando entrar.

— Por causa das mães más?

Meu queixo cai.

— Do que você está falando, Lil?

Ela apenas dá de ombros e volta a cantar para Buddy. Ele já ouviu toda a trilha sonora de A Dama e o Vagabundo. Não a forço a

elaborar sua afirmativa. Já falei um milhão de vezes, as crianças pequenas percebem tudo.

Estou na rua, no momento da verdade, e Lillie olha pela janela.

— Por favor, mamãe?

Nossos olhos se encontram no espelho, e eu juro que meu coração para de bater.

Lillie olha para baixo.

— Quero dizer...

— Tudo bem! — Ternura aperta meu peito e acho que posso chorar. — Podemos levar Buddy para conhecer a Sra. Terry.

Embico o carro no estacionamento e ajudo os dois a saírem do banco de trás. Lillie segura minha mão enquanto pula, e Buddy se remexe alegremente debaixo de seu braço.

Quando chegamos à porta, pego um vislumbre de mim mesma na janela e me encolho. Não estou terrível, mas definitivamente parece que saí da cama há menos de uma hora.

— Ah, bem. — Eu suspiro, empinando meus ombros. — Todo mundo tem dias ruins.

Abro a porta e vejo a Cadela Sentinela no pequeno grupo da Gucci fofocando do lado de fora da porta de Terry, provavelmente julgando todos os pais que deixam os filhos. *Eu não ligo.*

Fixando meus olhos na porta, ando com propósito até a classe de Lillie enquanto ela continua pulando, segurando Buddy debaixo do braço. Quanto mais nos aproximamos, mais apertado se torna o nó na minha garganta.

Elas param de conversar, e eu me preparo para o comentário afiado de Serena.

— Bem, vejam quem é — o desprezo em sua voz tensiona meus ombros. — Ficou até tarde da noite no trabalho?

Alguém finge uma risada, mas Terry surge naquele momento.

Lillie enlouquece, falando rápido.

— Srta. Terry! Este é o Buddy. Ele é um Schnoodle. Ele mora na casa de Ruby, mas ela disse que ele realmente me pertence. Estou ensinando-o a fazer truques, e é muito importante tirá-lo de casa quando ele acorda, porque ele não pode fazer xixi em casa ou Ruby diz: *Oh, não! Ah, não!*

Ela gesticula com uma das mãos sobre a cabeça, dançando no lugar para que eu concorde com o que ela falou.

Uma vez.

Quando Buddy começou a fazer cocô no meu tapete favorito.

Sua professora está encantada, apertando as duas mãos e rindo da performance de Lillie. Coloco minha mão no meu quadril e sorrio.

— Ótima maneira de dizer obrigada, Feijãozinho.

Ela ainda está dançando quando sua expressão muda e ela grita:

— Papai!

Desta vez, meu coração realmente para no meu peito. Virando-me, vejo Remi caminhando pelo corredor em nossa direção parecendo sensual como sempre. Ele está vestindo apenas jeans, camiseta marrom e blazer cinza-escuro, mas ele seriamente arrasa no visual casual.

— Perfeito. — Ergo as mãos e arrumo a bagunça que está o meu cabelo, desejando que o chão realmente fizesse coisas como se abrir e engolir pessoas. — O que você está fazendo aqui?

— Vim ver minhas garotas favoritas. — Ele me dá aquele sorriso, e eu me esqueço de me importar com a minha aparência enquanto derreto.

Parando ao meu lado, ele coloca a mão na minha parte inferior das costas, puxando-me contra o seu corpo.

Meu corpo está quente o tempo todo, mas tento agir com indiferença. Estou ciente dos olhos da Cadela Sentinela como punhais em nossa direção.

— Qual foi a missão de emergência? Espero que nada esteja pegando fogo.

Ele balança a cabeça para Lillie e ela pula, pegando a mão dele e olhando para mim.

— Eu tive que pegar uma coisa numa loja.

Ele me solta, pegando Lillie em seus braços.

— Ruby, eu sei que você disse que precisávamos de tempo...

— Espere... o que é isso? — O nó passou da minha garganta para o meu estômago, e está ficando cada vez mais apertado.

Remi pressiona.

— Apreendi da maneira mais difícil a rapidez com que a vida pode mudar. Nunca sabemos quanto tempo temos com as pessoas que amamos...

Estou com problemas para respirar.

— Remi, o que você está fazendo?

— Eu conversei com Lillie, e ela disse que tudo bem eu fazer isso... — Meus olhos aquecem. — Queremos começar a compartilhar todo o nosso tempo com você.

Ele se inclina e coloca a filha no chão, sussurrando no ouvido dela. Ela assente rapidamente e depois se vira para mim.

— Vou para a aula agora, mas papai quer conversar mais com você. É melhor você levar Buddy.

Ajoelhada, eu a puxo para um abraço e pego o filhote.

— Obrigada, querida.

Remi olha para o cachorro e seus lábios se pressionam em um sorriso engraçado.

— Você acha que ele vai fugir se você colocá-lo no chão por um segundo?

Piscando para o pequeno rostinho cor de damasco que me observa, eu assinto, colocando-o aos meus pés. Buddy fica ao meu lado, olhando para cima e para baixo no corredor. Meus olhos se prendem por um momento nas bocas abertas e nos olhos arregalados de Serena e sua corja.

— Ruby, eu queria dizer isso na frente de testemunhas.

Dando um passo à frente, falo baixo, contra seu peito.

— Você não pode fazer isso agora. Não estou vestida para a ocasião.

— Eu acho que você está maravilhosa. — Colocando o dedo debaixo do meu queixo, ele levanta meu rosto em direção ao dele. Seus olhos são como caramelo dourado. — Quis dizer isso tantas vezes... eu amo você, Ruby Banks.

E é isso. Estou chorando.

— Remi... — minha voz é um sussurro.

Aquele sorriso lindo toca seus lábios.

— Eu amo o quão inteligente e engraçada você é. Amo o jeito como a luz brilha nos seus cabelos e nos seus olhos quando você ri. Eu amo o jeito como se ajoelha, bem ao nível dos olhos de Lillie,

quando ela quer lhe contar uma coisa. Amo como você não recua quando digo algo que acha errado... ou quando essas putas da escola dizem coisas cruéis...

Serena diz um alto "eu nunca", e eu coloco a mão sobre a boca para esconder minha risada. Uma lágrima quente escorre pela minha bochecha, e ele olha para mim com tanto cuidado, enxugando-a suavemente com o polegar enquanto segura meu rosto.

— Você é forte, feroz e amorosa. — Ele se inclina para mais perto para sussurrar no meu ouvido. — Eu amo especialmente o som que você faz quando beijo sua boceta...

— Remi! — eu sussurro, empurrando seu braço.

Ele apenas sorri mais, e o calor queima em seus olhos.

— Eu amo que você seja apaixonada por arte, música e seu trabalho. Seu pai estava errado; você é uma mulher forte. Você é incrível. Você é tudo que eu quero.

Com isso, ele recua e enfia a mão no bolso do paletó. Então, cuidadosamente se apoia sobre um joelho.

— Você não pode mais ser babá de Lillie, porque eu quero que você seja minha esposa. Quero me casar com você. Quer se casar comigo, Ruby?

Piscando com força, vejo que ele está segurando o mais bonito anel de safira à minha frente. É cravejado de ouro branco com pequenos diamantes em forma de pera de cada lado. Meu coração está pulsando na minha garganta e não sei como ainda estou de pé. Ou talvez eu esteja flutuando do chão.

Tomando o anel, deslizo-o no meu dedo enquanto ele lentamente se levanta.

— Isso é um sim? — Ele está segurando minha mão. — Eu não poderia perguntar ao seu pai, porque ele não está mais entre nós. Mas parei na igreja hoje de manhã e conversei com sua mãe. Ela acha que é uma boa ideia.

Meus olhos se arregalam.

— Você falou com a minha mãe?

— É a coisa tradicional a se fazer. — Ele encolhe os ombros.

— E ela acha que é uma boa ideia? — O discurso dela sobre ele não ser um de nós está na minha cabeça, não que isso faça alguma

diferença. Eu sou totalmente louca por esse homem.

— Ela diz que combinamos bem.

— Oh, Remi. — Eu pulo para frente, colocando meu braço em volta do pescoço dele. — Você quer que eu seja sua?

Ele ri, levantando-me do chão, segurando-me por debaixo da minha bunda enquanto minhas pernas envolvem sua cintura.

— Mais do que tudo. Seja minha esposa, Ruby. Seja minha amante por toda a vida. Me ajude a cuidar da Lillie. Não suporto mais um minuto da minha vida sem você.

Passando meus braços em volta de seu pescoço, analiso o lindo anel no meu dedo.

— Sim, eu aceito. Sim. — Eu o abraço com força. Seus lábios quentes pressionam contra o meu pescoço, subindo mais alto até o meu queixo, provocando reações em minha calcinha, e antes que eu perca toda a capacidade de raciocinar, rapidamente acrescento: — Em um ano.

Remi recua, franzindo a testa.

— Um ano?

Seus braços relaxam e meus pés deslizam para o chão enquanto tento explicar.

— Só nos conhecemos há um mês, Remington. Não posso me casar com você assim. Temos que pelo menos nos envolver um pouco para termos certeza.

Seu cenho se franze e a determinação brilha em seus olhos.

— Tenho mais certeza disso do que de qualquer coisa há muito, muito tempo. — Suas palavras são puro calor e entusiasmo, e elas causam relâmpagos em minhas veias. — Mas se isso te faz feliz, podemos ficar noivos por um tempo. — Seu polegar está no meu queixo e seus olhos focam nos meus lábios. — Desde que eu possa te beijar.

— Definitivamente. — Inclinando-me para frente, mordo sua boca macia. — Muitos beijos.

Ele pressiona minhas costas na parede enquanto segura meu rosto em suas mãos.

— Eu pretendo beijar você em todos os lugares, a qualquer hora que eu quiser.

Sua boca cobre a minha, abrindo meus lábios e, quando nossas línguas se encontram, meu corpo se acende. Coloco os braços ao redor de seu pescoço, puxando-o para mais perto. Suas mãos vão para a minha cintura, deslizando por baixo da minha blusa, por toda a pele nua das minhas costas, puxando-me ainda mais perto.

Tudo é esquecido quando estou perdida no céu de seus braços, na paixão de seus lábios, na força de suas palavras, na satisfação de seu amor. Levantando minha cabeça, nossos olhos se encontram em um momento tão forte quanto a promessa.

— Eu te amo, Remington Key. — Ele sorri, e eu sei que ele é o amor da minha vida.

Minha alma quase sai do meu corpo quando o salão explode em aplausos de professores, crianças e quando Lillie vem correndo para abraçar nossas pernas, com Buddy aconchegado debaixo do braço. Nem mesmo o rosto das uvas azedas, amigas de Serena North, podem arruinar o meu momento.

Estou nos braços da minha família e, mesmo com um coque bagunçado e calças de moletom, não há nada melhor do que isso.





## Remi

**R**uby, na verdade, não me fez esperar um ano inteiro para casar.

Agradeço à minha filha e à sua melhor amiga por acelerarem a linha do tempo. Depois de três meses, ela começou a olhar os vestidos. Depois de quatro meses, quando ela completou sua licença de arteterapia e voltou a trabalhar na clínica com Drew, convenci-a a deixar sua pequena casa de aluguel e voltar para a minha casa, para morar com Lillie e comigo.

Depois de seis meses, estávamos conversando sobre locais. Eu queria um casamento grandioso, algo como alugar toda a Cuixmala por um fim de semana e levar nossa família e amigos mais próximos.

Ruby decidiu que seria um destino melhor para lua de mel, apenas nós dois. Eu não queria sequer argumentar.

Eleanor era uma situação que Ruby insistia que tinha que resolver.

Depois que ficamos noivos, as duas foram almoçar. Eles voltaram para casa depois e continuaram uma conversa acalorada. Até o final do dia, se tornaram aliadas.

Fiquei cético no início, mas a amizade delas continua forte. Ruby disse que precisou de todo o seu treinamento como terapeuta, mas basicamente tinha a ver com o medo de Eleanor de que, uma vez que Ruby se tornasse minha esposa, ela ficaria fora da vida de Lillie para sempre.

— Eu nunca quis isso — diz Ruby, envolvida em meus braços na grande banheira de hidromassagem na minha suíte master. — Ela disse que uma vez que nos casássemos, não haveria lugar para ela. A minha mãe seria sua sogra, e ela não seria nada.

Os jatos agitam a espuma dos sais de banho ao nosso redor, e um aroma relaxante de lavanda está no ar. É reconfortante, mas minhas mãos estão nos seios de Ruby, e a sensação dela em meus braços, seus mamilos endurecidos, está quase me levando ao orgasmo...

— Eleanor sempre será a avó de Lillie. Nada vai mudar isso. — Meus lábios tocam um ponto em seu pescoço, subindo até sua orelha, e ela estremece. — Eu nunca sonharia em tirar a família dela.

Ruby assente, abaixando a voz para um tom conspiratório.

— Eu também disse a ela que se parasse de pressionar tanto Lillie, nunca precisaria se preocupar em perdê-la. Talvez ela ouça.

— Com a minha experiência, Eleanor faz o que quer, independentemente do que alguém diga. — Apalpando seus seios, eu belisco seus pequenos mamilos rijos. — Agora, a última coisa que quero fazer neste momento é falar sobre minhas sogras.

Minha linda noiva começa a rir, e deslizo minhas mãos para baixo, por sua barriga lisa, até que estou segurando o espaço entre suas coxas, massageando seu clitóris. Sua cabeça se apoia no meu ombro, e ela geme.

— Remi...

— O que, linda? — Eu beijo a orelha dela, puxando o lóbulo entre os dentes. — Você está molhada para mim?

— Sim...

Seus quadris se remexem lentamente enquanto eu a massajeio, firme e repetidamente. Sou paciente, vendo a respiração da minha garota acelerar. Sinto seus músculos tensos e abro suas coxas com meu joelho.

Eu a posiciono para meu pau ficar bem na entrada dela. Um impulso dos meus quadris faz com que sua cabeça penetre sua boceta apertada.

— Oh, merda — eu gemo.

Ela está tão molhada e quente. É uma tortura deliciosa, mas eu faço isso de novo, apenas dando-lhe a ponta hipersensível do meu pau, provocando nós dois.

— Remi... — Seus movimentos aceleram. Ela se vira nos meus braços, escorregadia como uma barra de sabão, até que está de frente para mim.

Agora estamos peito a peito, seus peitos pequenos flutuando na água. Nossas bocas se encontram, línguas acariciando, perseguindo, elevando o calor entre nós a um ponto mais alto enquanto ela monta meu colo.

Suas mãos seguram a banheira atrás de mim, e eu posiciono meu pau em sua entrada. Então, com um movimento rápido, a estou empalando. Nós dois gememos com a sensação incrível, a satisfação contagiante da conexão completa.

— Minha linda garota — eu gemo, deslizando minhas mãos dos quadris até a cintura enquanto ela me monta. Ela é uma ótima ciclista. Estou tentando deixar minha cabeça no controle e não me perder no céu entre suas coxas.

Rebolando seu corpo contra o meu, ela morde o lábio para não gritar. Seus seios saem da água e ela se move mais rápido. Ela é linda de se ver, o rubor cobrindo os seios e subindo até o pescoço.

Meu orgasmo está apertado na parte inferior do estômago, mas estou fazendo o meu melhor para aguentar. É difícil com seu interior gostoso me puxando, ordenhando-me. Inclinando-me para a frente, dou uma chupada forte no seu mamilo, uma pequena mordida.

— Remi! — É um gemido alto seguido por uma cascata de espasmos conforme ela goza no meu pau.

Seu corpo estremece, e eu a solto, pulsando e preenchendo-a, resistindo a ela, gemendo através das ondas finais do orgasmo.

Ela cai com os braços em volta do meu pescoço, relaxada e sorridente.

— Eu amo fazer isso.

— Eu amo fazer isso com você.

Nossos lábios se encontram, mais doces desta vez. Eu a seguro contra mim para que possa beijar seu ombro, morder seu pescoço, puxar seus lábios com os meus novamente enquanto nossas línguas se acariciam gentil e languidamente.

*Eu estou tão apaixonado por esta mulher...*

Isso nos leva ao que acontecerá hoje, à cerimônia de casamento luxuoso em Oakville.

Stephen está na cidade como meu padrinho, e Drew é a dama de honra de Ruby. Teremos a mãe de Ruby, Eleanor, Dottie, Gray, Dagwood, algumas pessoas que eu não conheço muito bem, e até a Srta. Terry participando das festividades.

Erguemos um arco e cadeiras na praça do parque da cidade em frente ao mirante. É primavera, então as flores estão florescendo. Os arbustos de azáleas são massas gigantes de magenta, e as glicínias pairam sobre nossas cabeças como uvas lilases nas videiras.

Drew e a Sra. B, como aprendi que todo mundo chama a mãe de Ruby, adicionaram mais flores ao cenário já lotado. Elas me informaram que as glicínias, lírios e camélias foram adicionadas. Não sou especialista em flores, mas acho que parece um arco-íris colorido direto de qualquer um dos filmes favoritos da Disney da minha filha.

Eu estou diante do arco com o Pastor Hibbert atrás de mim e Stephen, Dag e Gray ao meu lado, e por mais que tenha contado os dias até este momento, meu estômago dá um nó quando a música muda e todos se viram em seus assentos.

Primeiro vem Lillie, iniciando o espetáculo. Ela está usando um vestido azul comprido para combinar com o anel de noivado de Ruby. Ele foi projetado para que ela se parecesse com uma princesa com uma saia de tule cheia, e ela conduz Buddy em uma coleira longa enquanto joga pétalas pelo corredor. Quando ela chega à frente do altar, ela para ao meu lado, segurando minha mão.

Ruby queria ter certeza de que Lillie estaria incluída, por isso ela está participando da cerimônia, acendendo uma vela para mostrar nossa união como família.

Dottie vem a seguir, seguida por Drew, também em um vestido azul-safira. Elas se alinham em frente aos meus padrinhos.

A música muda, e todo mundo fica de pé. O coro da noiva começa e, quando vejo o branco do véu, tenho que engolir o nó na garganta.

— Não chore, cara. — Stephen está pendurado no meu ombro, e eu solto uma risada.

Ruby está absolutamente deslumbrante. Seu vestido é ajustado ao corpo, sem mangas e até o chão, terminando em ondas de cetim branco. O véu paira sobre seu rosto e cabelo, mas através do tecido, vejo a luz brilhando nas lágrimas em seus olhos.

Foda-se Stephen, eu tenho que limpar a névoa. Ela é o anjo mais bonito que foi enviado para me trazer de volta à vida.

O pastor Hibbert une suas mãos às nossas e Ruby se abaixa para pegar a mãozinha de Lillie. Minha filha olha para ela maravilhada e, após a introdução do pastor, nós três pegamos nossas pequenas velas e as mantemos juntas para acender a vela maior, no centro, que representa a nossa nova família.

A satisfação acalma meu interior enquanto vejo a chama amarela crescer mais alta. Eu não poderia imaginar que teria essa chance novamente e estou muito agradecido.

Lillie vai se sentar no colo da avó, e Ruby e eu damos as mãos, recitando as palavras que nos unirão. Prometo amá-la, valorizá-la, protegê-la pelo resto dos meus dias. As palavras são tão fáceis de dizer.

Ela olha para mim e, quando promete me amar, honrar e cuidar de mim pelo resto da vida, sei que sou o cara mais sortudo do mundo.

Finalmente chegamos à parte em que posso remover esse véu e beijar seus belos lábios. Por um momento, eu a seguro em meus braços, bebendo sua beleza, guardando uma lembrança permanente desse momento, do instante em que me é dada uma segunda chance de amar.

Nossos lábios se unem, nossos olhos se fecham e somos arrastados pela felicidade da união.

---

## Ruby

Lillie toca o rosto do pai antes da dança, e meu coração está explodindo. A música começa, e ele a conduz em uma doce versão de "When you Wish Upon a Star".

Minha dança com Remi foi igualmente mágica. Deslizamos ao redor do espaço, e eu me perdi nos olhos dele durante os acordes de "Can't Help Falling in Love". No final, ele me beijou gentilmente, e eu estou ardendo desde então.

Agora, observando-o com a filha... Todo mundo está fungando.

— Você está fazendo todos os seus convidados chorarem. — Drew está pendurada no meu cotovelo e coloco meu braço em volta da cintura dela. Seu novo bebê está saltando, e ela está sorrindo.

— Você é apenas uma molenga — eu provoco. — Lillie escolheu essa música sozinha. É quando a Fada Azul dá vida ao Grilo Falante.

— Aquela garota. — Minha melhor amiga pisca rapidamente. — Ela é realmente adorável. É o segundo casamento mais lindo que eu já vi.

Isso me faz rir.

— Você consegue se lembrar do seu casamento? Sinto como se estivesse em transe o dia inteiro.

— Você vai assistir ao vídeo em algumas semanas.

A música termina, e Remi se ajoelha para abraçar Lillie. Todo mundo bate palmas, e espero que o salão se transforme em uma festa agora que a cerimônia já passou.

Fico surpresa quando meu marido pede que o DJ lhe dê o microfone. As notas de abertura da música de Kenny Rogers enchem a sala e meus olhos se arregalam.

— Ele não vai cantar isso. — Meu estômago revira.

Minha mãe pula e começa a dançar, batendo os cotovelos como uma galinha.

Drew está rindo tanto que está chorando ainda mais.

— Sua mãe não deveria dançar

— Nem brinque! — eu grito.

Remi se lança no verso de abertura de "Ruby, Don't Take Your Love to Town", e só posso balançar a cabeça e me concentrar no quão boa a voz dele soa. A multidão enlouquece com seus movimentos e seu canto.

Quando ele finalmente termina, implorando, pelo amor de Deus, que Ruby por favor se vire, eu não aguento mais. Eu grito com toda a minha força como todas as outras mulheres na sala.

O microfone é devolvido ao DJ e seus braços estão em volta da minha cintura enquanto os dançarinos se aglomeram ao nosso redor.

— Essa é uma música terrível para um casamento! — Eu grito por cima do barulho do K-pop.

— Sua mãe pediu. — Remi sorri, como se ele não pudesse dizer não à minha mãe.

Minha mente flutua um momento antes da cerimônia, quando olhamos para a minha versão de "Mãe e filha adormecida".

— Você sempre foi uma artista talentosa — ela diz isso como se fosse um conhecimento comum, e não um sonho que mantive guardado por doze anos.

— Você acha? — Não consigo disfarçar o sarcasmo do meu tom. — O que aconteceu com a arte ser algo inútil?

Ela estala a língua.

— A arte é algo arriscado. É preciso muita sorte e muita paciência.

— Você poderia ter dito isso para mim. Eu tinha idade suficiente para entender essa realidade. — Em momentos como este, percebo que algumas cicatrizes antigas ainda doem um pouco, como um joelho fraturado quando uma tempestade está chegando.

— Isso foi em uma época diferente. — Ela se vira para mim e sorri, arrumando meu véu, o calor fluindo de seus olhos. — Você está muito bonita, Ruby. Seu pai ficaria muito orgulhoso de você. — Seu raro tom carinhoso faz meus olhos esquentarem.

— Obrigada. — É o máximo que posso dizer.

Ela assente decisivamente.

— Remington é um bom homem. Ele será um bom marido para você.

*Eu não poderia concordar mais...*

Agora estou nos braços do meu marido, esse homem bonito que me deu a coragem para mudar a minha vida.

Nossa multidão de amigos inunda a pista de dança, pulando para cima e para baixo, rebolando os quadris, apontando os dedos no estilo *disco* e dançando horivelmente com a música, mas Remi e eu estamos em nossa própria bolha de amor.

— Eu estava pensando...

— Em quê, esposa? — sua voz baixa me chamando de esposa me emociona por inteiro.

— Na primeira noite em que nos conhecemos, você disse que queria que eu o ajudasse.

— Você me ajudou.

— Ajudei? — Meu cenho se franze. — Quanto?

Seus olhos capturam os meus, intensos e sérios.

— Bem, para começar, você me ajudou a não ser como meu pai.

— Mas você nunca foi como seu pai. Tudo o que você faz com Lillie mostra que você não é como ele. Estava apenas sofrendo.

Dedos longos alisam meu cabelo para trás.

— Você me ajudou a encontrar o caminho de volta.

Ele me puxa para perto, e meus olhos se fecham quando seu rosto se une ao meu. Nossos amigos giram ao nosso redor com a música, e confesso que, por mais que eu adore filmes da Disney, nunca acreditei que contos de fadas realmente acontecessem na vida real.

O ano passado mudou tudo isso.

Não sou mais uma garota insegura com a carreira, procurando por sentido em minha vida. Sou esposa e mãe. Estou usando minha arte para ajudar outras pessoas na clínica com Drew, o que me torna financeiramente independente — não que eu precise ser mais.

Eu cumpro todos os objetivos da minha lista, com vantagens.

Erguendo meu queixo, beijo Remi levemente na bochecha, percebendo que ele me ajudou também. Ele é meu lindo príncipe real e, juntos, nós salvamos um ao outro.

---



***Muito obrigada por lerem a história de Ruby + Remi. Espero que você tenha rido, chorado e se apaixonado por esses dois tanto quanto eu.***



## AGRADECIMENTOS

Eu sempre me encontro aqui, pensando em todas as pessoas incríveis que me ajudaram a escrever e terminar mais um lindo romance, e só tenho vontade de chorar...

Primeiro, por todo o amor e apoio de meus incríveis leitores e amigos. Segundo, porque nunca quero esquecer ninguém, então agradeço a todos.

Para começar, graças à minha preciosa família, o Sr. TL e minhas duas filhas, pelo amor, por acreditarem em mim e pela PACIÊNCIA. Eu amo vocês, pessoal!

MUITO OBRIGADA à Dani Sanchez e Lulu Dumonceaux, por todo o incrível apoio logístico e de marketing. Vocês mantêm meu cérebro cheio de clareza quando ele se desloca por um milhão de direções diferentes, o que me ajuda muito.

MUITO MAIS agradecimentos à Ilona Townsel, por sempre estar presente, por largar tudo para me ajudar e apenas por ser a melhor. Você é minha rocha.

MUITO OBRIGADA ao meu incrível esquadrão beta... Becca Zsurkán, Ana Perez, Sarah Sentz, Clare Fuentes e Tina Morgan — vocês, meninas, me passam dicas incríveis.

Aos meus Mermaid VEEPs, Ilona Townsel, Jacquie Martin, Becca Zsurkán, Ana Perez, Clare Fuentes, Sheryl Parent, Jaime Long, Tammi Hart, Tina Morgan e Ellie King. Meninas, vocês não têm ideia do quanto eu amo todas!

Harloe Rae... O que eu faria sem você? Eu te amo.

A todos os meus incríveis amigos-autores, OBRIGADA do fundo do meu coração. Eu sei o quão difícil é e sou tão abençoada por conhecê-los.

Às minhas SEREIAS e à minha INCRÍVEL equipe promocional, *obrigada* por me darem um lugar para relaxar e me sentir boba.

Obrigada a todos os blogueiros que têm feito do amor aos livros uma arte, uma ciência. Compartilhar este livro com o mundo da leitura seria impossível sem vocês. Agradeço muito a ajuda.

Para todos que pegarem este livro, lerem, adorarem e comentarem com alguém sobre ele, vocês fazem o meu dia mais

feliz. Sou muito grata a todos. Sem leitores, não haveria escritores.

Muito amor,

Continuem sexy,

<3 Tia